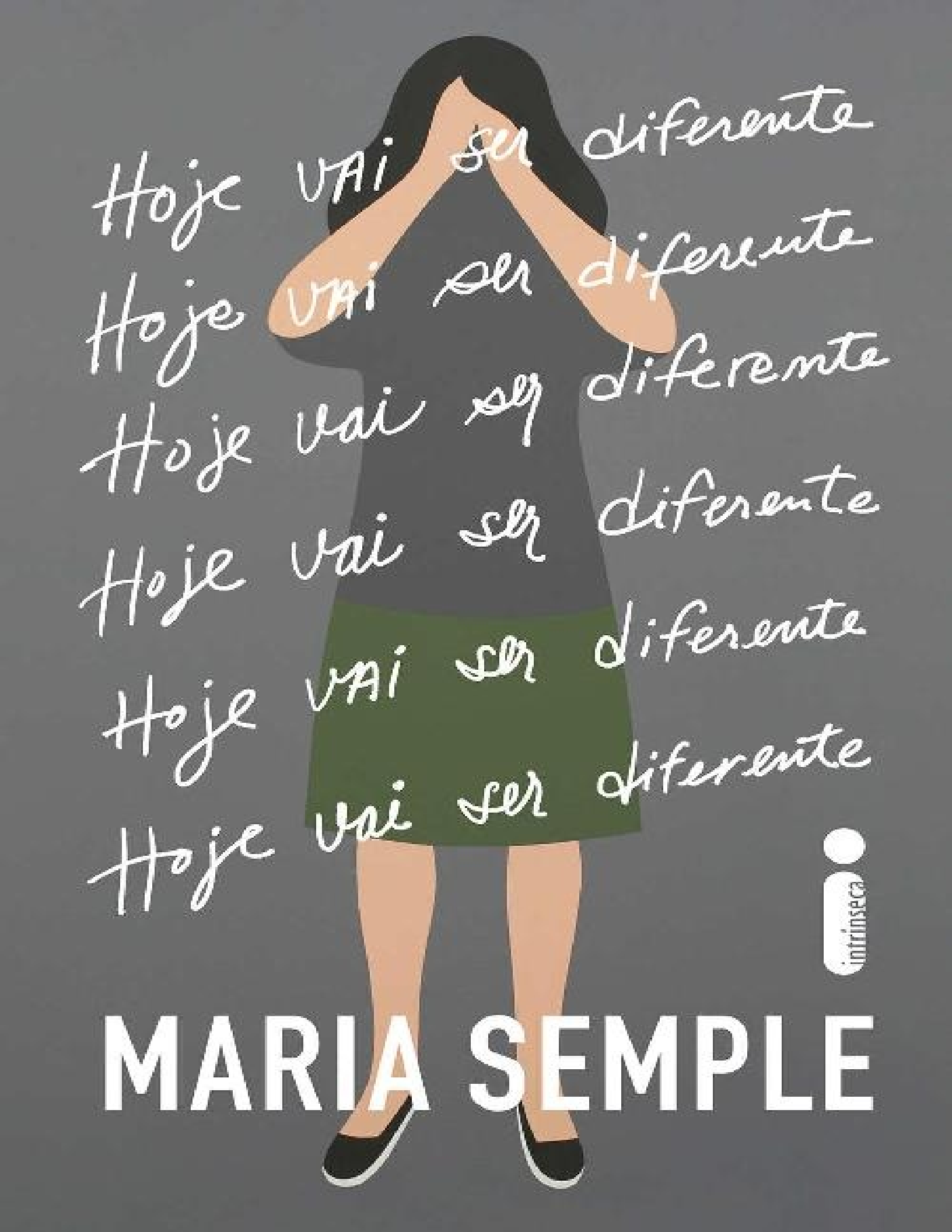

Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
Hoje vai ser diferente
intrínseca
MARIA SEMPLE



Hoje vai ser DIFERENTE

MARIA SEMPLE

Tradução de João Ximenes Braga



Copyright © 2016, Maria Semple
As ilustrações “Mamãe” e “Mamãe brava” são de autoria de Poppy Meyer. Copyright © 2016, Poppy Meyer.
A ilustração “Meyer Mania” é de autoria de Patrick Semple. Copyright © 2016, Patrick Semple.
Todas as outras ilustrações são de autoria de Eric Chase Anderson. Copyright © 2016, Eric Chase Anderson.

TÍTULO ORIGINAL
Today Will Be Different

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Giu Alonso
Daniel Austie
Marina Góes

DESIGN DE CAPA
Kelly Blair

ARTE DE CAPA
Geoff McFetridge

REVISÃO DE E-BOOK
Maria Fernanda Slade

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0223-0

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

O truque
1
2
3
4
5
6
7

As Garotas Flood
8

Ator louco
9
10
11
12
13
14
15
16

Trovador atormentado
17

Borrão
18
19
20
21

22

O plano
23

A arte de perder
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para George, Poppy e também para Ralphy.
Mas nem tanto.

Hoje vai ser diferente. Hoje estarei presente. Hoje vou olhar no fundo dos olhos de todas as pessoas com quem conversar e vou ouvir com atenção. Hoje vou brincar com Timby. Vou tomar a iniciativa de transar com Joe. Hoje vou sentir orgulho da minha aparência. Vou tomar banho, me vestir bem e só vou usar roupas de ioga para ir à aula de ioga, à qual não vou faltar. Hoje não vou falar palavrão. Não vou falar sobre dinheiro. Hoje vou buscar a simplicidade. Vou exibir uma expresso relaxada e um sorriso. Hoje vou irradiar calma. Bondade e autocontrole abundantes. Hoje vou prestigiar os comerciantes locais. Hoje vou dar o melhor de mim, vou ser a pessoa que sou capaz de ser. Hoje vai ser diferente.

O truque

Porque do outro jeito não estava dando certo. Acordar e dar o dia por terminado só na hora de ir para a cama. Enfrentá-lo era uma desgraça, uma afronta à honra e ao privilégio de estar viva. Andar por aí como um fantasma, mal-humorada e distraída, anuviada e apressada. (Tudo isso é só suposição, porque não faço ideia de como as pessoas me veem. Minha consciência é inepta a este ponto e passa longe da superfície, feito uma rã hibernando no inverno). Tornar o mundo um lugar pior só por estar presente. Ser cega para a destruição ao meu redor. O Mr. Magoo.

Se eu for obrigada a ser sincera, foi assim que deixei o mundo na semana passada: pior, pior, melhor, pior, igual, pior, igual. Nada do que se orgulhar. Não que eu necessariamente precise tornar o mundo melhor, veja bem. Mas hoje vou seguir o juramento de Hipócrates: primeiro, não faça mal a ninguém.

Não pode ser tão difícil. Levar Timby ao colégio, ter aula de poesia (o que mais gosto de fazer na vida!), ir à ioga, almoçar com Sydney Madsen, a quem não suporto, mas pelo menos posso tirar isso da lista (mais sobre isso a seguir), buscar Timby e deixá-lo com Joe, o agente de seguros de toda essa louca abundância.

Você deve estar tentando entender por que tanto drama em torno de um dia normal com problemas de gente branca. Porque existe eu e existe a fera dentro de mim. Seria genial se a fera dentro de mim aparecesse num quadro gigante, chocando e impressionando os espectadores, causando uma destruição catastrófica que seria lembrada para sempre. Se eu fosse dessas, talvez fizesse algo assim: uma gloriosa automutilação pelo bem da arte performática. A triste verdade? A fera dentro de mim funciona numa escala dolorosamente pequena: microtransações lamentáveis que costumam envolver Timby, meus amigos ou Joe. Quando estou com eles, fico irritadiça e morro de ansiedade; sem, fico toda sentimental e delirante. Rá! Não parece bom estar a uma distância segura de mim, com as portas trancadas e as janelas fechadas? Ah, que isso! Sou legal. Estou exagerando. Também não é assim...

*

Então, no minuto em que saí dos lençóis, o dia começou. O *tap-tap-tap* das unhas de Ioiô na madeira, parando diante do quarto. Por que, quando Joe sai da

cama, Ioiô não *trota-trota-trota* e o aguarda com sua esperança servil? Como é que Ioiô, do outro lado da porta fechada, sabe que sou eu e não Joe? Certa vez um treinador de cães me deu uma explicação deprimente: foi com o meu cheiro que Ioiô se identificou. Ao lembrar que o nirvana dele é uma foca morta na praia, me pergunto se já está na hora de voltar para a cama. Não, não vou fazer isso. Hoje, não.

*

Eu não quis poupar comentários sobre Sydney Madsen.

Há dez anos, quando Joe e eu chegamos em Seattle, vindos de Nova York, estávamos prontos para começar nossa família. Eu tinha acabado de passar cinco anos exaustivos trabalhando na *Looper Wash*. Para onde quer que se olhasse, havia camisetas, broches e *mouse pads* da *Looper Wash*. *Meu nome é Vivian. Meu nome é Dot.* Você deve lembrar disso. Senão, procure a loja de um e noventa e nove mais próxima e vá na seção de dois pelo preço de um, pois já faz tempo.

Joe, cirurgião especializado em mãos, se tornou uma lenda após reconstituir a mão daquele quarterback cujo polegar quebrou para trás e que ninguém acreditava que voltaria a jogar, mas no ano seguinte o cara ganhou o Super Bowl. (Não lembro o nome dele, mas mesmo que lembrasse não poderia dizer, para preservar a confidencialidade médico/paciente/esposa enxerida).

Joe recebeu ofertas de trabalho em tudo quanto era lugar. Por que Seattle? Joe, um bom rapaz católico da periferia de Buffalo, não conseguia vislumbrar criar os filhos em Manhattan, minha primeira escolha. Então fizemos um acordo. Nós iríamos para onde ele quisesse por dez anos, depois voltaríamos para Nova York para os próximos dez; a cidade dele por dez anos, a minha por outros dez, e assim por diante até morrer. (Um acordo que, convenientemente, ele se esqueceu de cumprir, devo dizer, pois estamos prestes a completar dez anos aqui e não se ouve um pio sobre mudança.)

Como todo mundo sabe, receber educação católica e ter metade de um cérebro resulta em se tornar ateu. Durante uma de nossas convenções de céticos (sim, passamos nossa juventude fazendo coisas como viajar para a Filadélfia para assistir ao debate de Penn Jillette com um rabino! Ah, as vantagens de não ter filhos… Só que não), Joe ouviu dizer que Seattle era a cidade menos religiosa dos Estados Unidos. Seattle, aí vamos nós.

Um membro do comitê do Médicos Sem Fronteiras nos ofereceu uma festa de

boas-vindas à cidade. Toda serelepe, fui até a mansão à beira do lago Washington, cheia de arte moderna e futuros amigos meus. Durante toda a minha vida, as pessoas sempre gostaram de mim. Está bem, confesso: sempre me adoraram. E eu não entendo o motivo, porque tenho uma personalidade horrível, mas de alguma forma funciona. Joe diz que é porque sou a mulher mais parecida com um homem que ele já conheceu, mas sou sexy e não levo nada para o lado pessoal. (Um elogio!) Fui de um cômodo a outro, sendo apresentada a diversas mulheres intercambiáveis em decência e generosidade. Era uma daquelas situações em que durante a conversa a pessoa diz que gosta de acampar, e você responde:

— Ah! Acabei de falar com um pessoal que vai viajar por dez dias fazendo rafting pelo Snake River. Você ia adorar conhecê-los!

E a pessoa diz:

— Fui eu que falei isso.

O que posso dizer? Sou péssima em decorar rostos. E nomes. Números. Horas. Datas.

A festa inteira não passou de um borrão. Havia uma mulher ansiosa para me mostrar as lojas legais, outra querendo me levar para fazer trilhas desconhecidas, outra para o restaurante italiano do pai do Mario Batali na Pioneer Square, outra ao melhor dentista da cidade que exibia no consultório uma pintura em glitter de um tigre pulando de paraquedas, e ainda outra querendo me indicar uma faxineira. Uma delas, Sydney Madsen, me convidou para almoçar no dia seguinte no Tamarind Tree no International District.

(Joe costuma fazer o que ele chama de teste da revista. É a reação que a pessoa tem ao abrir a caixa de correio e pegar uma revista. De imediato, se sabe está feliz ou chateada por receber aquilo. Por isso eu não assino a *New Yorker*, mas a *US Weekly*. No teste da revista, Sydney Madsen é o equivalente a uma publicação médica sobre labirintite.)

O primeiro almoço: ela foi tão cuidadosa com as palavras, tão sincera em seu olhar; notou uma manchinha no garfo e foi exageradamente educada com o garçom ao pedir um talher limpo; trouxe o próprio saquinho de chá e solicitou apenas água quente; disse que não estava com muita fome e sugeriu dividirmos a salada verde com mamão que eu tinha pedido; me disse que nunca tinha assistido a *Looper Wash*, mas que iria pegar os DVDs emprestados na biblioteca.

Estou pintando uma imagem clara o suficiente da tristeza mesquinha, da estupidez egoísta, da esquisitice vulgar? Um garfo manchado nunca matou ninguém! *Comprar* os DVDs, que tal? Comer o que é servido no restaurante, afinal é assim que as pessoas mantêm seus negócios! Para piorar, Sydney Madsen era firme, séria, sem um pingo de senso de humor e falava… muito…

devagar… como… se… sua… monotonia… fosse… seu... grande… tesouro.

Eu estava chocada. Morar por muito tempo em Nova York faz isso com uma mulher: você acaba com a falsa impressão de que o mundo é cheio de gente interessante. Ou pelo menos de gente que é louca de um jeito interessante.

Em determinado momento, eu me contorcia de forma tão violenta na cadeira que Sydney perguntou:

— Você precisa retocar a maquiagem?

(Retocar a maquiagem? *Retocar a maquiagem?* Alguém mate essa mulher!)

E a pior parte? Sabe todas aquelas mulheres com quem eu marquei de fazer trilhas e sair para as compras? Não eram várias mulheres. Eram todas Sydney Madsen! Memória maldita! Eu fazia um esforço descomunal para escapar da mangueira de incêndio pela qual ela jorrava novos convites: uma semana na sua casa de praia em Vashon Island, me apresentar para a esposa de alguém um dia, um tal dramaturgo no outro.

Corri para casa e comecei a gritar com Joe.

Ele:

— Você devia ter desconfiado de alguém tão ansioso para fazer amigos, porque isso provavelmente significa que a pessoa não tem amigo nenhum.

Eu:

— Por isso que eu te amo, Joe. Você sintetiza tudo.

(Joe, o sintetizador. Como não amar?)

*

Sinto muito por insistir no assunto de Sydney Madsen. O problema é: faz dez anos que não consigo me livrar dela. É a amiga de quem não gosto, é a amiga que não sei o que faz da vida porque eu estava entorpecida demais para perguntar da primeira vez e, a essa altura, seria grosseiro perguntar (e eu não sou grosseira), a amiga com quem não sei ser má para fazê-la entender o recado (porque eu não sou má), a amiga para quem vivo dizendo não, não, não, mas que ainda assim me persegue. Ela parece o mal de Parkinson: não tem cura, só dá para controlar os sintomas.

Chega de história de almoço por hoje.

Por favor, saibam que estou ciente de que almoçar com uma pessoa chata é sofrimento de classe média. Quando digo que tenho problemas, não estou me referindo a Sydney Madsen.

*

Ioiô trota pela rua, o príncipe de Belltown. Ah, Ioiô, seu monstrinho tolo, com sua energia, sua devoção cega e sua orelha batendo a cada passo. Como é tocante o orgulho que você sente de caminhar comigo, sua amada imortal. Se você soubesse…

Que triste espetáculo tem sido, a cada mês, surgir um novo prédio mais alto que o outro, sempre lotado de babacas com crachás azuis da Amazon, toda manhã saindo aos milhares de seus conjugados no meu quarteirão, com a cabeça enfiada no celular, sem nunca olhar para cima. (Eles trabalham para a Amazon, então é fato que são uns desalmados. A única questão: quão desalmados?) Isso me faz lembrar com nostalgia da época em que a Third Avenue era só minha: vitrines de lojas vazias e o drogado solitário gritando:

— É *assim* que se soletra América!

Na frente do nosso prédio, Dennis estava junto do carrinho de lixo e abastecia um recipiente com saquinhos para recolher cocôs.

— Bom dia para vocês dois!

— Bom dia, Dennis!

Em vez de passar batido como sempre, parei e olhei em seus olhos.

— Como está o seu dia?

— Ah, não posso reclamar — respondeu ele. — E o seu?

— Posso reclamar, mas não vou.

Dennis riu.

Hoje, já temos saldo.

*

Abri a porta do apartamento. No fim do corredor: Joe curvado sobre a mesa, a testa no jornal, os braços estendidos ao lado da cabeça, como se tivesse sido sentenciado à prisão.

Era uma cena perturbadora, de pura derrota, a última coisa que eu associaria a Joe…

Blam.

Porta fechada. Fui soltar a coleira de Ioiô. Quando me ergui, meu marido abalado já havia se levantado e sumido no escritório. O que quer que fosse, ele não queria papo.

Minha reação? Por mim, tudo bem.

Ioiô correu até o pote de comida, como se fosse um galgo inglês, as patas de trás atropelando as da frente. Ao perceber que era a mesma ração seca que estava lá antes do passeio, ficou atordoado e se sentindo traído. Em seguida, se afastou e ficou encarando o chão.

A luz de Timby se acendeu. De pé antes que o despertador tocasse, graças a Deus. Fui ao banheiro dele e o encontrei de pijama em cima do banquinho que usava para alcançar a torneira.

— Bom dia, meu amor. Olhe só para você, já de pé.

Ele parou o que estava fazendo.

— Posso comer bacon no café da manhã?

Timby, diante do espelho, esperava que eu saísse. Olhei para baixo. O pequeno Pepe Legal chamou minha atenção. Ele jogou algo na pia antes que eu visse. O barulho leve e inconfundível de plástico. O Sephora 200!

A culpa era toda minha por Papai Noel ter colocado um kit de maquiagem na meia de Timby. Era assim que eu conseguia passar mais tempo na Nordstrom: deixando que ele passeasse pela sessão de cosméticos. As meninas da loja amavam a gentileza dele, seu corpo que parece um saquinho de açúcar, sua voz esganiçada. Num piscar de olhos, elas começavam a maquiá-lo. Eu não sabia se ele gostava mais da maquiagem ou de ser o centro das atenções de várias louras. De brincadeira, peguei um kit, do tamanho de um livro de bolso, que se desdobrava exibindo seis diferentes bandejas de maquiagem (!) com duzentas (!) sombras, gloss, blush e o que mais coubesse. A pessoa que conseguiu acomodar tanta coisa em tão pouco espaço deveria trabalhar para a NASA. Se é que a NASA ainda existe.

— Você entende que não pode ir de maquiagem para a escola, não é? — perguntei a ele.

— Eu sei, mãe.

O suspiro e o dar de ombros foram ensinados pelo Disney Channel. De novo, a culpa era toda minha por ter deixado isso se enraizar. Depois da escola, vamos montar um quebra-cabeça!

Saí do banheiro de Timby. Ioiô, ansioso, tremeu de alívio ao perceber que eu ainda existia. Sabendo que eu ia para a cozinha preparar o café, ele correu até o pote de comida. Desta vez teve a dignidade de comer um pouco, sempre de olho em mim.

Joe tinha voltado e estava fazendo chá.

— Como estão as coisas? — perguntei.

— Não é que você está bonita? — disse ele.

Fiel ao meu grande plano para o dia, eu tinha tomado banho e colocado um

vestido e sapatos oxford. Se você desse uma olhada no meu armário, encontraria um estilo bem específico. Vestidos da França e da Bélgica, etiquetas arrancadas antes de eu chegar em casa, porque Joe teria um aneurisma se visse, e toda a sorte de sapatos pretos sem salto… De novo, melhor não comentar sobre o preço.

Comprá-los? Sim. Usá-los? Na maioria dos dias, demandava energia demais.

— Olivia vem hoje à noite — comentei, dando uma piscadela, já saboreando a degustação de vinhos e o rigatoni no Tavolàta.

— E se ela sair para dar uma volta com Timby para nós ficarmos um tempinho sozinhos?

Joe me segurou pela cintura e me puxou como se não fôssemos um casal de cinquentões.

Sabe quem eu invejo? Lésbicas. Por quê? A cama delas morre. Parece que, quando um casal de lésbicas supera a onda inicial de sexo apaixonado, elas param de transar. Faz todo o sentido. Se deixadas com seus aparelhos eletrônicos, as mulheres parariam de transar depois de terem filhos. Não existe necessidade evolutiva disso. Nossos cérebros sabem, nossos corpos também. Quem se sente sexy em meio ao trabalho cansativo da maternidade, aos pneuzinhos da meia-idade e à bunda caída? Que mulher quer que alguém a veja nua, acaricie seus peitos flácidos como sacos de farinha de trigo, ou toque em sua barriga tão esponjosa quanto fruta-pão? Quem quer fingir tesão depois que a fonte secou?

Euzinha. É necessário, se eu não quiser ser trocada por um modelo mais jovem.

— Um tempinho sozinhos então — falei para Joe.

— Mãe, quebrou.

Timby entrou com seu ukulele e o colocou no balcão. Estranhamente perto do lixo.

— O som está todo esquisito.

— O que você sugere que a gente faça? — perguntei, desafiando-o a dizer *comprar um novo*.

Joe pegou o ukulele e passou o dedo nas cordas.

— Está um pouco desafinado, só isso.

Ele começou a ajustar as cordas.

— Ei — falei. — Desde quando você sabe afinar um ukulele?

— Sou um homem de muitos mistérios — disse Joe, dando uma suave dedilhada final.

O bacon e as torradas estavam sendo devorados, os *smoothies*, bebidos. Timby estava imerso num gibi da *Turma do Archie*. Um sorriso não saía do meu rosto.

Dois anos atrás, quando eu me fazia de mártir por ter que preparar o café toda manhã, Joe disse: “Eu paguei por esse circo. Será que você poderia, por gentileza, descer da sua cruz e fazer o café sem ficar suspirando o tempo todo?”

Eu sei o que você vai dizer: *Que babaca! Que comentário machista!* Mas Joe tinha um pouco de razão. Muitas mulheres fariam coisa pior com alegria em troca um armário cheio de roupas dos estilistas da Antuérpia. Daí em diante, passei a servir o café toda sorridente. Isso se chama saber quando suas cartas não são boas.

Joe mostrou o jornal para Timby.

— A exposição de pinball vai voltar à cidade. Quer ir?

— Você acha que a máquina do Evel Knievel ainda vai estar quebrada?

— Tenho quase certeza — respondeu Joe.

Eu lhes mostrei o poema que imprimi e que havia enchido de anotações.

— Então, quem vai me ajudar? — perguntei.

Timby não desviou os olhos do gibi. Joe pegou o poema.

— Aaah, Robert Lowell.

8h30, quinta-feira, Lela, 8 de outubro

A hora do gambá

Por Robert Lowell

(*Para Elizabeth Bishop*)

caracterizado pela austeridade. Espanta antiga.

A solitária herdeira da ilha Nautilus
ainda mora, inverno adentro, em sua espartana barraca;
suas ovelhas seguem pastando ao mar.
Seu filho é bispo. Seu capataz,
o primeiro conselheiro da vila.
A mente dela está opaca.

ELA

Ansiando por inteira
por uma privacidade notória
do século da rainha Vitória,
ela compra toda construção
horrorosa da sua área costeira
e as leva ao chão.

Impressões sobre uma vilarejo litorâneo depois do verão, quase inverno

A estação está doente —
perdemos o nosso milionário de verão
que parecia saído de um catálogo da loja mais famosa
do estado. Seu pequeno barco
foi leiloado aos pescadores de lagosta.
Uma mancha vermelho-vivo cobre a Colina Azul.

NOSSO

No outono, nosso decorador delicado
faz sua loja irradiar pela janela:
a tarrafa está cheia de enfeites laranja,
bem como o sapateiro e a sovela.
Ganha muito pouco no trabalho,
preferiria estar casado.

Ferramenta para furar couro

Em uma noite escura,
meu Ford Tudor subiu a colina da caveira;
Eu espiava os casais nos carros. Luz apagada,
pele a pele, deitados em fileira,
onde o cemitério se inclina sobre a morada...
Minha cabeça não está à altura.

O rádio de um carro solta um berro,
"Amor, ó displicente amor", ouvi
meu espírito doente chorando em cada gota de sangue corporal,
como se minha mão o estivesse esganando...
Eu mesmo sou infernal:
Não há ninguém aqui —

* Somente gambás, que procuram
por comida sob a luz da lua.
Marcham em direção ao centro:
listras brancas, olhos lunáticos, vermelho-fogueado
à sombra do giz seco e do pináculo alongado
da Igreja da Santíssima Trindade.

Eu fico de pé no último degrau
da nossa entrada e respiro ar fresco —
uma mãe gambá com sua fileira de filhotes chafurda uma lixeira,
mete a cabeça pontuda em uma embalagem
de creme de leite, baixa sua cauda de águia-pesqueira
e não se deixa tomar um susto grotesco.

Comecei, recitando de cor:

— “A solitária herdeira da ilha Nautilus ainda mora, inverno adentro, em sua espartana barraca; suas ovelhas seguem pastando ao mar. Seu filho é bispo. Seu capataz, o primeiro conselhêro da vila.”

— *Conselheiro* — disse Joe.

— Droga. “O primeiro conse*lhei*ro da vila.”

— Mãe!

Pedi silêncio a Timby e continuei, dessa vez com os olhos fechados:

— “O primeiro conselheiro da vila. A mente dela está opaca. Ansiando por inteira por uma privacidade notória do século da rainha Vitória, ela compra toda construção horrorosa da sua área costeira e as leva ao chão. A estação está doente — perdemos o nosso milionário de verão que parecia saído de um catálogo da loja mais famosa do estado.”

— Mãe, olha o Ioiô. Ele apoiou o queixo nas patinhas.

Ioiô estava no cantinho esperando que caíssem pedaços de comida, as patinhas brancas cruzadas com delicadeza.

— Oiiin — murmurei.

— Me empresta seu celular? — perguntou Timby.

— Curta o seu cachorro — retruquei. — Isso não precisa se transformar em um momento de celular.

— O que sua mãe está fazendo é muito legal — disse Joe a Timby. — Sempre aprendendo.

— Aprendendo e esquecendo — confessei. — Mas mesmo assim obrigada.

Ele me mandou um beijo.

Eu continuei:

— “Seu pequeno barco foi leiloado aos pescadores”…

— A gente ama o Ioiô, não é? — perguntou Timby.

— Ama, sim.

Uma verdade simples: Ioiô é o cachorro mais fofo do mundo, uma mistura de Boston terrier com pug e alguma outra coisa… Pelo branco, uma mancha preta em volta de um dos olhos, orelhas de morcego, cara amassadinha e rabo enroladinho. Antes da invasão da Amazon, quando na rua só havia prostitutas e eu, uma delas comentou: “É como se a Barbie tivesse um pit bull.”

— Papai — disse Timby. — Você ama o Ioiô, não ama?

Joe olhou para o cachorro, refletindo. (Mais uma prova da superioridade de Joe: ele pensa antes de falar.)

— Ele é um pouco esquisito — respondeu Joe, voltando a atenção para o poema.

Timby deixou o garfo cair. Eu deixei o queixo cair.

— *Esquisito?* — gritou Timby.

Joe olhou para ele.

— Ahã. O que foi?

— Ah, papai! Como você pode dizer uma coisa dessas?

— Ele passa o dia inteiro sentado com cara de deprimido — explicou Joe. — Quando chegamos em casa, ele não vai até a porta nos receber. Quando estamos aqui, ele só dorme, fica esperando cair comida da mesa ou encarando a porta da frente como se estivesse com enxaqueca.

Eu e Timby ficamos sem palavras.

— Eu sei o que ele ganha com a *gente* — disse Joe. — Só não sei o que a gente ganha *com ele*.

Timby pulou da cadeira e se deitou em cima de Ioiô: sua versão de um abraço.

— Ah, Ioiô! *Eu* te amo.

— Continue — disse Joe, balançando o papel com o poema. — Você está indo muito bem. "A estação está doente"...

— "A estação está doente" — falei. — "Perdemos o nosso milionário de verão que parecia saído de um catálogo da loja mais famosa do estado"… — Eu me virei para Timby: — Você. Vá se arrumar.

— Nós vamos de carro ou a pé?

— De carro. Tenho aula com Alonzo às oito e meia.

Fim do nosso café da manhã. Ioiô se levanta do travesseiro enquanto Joe e eu o observamos se aproximar da porta da frente e começar a encará-la.

— Não percebi que estava gerando uma polêmica — disse Joe. — "A estação está doente."

É fácil identificar quem estudou em colégio católico pela reação da pessoa ao subir o Queen Anne Hill e entrar na Galer Street School. Não foi o meu caso, então para mim é apenas um prédio imponente de tijolos, com um jardim enorme e uma vista bombástica do estuário de Puget. Mas foi o caso de Joe, portanto ele empalidece ao se lembrar de freiras batendo nas mãos dele com réguas, padres ameaçando-o com a ira de Deus, e valentões ladrões de óculos perambulando pelos corredores sem vigilância.

Quando chegamos ao portão, eu já havia recitado o poema duas vezes com perfeição e estava repetindo pela terceira para dar sorte.

— "Em uma noite escura, meu Ford Tudor subiu a colina da caveira." Espere, é assim mesmo?

Um silêncio aterrador no banco de trás.

— Ei! — reclamei. — Você nem está prestando atenção!

— Estou, mãe. Você recitou perfeito.

— *Perfeitamente*. Advérbios de modo costumam terminar com *mente*.

Timby não aparecia no retrovisor. Torci o espelho e o vi se debruçar sobre algo.

— O que você está fazendo?

— Nada.

De novo, o som agudo do plástico.

— Ei! Maquiagem, não!

— Então por que o Papai Noel colocou na minha meia?

Eu me virei, mas a porta de Timby já havia sido aberta e fechada. Quando me dei conta, ele já tinha subido os primeiros degraus. No reflexo do portão da escola, vi que as pálpebras de Timby estavam pintadas com blush. Baixei a janela.

— Volte aqui, seu malandrinho!

O carro atrás de mim buzinou. Ah, ele era problema da escola agora.

Eu me afastando da Galer Street com a perspectiva de passar sete horas sem uma criança no meu pé? Pode tocar uma música de fuga no banjo.

— “Eu mesmo sou infernal: não há ninguém aqui — somente gambás, que procuram por comida sob a luz da lua. Marcham em direção ao centro: listras brancas, olhos lunáticos, vermelho-fogueado à sombra do giz seco e do pináculo alongado da Igreja da Santíssima Trindade. Eu fico de pé no último degrau da nossa entrada e respiro ar fresco — uma mãe gambá com sua fileira de filhotes chafurda uma lixeira, mete a cabeça pontuda em uma embalagem de creme de leite, baixa sua cauda de águia-pesqueira e não se deixa tomar um susto grotesco.”

Acertei tudo, sílaba por sílaba.

Alonzo esticou a mão e disse:

— Parabéns.

*

Sabe como seu cérebro vira bagaço? Como isso começa quando você fica grávida? Você ri, cheia de deslumbre e planos secretos, e briga consigo mesma, você e seu cérebro de grávida! Depois você dá à luz e seu cérebro não volta? Mas você ainda está amamentando, então ri, como se fosse membro de um clube exclusivo? *Eu e meu cérebro de amamentação!* Até que você para de amamentar e a terrível ficha cai: seu cérebro nunca vai voltar ao normal. Você trocou vocabulário, lucidez e memória pela maternidade. Sabe que está no meio de uma frase e se dá conta de que no final vai precisar se lembrar de determinada palavra e tem medo de não conseguir, mas você já começou, então balbucia até fazer uma pausa porque chegou ao final, mas nem sinal da palavra.

...E nem é uma palavra tão complexa assim, como *corolário* ou *prolegômenos*, mas uma palavrinha simples, tipo *distinto*, e você acaba só dizendo *legal*?

É assim que você entra para a gangue dos imbecis que descrevem tudo como *legal*.

Bem, isso me atrapalhou bastante. Eu tinha um livro de memórias para escrever. Sim, as ilustrações ocupariam boa parte dele, mas isso não seria problema. As palavras eram o obstáculo. Em um livro, eu não poderia tagarelar da forma como estou acostumada. Concisão era tudo. E não ia rolar concisão com o supramencionado cérebro ruim.

Tive a grande ideia de decorar poemas para afiar meu instrumento. Minha mãe

era atriz; ela recitava solilóquios de Shakespeare antes de eu dormir. Era muito legal. (Aí! *Legal!* Se meu cérebro não estivesse tão ruim eu poderia ter dito: *Era uma prova de que ela era disciplinada e bem-educada e pode ter pressentido seu destino cruel.*) Então fiz o que qualquer pessoa faria: peguei o telefone, liguei para a Universidade de Washington e perguntei quem era o melhor professor de poesia de lá.

Faz um ano que tenho aulas particulares com Alonzo Wrenn toda quinta-feira de manhã no Lola. Ele me passa um poema. Eu recito de cor e a conversa vai longe. Pago cinquenta pratas mais café da manhã. Alonzo *me* pagaria o café, de tão grande que é seu amor pela poesia, porém minha determinação é mais forte, então ele aceita que seja por minha conta e recebe o pagamento com a graciosidade de um poeta.

*

— O que você achou? — perguntou Alonzo.

Ele era um cara grandalhão, mais novo que eu, com um grande tufo de cabelo castanho-acinzentado coroando um rosto extremamente gentil. Estava sempre de terno; linho no verão, lã no inverno. Naquele dia, usava um cor de chocolate com um pouco de brilho; provavelmente de um brechó, e a camisa tinha cor de pergaminho. A gravata era de *moiré* e o lenço de bolso estava perfeitamente engomado. (A mãe de Joe o fazia ir de terno e gravata ao dentista para demonstrar "respeito à profissão". Pequeno Joe de gravata no dentista = se apaixonar de novo.)

— Podemos começar com o que, de fato, está acontecendo no poema? — perguntei. — Qual é o termo para isso? O incidente discreto?

— A ocasião peculiar.

— *A ocasião peculiar!* — exclamei. — Esse devia ser o título da sua autobiografia.

— Talvez eu prefira *O incidente discreto.*

Desdobrei o poema com minhas anotações e desatei a falar:

— Começa com uma herdeira solitária que passa o ano todo numa ilha de veraneio. Imagino que fique no Maine.

Alonzo assentiu, admitindo que era uma possibilidade.

— O capataz — falei. — Será que é o marido dela?

— Mais provável que fosse algum funcionário que cuidasse da casa.

— Assim como você é meu poeta.

— Assim como eu sou seu poeta.

— Tem muito laranja — observei. — Mas vermelho também. “Uma mancha vermelho-vivo cobre a Colina Azul.” O vermelho volta nas gotas de sangue e nos olhos do gambá. Meu Deus, o decorador delicado não é de partir o coração? Não dá vontade de correr para comprar alguma coisa na loja dele? Não dá vontade de juntá-lo com a herdeira solitária?

— Se você acha... — disse Alonzo, rindo.

— E aí o poeta sai das sombras. Ele vinha dizendo “nosso” até então, mas de repente muda para “eu”. Isso é o poeta ou o narrador?

— O narrador — responde Alonzo.

— O narrador aparece. Eu fico chocada quando o poema se agita feito uma cauda de crocodilo e diz: “Minha cabeça não está à altura.”

— O que você sabe sobre Robert Lowell? — perguntou Alonzo.

— Só o que você vai me contar agora.

A comida chegou. Alonzo sempre pedia o Grande Café da Manhã do Tom. Vem com polvo *e* bacon. Eu sempre pedia claras mexidas e frutas. Meu Deus, como eu era deprimente.

— Posso roubar um pouco de bacon?

— Robert Lowell nasceu na elite de Boston — contou Alonzo, colocando as fatias grossas num pires. — Ele passou a vida toda travando uma batalha com doenças mentais, e volta e meia era internado.

— Ah! — De repente tive uma ideia. Chamei a garçonete. — Sabe os cookies e os chocolates com menta que vocês vendem? E aquela pasta de alho? Você poderia fazer uma cesta de presente?

Para Sydney Madsen. Outro pesadelo era que ela sempre aparecia com presentinhos para mim. Como hoje vai ser diferente, dessa vez vou levar um para ela.

Alonzo continuou:

— O poeta John Berryman sugere que *A hora do gambá* captura o momento em que o eu lírico…

— O *eu lírico*? — Tive que rir. — Você está com uma amiga. Pode dizer Robert Lowell.

— O momento em que Robert Lowell reconhece que está começando a entrar em depressão e vai ser internado. Berryman considerou o poema “uma visão catatônica de terror paralisante”.

— “Eu mesmo sou infernal, não há ninguém aqui. Somente gambás” — recitei. Então algo me ocorreu. — *Somente*. Teve outro poema nosso que engrenava na palavra “somente”.

Alonzo franziu a testa.

— *A costa de Dover!* — praticamente gritei, surpresa de lembrar, pois mal lembro em que ano estamos. — "Vem à janela, doce é o ar da noite! Ouve! *Somente* na longa linha de espuma"… É aí que o poema também muda de eixo.

Alonzo apontou para minha cópia do poema.

— Posso?

— Claro.

Ele rasgou a ponta do papel e escreveu *somente*.

— Olha só, inspirei você… — comentei. — Vai usar em algum poema seu?

Misterioso, Alonzo ergueu uma das sobrancelhas e abriu a carteira, que estava cheia de pedaços de papel semelhantes.

Em meio aos cartões de crédito, havia um documento azul com letras maiúsculas brancas.

— Ei — falei sem pensar. — Por que sua carteira de motorista é da Louisiana?

— Sou de lá. — Alonzo mostrou uma versão sua com cabelo comprido. — Nova Orleans.

Com essas duas palavras: nocaute.

— Você está bem? — perguntou Alonzo.

— Nunca fui à Louisiana.

As palavras que saíram da minha boca eram um desvio bizarro da pergunta *e* uma mentira. Eu precisava contar uma verdade.

— Não tenho nenhuma conexão com Nova Orleans.

Só de me ouvir dizendo as palavras, deixei meu garfo cair no prato.

A garçonete apareceu com a cesta de presente do tamanho de um banco de carro.

— Alguém vai ficar feliz hoje! — Ao ver minha expressão, ela logo se corrigiu: — Ou não. Está tudo bem por aqui?

— *Eu* estou bem — disse Alonzo.

— Também.

Para mostrar, peguei o garfo que estava sobre os ovos mexidos e lambi o cabo de forma desafiadora.

A garçonete deu meia-volta com seu salto alto e sumiu.

— Uma pergunta — falei, tentando recuperar meu poema outra vez, meio sem jeito. Eu precisava colocar aquela manhã de volta nos trilhos. — O pináculo alongado. Será que é um campanário?

— Pode ser um mastro de navio — disse Alonzo. — Então é possível…

Meu celular se manifestou. Galer Street School.

— Ai, era só o que me faltava — lamentei.

— Eleanor? É Lila, da escola. Está tudo bem. Mas Timby parece estar com uma dorzinha de barriga.

Nas últimas duas semanas, tive que buscá-lo mais cedo três vezes! Nas três, não havia nada de errado.

— Ele está com febre? — perguntei.

— Não, mas está deitado aqui no escritório com uma carinha péssima.

— Pode dizer, por favor, para ele parar de palhaçada e voltar para a aula.

— Hum — disse Lila. — Mas se ele estiver mesmo doente…

— É o que estou dizendo… — Não havia como discutir. — Está bem, estou indo. — Eu me levantei da cadeira. — Esse moleque... Vou mostrar a ele o medo num punhado de pó.

Eu me despedi de Alonzo, peguei a cesta de presente e saí. Olhei para trás enquanto abria a porta. Alonzo, um querido, parecia mais desolado do que eu com o fim abrupto da nossa aula de poesia.

Subi os degraus entre as grandes colunas e entrei no pátio imponente da Galer Street School. Estava tão escuro e frio quanto uma catedral. A história do prédio era contada por fotos emolduradas nas paredes: de abrigo para garotas desencaminhadas a residência de uma (!) família até se tornar uma escola particular cara que deixa os pais endividados.

Um pouco sobre a reforma do prédio. No piso de madeira estava escrito: É ESTREITA A PORTA E APERTADO O CAMINHO QUE LEVA À VIDA, PORTANTO SÃO POUCOS QUE A ENCONTRAM, com a data de 1906. Cento e cinquenta moldes de borracha foram criados para o intricado emboço. Para o clerestório, foi usado alabastro do Colorado cortado tão fino quanto papel. Trouxeram um artesão septuagenário de Ravena, na Itália, para fazer o mosaico de Cristo ensinando crianças a rezar. Quando a reforma começou, em 2012, o grande mistério era o que acontecera com o candelabro de bronze *art déco* que aparecia nas fotos antigas. Os homens que foram queimar as vinhas de amora no porão o encontraram. Deram um jeito maluco de soltar o candelabro: colocaram porcos para roer as cordas que o prendiam.

Como é que eu sei disso tudo? Quando entrei, o famoso arquiteto encarregado da reforma estava fazendo um passeio guiado.

A caminho da diretoria, alguém gritou:

— Eleanor!

Eu me virei. No último mês, a sala de reunião havia se tornado uma central de leilões, lotada de pais voluntários.

— Você é justamente a pessoa de que precisamos! — disse uma jovem mãe.

— *Eu?* — balbuciei, sem emitir som, confusa.

— É, você — disse outra jovem mãe, como se eu fosse uma idiota.

— Queremos fazer uma pergunta.

*

Quando terminei a faculdade, nunca passaria pela minha cabeça *não trabalhar*. Era por isso que mulheres iam para a universidade, para ter empregos. E tivemos empregos, inclusive arrasamos, para a sua informação, até percebermos que não notamos o tempo passar e ficarmos desesperadas para engravidar. Eu cheguei muito perto do limite (sem dúvida porque Joe, o católico, o mais velho de sete

irmãos, não tinha a menor pressa, pois já havia trocado muita fralda na vida). Dei à luz o pequeno Timby e me tornei parte da epidemia de mães quarentonas exaustas e aprisionadas em pracinhas, caídas em cima de gangorras, enfiando inconscientes cereal na goela das crianças, usando calça jeans de grávida mesmo dois anos depois de ter dado à luz e exibindo mechas brancas no cabelo enquanto empurravam os balanços. (Quem precisava continuar bonita? Já tivemos filho!)

Será que nos tornamos uma visão tão aterrorizante que toda a geração seguinte de mulheres com nível superior declarou: "Tudo menos aquilo!", então desistiram de seguir uma carreira e resolveram ter filhos aos vinte anos? Ao dar uma olhada nas mulheres da escola, a resposta seria: parece que sim…

Espero que dê certo para elas.

Entrei na sala de reunião com janelões de vidro chanfrado com vista para o pátio e a Elliott Bay. Em uma mesa enorme (feita a partir de uma árvore de bordo do terreno ou alguma outra extravagância da moda, de acordo com o arquiteto), havia pilhas de caixas e pastas de arquivo em cascata. Abri caminho por entre as pilhas na altura da cintura, todas transbordando com camisetas da escola vermelhas como línguas. O ar-condicionado estalava com muito propósito e eficiência.

— Cadê você? Cadê você? Cadê você? — murmurou a jovem mãe.

— Aqui... — respondi.

— Você precisa achar o número do item e checar com o nome — disse outra jovem mãe.

Quando estive no Japão, nosso guia comentou que, para eles, todos os americanos parecem iguais. Na época, pensei: "Ah, você só está dizendo isso sobre nós porque é o que dizemos sobre vocês." Mas ao observar aquele pelotão de jovens mães brilhantes e saradas, achei que talvez Fumiko não estivesse de brincadeira com a minha cara.

— Achou ridículo? — perguntou a primeira jovem mãe.

Um jovem pai (porque sempre tem um jovem pai) ergueu uma pasta.

— Vitória!

— Você ganhou um *latte*, você ganhou um *latte* — cantarolou a primeira ou a segunda ou a terceira ou a quarta mãe.

Junte esses pais numa sala com trabalho burocrático sem supervisão para vê-los agindo como vencedores enlouquecidos na propaganda de um cassino.

— Você doou um retrato pintado à mão de quem der o lance mais alto. Uma pintura no estilo da *Looper Wash* — disse outra, finalmente notando minha presença.

— É você mesma? — perguntou uma mulher diferente.

Feito avestruzes, todos pararam e viraram a cabeça para mim.

— Ouvi falar que você estava aqui — disse outra, abrindo caminho até mim.

— A mãe do Timby — falou mais uma, a especialista.

Há poucas celebridades em Seattle. A animadora em fim de carreira e o médico do time de futebol americano: Joe e eu éramos o equivalente local a David e Victoria Beckham.

— Sou uma Vivian — disse alguma delas.

— Você é uma Fern com certeza — corrigiu outra.

— O que você está fazendo *agora*? — perguntou uma terceira.

— Estou escrevendo um livro de memórias — respondi, sentindo um calor estranho no rosto. — Em quadrinhos. — Não era da conta deles, mas acrescentei: — A editora me deu um adiantamento e tudo o mais.

Os avestruzes abriram um sorriso inescrutável.

Na mesa, um molho de chaves. Cada uma delas tinha um identificador de borracha com cores diferentes. Já comprei umas cem porcarias dessas, mas sempre desisti, afinal quem consegue colocar essas coisas sem quebrar a unha? Também havia um leque de etiquetas arrumadinhas dizendo Hot yoga, Balé, Spinning… E, num toque pessoal, a jovem mãe sarada amarrou uma fita com o nome da filha estampado em letras maiúsculas. Eu me virei para o lado. Que nome era aquele?

DELPHINE.

Fiquei paralisada.

— Ei! — gritou uma jovem mãe.

— Você se esqueceu de dizer quanto vale — disse outra.

— Quanto vale o quê? — perguntei, estalando os dedos.

— O item que vai a leilão — acrescentou outra. — Para o imposto.

— Ah. Não sei.

— Precisamos decidir — disse a primeira jovem mãe.

— São só algumas horas do meu dia.

Eu havia prendido a respiração. Por que fui olhar para aquelas malditas chaves?

— *Quanto vale seu tempo?* — A pergunta foi feita pelo jovem pai, que se esforçava para manter o controle.

— Literalmente? — perguntei. — Por hora?

Ele se referia às horas que eu passava na cama prometendo que ia mudar? As horas que passava comprando organizadores que nunca tiraria da embalagem? As horas pesquisando aulas de meditação, me matriculando, chegando ao ponto de estacionar na frente dos estúdios-de-ioga-e-galerias-de-arte e observar os praticantes bem-intencionados entrarem, só para surtar e depois fugir? As horas planejando jantar com a família, só para no fim cada um acabar sozinho na

frente de uma tela? As horas morrendo de culpa porque não tenho nenhuma justificativa para agir desse jeito?

E então resmungos.

As crianças invadiram o gramado usando asas de borboleta feitas com pedaços de papel colorido. As jovens mães (e o único pai) deram as costas para mim e desfrutaram da onda de espontaneidade e alegria de sua prole. O clima da sala mudou de socialização fútil para admiração silenciosa. Todas as escolhas que essas jovens mães (e o único pai) sofreram para fazer — trabalhar ou não trabalhar, casar jovem ou continuar procurando, ter filhos logo ou viajar pelo mundo antes — foram difíceis. Com as decisões vêm os arrependimentos. E também noites sem dormir e recriminações e brigas com o marido (e a única esposa), além de telefonemas frenéticos para o médico pedindo receitas. “Visão catatônica do terror congelante”: era assim que o poeta chamara esses momentos de dúvida existencial... ou de certeza, difícil saber. Mas, vendo as crianças naquele instante, no fundo aqueles pais sabiam que haviam tomado as decisões certas.

Então, com um pigarro bem calculado, peguei o molho de chaves daquela mãe, joguei na bolsa e sumi dali.

Isso mesmo. Eu o roubei.

Timby estava deitado numa cama dobrável no canto da sala e parecia, para meu olho treinado, estar muito satisfeito consigo mesmo.

— Pode levantar — ordenei. — Estou oficialmente pê da vida com essa sacanagem.

O lado ruim: botei aquilo para fora. O lado bom: foi tão desnecessariamente cruel que Lila e os outros funcionários fingiram não ouvir. Timby fechou a cara e me seguiu para a saída.

Esperei até chegarmos à porta do carro.

— Vamos direto para o médico. E é bom você rezar para ter mesmo algo errado.

— A gente não pode ir para casa?

— Para você beber refrigerante e ver *Doctor Who*? Não. Eu me recuso a te premiar por fingir estar com dor de barriga. Vamos ao médico e depois voltamos para a escola. — Eu me agachei perto dele. — E, pelo que lembro, está na época de você tomar vacina.

— Você é má.

Entramos no carro.

— O que é isso? — perguntou Timby, arregalando os olhos diante da cesta de presente.

— Não é para você. Não coloque suas patinhas nisso.

Timby começou a chorar.

— Você está brava comigo porque eu fiquei doente.

Percorremos em silêncio o caminho até o consultório. Eu brava com Timby, brava comigo mesma por estar brava com Timby, brava com Timby, brava comigo mesma por estar brava com Timby.

A vozinha dele:

— Te amo, mãe.

— Também te amo.

*

— Timby? — chamou a enfermeira. — É um nome incomum.

— Foi um iPhone que escolheu meu nome — disse ele com um termômetro na boca.

— Quem escolheu seu nome fui *eu*.

— Não — retrucou Timby, me encarando.

— Foi, sim — repliquei, encarando-o de volta.

Quando eu estava grávida e descobrimos que seria um menino, Joe e eu ficamos eufóricos trocando sugestões de nome. Um dia mandei uma mensagem de texto com *Timothy*, mas o corretor mudou para *Timby*. Como não?

A enfermeira tirou o termômetro.

— A temperatura está normal. O médico já vem.

— Que bonito — falei, quando ela saiu. — Olha você queimando meu filme.

— É verdade — disse Timby. — Por que um iPhone iria corrigir um nome normal por um que ninguém nunca ouviu falar?

— Foi um defeito — expliquei. — Foi o primeiro iPhone… Ai, meu Deus! — De repente me dou conta de algo. — Acho que ofendi Alonzo.

— Como?

Timby parecia muito carinhoso, mas eu sabia que era um truque para que eu lhe desse munição para usar contra mim.

— Nada — respondi.

Foi a expressão de Alonzo quando eu saí do restaurante. Talvez ele *não* tivesse ficado triste ao me ver indo embora. Talvez tenha se ofendido porque o chamei de “meu poeta”.

Timby desceu da mesa e abriu a porta.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Pegar uma revista.

Ele bateu a porta.

Meu celular tocou: *Joyce Primm*. Como sempre, 10h15 em ponto. Tirei o som e fiquei olhando aquele nome.

*

Você me conhece da *Looper Wash*. E, sim, fui a responsável pela estética violenta retrô supercolorida. (Faz tempo que sou obcecada pelo artista marginal Henry Darger. Sorte a minha ter comprado uma de suas pinturas quando o preço ainda era aceitável.) Inclusive, reconheço que, no roteiro do piloto, as quatro protagonistas eram indistinguíveis entre si. Foi só quando as vesti com tubinhos estilo anos 1960, fiz os penteados armados e, só por diversão, as montei em pôneis entediados, que a própria roteirista, Violet Parry, entendeu o potencial do programa. Frenética, ela reescreveu tudo, deixou as garotas mais conservadoras

e transformou-as no incrível Quarteto Lunático, direcionando seu medo inconsciente da puberdade para um ódio irracional de hippies, donos de cães de raça e bebês chamados Steve. Dito isso, *Looper Wash* não era uma série *minha*. Ninguém nunca ouviu falar em Eleanor Flood.

Eu estava semitrabalhando, semifalida e morando em Nova York. Um catálogo infantil com ilustrações minhas chamou a atenção de Violet, que fez uma aposta corajosa e me nomeou diretora de animação.

A primeira coisa que aprendi sobre televisão: o mais importante são os prazos. Um episódio não ficar pronto para ir ao ar era algo que não podia acontecer nenhuma vezinha sequer. Ângulos sem graça, gestos toscos, falta de sincronia entre fala e desenho, repetição excessiva de imagens de fundo, placas com erros ortográficos feitas por animadores estrangeiros, erros de cores? Ah, acontecia aos montes. Mas nunca um diretor de animação, nem o mais louco ou preguiçoso, perderia o prazo.

Já no mercado editorial…

Embora meu nome não significasse nada, meu estilo era logo reconhecido. E durante um tempo *Looper Wash* estava por toda parte. Uma jovem editora em ascensão chamada Joyce Primm (isso mesmo, Joyce Primm, quase *joy supreme*, suprema alegria) viu alguns desenhos que fiz sobre a minha infância e me deu um adiantamento para expandi-los num livro de memórias.

Estourei um pouco o prazo.

Passei muito tempo sem notícias de Joyce.

Mas lá estava ela, me ligando todos os dias desde a semana passada.

*

O celular parou de tocar. A mensagem de voz dela se juntou ao cemitério das mensagens de voz.

JOYCE PRIMM
JOYCE PRIMM
JOYCE PRIMM
JOYCE PRIMM
JOYCE PRIMM

Todas piscando. Não tive coragem de ouvir nenhuma.

Timby voltou com uma revista *People*. Na capa, alguém que eu não reconheci, mas que sem dúvida era a estrela de algum *reality show*.

— Eles deviam mudar o nome da revista para *Quem são essas pessoas?* —

comentei.

— Eu sei quem ele é — falou Timby, tomando as dores da celebridade.

— Que deprimente... — respondi.

— Toc, toc!

Era a pediatra, Dra. Saba, de personalidade ainda mais gentil que a enfermeira.

— Então, Timby — disse ela, desinfetando as mãos. — Fiquei sabendo que você está com dorzinha de barriga.

— Foi a terceira vez em duas semanas que precisei buscá-lo…

— Vamos deixar Timby contar a história — disse a médica, com um sorriso clemente.

Timby falou, olhando para o chão:

— Minha barriga dói.

— O tempo todo? — perguntou a Dra. Saba. — Ou só de vez em quando?

— De vez em quando.

— E você está no terceiro ano no colégio?

— Estou.

— Onde você estuda?

— Na Galer Street School.

— Você gosta de lá?

— Acho que sim.

— Você tem amigos?

— Acho que sim.

— Você gosta dos professores?

— Acho que sim.

— Timby — disse a Dra. Saba, subindo o banco. — Muitas vezes, quando as pessoas têm dor de barriga, não é por causa de uma bactéria, mas porque os sentimentos delas faz com que fiquem enjoadinhas.

Ele continuou olhando para baixo.

— Tem alguma coisa acontecendo na escola ou em casa que está deixando você enjoadinho?

Boa sorte com isso, pensei. Timby, o rei de se esquivar das perguntas.

— É a Piper Veal.

(!!!)

— Quem é Piper Veal? — perguntou a médica.

— Uma garota nova na minha sala.

A família de Piper tinha acabado de retornar de uma viagem de volta ao mundo que durou um ano. Sei que é uma moda, mas não é irritante? Famílias dão a volta ao mundo, fazem imersão em culturas estrangeiras, depois os pais

mandam e-mails frenéticos implorando para você comentar no blog do filho para que ele não fique achando que ninguém dá a mínima? (Qual é, *New York Times*? Eu tenho que pautar todas as matérias mais comentadas?)

— O que Piper está fazendo? — perguntou a Dra. Saba.

— Implicando comigo — disse Timby, com a voz trêmula.

De repente minha vida entrou em um foco terrível.

Aqui, agora, Timby.

A gentileza, as fofocas de celebridade, a forte identificação com o Gaston de *A Bela e a Fera*. Será que Timby era gay? Já tinha pensado nessa hipótese, é verdade. Mas também havia os robôs de brinquedo, o programa de TV *Caçadores de Mitos*, a obsessão com escadas rolantes. Claro, a prova definitiva poderia ser seu gosto pela maquiagem, mas era uma reação pavloviana a toda a atenção recebida por um harém de vendedoras bonitas da Nordstrom. Só provava que Timby era macho, nada mais. A mãe sabe. Ou, no meu caso, a mãe vai amá-lo incondicionalmente e deixar as coisas acontecerem seja como for.

Já na escola não vai ser bem assim.

*

Na nossa primeira entrevista, viemos direto da Nordstrom, onde as garotas enfeitaram Timby com uma pintinha e um pouco de rímel… Uma gracinha! Assim que entramos na sala de reunião, eu já imaginava o diretor de admissões gritando: “Até que enfim! Temos um transgênero!” Joe e eu fizemos piadas com isso naquela noite. Depois que nos aceitaram, a escola decidiu, sem entrar em contato conosco, tirar a distinção de gênero dos banheiros.

— Espero que não tenham feito isso por causa de Timby — falei para a diretora Gwen.

— Ah, não — disse ela. — Fizemos isso por todos os nossos não-binarinhos.

Eu só podia ter uma reação: morrer de rir. Mas tive o bom senso de esperar até sair dali.

Será que eu estava em negação? Ou me tranquilizei diante do fervor da escola em aceitar tudo? E só porque a diretoria era tão tolerante com uma eventual unha do polegar pintada de rosa, talvez o mesmo não valesse para as crianças no recreio…

*

— Você já conversou com sua mãe sobre Piper? — perguntou a médica.

— Não — respondeu Timby.

A doutora não precisou lançar um olhar de reprovação para mim. Eu o sentia atravessando a parte de trás da cabeça dela.

— Você conversou com os professores?

— Não.

— Que tipo de coisa Piper faz com você?

— Não sei.

— Ela está batendo em você? — perguntou a Dra. Saba.

— Não — respondeu Timby, com a boca cheia de saliva.

— O que Piper fez?

Eu me contorci na cadeira e prendi a respiração.

— Ela disse que eu comprei minha camisa na H&M.

Ah.

— E você comprou sua camisa na H&M? — indagou a médica.

— Quando Piper esteve em Bangladesh, ela visitou uma fábrica em que crianças eram escravizadas para fazer as roupas da H&M.

— Entendi — disse a doutora. — Timby, é no terceiro ano que as coisas começam a ficar complicadas com os colegas. Às vezes os sentimentos ficam tão intensos que causam dor de barriga.

Timby finalmente ergueu a cabeça e olhou a Dra. Saba nos olhos.

— Você sabe qual é o melhor remédio para isso? — perguntou ela.

— Qual?

— Converse com um adulto — aconselhou a médica. — Com a sua mãe. Mas, se não for com ela…

— Vai ser com a mãe dele, sim — retruquei.

— …fale com seu pai, sua avó, seu professor preferido. Diga como está se sentindo. Pode ser que eles não consigam resolver, mas às vezes só falar já faz as coisas melhorarem.

Timby sorriu.

— Parece que você já está se sentindo melhor.

— Estou, sim.

— Assim que eu gosto — disse ela, se levantando.

— Que bom — falei. — Agora podemos voltar para o colégio.

Timby pulou da mesa e abriu a porta.

— Ei, aonde você está indo? — perguntei.

Ele bateu a porta. Ficamos só eu, Dra. Saba e o mural de lêmures com olhos de zumbi.

— Você tem que voltar direto para o trabalho? — perguntou a médica. —

Timby precisa mesmo passar um tempo com a mãe.

— Posso remarcar alguns compromissos.

A Dra. Saba ficou esperando, achando que era blefe meu. Liguei para Sydney Madsen e caiu na caixa postal.

— Sydney, vou ter que adiar. Surgiu um problema com Timby.

A Dra. Saba assentiu e saiu da sala.

Timby estava com as enfermeiras, assoviando enquanto remexia em uma caixa de papelão forrada com papel de embrulho.

Uma das enfermeiras perguntou:

— Você quer um lápis dizendo *Lave as mãos* ou uma tatuagem de *Bom garoto*?

— Posso levar os dois? — indagou Timby, ainda bisbilhotando a caixa. — Aah, isso é um chiclete?

Ele pegou o objeto, mas jogou de volta assim que descobriu que era só giz.

Chega. Timby ia voltar para o colégio. E eu ia resolver logo aquele almoço com Sydney Madsen. A última coisa de que eu precisava era um novo *round* de mensagens passivo-agressivas:

"Esqueceu de mim?" "Oi, sumida!" "Quer almoçar com sua amiga?"

(Tão carente! Pelo que eu sei, a única coisa mais agradável que encontrar uma amiga é essa amiga cancelar o encontro).

Liguei para Sydney.

— Oi! Ignore meu último recado. Vejo você ao meio-dia…

De repente, percebi que a Dra. Saba estava ali.

— …mas em outro dia. Só queria confirmar que você recebeu meu recado.

— Vou voltar para o colégio ou não? — perguntou Timby.

Todo mundo estava me olhando.

— Vamos passar um tempo juntos! — exclamei.

— Só nós dois? — questionou ele, não sem medo.

*

Quando saímos do consultório da Dra. Saba e seguimos pelas ruas do centro, minha cabeça estava confusa. Eu precisava de Joe. Ele conseguia abrir caminho em meio à minha confusão mental. Joe, o desbravador.

Existe um fenômeno que eu chamo de Turista Perdido. Se você viaja com alguém confiante, organizado e decidido, acaba virando o Turista Perdido. "Já chegamos?" "Minhas malas estão muito pesadas." "Meus pés estão ficando com

bolhas.” “Não foi isso que eu pedi.” Todo mundo já se viu nessa posição. Mas, se estiver viajando com uma pessoa enrolada, então *você* se transforma em alguém capaz de decifrar os horários dos trens, de passar cinco horas andando pelo piso de mármore dos museus sem reclamar, de escolher sem medo a refeição em cardápios estrangeiros, de pechinchar com motoristas de táxi espertinhos. Todo mundo tem em si a capacidade de ser tanto o Turista Perdido quanto o Turista Competente. Mas, como Joe tem a mente clara e afiada, acabei me tornando a Turista Perdida na vida. O que, agora que parei para pensar, pode não ser uma coisa boa. É uma dúvida para Joe esclarecer.

O escritório dele ficava a poucas quadras dali. Vê-lo pela janela já bastaria para me botar nos eixos.

— Espere — disse Timby. — Nós vamos encontrar o papai? Posso brincar com o iPad?

Joe e eu estávamos travando uma batalha inútil contra os aparelhos eletrônicos e não deixávamos Timby jogar videogame. A única exceção era o iPad no escritório de Joe.

— É o que você quer fazer? — perguntei a ele com um inesperado tom cantado, feito um estranho oferecendo balas. — Posso te deixar lá e ir para o almoço.

— Uau — disse ele, tentando acreditar na sua sorte. — Sim!

Liguei para Sydney de novo.

— Adivinha quem é? Ignore meus recados. Vejo você ao meio-dia!

— Ei, olhe só! — exclamou Timby ao ver a fachada do Jazz Alley. — É aquele lugar que fazem homus gorduroso e ginger ale com Coca e Sprite, e você tem que se sentar nas mesinhas com gente que não conhece.

Talvez eu tenha reclamado mais de uma vez por ter sido arrastada para lá por Joe, um amante de jazz. Se você já quase enlouqueceu ouvindo “Tom Sawyer”, do Rush, tente aguentar um trio de aggro jazz fazendo uma versão de quarenta e cinco minutos da música.

— Não sou fã de jazz — falei para Timby. — Nenhuma mulher é.

— Você devia dizer ao papai para ele ir sozinho.

— Não pense que não tentei. Mas ele não vive sem mim.

Nós dois demos de ombros e seguimos para o escritório de Joe.

*

A primeira coisa que devia ter chamado minha atenção era a sala de espera

vazia, mas isso não era totalmente inédito. Joe tinha clientes famosos (atletas e músicos) que, por diversas razões (ego e ego), não ficavam na mesma sala de espera que as pessoas comuns. Por isso, no fim do corredor de entrada do centro cirúrgico, havia várias salas de espera privativas. Os pacientes de Joe podiam ficar ali.

A segunda coisa que notei, e que de fato chamou minha atenção, foi a tampa do aquário em cima do sofá.

*

Em defesa dos famosos (!), todos amam Joe. Não importa o quão mimado seja o atleta ou quão vaidoso seja o guitarrista, assim que algo dava errado eles vinham para Seattle porque já tinham ouvido falar sobre O Cara, e ficavam fascinados quando descobriam que O Cara era tudo menos pretensioso. O próprio Joe molha as plantas. Sua mesa é uma bagunça. A agenda é um caos constante, porque ele passa muito tempo com cada paciente e trata todo mundo da mesma forma. Expressa sua curiosidade com a delicadeza de uma garoa. Seria preciso desenhar para ele entender que todos acham mais legal salvar o mindinho de um famoso arremessador de beisebol do que o punho de um caixa de supermercado com síndrome do túnel do carpo.

Celebridades *gostam* das pessoas que as bajulam, mas confiam nas poucas que não fazem isso.

*

Não havia ninguém na recepção. Eu me aproximei. Na mesa, vi uma embalagem aberta de salada de tortellini e um pote de molho italiano. Ou seja, um retorno proustiano a um passado do qual eu não queria mais fazer parte: falida em Nova York, comendo salada do restaurante coreano a quilo.

Lá no fundo, Luz, a recepcionista, me viu. Acenei para ela. Luz se aproximou, limpando as mãos na calça jeans. Jeans + comida fedida na mesa = alerta triplo ligado.

Luz abriu a porta de vidro.

— Você voltou!

*

Uma coisa que acontece quando um de seus pais é alcoólatra é que você cresce sendo o filho de um alcoólatra. Para quem não tem esse histórico, preste atenção agora e acredite em mim: esse é o principal fator que determina a personalidade de alguém. Não me importo se você só tira nota dez, se casa com um santo, rompe as barreiras de uma profissão dominada por homens, ou se você se reergue de fracasso após fracasso entremeado por breves passagens por seitas e hospícios: se você foi criado por um bêbado, antes de tudo você é o filho adulto de um alcoólatra. Para início de conversa, isso significa que você se culpa por tudo, evita a realidade, não confia nas pessoas, faz o impossível para agradar. Nem todas essas características são ruins: perfeccionismo é o que torna um aluno o melhor da turma; dificuldade para confiar nos outros gera autossuficiência; baixa autoestima pode ser uma excelente motivação; se todo mundo fosse entusiasta da realidade, não haveria arte.

O bônus de ter um pai bêbado foi que, para sobreviver, eu me tornei estranhamente atenta às mais sutis inflexões e linguagens corporais. Joe chama essa minha percepção aguçada de “poderes de bruxa”.

Para qualquer outra pessoa, “Você voltou!” significaria “Que bom te ver! Quanto tempo”. Mas, para a filha de um alcoólatra com poderes de bruxa, significava: “Joe disse que vocês três estavam viajando.”

E foi nesse momento que meu dia realmente começou.

Ruthie nos viu no caminho de volta. Ruthie, a gerente da clínica, e Luz, a recepcionista, formavam uma dupla diabólica. Com olhares serenos e sorrisos calculados para passar tranquilidade, elas trabalhavam em parceria com um único propósito: proteger Joe.

Ruthie, a líder, era loura, tinha uns sessenta anos e corpo de bailarina. Ela sempre usava bege. O conjunto de hoje era uma blusa de seda, salto fino de dez centímetros e calça com um vinco tão proeminente que era capaz de serrar alguém ao meio.

Eu queria informações. Se desse alguma pista para Ruthie, ela iria correr para Joe. Meus instintos de bruxa me diziam que, não importava o que estivesse acontecendo, eu precisava ser discreta. Joe tinha me dito que ia trabalhar, mas então devia estar num consultório fora da cidade.

Dupla diabólica contra a filha adulta de um alcoólatra. Que vença o melhor.

— Que surpresa — disse Ruthie, sem revelar nada.

— Voltamos — falei, sem me arriscar, apenas repetindo o que Luz acabara de dizer.

Dois operários passaram pelo corredor dos fundos. Havia um rolo de carpete apoiado na parede.

— Carpete novo? — perguntei.

— Nunca conseguimos ter uma semana inteira! — disse Luz de repente.

Uma semana inteira? Sei.

Ruthie pôs a mão no ombro de Luz. Um sinal para não dizer mais nada? O que eu estava pressentindo a um metro de distância? Será que era o batimento do coração de Ruthie desacelerando? A diabinha tinha me dado o xeque-mate?

— Estacionei na garagem — comentei.

E então, numa tática de presídio como só se vê em filme, estiquei o braço para a mesa de Luz e comecei a tatear, tocando o máximo de objetos pessoais que consegui.

Transtornada, Luz se voltou para Ruthie, que calmamente abriu uma gaveta e me entregou os tíquetes de desconto do estacionamento.

— Leve todos — disse ela.

Timby havia subido numa cadeira e enfiara as mãos no aquário, e estava brincando com a água fedida.

— Oba!

— Vamos embora — ordenei.

No corredor, encontrei um dispenser de álcool em gel para as mãos preso na parede. Trêmula, apertei o botão, deixando cair álcool pelo chão. Joguei mais um tanto na mão e me ajoelhei para esfregar nos braços de Timby.

— Ah, não — choramingou ele. — Aquela água estava suja?

— Não necessariamente.

— Cheire a sopa, esfrie a sopa — disse Timby.

— Hein?

— Ensinaram na escola que devemos fazer isso quando estamos chateados. Cheire a sopa — ele inspirou fundo —, esfrie a sopa. — Ele exalou. — Ande, mamãe, feche os olhos.

Eu me levantei. De olhos fechados, cheirei a sopa. Esfriei a sopa. Meus braços se ergueram um pouco, as palmas das mãos se voltaram para dentro, os dedos se curvaram.

— Acho que preciso de um hidratante — disse Timby, os braços rosados por causa do álcool.

— Vou arranjar um para você, querido.

Liguei para Sydney.

— É Eleanor de novo. É a última vez, juro. Mas vou ter que cancelar mesmo. Me ligue assim que ouvir este recado.

Eu me virei para Timby.

— Só nós dois.

— Jura?

Quase morri com aquela esperança tão frágil.

— O que você quer fazer? — perguntei. — Qualquer coisa. A gente pode fazer stand up paddle no lago Union. Comer um sanduíche no alto da torre Smith. Soltar pipa na Kite Hill. Observar os salmões nadarem contra a correnteza em Ballard Locks.

— A gente pode ir na Gap?

Então para a Gap nós fomos.

— Pode escolher, meu amor — declarei.

Timby escalou a escada transparente de acrílico que levava à sessão infantil. Eu o segui, com os pensamentos distantes.

*

Marido pego mentindo = marido tendo um caso. Foi meu primeiro pensamento, mas fazia sentido.

Minha amiga Merrill me disse que, já no primeiro encontro, sem perceber, os homens revelam como vai ser o fim do relacionamento. O cara vai dizer que não quer ter filhos, ou que não costuma assumir compromissos, ou que vive brigando com a mãe. No nosso primeiro encontro, Joe foi gentil, curioso e cheio de princípios, como provaria ser.

Só uma coisa me pareceu estranha.

Não sei como surgiu o assunto, mas ele disse que seu jeito de lidar com as dificuldades era engolir, engolir, engolir, até não poder mais.

— E o que acontece quando você não consegue mais engolir? — perguntei.

— Não sei — respondeu ele. — Não passei por isso ainda.

O cara com quem namorei antes ainda pensava na ex. O cara antes dele estava sóbrio fazia apenas quinze dias. Se o pior que Joe podia dizer sobre si mesmo era que talvez, algum dia no futuro, pudesse socar a parede, então estou dentro! (E isso nem chegou a acontecer! Depois de vinte anos nunca precisamos ligar para alguém consertar a parede.)

Acima de tudo, Joe é ético. Certa vez chamei atenção para a ironia de ele sempre protestar contra a igreja católica quando na prática ele era um exemplo ambulante da decência e da honestidade que eles pregam. (“Quando não estão te enchendo de mentiras e ódio contra você mesmo”, retrucou ele.)

Não era possível que ele estivesse me traindo.

Por outro lado, a gente não estava transando muito. Eu precisava dar um jeito nisso.

*

Enfiei a cabeça no provador. Timby estava experimentando um short de veludo e uma camiseta com estampa de um cãozinho tocando bateria. O pneuzinho branco e sardento de Timby caía por cima do elástico.

— Você acha que eles têm meias três-quartos? — perguntou ele.

Não na sessão dos meninos!, eu sabia que não devia responder.

E então lembrei. De manhã. Joe de cara na mesa, a testa no *jornal*. Talvez ele tivesse visto algo…

— Vou dar uma passadinha na livraria do outro lado da rua.

— Espere — disse Timby. — Vai me deixar aqui sozinho?

Antes que eu pensasse numa resposta, ele perguntou:

— Posso escolher outra coisa?

O garoto tinha o instinto de um jogador e sabia quando pressionar.

— Só uma.

Corri para a livraria, comprei o *Seattle Times* e saí. Nos poucos minutos em que fiquei lá, surgiu uma pilha de barricadas de madeira na calçada. Seattle parecia coberta de azul: a cor do uniforme da polícia.

Eu me esqueci de comentar que o papa ia passar pela cidade? Pois é. Para um tal de Dia Mundial da Juventude. (Não parece um evento inventado pelo Coringa para pegar o Robin?) Sua Santidade celebraria um missa no estádio dos Seattle Mariners no sábado.

Folheei o jornal. Seahawks, Seahawks, Seahawks. Papa, papa, papa. Uma senhora vinha alimentando os corvos e os vizinhos estavam furiosos. Qualquer uma daquelas notícias podia ter deixado Joe desesperado. Ou nenhuma delas.

Que frustração monumental! Claro que de manhã eu não insisti com Joe. Esse não era um dos benefícios de tantos anos arrastados de casamento? Entender as coisas pelo que elas parecem ser? Nada de “você parece triste”, “não estou triste”, “por favor, fale comigo”, “estou falando com você”, “o problema sou eu?”, “já disse que estou bem”, “o problema sou *eu*”. Ai, só de pensar nisso volto às noites de sexta-feira em que passava a aula de *step* segurando o choro.

*

Quando retornei à Gap, Timby tinha feito a festa. Uma garota com fones de ouvido estava passando uma pilha de roupas no caixa. Entre um apito e outro do leitor de código de barras, Timby cochichava para ela:

— Rápido, vai.

— Nem pense que você vai sair dessa — ameacei, abordando-o pelas costas. — Você tentou me passar a perna.

— A senhora vai pagar com cartão da Gap? — perguntou a garota.

— Não e nem quero um — respondi. — Nunca mais vamos voltar aqui.

— Você estraga tudo — disse Timby.

— Não, *você* estraga tudo.

O sorriso da vendedora continuou firme, mas era óbvio que ela mal podia esperar para chegar em casa e contar para sua colega de quarto.

*

Eram onze e quarenta e cinco e Sydney ainda não tinha retornado meus recados.

Na rua, um ônibus branco da polícia parou no meio da Sixth Avenue, bloqueando o trânsito. Liguei para Sydney. Enquanto tocava, apontei para o ônibus.

— Olhe — falei para Timby. — O papa deve estar hospedado no Sheraton. É isso que você ganha quando se intitula o papa do povo: precisa ficar num chiqueiro.

— Eu bem que queria ficar no Sheraton.

Caixa postal de novo.

— Sydney? É Eleanor. Por favor, me ligue. Não quero que você chegue no restaurante e não me encontre. Ou talvez eu devesse ir. Não sei. — Desliguei. — Viu? Por isso não suporto Sydney Madsen.

— Achei que ela fosse sua amiga.

— É coisa de adulto. — Peguei o jornal debaixo do braço e apontei para a data. — Leia isso para mim.

Timby leu. Entreguei minha agenda para ele.

— Olhe na data de hoje. Quinta, oito de outubro. O que está escrito?

— Spencer Martell.

— Devolve.

Peguei a agenda. Na minha própria letra: SPENCER MARTELL.

— Quem é Spencer Martell? — perguntou Timby.

— Não faço a menor ideia.

Spencer Martell. Quem quer que fosse, eu tinha um almoço marcado com… ele? Ela?

— Quem é Spencer Martell? — repetiu Timby.

— *Você acha que eu sei?*

— Está tudo bem, mãe — disse ele. — Você fez isso com engano.

— É “por engano”. Quem está te ensinando a falar?

Peguei o celular e procurei *Spencer Martell*. Apareceu um e-mail de um mês atrás.

> De: Spencer Martell
> Para: Eleanor Flood
> Res: Quanto tempo!
> Por acaso você está livre para almoçar dia oito de outubro? Adoraria colocar o papo em dia.
> Bj

*

Procurei minha resposta. Uma reserva para o meio-dia no Mamnoon.

Dali a dez minutos.

— Talvez ele seja parente de Sydney Madsen — sugeriu Timby. — Pode ser irmão dela.

— Estamos prestes a descobrir, certo?

— Eu vou também? — questionou Timby, arregalando os olhos.

— Vamos juntos.

Sobre meu constante estado de confusão mental — falta de foco é uma expressão cada vez mais adequada —, permita-me dividi-lo em três categorias: (1) coisas que eu deveria saber, mas nunca aprendi, (2) coisas que prefiro não saber e (3) coisas que sei, mas com as quais acabo ferrando.

Coisas que eu deveria saber, mas nunca aprendi? Diferenciar direita e esquerda. Desculpe, mas é melhor perguntar o caminho para outra pessoa.

Coisas que prefiro não saber? Muitas. O cérebro tem capacidade limitada, principalmente o meu. Então tomei uma decisão administrativa: adotar uma postura agressiva de não me interessar por determinados assuntos, tais como o conflito Israel-Palestina, Lena Dunham, o destino das pinturas roubadas da casa de Isabella Stewart Gardner, o que significa OGM, a preferência de Timby por meias três-quartos cinco minutos atrás na Gap, e identidade de gênero. Se isso limita minha existência humana, eu aceito meu destino com estoicismo.

Hoje em dia a conduta predominante na sociedade parece ser: *Eu tenho uma opinião, logo existo.* Minha conduta? *Eu não tenho opinião, logo sou superior a você.*

Coisas que sei, mas com as quais acabo ferrando? Horários. Se tenho um almoço ao meio-dia e meia, escrevo 12h30 na agenda. Mas, nesse meio-tempo, acontece alguma alquimia no meu cérebro e 12h30 se torna 13h.

Seria de se esperar que, chegando ao teatro meia hora depois de abrirem a cortina (doze vezes!), eu teria aprendido a checar e rechecar o horário no ingresso. Mas não. Eu gostaria de saber explicar, mas não consigo. Um dos enigmas da vida.

Conclusão: trocar Spencer Martell por Sydney Madsen poderia fazer *você* sair correndo para consultar um neurologista, mas minha reação é só dar de ombros.

*

Tinha uma vaga do outro lado da rua em frente ao restaurante. E se essa fosse minha única benção cármica do dia? Eu detestaria desperdiçá-la.

— Você entende que vai ser um almoço de adultos, não é? — perguntei, colocando o comprovante de estacionamento à vista no para-brisa.

— Vai ser inapropriado? — indagou Timby, saltando do carro com a cesta de presente.

— Nós vamos conversar sobre o que temos que conversar, e você vai ter que ficar lá sentado quieto. E, antes que comece com seus vamos-pra-casa, a resposta é não.

— E se tiver um terremoto?

— O que eu acabei de dizer?

— Posso ouvir rádio no seu celular?

— Não. Mas tenho um daqueles audiolivros.

— É sempre um da Laura Ingalls Wilder.

— O *Literalmente não é assim* acabou com você — comentei.

— O que é *Literalmente não é assim*?

— Aquele programa horroroso que você sempre vê.

— O nome é *Não estou dizendo?*.

— Então *Não estou dizendo?* acabou com você.

— Meu Deus, mãe — disse Timby. — Você nunca assistiu.

— Não escute nada — falei. — Apenas fique sentado lá.

— Está bem — respondeu ele, amargurado. — Laura Ingalls Wilder.

Enquanto esperávamos para atravessar a rua, um mendigo se aproximou. Dreads brancos no cabelo, barba, e tudo o mais vermelho: pele, olhos, mãos descascadas, peitos dos pés descalços. A cara dele, o corpo todo, procuravam alguma coisa, qualquer coisa. Puxei Timby.

— Venha aqui.

— Ele é doente mental?

— Quero você por perto. — Dei um abraço apertado em Timby e ele relaxou. — Sou louca por você. Sabe disso, não é?

— Sei.

Ele sorriu para mim.

— Você não precisa ser louco por mim também. Só tente gostar de mim um pouco mais do que gosta agora.

*

Nós entramos no Mamnoon, que tinha paredes de ébano, teto industrial, painéis incríveis em mosaico geométrico e candelabros extravagantes, mas nem tanto. Não sei onde você mora, mas os restaurantes aqui em Seattle são melhores que os seus.

— Humm — murmurei. — Quem estamos procurando?

— Spencer Martell — disse Timby.

— Disso eu sei.

No fundo do restaurante, um homem ficou de pé e acenou. Tinha por volta de trinta anos, era magro e usava camisa quadriculada amarela, cinto marrom e calça jeans preta.

— Lá está ele — afirmei, acenando de volta. — Eu conheço ele…

— De onde? — perguntou Timby.

A quinze passos, ele parecia familiar. A oito, eu quase lembrei… E chegamos.

— Spencer!

— Eleanor — disse ele, todo carinhoso.

— Você!

Timby me olhou como se perguntasse *Quem é esse?*. Retribuí seu olhar como se dissesse *Nem pergunte.*

— É seu filho? — perguntou Spencer.

— Vocês já se conheciam? — indaguei, sem saber.

— Trouxemos uma cesta para você — disse Timby.

— Se eu soubesse que você viria, teria trazido alguma coisa também — comentou Spencer para Timby, abaixando-se com as mãos nos joelhos.

O menino teve um raciocínio mais rápido que o de um campeão de xadrez ao ver uma caixa de couro na mesa. Ele pegou e a abriu.

No forro de cetim havia uma caneta Montblanc laranja, do tipo que eu usava antigamente, descontinuada há séculos.

— Caneta rollerball — disse Spencer. — Se não me falha a memória.

— Não acredito que você encontrou uma.

O peso da caneta, as inusitadas cores chamativas e o clique duplo na ponta.

— Só encontrei a azul-escuro no eBay…

— E azul-esverdeado — acrescentou Spencer. — Verde-floresta e amarelo também.

— Mas laranja! — exclamei. — Isso é uma preciosidade.

— Quero ver! — disse Timby, pegando a caneta.

— Que surpresa maravilhosa.

Fitei Spencer nos olhos.

— Obrigada.

— De onde você conhece minha mãe? — perguntou Timby, meu braço direito.

Lembrei, antes que ele respondesse. Claro!

Spencer Martell!

Da *Looper Wash*!

Já faz mais de dez anos que ele saiu do escritório.

— Trabalhei com sua mãe muito tempo atrás.

A simpatia em sua voz não correspondia à lembrança horrível que surgia em minha cabeça a uma velocidade alarmante.

*

No primeiro dia de Spencer, ele parecia estar no lugar certo: caderno Moleskine, lápis Blackwing, óculos retrô. Ele mencionava os artistas certos: Robert Williams, Alex Grey, Tara McPherson, Adrian Tomine.

Porém…

Estava tão nervoso e ansioso para agradar que sua presença era detestável. Toda segunda-feira ele chegava com uma lista de encontros de colecionadores no Brooklyn, em que trocavam objetos que nós, animadores, poderíamos querer acrescentar às nossas diversas coleções. Certa vez comentei que gostava de brownies de caramelo e no dia seguinte ele trouxe um pote com os tais brownies de caramelo feitos em casa…

Como eu pude contratar alguém assim? Ah, é verdade! Eu não contratei! Ele entrou por fora, pelo programa de incentivo à contratação de minorias que a emissora implementou. Depois descobriram que ele só tinha um quarto de descendência mexicana e que burlou o sistema para conseguir o emprego! Ah, e ele mal sabia desenhar! Ficava me enchendo de perguntas sobre cada gesto ou expressão. Mas eu não estava lá para ajudá-lo, *ele* é que estava lá para *me* ajudar. Eu precisava de gente que ficasse quieta, desenhasse rápido e seguisse o modelo.

Spencer logo percebeu que não dava conta. O suor do fracasso o tornava radioativo. Quando os dois meses do período de experiência terminaram, ele estava tão arrasado que já tinha empacotado as coisas. Ficou sentado na sala vazia esperando ser demitido. Covarde, mandei outra pessoa falar com ele, mas Spencer ficou mais uma hora lá. O único sinal de vida era o choro do outro lado da porta. Eu entrei. Dei alguns conselhos profissionais a ele. Pegaram mal.

*

Fiz sinal para a pessoa de preto mais próximo.

— Nós precisamos pedir.

— Precisamos? — perguntou Timby.

Eu me virei para Spencer.

— Ah, só para você saber…

— Você não divide o prato — disse ele. — Eu lembro.

— Posso pedir duas coisas? — perguntou Timby.

— Uma.

Fizemos os pedidos. E lá estávamos eu, Timby e o um quarto mexicano, um fantasma do passado bem-vestido me assombrando do outro lado da mesa. Alguém tinha que dizer alguma coisa.

— Spencer Martell!

— Nem acreditei quando você respondeu ao meu e-mail — disse ele. — Sempre achei que você me apagaria da memória.

— Claro que não — respondi.

Enquanto tentava fazer um gesto de ênfase casual, derrubei água no molho. Timby começava a parecer preocupado. Spencer enxugou a água com o guardanapo e colocou o celular no lado seco. Isso me deu uma ideia.

— Timby — chamei. — Vá lavar as mãos.

— Mas…

— Cocô de peixe — falei. — Ou você não vai comer batata frita, e a daqui é a melhor.

Timby me fuzilou com os olhos e saiu.

— Spencer… — Eu me debrucei na mesa. — Se eu discar um número no seu celular, você pode tentar marcar uma consulta médica?

— Hein?

O coitado parecia perplexo.

Já com o telefone dele na mão, disquei o número do consultório de Joe.

— Não quero que saibam que sou eu. Só pergunta qual é o próximo horário disponível.

Segurei o celular de Spencer na orelha dele. Ouvi Luz atendendo. Gesticulei feito uma louca para Spencer começar a falar.

— Sim… Alô… — balbuciou ele. — Eu gostaria de marcar uma consulta.

Do outro lado, Luz explicou algo.

— Pergunte quando ele volta — sussurrei.

— Quando ele volta? — perguntou Spencer com a voz fraca.

— Segunda — respondeu Luz.

Era tudo de que eu precisava saber. Peguei o celular de Spencer, desliguei e o coloquei na mesa. Ele olhou para o aparelho, depois para mim, sem acreditar no que acontecera no último minuto.

— Dr. Wallace… — disse Spencer. — Não é seu marido? Joe? Vocês se separaram?

— Shh. Nosso casamento é ótimo.

Timby voltou e se sentou ao lado de Spencer, que estava fascinado ou um

pouco indignado, difícil dizer.

Quem estou tentando enganar! Ele estava indignado mesmo.

— Spencer — falei, para mudar de assunto. — E aí, me conte o que você tem feito.

— Bem, essa é uma viagem de três horas! — disse ele, retomando a atitude feliz-por-estar-aqui.

— Pode ser só a versão resumida — retruquei.

— Quando saí da *Looper Wash*…

Eu tive que me esforçar para não prender a respiração.

— Eu estava tentando ajudar.

— O que você fez? — perguntou Timby.

— Nada de mais — respondi.

— As pessoas difíceis são nossos melhores professores — disse Spencer.

— O que ela fez com você?

Timby não conseguia se conter.

— Você não quer ouvir uma musiquinha? — perguntei.

— Estou de boa.

Spencer pegou uma bolsa estilosa e a abriu para Timby.

— Trouxe alguns livros ilustrados que você pode olhar — disse ele, colocando alguns exemplares no banco entre os dois.

Timby ignorou a oferta e ergueu as sobrancelhas como se dissesse: *Pode continuar.*

— O dia que a *Looper Wash* me contratou foi o mais feliz da minha vida — disse Spencer. — Achei que tinha chegado aonde queria. Saí da casa dos meus pais no Queens. Comprei uma Vespa. Gastei todo o meu dinheiro com presentes para os outros funcionários.

— E um deles, eu amei de verdade. Sou louca por aquela edição da *Playbill* com autógrafo do Stephen Sondheim.

Levei a mão ao rosto para bloquear a visão periférica de Timby.

— Então fui demitido. Que vergonha. Lá estava eu, morando em um apartamento no East Village que não podia pagar. Não conseguia encarar meus pais. Pela primeira vez na vida eu não estava dividindo um quarto com cinco irmãos e finalmente podia lidar com o fato de que… eu… — ele olhou para Timby, inseguro — não gostava de garotas.

— Ele sabe tudo sobre o assunto. — Virei a cabeça na direção de Timby. — Eu deixo ele assistir ao prêmio Tony.

— Ah. Bem, o primeiro cara por quem me apaixonei era viciado em drogas, coisa pesada. Mais rápido do que você pode imaginar, acabei falido e sem ter onde morar. Mas não importa quão fundo fosse o poço, eu sabia que era um

artista. Apesar do que você disse, eu sabia que era mais do que um carreirista.

Eu o chamei disso. Esperava que ele tivesse esquecido.

— O que é um carreirista?

— Eu tive que pesquisar o significado — confessou Spencer. — É alguém que só pensa em ser bem-sucedido.

— Não é ruim — julgou Timby, decepcionado.

Spencer levou a mão ao peito.

— Até hoje, quando penso na *Looper Wash*, as pontadas de humilhação me paralisam. Eu era tão ingênuo e morria de vergonha de mim mesmo.

— De jeito nenhum — retruquei. — Você só não estava no lugar certo.

— Você não tinha onde morar — retomou Timby, muito educado.

— Parei de acreditar em mim mesmo — continuou Spencer. — Mas algo dentro de mim me fez seguir em frente. Uma esperança. E essa esperança era de um tom verde radiante, pulsante.

— Esperança verde! — gritei.

— Era a ponta de uma folha nascendo durante o inverno. Era o carpete felpudo no porão de uma fazenda. Era o laço no vestido da festa de quinze anos da minha irmã. Pode me interromper se já tiver ouvido isso.

— Eu?

Tossi, pasma com a ideia de que poderia já ter ouvido aquilo.

— Se eu capturasse esses verdes, libertaria o artista que tinha sido capturado pelo carreirista — disse Spencer.

Ele abriu os botões bordados com nó francês dos punhos da camisa, arregaçou as mangas e mostrou a parte interna dos antebraços. Em cada, havia uma tatuagem do punho ao cotovelo: duas listras simples em verde.

— Uau! — exclamou Timby.

— É um compromisso e tanto — comentei.

Então notei o relógio dele: um Cartier retrô.

— Eu me recusei a deixar o fracasso na *Looper Wash* me definir — declarou Spencer. — Fui a um brechó e gastei meu último tostão numa tela, que pintei de verde e chorei em cima enquanto a tinta ainda estava molhada.

— Nossa! — falei.

— Mãe! Você é má.

Spencer tirou o guardanapo do colo, o dobrou e o colocou na mesa. Ele se levantou e se aproximou de mim. Meus braços estavam protegendo meu rosto? Talvez. Mas, em vez de me bater, Spencer me abraçou. Precisei me lembrar dos exercícios de respiração da aula de parto para sobreviver ao seu ato de compaixão desconcertado com perfume de angélica.

Timby, traumatizado, me encarou: *O que ele está fazendo?* Respondi com

outro olhar: *Não faço ideia*.

Spencer voltou para seu lugar. Timby lhe entregou o guardanapo.

Eu não tinha escolha a não ser respeitar o cara.

— Você está certa — disse Spencer. — Foi sentimental e atrapalhado. Mas foi a primeira coisa verdadeira que fiz. A tela está aqui em Seattle. Eu adoraria te mostrar.

— Quero ver! — disse Timby.

— Vá ler um livro — interrompi ele.

— Escute! — suplicou Spencer e depois deu um tapa na própria testa. — Eu prometi que faria um resumo. Então eu saí, fiquei viciado, fiz as tatuagens, parei de usar drogas e, bem, você sabe dos últimos doze anos.

— Sei?

— Yale School of Art, exposição coletiva na White Columns, prêmio Jack Wolgin, Bienal de Veneza, blá-blá-blá.

Fechei os olhos, meu rosto se retorceu e minha cabeça balançou milhares de mínimas vezes.

— Hein?

— Achei que soubesse — disse Spencer. Depois se dirigiu a Timby: — Sua mãe…

Mas o menino estava absorto em um dos livros de Spencer.

Spencer se voltou para mim.

— Por isso gosto tanto de você, Eleanor. Você tem um talento para desligar meu estabilizador justo quando eu mais preciso.

— Não é intencional! — retruquei. — Juro.

— O mundo da arte contemporânea é muito pequeno. A gente acha que nossos preços absurdos nos tornam o centro do universo, mas na verdade só umas oito pessoas estão prestando atenção. Só os donos de galerias e os curadores. — Spencer juntou as mãos como se rezasse e se curvou numa reverência discreta. — Eu te reverencio.

— É sério que esse é você? — perguntei, ainda tonta. — Yale? Veneza?

— Estou com uma exposição no Seattle Art Museum — contou. — Eles também me convidaram para fazer alguma coisa no parque de esculturas. Há cartazes por toda cidade. Naturalmente, presumi que você veria meu nome balançando ao vento em vários lugares, mas aqui está você, esfregando a verdade na minha cara.

Aquele bajulador pretensioso, aquele puxa-saco suarento, aquele quase membro fraudulento de uma minoria se tornou *alguém*? Agora era fodão? Ele deu a volta por cima e, em vez de esfregar na minha cara, em vez de servir o prato frio da vingança, vinha com abraços, canetas de duzentos dólares, uma

gratidão bizarra e…

— Mãe? — chamou Timby.

Ele me mostrou o que estava lendo da bolsa de Spencer: uma revista chique ou um catálogo… Demorei um pouco para entender o que era.

PRÊMIO MINERVA

Do meu tempo na *Looper Wash*. Era um prêmio (que não existe mais) para quadrinistas. Em 2003 recebi a indicação de Dan Clowes.

O vencedor daquele ano seria anunciado num jantar no Odeon. Nós estávamos no meio da produção da *Looper Wash* e eu nem pretendia ir à cerimônia. No último minuto, porém, chamei os amigos e fomos. Nossas roupas eram terrivelmente inadequadas para o evento, e nos colocaram numa mesa de destaque. Do outro lado do arranjo de orquídeas precisamente iluminado, a esposa do *marchand* na mesa parecia perplexa com nossa algazarra e piadas grosseiras. (Pergunte a qualquer um: você se torna um selvagem depois de trabalhar na produção de um programa de TV.) Eu não achava que ia ganhar, e não ganhei. Cada um de nós voltou com uma bolsa de brindes: suco de romã da Califórnia, um pen drive desenhado por Takashi Murakami, uma caneca com o *slogan* de um banco de investimentos: *À frente da curva* (!).

E aquele programa.

*

— Não fui convidado para a cerimônia, claro — disse Spencer a Timby. — Mas na manhã seguinte tirei um programa do lixo. Outro dia estava fazendo uma limpeza nos armários e o encontrei. Achei que sua mãe pudesse querer.

Um pensamento terrível surgiu na minha cabeça…

— O que foi? — perguntou Spencer.

Aquele programa que estava nas mãos de Timby... tinha o perfil de todos os indicados e seus trabalhos… O que significava que continha *meu* trabalho, com todas as doze ilustrações.

— Ei — falei para Timby, tentando pegar o programa. — Me dê isso aí.

Ele o afastou de mim.

— Quem são *As Garotas Flood*?

As Garotas Flood

Eleanor Flood

As Garotas Flood
Indicada por
Daniel Clowes

Conheci Eleanor Flood em 1995, velhos tempos do que chamávamos de San Diego Con (para diferenciar das Dallas Con e Sac Con e Leper Con), poucos anos antes de ser ocupada por Hollywood, quando os quadrinhos ainda eram o foco. Na cena indie/alternativa/underground estávamos eu, Peter Bagge, Joe Matt, os irmãos Hernandez, Ivan Brunetti; a turma de idiotas de sempre. Nós nos sentávamos à mesa para exibir nossa arte, rezando para Matt Groening passar e comprar algo. Acreditávamos piamente em *noblesse oblige*.

Por longos períodos, ninguém nem sequer olhou em nossa direção e só conseguimos chamar alguma atenção quando a fila de autógrafos de Todd McFarlane estava tão grande que uma eventual criança barbuda se aproximava para nos olhar com desdém ou usar um dos meus originais como descanso de copo.

Foi em um momento de introspecção paralisante na carreira como esse que uma jovem anômala se destacou na multidão. Tinha boa postura e usava um vestido (um vestido de verdade, não uma fantasia de Rainha dos Elfos). Pelo visto ela era fã de *Eightball*, pois reconheceu as páginas que eu estava vendendo.

— *Ghost World!* Esse é o mais bonitinho! Não acredito que você está vendendo *Ugly Girls*, é superbonitinho.

Bonitinho não era a palavra que eu costumava ouvir sobre minha arte (*eca* era a mais comum, seguida de *por quê?*). Eu a vi se voltar para conferir a fila infinita do McFarlane.

— Acho que sinto pena deles — disse ela.

— Para que isso tudo, né? — respondi.

— Eles nem sabem que são deprimentes.

Nós discutimos se isso nos dava o direito de odiá-los e concordamos que provavelmente sim. Então ela pegou meu portfólio e perguntou:

— Seria ruim se eu comprasse *tudo*?

Respondi que não. Ela fez um cheque. ELEANOR FLOOD. NOVA YORK, NY.

*

Só a reencontrei nove anos depois. Eu estava em Nova York por algum motivo e prometi para minha irmã que visitaria meu sobrinho, que estava atendendo telefone em uma produtora. Ela disse:

— Você conhece o programa. *Looper Wash*. O curta sobre garotas que montam pôneis que passou antes de *A Era do Gelo* e depois virou série da Fox?

Eu não fazia ideia do que ela estava falando (graças a Deus), então apenas perguntei:

— Qual é o endereço?

Fui a um prédio no SoHo, o que parece imponente, mas na verdade não era, e subi até o quarto andar. Aparentemente todos assistiam a algo no fim do corredor, pois o lugar estava deserto. Na sala do canto vi uma prancheta com um espelho gigante na frente. Parecia exatamente o tipo de megalomania e solipsismo que admiro tanto em mim mesmo, portanto fui lá explorar.

Na prancheta (com caricaturas agressivas e maldosas de executivos da Fox, o que imediatamente me fez gostar do autor delas) havia ilustrações feitas a lápis de cor. Eram fortes e “lindas”, cheias de matizes suaves e expressões delicadas, qualidades que não costumam me atrair. Mas também eram perturbadoras, e não no sentido irônico de retratar um clássico personagem infantil fumando crack. Eram perturbadoras porque eram sinceras.

Ouvi uma voz borbulhante.

— Dan Clowes!

Era Eleanor Flood.

Descobri que ela era a diretora de animação da *Looper Wash* e meu sobrinho havia lhe contado que eu iria passar lá. Ela mostrou o portfólio com as minhas obras que comprara anos atrás.

— Você quer de volta? — perguntou. — Muita coisa deve valer uma fortuna agora. Eu me sinto mal; só de pensar que paguei tão pouco pelos seus desenhos tenho vontade de chorar...

Eu realmente tinha chorado pensando a mesma coisa. Mas falei que ela podia ficar com tudo.

Eleanor me flagrou olhando para os desenhos dela.

— Pois é... — disse ela. — Não são superbonitinhos?

São mesmo, respondi, observando-os por um tempo constrangedor de tão longo.

— O Minerva me pediu uma indicação — falei. — Você acha que eu poderia recomendar esses desenhos?

— Mas não é um prêmio para graphic novels? — perguntou ela.

— Se você ordenar tudo, vai ter uma história em quadrinhos.

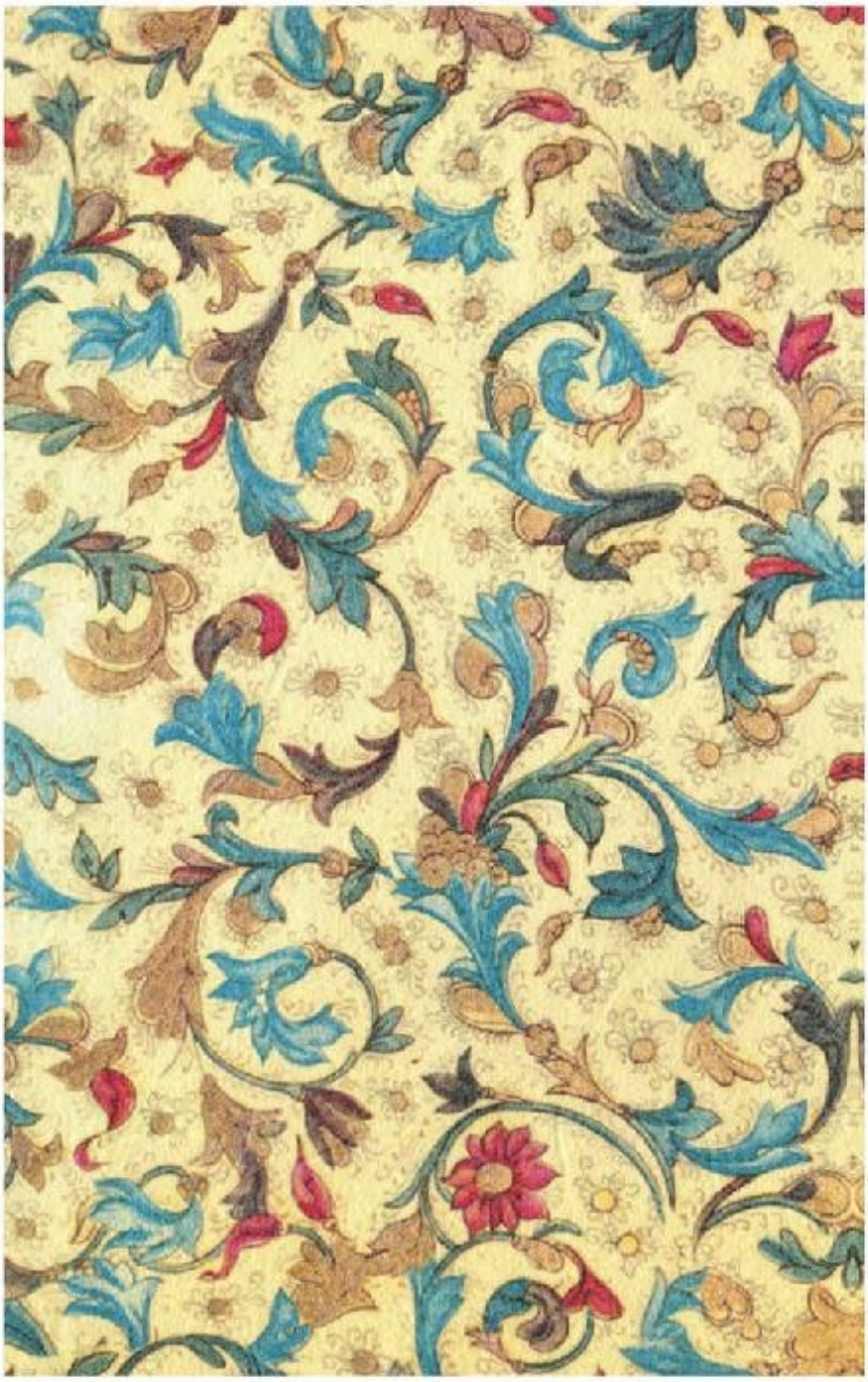
Mesmo naquela época eu não usava o termo *graphic novel*. Eleanor entendeu o que eu quis dizer.

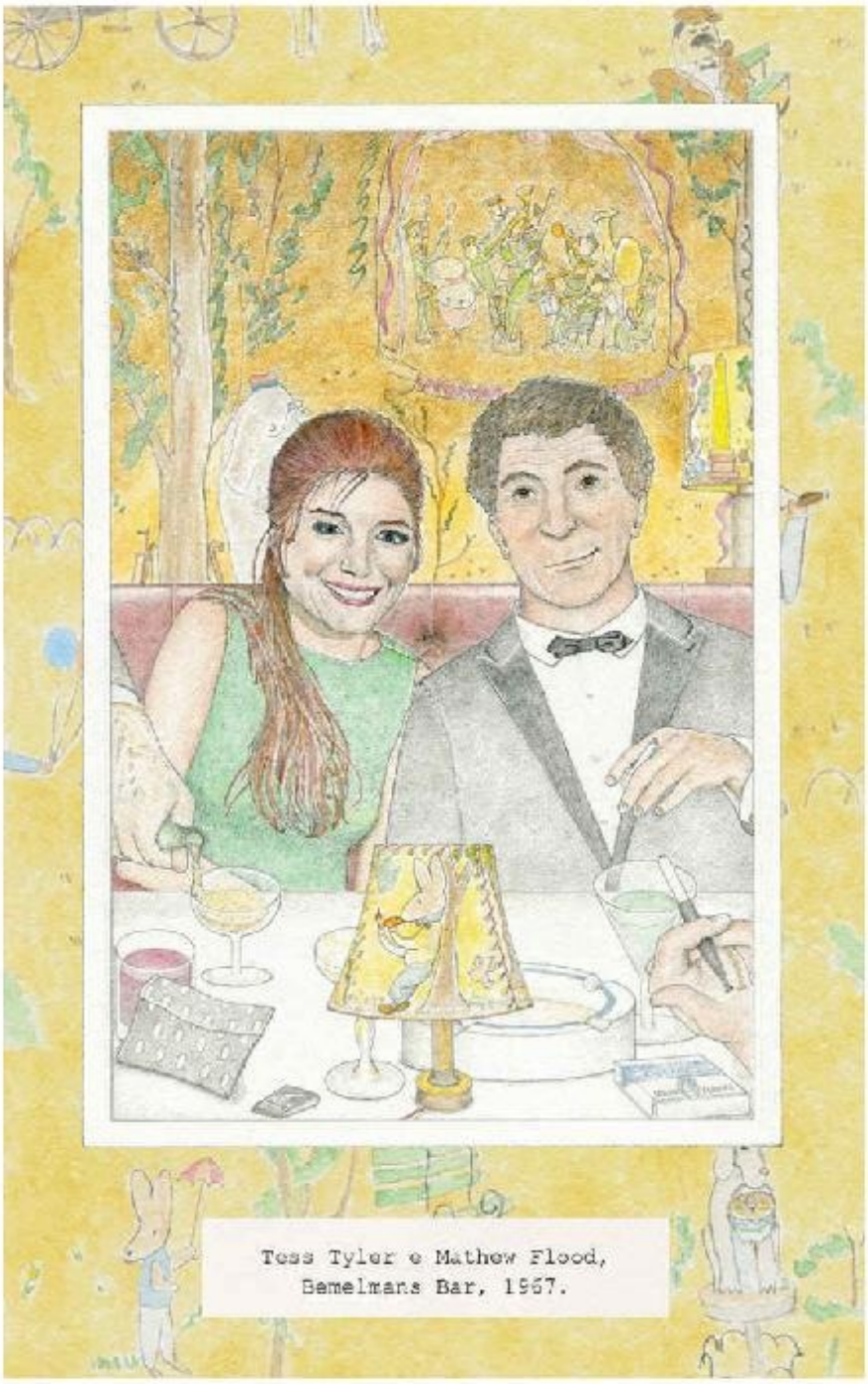
— Ah — disse ela.

Diferentemente de muitas histórias sobre infância, *As Garotas Flood* soa direta e necessária. Apesar de ser densa com detalhes da época, não é uma viagem nostálgica. O ponto de vista é sincero e nada sentimental. Eleanor Flood consegue infundir imagens agourentas e misteriosas com delicadeza, o que é um talento raro, e estou ansioso para ver mais do trabalho dela.

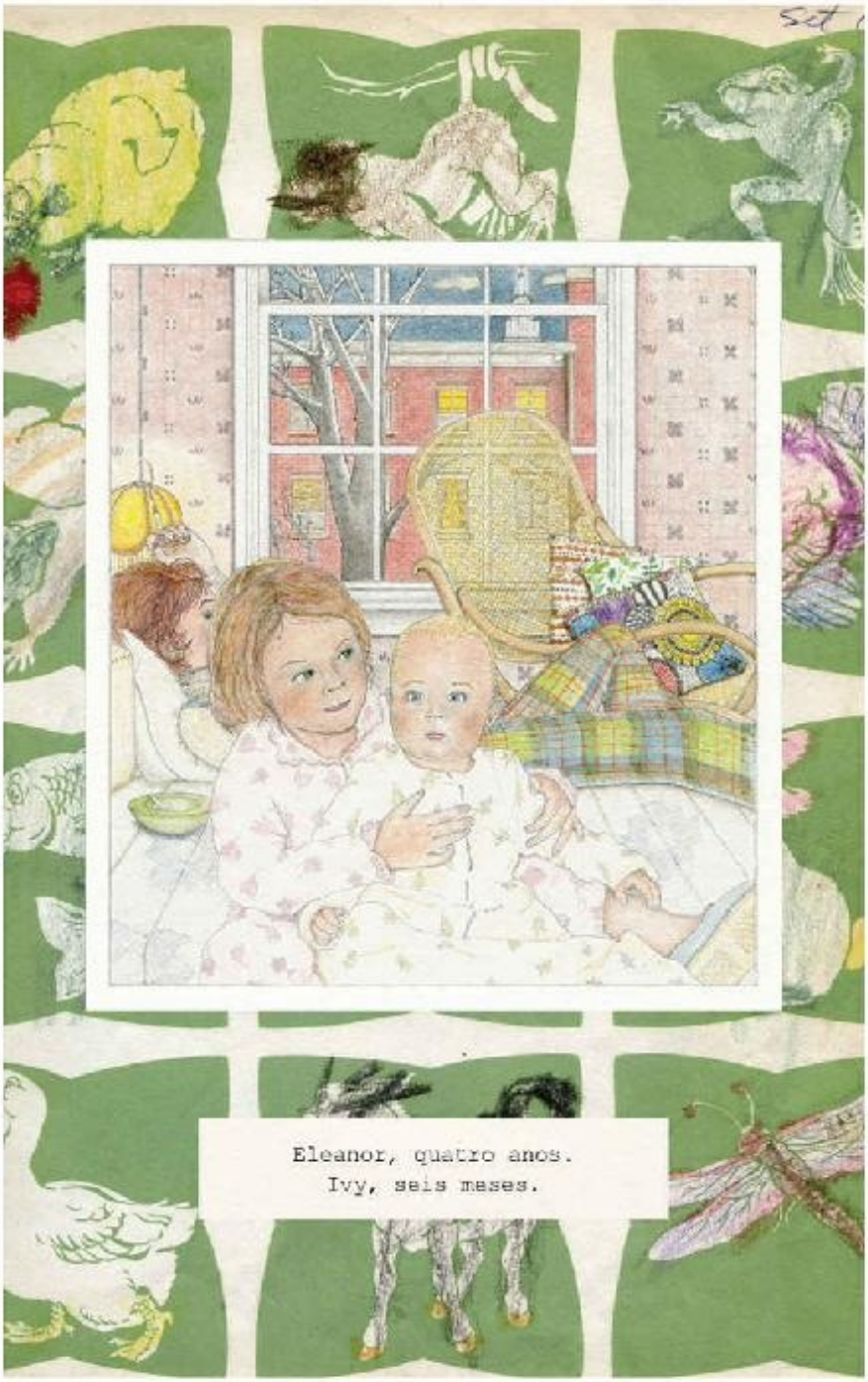
AS GAROTAS FLOOD



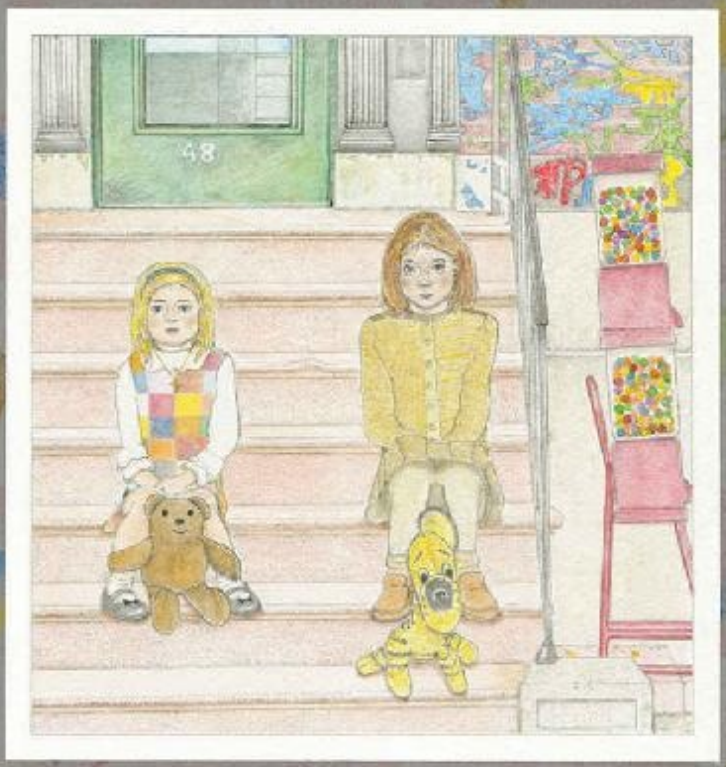




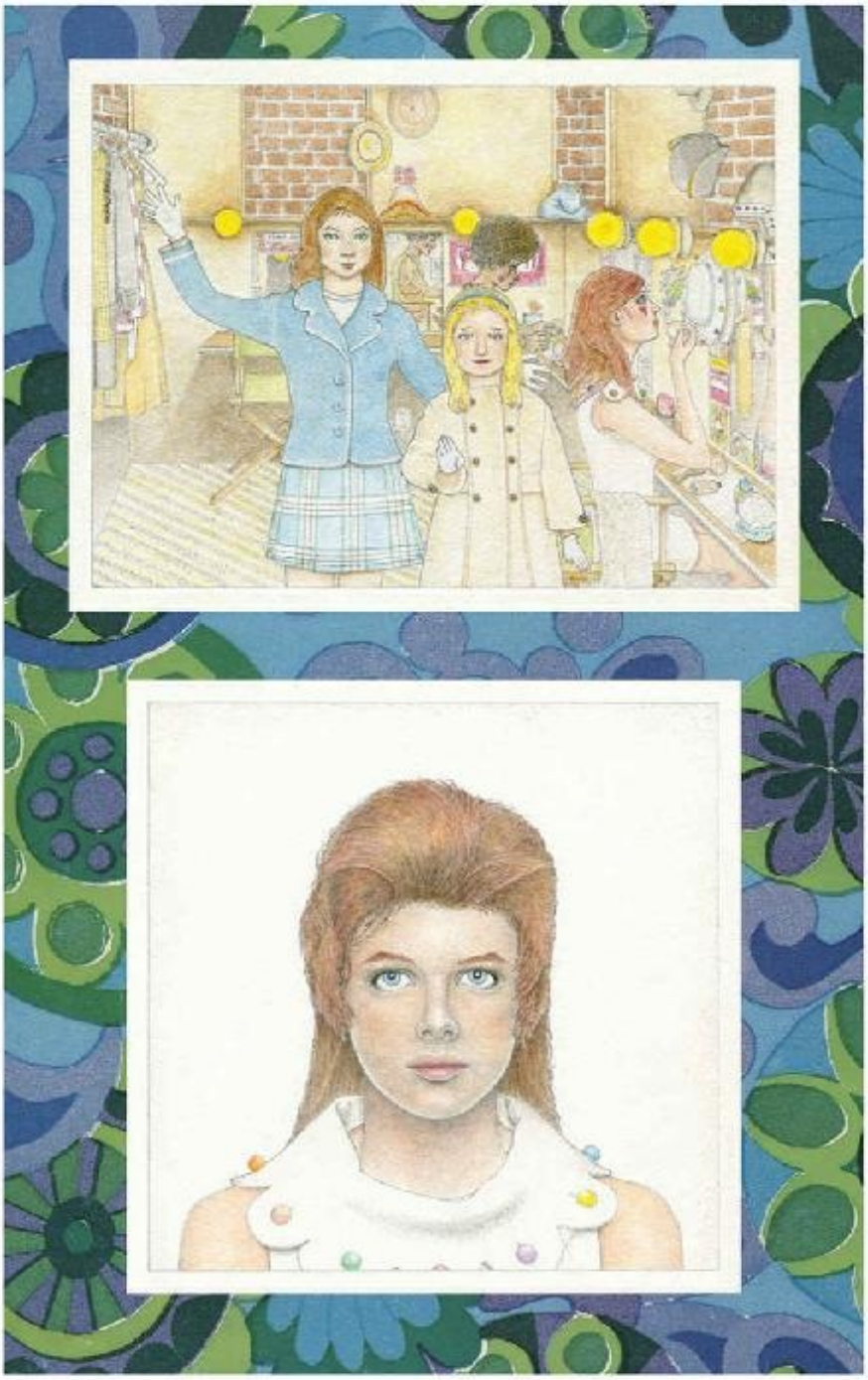
Tess Tyler e Mathew Flood,
Bemelmans Bar, 1967.

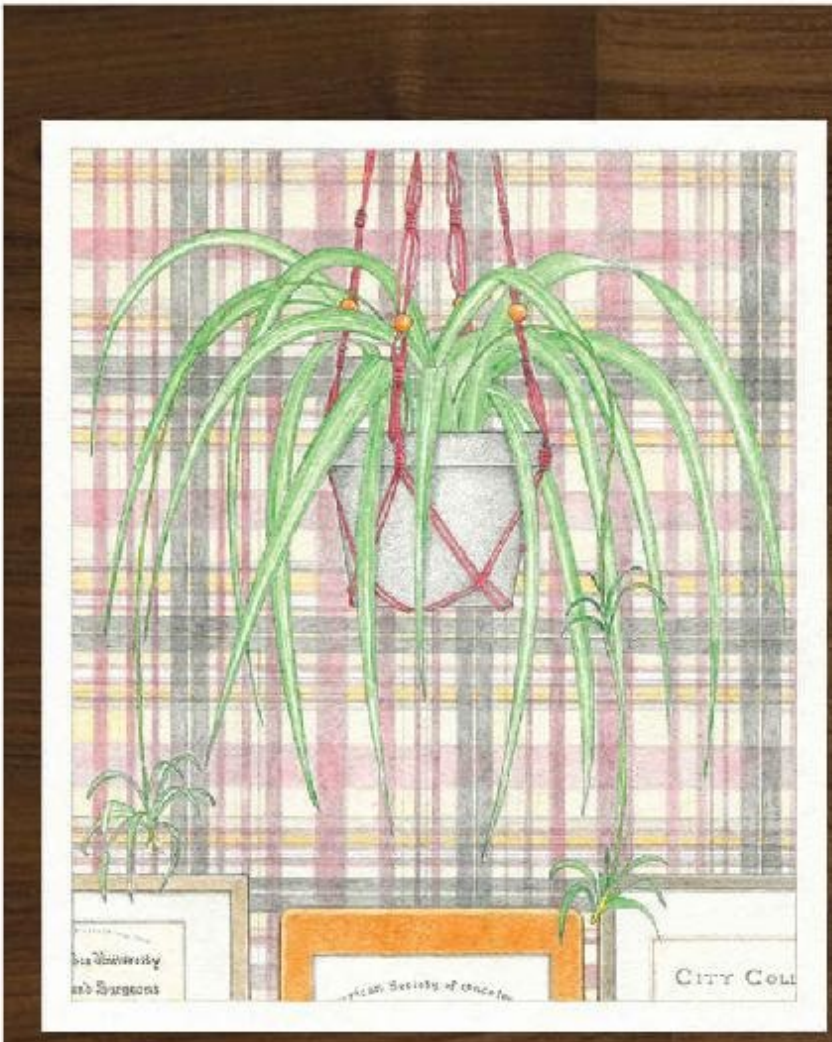


Eleanor, quatro anos.
Ivy, seis meses.

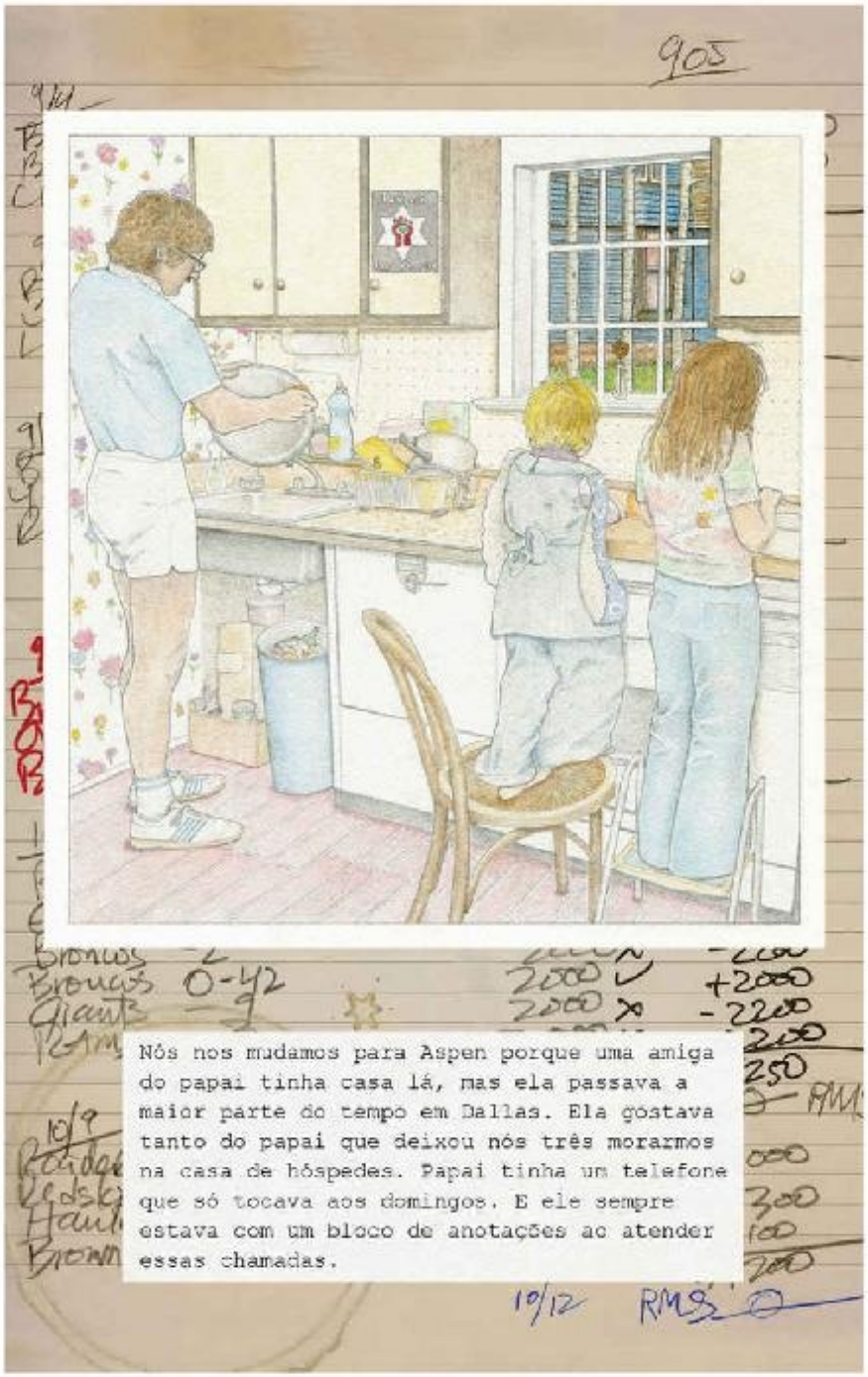


Aos domingos, enquanto mamãe emendava duas apresentações de Pippin, papai pegava o telefone:
— Aqui é o B39. Quanto está a aposta no Jets? Quero vinte centavos.
No dia seguinte, nós dizíamos a ele, de brincadeira:
— Bom dia, B39!
Mamãe nos mandava brincar lá fora.





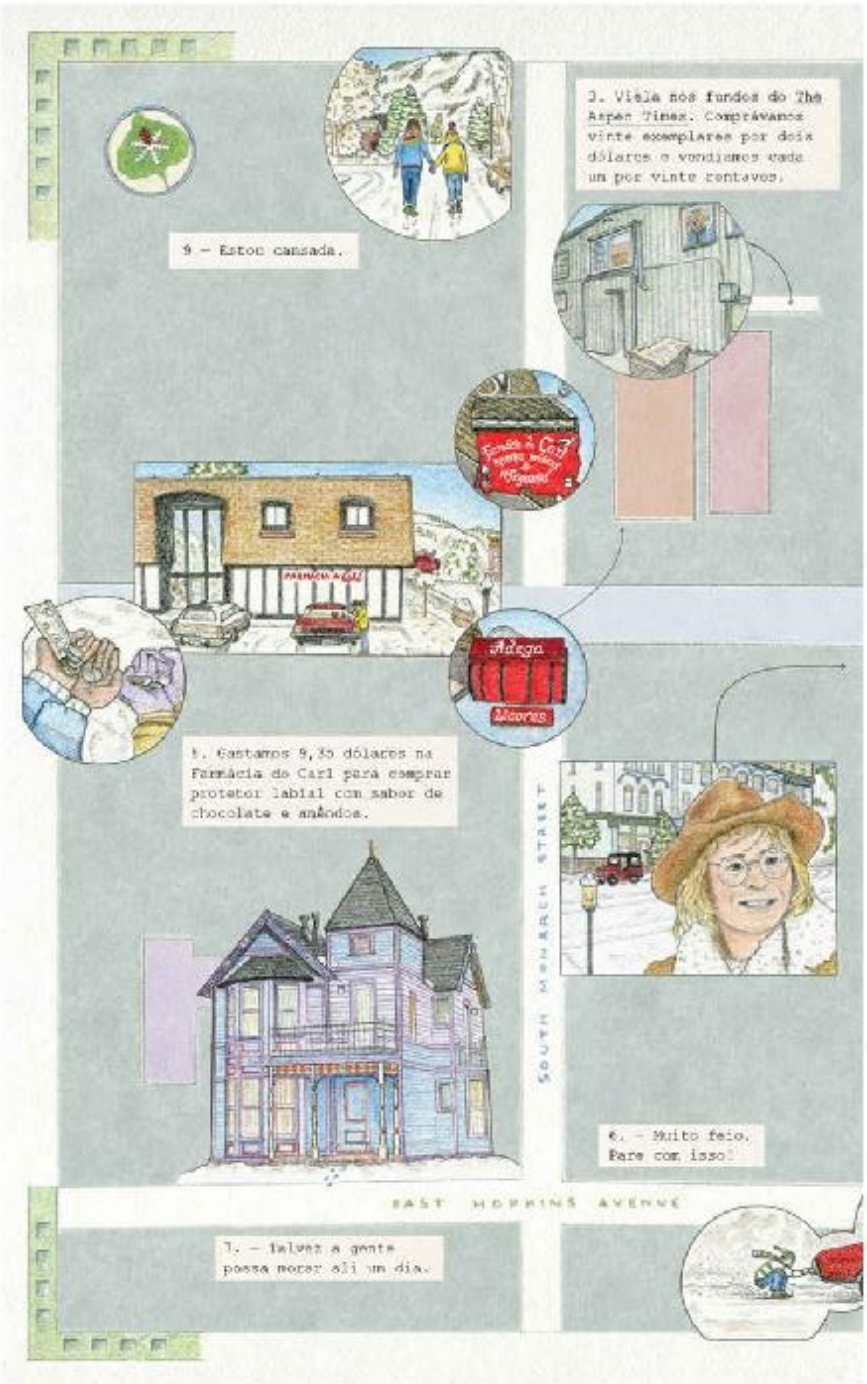
Mamãe queria que segurássemos a mão dela
quando saísse o resultado.
— Deu positivo — disse o Dr. Salz.
Ficamos tão felizes! Mas mamãe apertou
nossa mão com mais força.

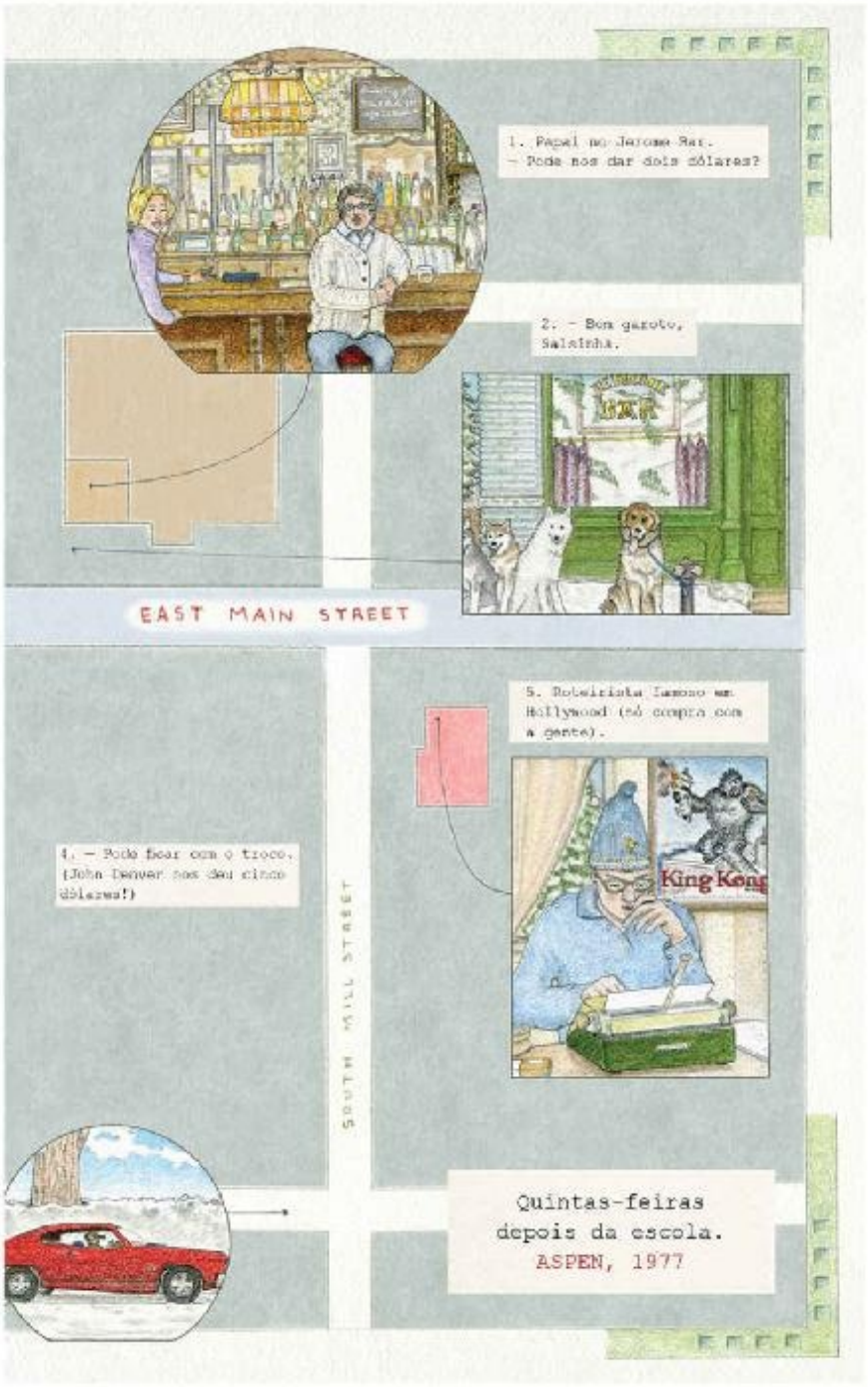


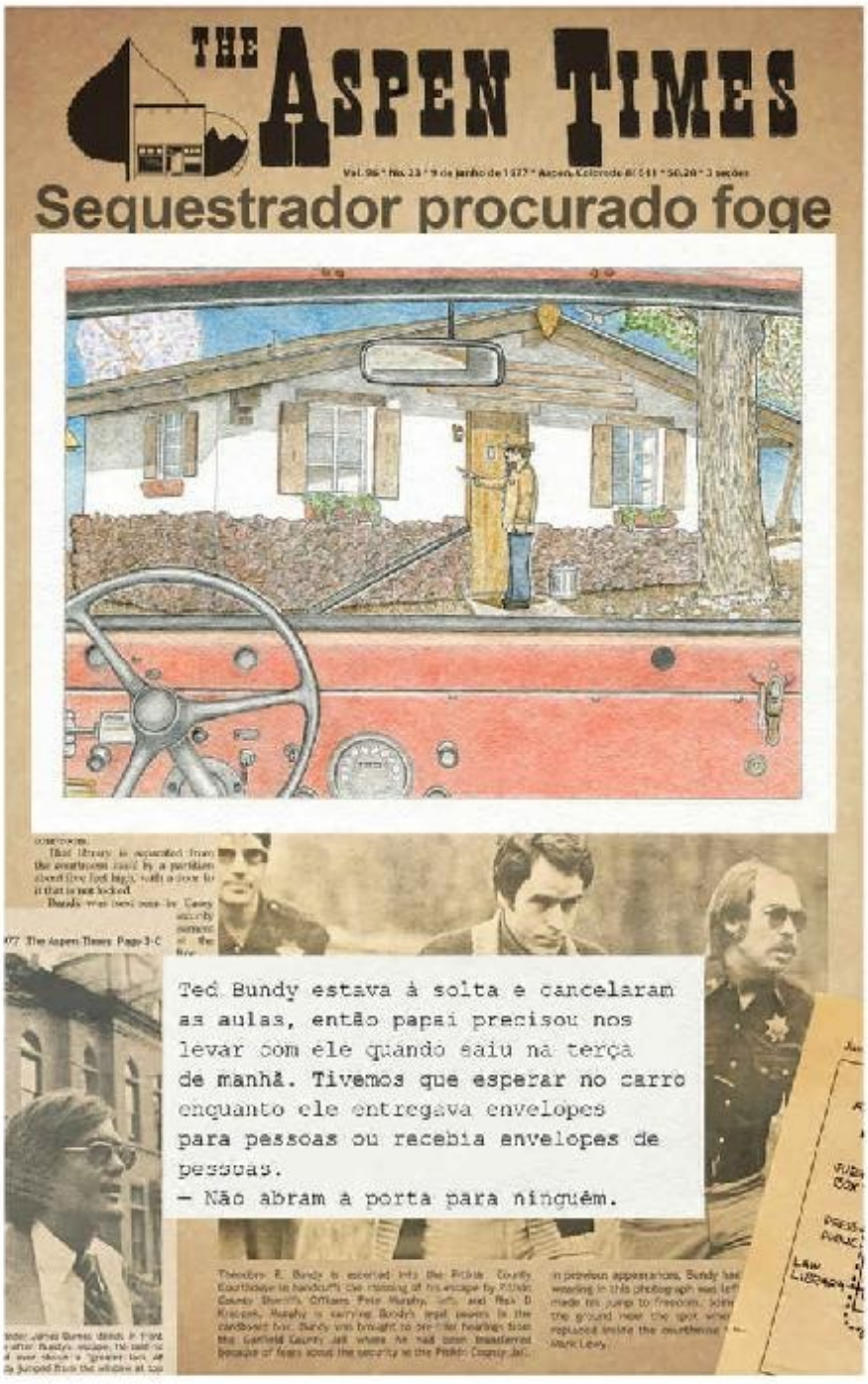
Nós nos mudamos para Aspen porque uma amiga do papai tinha casa lá, mas ela passava a maior parte do tempo em Dallas. Ela gostava tanto do papai que deixou nós três morarmos na casa de hóspedes. Papai tinha um telefone que só tocava aos domingos. E ele sempre estava com um bloco de anotações ao atender essas chamadas.



Papai trouxe para casa um filhote de cachorro que pegou de graça no lado de fora do mercado da cidade. Nós o batizamos de Salsinha porque, no mercado, salsinha era sempre de graça.

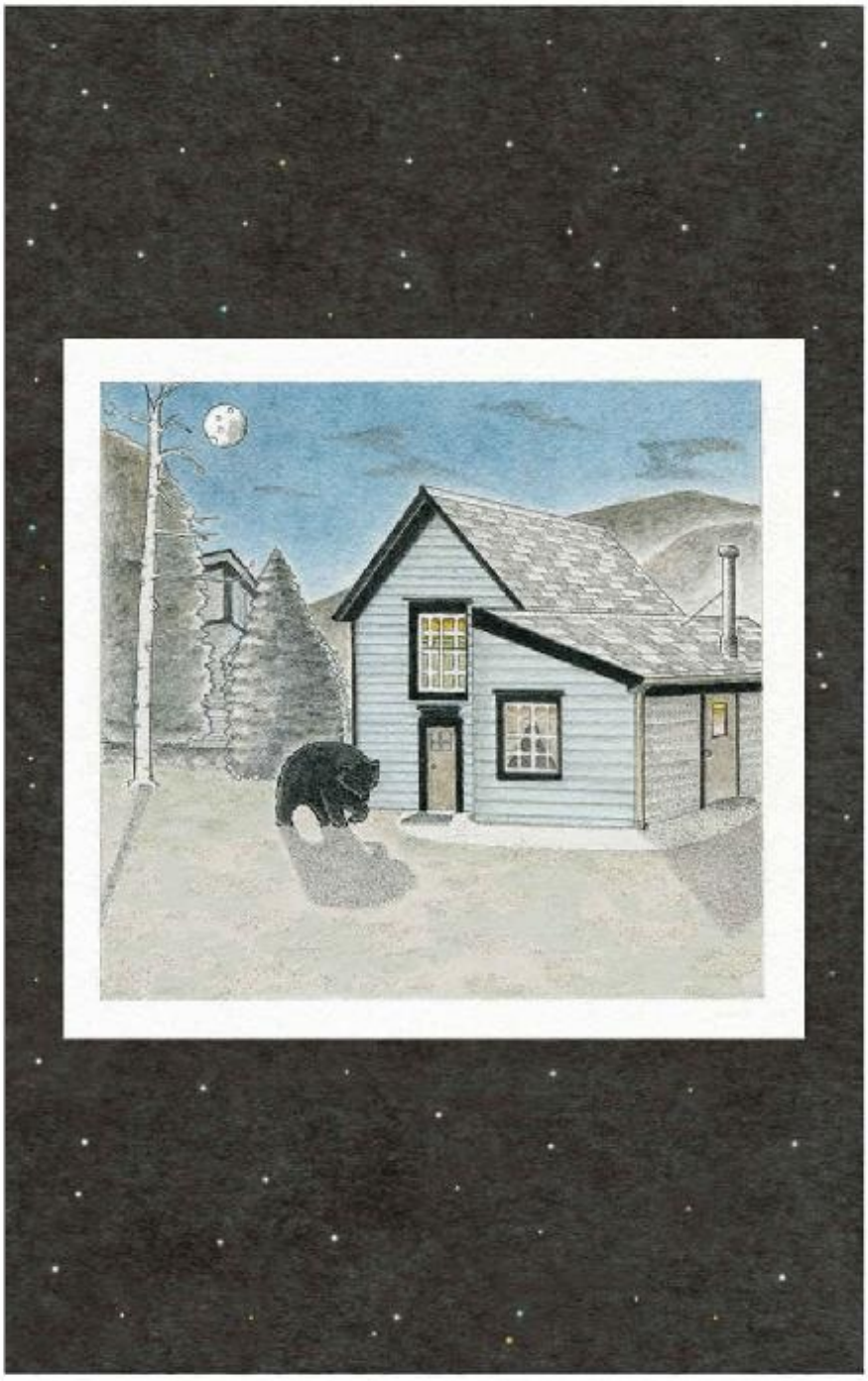

3. Viela nos fundos do The Aspen Times. Comprávamos vinte exemplares por dois dólares e vendíamos cada um por vinte centavos.
9 – Estou cansada.
Adega
Licores
5. Gastamos 9,35 dólares na Farmácia do Carl para comprar protetor labial com sabor de chocolate e amêndoa.
SOUTH MONARCH STREET
6. – Muito feio. Pare com isso!
EAST MOPKINS AVENUE
7. – Talvez a gente possa morar ali um dia.


1. Papel no Jerome Bar.
– Pode nos dar dois dólares?
2. – Bom garoto, Salsinha.
EAST MAIN STREET
3. Roteirista famoso em Hollywood (só compra com a gente).
King Kong
4. – Pode ficar com o troco. (John Denver nos deu cinco dólares!)
SOUTH MILL STREET
Quintas-feiras
depois da escola.
ASPEN, 1977

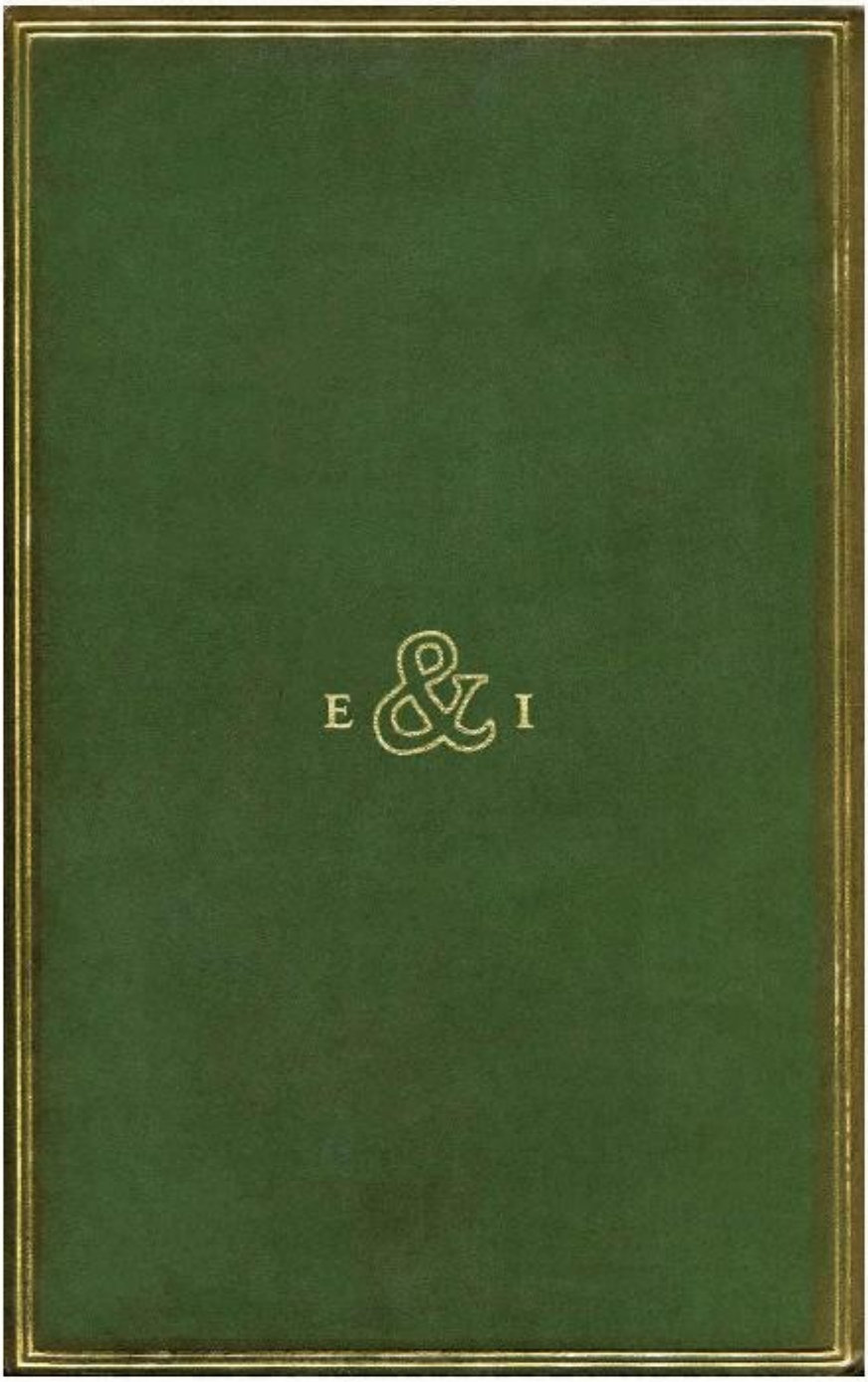

THE ASPEN TIMES
Sequestrador procurado foge
Ted Bundy estava à solta e cancelaram as aulas, então papai precisou nos levar com ele quando saiu na terça de manhã. Tivemos que esperar no carro enquanto ele entregava envelopes para pessoas ou recebia envelopes de pessoas.
– Não abram a porta para ninguém.



Ouvimos um barulho na cozinha, alto demais para ser papai chegando em casa tarde. Então nos levantamos da cama para investigar o que era. Mas, no mesmo instante, papai saiu de cueca do quarto, esfregando os olhos. Tinha um urso na cozinha roubando nossa comida! A polícia apareceu e o espantou dali com um rifle. Depois disso, passamos a ouvir o som da maçaneta da porta da frente se mexendo toda noite. Depois, a da porta lateral. E então a da porta dos fundos.






E & I

Ator louco

— Você nunca me contou que tinha uma irmã — disse Timby por trás do catálogo.

— Não tenho — respondi.

*

Pronto: minha mentira finalmente se tornou uma cidadã do mundo.

*

Antes de dormir naquela noite, eu analisaria as diversas entonações na minha cabeça, me preparando para o momento inevitável e terrível.

Eu não tenho irmã.

Eu *não* tenho irmã.

Eu não *tenho* irmã.

Eu não tenho *irmã*.

Às vezes, sem perceber, eu dizia isso em voz alta.

Timby, no banco de trás:

— O que você está dizendo aí sem parar?

Eu, no da frente:

— Nada.

Às vezes dava para saber pela minha expressão.

Joe:

— No que você está pensando?

Eu:

— Nada, por quê?

Joe:

— Você está cerrando os dentes.

*

— Mas Tess Tyler era sua mãe — disse Timby. — E seu cachorro se chamava Salsinha…

— *As Garotas Flood* é uma obra que representa dois lados de mim — expliquei. — Foi uma experimentação artística. Só isso.

Chegaram as batatas fritas: uma pilha crocante salpicada de ervas frescas.

— Uau! — exclamou Timby. — Vou comer tudo!

Será que conseguiria sair ilesa assim tão fácil?

— Espere até você experimentar o ketchup — comentei, com a voz trêmula. — É caseiro.

Mas Spencer…

Sua expressão estava confusa. As pálpebras, semicerradas. As sobrancelhas, franzidas. A boca se abria. As palavras logo sairiam.

— Mas eu conheci sua irmã...

*

Para ser clara: eu tenho uma irmã. O nome dela é Ivy. Criei *As Garotas Flood* como um presente para ela. Até Dan Clowes ver as ilustrações anos atrás, eu nunca havia pensado em transformá-las numa história em quadrinhos.

Daí surge Joyce Primm, editora assistente na Burton Hill, fazendo o que editores assistentes fazem: zoar jantares de prêmios obscuros à procura de talentos promissores. Com vinte e tantos anos, magra como um palito, exalando autoconfiança, Joyce me encurralou no banheiro feminino do Odeon.

— Violet Parry leva todo o crédito por *Looper Wash* — comentou ela. — Está na hora de darmos um jeito nisso.

— Valeu a tentativa — falei. — Mas Violet é uma amiga querida. Não cometeu nenhum crime.

— Eu quero mais Eleanor Flood — disse Joyce — *As Garotas Flood* é uma obra que está implorando para ser expandida.

— Fico lisonjeada, mas não sou quadrinista.

— Não é o que Daniel Clowes acha. E eu concordo com ele.

— Não tenho uma história para contar.

Ela me entregou seu cartão.

— Ligue para mim quando mudar de ideia.

*

Anos depois, algo terrível aconteceu.

E eu tinha uma história para contar.

*

Liguei para Joyce, então editora executiva na Burton Hill. Ela veio até Seattle.

Tomamos alguns drinques no W Hotel. Joyce usava um salto alto de sete centímetros, calça cor de pêssego, uma camisa de seda com estampa floral e um longo cordão de ouro. O rosto estava sem maquiagem e o cabelo comprido estava preso num coque *chignon* que parecia ter sido fácil de fazer.

Sempre que estou em uma situação social com uma pessoa, especialmente quando há algo em jogo, minha ansiedade dispara. Falo depressa. Mudo de assunto de forma inesperada. Faço comentários chocantes. Mas, antes de ir longe demais, retrocedo e exponho minha vulnerabilidade. Se percebo que vou ser criticada, me antecipo e me critico.

(Um psicólogo chamou isso de O Truque. No meio da nossa primeira sessão, ele interrompeu meu blá-blá-blá e disse que eu tinha tanto medo de ser rejeitada que transformava qualquer interação numa ofensiva de vida ou morte. E que o fato de eu ser tão falastrona me tornava, na opinião dele, intratável. Ele me devolveu o cheque e me desejou sorte.)

A melhor/pior coisa sobre O Truque? As pessoas caem nele o tempo todo!

Enquanto bebíamos, Joyce e eu logo nos tornamos amigas. Goles de Moscow Mule nos levaram ao jantar e depois a conversas do tipo:

— Você precisa ver o chapéu fofo que eu comprei.

No quarto dela, Joyce me deu seu perfume. Eu já conhecia o cheiro, mas só era possível comprá-lo em Paris. Eu disse que ela se vestia como a primavera, mas na verdade era uma pessoa do verão. Fiz uma lista de cores que ela devia começar a usar. Joyce confessou que estava quase tendo um caso com um autor casado. Contei que sou descendente direta de um ex-presidente americano. Calçamos os sapatos uma da outra. Não metaforicamente.

Já era uma da manhã quando eu lembrei.

— O livro!

— Talvez você ainda não saiba... — disse Joyce, entrando brilhantemente no modo editora. — Mas você é escritora. Pensa como escritora. E sim, eu quero as ilustrações de *As Garotas Flood*. Mas também quero suas palavras. A maior parte do livro é de palavras? Ou de imagens? Não sei. Cada livro tem que se inventar. Você vai ter total liberdade. Use as ilustrações. É só tirar o que está aí

— ela apontou para minha cabeça — e colocar no papel.

Não sei quem convenceu quem, mas saí de lá com um contrato para escrever um livro.

*

— Conheci sua irmã, sim — afirmou Spencer, completamente desconcertado. — Ela era magra e sempre passava para visitar.

— Deve ter sido outra pessoa — decretei, selando a afirmação com um sorriso.

Spencer estava parecendo aquele cara no *Alien* antes de começar a regurgitar a gosma branca. Conferiu o relógio.

— Oi — disse ele a um garçom que passava. — Poderia nos trazer a conta?

— Agora? — perguntou Timby, mal tendo dado conta da pilha de batata frita.

— A gente leva para viagem — falei.

Eu não *tenho* irmã.

Eu não tenho *irmã*.

— Batata frita não fica boa para viagem — retrucou Timby.

— Vocês podem continuar aqui — comentou Spencer. — Tenho que ir para o parque de esculturas encontrar meu curador.

Graças a Deus Spencer não sabia que nós morávamos a três quarteirões do parque de esculturas e que é lá que levo Ioiô para passear à noite.

— Nós vamos para lá também! — exclamou Timby. — Podemos te dar uma carona.

Notei o pânico no olhar de Spencer.

— Não, querido — falei para Timby. — Spencer é um homem ocupado. Ele não vai querer carona, porque antes nós temos que passar em casa para pegar o cachorro, você sabe.

— Posso te mostrar minha arte! — sugeriu Timby a Spencer. — E depois você me mostra a sua!

A voz do menino era um guinchado lamuriante.

Spencer = animal enjaulado.

Naquela manhã, ainda na cama, eu tinha um objetivo risível de tão modesto: olhar as pessoas nos olhos, me vestir, sorrir! Era para ter sido tão tranquilo quanto um passeio de domingo no parque. Então a Realidade, essa fanfarrona, surgiu na minha frente como um caminhão e começou a jogar melancias na minha direção. E ainda nem era uma da tarde!

Naquele dia, eu ia cumprir pelo menos a minha promessa a Timby. Seria o dia dele.

Lancei um olhar desesperado para Spencer.

— Está bem — disse ele. — Acho que podemos ir juntos.

— Eba! — gritou Timby.

— Eu te devo uma — cochichei para Spencer ao sairmos do restaurante.

— Estamos quites — consentiu ele, tenso.

Escancarei a porta com um floreio bem ao estilo *A Noviça Rebelde*, quando tudo o que eu queria era entrar em casa primeiro para conferir se tinham dado descarga em todas as privadas. Na remota possibilidade de Spencer ainda me admirar, eu não queria que isso mudasse ao ver os vasos sanitários cheios de xixi.

Adivinha quem não me recebeu na porta? Ioiô. Ele nem sequer ergueu a cabeça da beirada da cama. O máximo que fez foi me acompanhar com os olhos lacrimejantes.

— Já conferiu a vista? — perguntei, confusa por um instante, como se eu fosse Spencer vendo meu apartamento pela primeira vez.

Ele não teve opção e foi empurrado para as grandes janelas que iam do chão ao teto destacando o panorama típico de Seattle: o Mount Rainier coberto de neve, o Obelisco Espacial, os arcos do Centro de Ciências do Pacífico, os cargueiros em Elliott Bay.

— A gente estava tão nervoso com o clima infame de Seattle que Joe disse: "Vamos nos dar de presente alguma chance de evitar um suicídio e arranjar uma casa bastante iluminada."

Eu precisava parar de falar! Entrei no banheiro, dei descarga (bem a tempo!) e voltei tagarelando.

— É aqui que a mágica acontece! — disse, mostrando a despensa que transformei em estúdio. — Ou não, dependendo do dia.

Spencer enfiou a cabeça para observar. No espaço mal cabia minha prancheta; as paredes estavam cobertas por uma mistura louca de fotos, recortes de revistas, anotações para mim mesma, cacarecos aleatórios. No chão, os livros de fotografia que uso como referência formavam pilhas na altura da cintura e uma jarra de vidro guardava os cotocos dos lápis de cor que já havia usado.

— Graças a Deus você é artista — falei para Spencer. — A maioria das pessoas que entra aqui acha que sou louca.

Spencer não resistiu e foi conferir de perto meu projeto atual. Eu estava trabalhando para o Festival de Cinema de Telluride, brincando com a ideia de deixar os nós dos álamos parecidos com olhos. Ou algo assim. Na prancheta havia pedaços de filme, olhos de vidro que encontrei numa loja de objetos de arte e um livro raro de fotos de Herbert Bayer.

— Imagine ser você! — comentei. — Ver meu carro, meu apartamento e meu estúdio no mesmo dia. É como pular as preliminares e ir direto para os

finalmente!

— Se eu estiver deixando você nervosa, posso ir embora — disse Spencer.

— Não vá! — gritei, assustando até a mim mesma.

As louças do café da manhã de Joe e Timby ainda estavam na mesa, um diorama de torradas meio comidas pela metade e suco de laranja meio bebido.

— Isso aqui está parecendo o último dia de Pompeia!

— Você e sua irmã — disse Spencer baixinho. — O que aconteceu não é da minha conta. Não estou julgando. Você pode parar.

— Parar com *o quê*?!

— Por que vocês estão brigando? — perguntou Timby.

— Que tal você me mostrar sua arte? — retrucou Spencer.

Fugi para o escritório de Joe. Pela primeira vez desde o choque de *As Garotas Flood*, fiquei sozinha. Meu corpo percebeu e, involuntariamente, caiu na poltrona de couro de Joe.

Merda!

A letargia começou a me dominar. Minha respiração desacelerou. Apoiei a cabeça nos meus dedos de teia de aranha.

*

Ivy. Sempre que penso nela, a primeira imagem que me vem à cabeça é a do seu perfil, na casa dos vinte, sorridente, curiosa. Ela nasceu confiando nas pessoas e continuou assim. Acreditava nelas, via o lado bom das suas histórias, das suas intenções, entendia como queriam ser percebidas. Sua pele era tão delicada que uma veia azul ficava visível sob o queixo forte. A beleza física era a primeira coisa que todo mundo notava nela. Ivy falava baixinho, atraindo as pessoas para onde queriam estar: mais perto dela.

Será que tinha aprendido isso com nossa mãe, que perto do fim só conseguia sussurrar? Gigi, uma amiga da mamãe, buscava Ivy e eu na escola e nos levava para o hospital. A cada dia, a voz da mamãe ficava mais fraca.

Até que um dia encontramos papai nos esperando no portão da escola.

Eu tinha nove anos. Ivy, cinco.

As memórias que tenho da morte da mamãe (não da morte em si, mas dos dias que se seguiram) são um emaranhado entorpecido, no qual predominam o desnorteamento do meu pai e o luto espetacularizado das pessoas do meio teatral.

Mas, quarenta anos depois, as memórias que fazem meu coração se apertar

são de Ivy.

Uma semana depois da morte da mamãe, os amigos dela organizaram uma homenagem. A Broadway ficava vazia às segundas-feiras, então eles pegaram emprestado o Minskoff, onde Bette Midler apresentava um espetáculo solo.

Papai, Ivy e eu chegamos ao teatro e começamos a receber condolências de uma multidão confusa no corredor principal. No fundo do palco, nas sombras, estava a gigantesca mão de macaco mecânica na qual Bette Midler fazia sua entrada.

As luzes piscaram. Padre Kidney subiu os degraus em direção ao microfone. Mas nem um quarto dos assentos do teatro estava ocupado.

— Não devíamos esperar todo mundo chegar? — perguntei ao papai.

— O teatro é grande — respondeu ele.

Nós nos sentamos. Comecei a tremer. Era assim que sua "tribo", como minha mãe se referia aos amigos do teatro, queria que ela fosse lembrada? Um padre, num palco emprestado, diante do cenário de outra mulher, falando para um local vazio?

Minha mãe não era propriedade deles para ser humilhada. Ela pertencia a mim. Foi uma mulher elegante e metódica. Estudou em um internato na Suíça, fazia suflê de queijo em ramequins, posou nua para um fotógrafo alemão e enchia nossa casa de flores frescas.

Eu me virei para Ivy e disse:

— Vamos embora.

— Quero ver o espetáculo.

Eu a puxei. Nós nos sentamos em cadeiras de veludo no lobby e caímos no sono, acordando com o barulho de gaitas de fole.

Papai era incapaz de dormir na cama de casal, então passava as noites no sofá. Mas o sofá pertencia ao gato. Na manhã seguinte à homenagem, nós três comemos em silêncio a comida que as pessoas nos trouxeram.

(Coisas esquisitas em pratos desconhecidos: *shepherd pie* com carne moída em vez de cordeiro; lasanha temperada com canela; macarronada com queijo e ervilhas. Tudo servia apenas para aumentar nosso pânico de como seria o mundo sem a mamãe.)

O gato subiu no sofá, ocupou o local onde papai deitava a cabeça, em seguida nos encarou e fez xixi. Era pura maldade e parecia pessoal, como se Pumpkin dissesse: *Vocês achavam que estava difícil? Então vejam só.*

Acho que papai precisava descontar sua fúria e seu medo acumulados em alguém, e antes no gato do que em nós. Ainda assim, eu devia ter tirado Ivy dali logo.

Naquela tarde, Gigi e outro amigo de mamãe, Alan, vieram à nossa casa e

papai foi comigo e com Ivy ao parque.

Quando voltamos, Gigi e Alan não estavam mais lá. O sofá não estava mais lá. Pumpkin não estava mais lá. Tudo o que pertencia à mamãe sumira: os vestidos no armário, os suéteres e lenços de seda dobrados na cômoda, os chapéus na prateleira, as joias, a maquiagem. Até seu cheiro tinha ido embora.

Havia duas caixas no corredor. Em uma delas estava escrito ELEANOR; na outra, IVY.

A única coisa que papai guardou foi uma relíquia da família Tyler: um par de revólveres de cano curto antigos.

Naquela noite, enquanto papai roncava na cama, passei horas observando as caixas. Até que finalmente as peguei, fui até o incinerador e joguei tudo lá. (O barulho da fricção dos cetins e das contas contra o papelão ainda me assombra.)

Uma semana depois, papai nos levou de carro para o Colorado. Não mencionou que era uma viagem só de ida. Ele conhecia uma mulher de Dallas que tinha uma segunda casa em Aspen. Nós poderíamos morar na casa de hóspedes se papai cuidasse da manutenção e fizesse pequenos reparos. (Nos anos 1970, Aspen era um charmoso e antigo polo de mineração com a melhor neve do mundo, que atraía em especial os texanos. Havia mais chapéus de caubói e calças jeans da Wrangler que Mariah Carey e jatinhos Gulfstream 550.)

Em Nova York, o trabalho de papai era instalar aparelhos de som. Ele esperava fazer isso em Aspen, mas algo deve ter acontecido. Desde então aprendi que vários agenciadores de apostas começaram como jogadores compulsivos que precisavam trabalhar para pagar as dívidas.

A primeira vez que ele nos deixou sozinhas foi durante o nosso primeiro inverno lá.

— Você pode cuidar da sua irmã? — indagou ele.

Era uma pergunta estranha. Ele disse que podia abrir uma conta na loja do Carl para o que precisássemos. (Tudo em torno do papai ainda é um quebra-cabeça incompleto. Suspeito que ele tenha ido para Las Vegas apostar no campeonato de beisebol.)

Papai passou nove dias sumido. Ivy e eu ficamos sozinhas na casa de hóspedes. (“Venha, vamos para a prisão. Nós dois sozinhos vamos cantar como pássaros na gaiola.” Era o discurso de *Lear* que mamãe recitava para a gente antes de dormir.) Era janeiro. Quando o ônibus da escola nos deixava, íamos para a loja do Carl, depois entrávamos na casinha como se fôssemos ladras, o sol já se pondo atrás da Shadow Mountain. Nós acendíamos todas as luzes e a lareira, víamos TV e comíamos batatas Pringles e balas compradas na lojinha, ou algum pedaço de fruta que aparecia de vez em quando num barril atrás da caixa registradora.

Depois de alguns dias, Ivy foi ficando cada vez mais doente. Trinta e nove de febre, tosse encatarrada e uma dor de ouvido que a fazia gemer. Nem sequer tínhamos um pediatra. Se eu ligasse para a emergência, a polícia descobriria que estávamos sozinhas. Seríamos tiradas dali, provavelmente separadas. Forjei a assinatura do papai num bilhete para a escola e cuidei de Ivy com os remédios que encontrei na loja do Carl. Aspirina, Vick VapoRub, pastilhas, spray para garganta, Benadryl, xarope para tosse... Ainda fico arrepiada ao pensar no que mais poderia ter acontecido. Eu voltava para casa todo dia rezando para que ela ainda estivesse viva.

Ela sempre estava e queria saber o que acontecera no colégio. (Tinha seis anos e estava sendo criada por uma garota que cursava o quarto ano.)

Eu não tinha coragem de lhe contar a verdade. Eu era uma criança gorda, ruiva e sardenta. Nova na cidade, depois de me mudar de Nova York no meio do ano letivo, eu era presa tentadora para os valentões. Enquanto andava pela trilha para ir de uma aula a outra, me empurravam no lago. Eu não revidava quando enchiam minha mochila de neve fresca. Chamavam esses interlúdios invernais de banhos de neve.

Contudo, ao relatar o dia para Ivy em casa, eu sempre tinha a última palavra, ridicularizava a aparência de quem praticava bullying, zombava de seus nomes, menosprezava sua inteligência.

— Você é muito má! — dizia Ivy, rindo, meu único público.

Mas ela sabia que não era verdade.

Certa vez, anos depois, na Madison Avenue em Nova York, quando já estávamos com vinte e poucos anos, Ivy segurou minha mão de repente e andamos de mãos dadas. Nossa relação era assim: íntima.

Apesar de tudo o que aconteceu com a gente, quando sou pega de surpresa, o sentimento que tenho por Ivy é de carinho, como aquele do dia em que ela segurou minha mão.

Agora que Ivy se foi, eu me tornei O Truque. Sou uma criatura grotesca que sai por aí buscando observações e encontros para atuar para uma pessoa que abandonou o barco há muito tempo.

*

Em casa, sentada no escritório de Joe, uma massa tóxica e turva começou a se formar no meu estômago. Culpa, saudade, arrependimento: chame como quiser. Essa coisa sombria estava em mim, me corroendo por dentro.

A lembrança de Ivy foi como um soco repentino, portanto não tinha como não causar uma onda de náusea e fraqueza. O que eu estava sentindo? Não era *eu*. Era uma sensação isolada que surgia no meu estômago. Tinha contornos. Minha tarefa era reconhecer isso como uma entidade separada de mim.

Cheire a sopa. Esfrie a sopa.

Preferia ser eu mesma. Ivy estava longe, levando uma vida idiota de fachada, valores risíveis…

Chega, parei.

Não vou cair nessa. Só me interesso pela minha vida. Uma vida honrada e próspera. Eu era saudável. Timby era saudável. Joe era saudável. Eu era amada. Minha carreira artística foi relevante. Eu tinha um livro de memórias em quadrinhos para escrever. E daí se eu não me dava bem com minha irmã?

Eu me levantei, ainda um pouco trêmula, e fiz menção de sair, mas parei.

Na escrivaninha de Joe. Algo parecido com um telescópio. Cinza, do tamanho de meia baguete, apoiado no que pareciam pernas de um inseto agachado. Mirava algo do lado de fora. Que bizarro.

— Eu quero ver!

Era Timby, seguido por Spencer, o rosto coberto por pequenos adesivos de flores.

— Saia daqui.

Como o quadril, impedi Timby antes que ele pegasse o telescópio.

— Você é malvada.

— Fora, fora.

Conduzi os dois para a sala.

— Mãe, podemos usar seu computador para ver vídeos de bicho-pau?

— Eu preciso ir — disse Spencer.

— Um segundo.

Fechei a porta.

Fui à escrivaninha de Joe, juntei as palmas das mãos às costas na postura de oração reversa, e aproximei a cabeça do visor.

Entre o cimento desfocado dos prédios ao fundo, um iate surgiu com clareza. Com o casco pintado de preto lustroso, só a proa estava em foco.

Fui até a janela. Lá estava ele, numa doca qualquer da parte industrial do porto à qual nunca prestei muita atenção quando ia ao supermercado Costco.

Hum. Um barco.

Dei um passo para trás, derrubando uma tamareira encostada à parede. Na altura da cintura, com espinhos triangulares tão afiados quanto dentes de tubarão, centenas de folhas finas caíram como um pompom pré-histórico.

*

Joe a trouxera da Turquia, aonde foi fazer cirurgias de contratura. Lá ele conheceu um homem que contava ter atravessado o deserto do Iraque com o pai, que tinha catarata. Eles ouviram dizer que médicos americanos devolviam a visão aos cegos. Como pagamento, serraram um galho cheio de frutas da tamareira da família. Joe explicou que essa não era sua especialidade. Eles insistiram que Joe experimentasse uma tâmara mesmo assim. A doçura da fruta o faria mudar de ideia.

Joe embarcou com o caule em quatro aviões para nunca esquecer aqueles homens.

— *Eu* quero esquecê-los — gritei quando ele me contou essa história terrível. — Tire essa coisa daqui.

Ele levou a árvore para o trabalho, mas Ruthie também a expulsou de lá. Veio parar aqui, neste canto.

*

Voltei para a sala e me sentei no lugar de Joe à mesa. Afastei os pratos.

— É onde eles fazem as roupas da H&M.

A voz de Timby passava pela fresta da porta encostada de seu quarto.

— Entendo por que isso faz você se sentir mal.

A voz de Spencer.

Tap-tap-tap. Ioiô parou ali, ignorado e esperançoso.

— Tudo o que eu digo — continuou Timby com sua vozinha. — Piper responde como se soubesse melhor. Eu estava dizendo que odeio as princesas da Disney…

— Você ama as princesas da Disney! — gritei.

— Nunca gostei delas! — berrou ele de volta.

— Você se vestiu de Gaston no Halloween, e Gaston gosta da Bela, então você…

Paf! Timby bateu a porta com força.

Encostei a testa na mesa. Era muito mais dura e fria do que eu imaginava. Estiquei os braços e os ergui, ficando na mesma posição em que Joe estava de manhã. Nada confortável. Com certeza ninguém ficaria naturalmente nessa posição. Mas o que isso significava?

Estou deprimido. Estou sozinho. Estou magoado. Preciso de ajuda.

Eu me endireitei. Ioiô levantou a cabeça. Ousou abanar o rabo.

— Vá embora.

— Não estou dizendo? — disse Timby no quarto. — Não estou dizendo?

Spencer respondeu algo.

— Não estou dizendo? — repetiu Timby. — Não estou dizendo?

Spencer falou mais alto. E de novo e de novo, até que a ladainha se tornou um *staccato* em cima do outro, e quase achei que ia começar a ouvir uma música *disco*, mas foram só risadas. Deus abençoe o gay e o jovem. Ou o gay e o gay.

— Vamos fazer uma coisa — sugeri, olhando para Ioiô. — Quem quer passear?

Ao ouvir a palavra mágica, Ioiô começou a latir.

— Isso mesmo! — falei com a voz aguda que uso com Ioiô. — Vamos, Totó! Vamos, biscoitinho. Vamos, Ioiô-san. Vamos, Io-nhô-nhô!

— O nome dele é Ioiô — disse Timby com frieza.

— Me deixa — retruquei. — Quando estou ansiosa, invento apelidos para o cachorro.

— E por que você está ansiosa? — perguntou Timby.

— Coisas — respondi.

Spencer se conteve, e saímos para encarar a segunda metade do dia.

— Ok, vamos acabar logo com esse negócio.

Eu disse ou não disse isso em voz alta enquanto descíamos a ladeira íngreme, o vento do outono açoitando o corredor entre os prédios. O Parque Olímpico de Esculturas — uma antiga área industrial poluída transformada num espaço público de design impecável à beira do porto — estava movimentado.

Várias crianças brincavam de esconde-esconde em um vale com esculturas enferrujadas de Richard Serra. Namorados se deitavam em mantas para aproveitar a sombra de uma obra enorme de Alexander Calder: uma explosão de vermelho em meio à paisagem bucólica de verdes e azuis. Alguns ciclistas descansavam ao lado do gigantesco apagador de máquina de escrever de Claes Oldenburg. Adolescentes com síndrome de Down seguravam a corda que organizava a fila e gritavam de alegria ao contornar os olhos com o mármore preto de Louise Bourgeois. Turistas tiravam fotos de si mesmos como se o Obelisco Especial, ao longe, estivesse apoiado em suas mãos. Havia esculturas por toda parte, extravagantes ou desconcertantes, desafiadoras ou simplesmente lindas.

Perto de cada uma, placas discretas exibiam os nomes dos doadores, pessoas famosas em Seattle e além: Gates, Allen, Wright, Shirley, Benaroya.

Aproveitando a deliciosa mistura resultante de um amor compartilhado pela arte, eu não podia deixar de pensar: gente rica, como não amar?

— Já te alcanço — disse Spencer.

Ele correu até o pavilhão de vidro que delimitava a entrada do parque. Eu não o culparia se ele continuasse correndo até o Canadá.

Timby e eu percorremos o calçadão que ziguezagueava em direção à água.

— Fiquei triste com o que você falou sobre Piper — comentei. — Você precisa me contar essas coisas. Quer dizer, se quiser… Mas, poxa, nós somos amigos.

Timby encostou a cabeça na minha perna e envolvi seus ombros com o braço.

— Mãe? Qual é a sua estação favorita?

— Vou responder o óbvio. Primavera.

— A minha é o inverno — declarou ele, orgulhoso.

— O inverno?

— Por causa da neve.

— E quando foi que você viu neve?

— Lembra aquela vez que fomos para um hotel de luxo e o paciente do papai

que era o dono colocou a gente num quarto enorme e quando acordamos estava muito silêncio e você me pediu para abrir a cortina e estava nevando e saí correndo, rolei na neve de pijama, lambi os flocos e papai e eu fizemos um boneco de neve cheio de folhas e eu achei que tinha sido picado por uma abelha, mas era só gelo na minha pantufa?

— Por que não fazemos isso mais vezes? — perguntei.

— Porque você não gosta de frio.

Ui. Em vez de acionar minha metralhadora habitual, fiquei quieta para sofrer com as diversas decepções que provoquei em Timby.

Andamos em silêncio por um tempo.

— Mamãe? Piper Veal me chamou de um nome feio.

— Do que ela te chamou?

— Vou ter que dizer um nome feio.

— Me diga a primeira letra.

— V — respondeu Timby com a voz trêmula.

— V! Uma menina do terceiro ano te chamou de Ve…

— É, vaca.

— Vaca?

— Por que você está rindo?

— Desculpe. Não é engraçado. É chocante e grosseiro.

— Quer dizer que sou gordo.

— Ah, querido, não fale assim. Eu não mudaria nadinha em você. Além do mais, logo, logo você vai espichar que nem um broto de feijão.

— Espero que seja logo.

— Quando eu tinha a sua idade, meu pai me levou para fazer compras e precisei ir na seção dos fofinhos.

— Quem chamou assim?

— Não sei — respondi. — Uma loja horrorosa em Glenwood Springs. Tinha uma seção com essa placa. “Fofinhos.”

— Coitadinha da mamãe!

Oito. Oito era a melhor idade.

— Mas sabe o que acontece em momentos difíceis? — perguntei. — Em geral, a gente sobrevive.

Ioiô enfiou a cabeça num arbusto e saiu com metade de um burrito. Se esse cachorro tinha um talento, era enfiar a cara no mato e sair de lá com uma loja de conveniência. Ele mastigou o burrito, com papel-alumínio e tudo.

— Mãe! — gritou Timby.

Enfiei a mão na boca de Ioiô, peguei o embrulho babado e joguei no lixo. Ioiô, à beira de um ataque de nervos, fixou o olhar em mim.

— Já era!

Mostrei as mãos vazias e estalei os dedos como se fosse um crupiê de Las Vegas, mas ele não entendeu.

— Vamos, seu cachorro burro.

Puxei a coleira. Ele a puxou de volta. Eu o empurrei com o pé.

— Não chute ele! — gritou Timby.

— Não estou chutando.

As pessoas não tinham parado para olhar, mas certamente estavam diminuindo o passo para julgar.

Chegamos ao pé da colina, olhamos para os lados a fim de conferir se vinham ciclistas e atravessamos a ciclovia em direção ao gramado à beira d'água.

Havia um quadrado de grama cercado por uma fita com avisos de CUIDADO. Dentro ficavam dois painéis de vidro sobre mastros, à altura dos olhos.

— Tem alguma coisa acontecendo ali? — perguntou Timby.

Como se eu soubesse...

Um cara com calça de brim e camiseta estava agachado sobre alguma coisa, de costas para nós. Ao lado, havia uma caixa preta de plástico cheia de ferramentas.

De repente, um jato de água passou por cima de nossas cabeças e acertou o vidro. O cara pulou para desviar.

Vimos Spencer atrás de nós, apontando a mangueira.

— Vocês me acharam! — exclamou ele.

O vidro da esquerda brilhava com a água. Mas o da direita…

— Está coberto de um líquido repelente de alta tecnologia — explicou Spencer. — A água bate e volta.

Passei por baixo da fita e encostei no vidro. Estava magicamente seco.

— Quando o Museu de Arte de Seattle me encomendou uma peça para ficar ao ar livre, pensei: *Oba, vou brincar com a chuva* — contou Spencer. — Aí lembrei que você se mudou para cá, então tcharã.

— Eu?

Spencer me puxou pela mão. O cara segurava um nivelador entre os dentes enquanto fixava uma placa na base de concreto.

"CARREIRISTA/ARTISTA"
SPENCER MARTELL
Americano, n. 1977

Se era surpresa e encanto que Spencer esperava, eu certamente correspondi. Num quadro, os cedros tremulavam em meio às gotas de água. No outro, a mesma vista incrível e pura.

— *Carreirista* é a tela coberta de lágrimas — falei, entendendo tudo. — Distorcida pela emoção. *Artista* é a imagem idêntica, livre de autopiedade.

As mãos de Spencer voaram para o rosto numa expressão exagerada de falso horror.

— Falando assim parece que sou uma bichinha sentimental.

Timby se assustou com o nome feio.

— Isso é que um artista faz! — Eu já não sabia mais com quem estava falando. — Olhe em volta. Tem uma infinidade de opções, pode escolher. A vastidão do céu, o azul da água. Barcas, veleiros, montanhas e pessoas, para onde quer que você olhe. Timby, venha cá.

Pelo visto, eu estava falando com ele. Por instinto, o menino deu um passo para trás.

— Você já viu tanta abundância? — Peguei meu filho no colo para que ele ficasse da altura dos quadros. — Isso é arte: se atrever a emoldurar algo, colocar sua assinatura e deixar que fale por si só.

— Ouça sua mãe — disse Spencer.

— Tive que estudar história da fotografia na Cooper Union. Quem era mesmo o cara que fotografava aquelas irmãs? Nos anos 1970? Todo ano ele tirava fotos delas que pareciam cartões de Natal.

— Nicholas Nixon — respondeu Spencer. — As irmãs Brown.

— Isso! Obrigada. No geral eu tinha um problema sério com fotografia. Quando chegamos em Nicholas Nixon, comentei com o professor: “Isso é tão aleatório. *Eu* poderia ter tirado essas fotos.” E ele disse: “Mas não tirou. Nicholas Nixon tirou. E assinou. É isso que as torna uma obra de arte.”

— E ele fez isso várias vezes — acrescentou Spencer.

— Ele persistiu! — exclamei. — E isso se tornou sua marca registrada. — Eu me virei para Timby. — Não quero estragar o final para você, querido, mas a vida é um grande vento contrário. Para causar um impacto qualquer, você precisa de uma força de vontade que beire a loucura. O mundo vai ser hostil, vai suspeitar das suas intenções, vai te interpretar mal, vai te deixar com dúvidas, vai te induzir à autossabotagem. Meu Deus, do jeito que estou falando parece que tudo é glamoroso e gira em torno de você! Quer saber o que o mundo é, acima de qualquer coisa? Indiferente.

— Assino embaixo — disse Spencer.

— Mas você teve uma visão. Pôs uma moldura em torno dela. E ainda assinou seu nome *apesar de tudo*. Esse é o risco. A grande sacada. Sabe o que é louco?

Achar que alguém vai se importar.

— Mãe, você está sendo repetitiva.

— E você está com vergonha de mim, não é?

— Pare com isso.

Para jogar lenha na fogueira, empinei o bumbum, me preparei para rebolar e…

Meus olhos se fixaram em algo do outro lado do vidro manchado de lágrimas.

Perfeitamente emoldurado: o iate.

O cais ficava a dez minutos a pé pela ciclovia.

— Spencer, você pode ficar de olho em Timby?

— Não dá, preciso ir ao pavilhão encontrar meu curador.

— Perfeito — falei. — Timby sabe o número do meu celular.

— Mãe!

Entreguei minha bolsa para ele.

— Chiclete, maquiagem. Tudo seu.

— Uau! — Ele pôs a bolsa no ombro, todo feliz. — Pode ir.

O iate, o terceiro maior do mundo, pertencia ao oligarca russo Viktor Pasternak, que fez fortuna no ramo do gás natural. No mês passado, ele foi mergulhar com snorkel no Havaí, onde uma prostituta ficou com ciúmes de outra e jogou um ouriço-do-mar preto na cabeça de Viktor. Ele protegeu o rosto a tempo, mas os espinhos venenosos grudaram na sua mão. Quando começou a inchar, ele veio até Seattle porque ouvira falar sobre O Cara.

— Machucou a mão se defendendo de um ouriço-do-mar! — exclamou Joe com entusiasmo, quando recebeu o telefonema.

Viktor seguia a "regra dos oito minutos", como ele chamava. Acreditava que era rico demais para ter que fazer algo que não quisesse por mais de oito minutos. Isso incluía ficar em hospitais, dos quais ele sentia um medo mortal desde que teve uma reação exagerada ao ver a matéria do Anderson Cooper na CNN sobre infecções de estafilococos super-resistentes. (Viktor insistia em dizer Cooper Anderson, mas Joe não o corrigia.) Então Viktor transformou a discoteca do iate em centro cirúrgico. Ele convidou Joe a bordo, lhe mostrou as instalações de primeira linha e anunciou que seria ali que Joe removeria os espinhos do ouriço-do-mar jogados pela prostituta. Joe, que não era louco, se recusou.

Viktor insistiu. Seu equipamento fora instalado sob a supervisão de Luis Rogoway, um médico espanhol famoso por operar joelhos de astros de futebol. Rogoway, um grande amigo, mandaria de avião suas lindas enfermeiras espanholas, nenhuma com menos de um metro e oitenta, para ajudar Joe.

Joe refletiu. Audacioso, sim, mas antiético? Nenhuma lei dizia que era preciso operar num hospital. Ele já fizera centenas de procedimentos em casas com chão de terra no Haiti, Índia, Etiópia. Eram os planos de saúde que queriam que tudo fosse feito no hospital. Mas aquele cara oferecia uma quantia exorbitante em dinheiro. Joe estava fora de si e mal acreditou quando se pegou aceitando a proposta.

Viktor tinha outra exigência: Joe precisaria deixar sua agenda livre ao longo de toda a semana de recuperação. Por isso, ele disse à equipe do consultório que estaria fora da cidade.

Mas por que não me contou? Ele sabia que eu jorraria opiniões, todas negativas, e quem precisa disso na noite anterior a uma cirurgia que será realizada numa discoteca? Joe decidiu operar, doar o dinheiro para caridade e rir comigo disso depois.

No dia marcado, ele abriu a mão de Viktor, tirou os espinhos do ouriço e

corrigiu o dano no tendão sem qualquer dificuldade.

Antes de fechar os pontos, Joe quis retirar qualquer bactéria remanescente. Para isso, mandou a enfermeira espanhola acender a luz infravermelha. Como o inglês da moça não era nada *bueno,* ela apertou o botão errado. Um quilo de glitter caiu na mesa de operação, na mão aberta de Viktor. Depois de quinze minutos de recriminações e discussões em pânico sobre a sujeira do glitter chinês, além de uma torrente de palavrões vindos direto da Torre de Babel (muitos deles proferidos pelo próprio paciente), Joe foi expulso do barco por seguranças portando metralhadoras Uzi.

Durante vários dias ele tentou entrar em contato com Viktor, mas não deixaram. Joe passou a semana nos jogos dos Mariners. (Outubro estava chegando, então o estádio sediava as eliminatórias.) Ele comprou um telescópio de longo alcance para monitorar quem entrava e saía do iate, que continuava com sua presença ameaçadora no porto. Um sedã preto do conselho de medicina do estado chegara ao píer naquela manhã. Pensar nisso era tão revoltante que resultou na cena matinal de Joe com a cabeça apoiada na mesa.

*

Eu estava louca?

Joe não operou um oligarca russo na discoteca daquele iate!

Ele não teve a ajuda de dez beldades espanholas vestidas de enfermeiras (de onde tirei isso? De um vídeo de Robert Palmer?), e uma delas não acionou sem querer uma bomba de glitter no meio da cirurgia!

O conselho de medicina não tem um sedã preto!

Os Mariners não têm chance alguma de chegar às eliminatórias!

Eu estava com um parafuso a menos.

*

O iate — entendi quando cheguei à doca — não era um iate, mas um pesqueiro de lulas. Como eu sabia? Tinha uma van do império gastronômico de Renee Erickson estacionada no píer. Um chef tatuado (existe algum que não seja?) pechinchava com um pescador por uma criatura marinha do tamanho de um vaso sanitário.

Uma nuvem fluorescente de ciclistas passou por mim e quase me jogou no

chão. Eu estava parada no meio da ciclovia, desavisada e desapontada, desancorada do espaço e da vida. Ioiô suspirou.

— Pois é — falei.

Será que Joe estava de olho em algo *atrás* do barco? Não, ao fim do canal havia apenas alguns estabelecimentos comerciais: uma loja de material náutico, um posto de combustível flutuante e, depois, um supermercado Costco.

Eu me sentei no guarda-corpo. Ioiô apoiou as patas da frente no meu colo e ficou esperando um carinho na cabeça.

O que eu sabia: Joe disse às moças do consultório que passaria uma semana fora da cidade. De acordo com o telefonema que Spencer deu hoje, a semana estava prestes a acabar.

Mas de manhã Joe apoiou a cabeça na mesa do café. Ele devia estar indo a algum lugar todo dia sem dizer a ninguém. E, em determinado momento, mirou o telescópio exatamente para este ponto…

Aquilo era ridículo. Liguei para o celular de Joe.

Ele atendeu depois de um toque.

— Oi, querida.

— Joe. — Minha voz calma desmentiu meu coração acelerado. — Onde você está?

— No consultório. Por quê?

Ui. Percebi que eu queria fazer uma cena e não estava com medo. Eu me sentia pronta para dar uma animada nessa festa e começar a jogar alguns pratos na parede. A última coisa que eu imaginaria era que ele mentiria para mim com tanta calma, clareza e convicção. (Quantas palavras com cê!) Gostaria de dizer que algo assim nunca aconteceu comigo, mas eu sabia muito bem que já havia acontecido, sim, oito anos atrás, e pelas mãos da minha irmã Ivy. É a última lembrança que tenho dela: a traição tranquila. E agora Joe? Se havia uma coisa com a qual eu podia contar na vida era que Joe não era mentiroso. Mas lá estava ele mentindo.

Ioiô começou a cutucar meu colo com a pata.

Eu havia parado de fazer carinho na cabeça dele.

— Só estava checando.

Eu me nivelei à postura indiferente de Joe e suspirei de tédio.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— “Eu mesmo sou infernal. Não há ninguém aqui, somente os gambás” — recitei. — Você sabe como é.

— Ô se sei — comentou ele.

— Tive que buscar Timby no colégio. É uma longa história envolvendo roupas baratas, escravos de Bangladesh e uma antagonista com o sobrenome

Veal.

Isso era melhor do que fazer uma cena! Era algo exótico e inexplorado. Era criar um novo caminho: nós dois mentirosos. Eu me senti mais próxima de Joe de um jeito empolgante e perverso. Mentira! Sexo da meia-idade?

— Hoje à noite te conto tudo — falei.

— Vou ficar preso no trabalho hoje à noite — disse ele. — Devo chegar tarde.

*

Faz anos que catalogo as características de Joe que me irritam, coisas que eu ficaria feliz em me ver livre se algum dia ele decidir me deixar. Eu chamo isso de Lista da Gratidão.

1. Quando eu saio do chuveiro e peço para Joe me entregar uma toalha, ele sempre me dá uma do cesto de roupa suja.

2. Ele nunca se oferece para passear com Ioiô. Ele pode até fazer isso, mas só se antes eu tiver feito a cena da esposa mal-humorada.

3. Quando vamos a um restaurante, ele enfia na meia os pãezinhos que sobram do couvert e traz para casa com o intuito de “não desperdiçar”.

4. Os tais pãezinhos ficam na mesa de cabeceira até Joe se lembrar da existência deles na semana seguinte, quando me entrega as pedras de trigo e me pede para “reaproveitá-las de algum jeito”. (Isso justifica o excesso de pudim de pão. Não surpreende que Timby esteja fofinho.)

5. Toda vez que vamos ao cinema e o filme demora vinte minutos para começar por causa dos trailers, Joe pira, começa a me mostrar o relógio e a dizer a hora da sessão para mim e para quem quiser ouvir.

6. Quando liga o ventilador de teto para refrescar, ele insiste que fique na ventilação e não na exaustão, o que é simplesmente errado.

7. Ele coloca molho de pimenta tailandês em tudo o que eu faço. Até nos waffles.

*

A Lista da Gratidão existia para me resguardar. Comecei a fazê-la depois que dissemos “eu te amo” pela primeira vez, no Dojo, em St. Mark’s Place. O disco *Legend*, de Bob Marley, tocava ao fundo. (Era Nova York nos anos 1990. Quando é que *Legend* não estava tocando ao fundo?)

Joe precisava estar no hospital às cinco e meia da manhã. Ele tomava banho e se vestia sem fazer barulho, mas depois se sentava na beirada da cama — em cima dos meus pés! — para calçar os sapatos. Para você não achar que sou uma chata que leva tudo muito a sério (o que não é mentira, mas há provas melhores disso), o próprio Joe admite que é "essencialmente egoísta". É a única pérola de sabedoria que ele recebeu da única vez que foi a um terapeuta. (Eu, por outro lado, já frequentei nove psicólogos em vinte anos e ainda estou tipo: "Hã… O quê?") Esse egoísmo, de acordo com o terapeuta milagroso de Joe, era uma consequência de ter seis irmãos. Toda vez que tiravam uma caixa de cereal da sacola do mercado, as crianças a atacavam feito loucas. Joe dividia o quarto com três irmãos. Domínio do controle remoto, um lugar com privacidade para folhear a *Playboy*, tudo era uma briga mortal. A culpa, claro, é da Igreja Católica, que encoraja famílias pobres a se reproduzirem como roedores e ascenderem na hierarquia da igreja e blá-blá-blá.

Outro item para a Lista da Gratidão: não precisar mais ouvir as reclamações de Joe sobre religião.

Na verdade, naquele jantar no Dojo, não foi o Rasta Bob cantando "I wanna love you, every day and every night" que inspirou Joe a dizer as três palavras que selaram nosso destino. Foi uma discussão sobre o Novo Testamento.

Joe:

— É burlesco, engrandece um egomaníaco com alterações de humor, foi escrito por homens que acreditavam que o céu estava trinta metros acima da cabeça deles. Literalmente. Então, quando Cristo ascende, Ele não foi mais longe que um prédio de sete andares.

Eu:

— E daí?

Ele:

— As horas que perdi ouvindo aquelas baboseiras contraditórias! As coisas que eu poderia ter feito com esse tempo! Poderia ter aprendido outro idioma. Ou a fazer artesanato em couro.

Eu:

— Também tive criação católica, sabia? Quando eu tinha sete anos, nos ensinaram sobre os pães e os peixes. Ergui a mão e disse: "Isso não pode ter acontecido de verdade." A irmã Bridget, nada feliz, respondeu: "A fé exige que tenhamos a mente de uma criança." Eu disse: "Mas eu sou criança." Ela retrucou: "Uma criança mais *nova*." Pensei: *Quanta baboseira*. E nunca mais me dei o trabalho.

Ele:

— E você virou ateia? Não foi um processo complicado?

Eu:

— Eu fingi que continuava acreditando.

Ele:

— Eu te amo.

Eu (sabendo que era um rompante e que não valia, mas, ainda assim, é preciso aproveitar as oportunidades):

— Também te amo, Joe.

Eu tinha me apaixonado oficialmente na semana anterior, nas montanhas Adirondack, e só estava esperando que ele se declarasse primeiro. Violet Parry, a criadora da *Looper Wash*, alugara uma casa no lago e convidara os animadores e seus respectivos para um fim de semana de socialização. (Eu havia acabado de conhecer Joe, então novos amigos do trabalho + novo cara = medo em dobro.)

Era o 4 de Julho. Ouvimos dizer que se fôssemos até o cume poderíamos ver do outro lado os fogos de artifício da cidade. Só depois que já tinha anoitecido e estávamos nos aprontando para ir, descobrimos que nenhuma das doze lanternas da casa funcionava. Nós reclamamos e nos conformamos em passar a noite bebendo na varanda. Joe não saiu da casa. Eu o encontrei sozinho no balcão da cozinha, com as lanternas desmontadas, e as peças, separadas, como fazia com instrumentos cirúrgicos. Trocou as lâmpadas, esfregou o óleo ressecado das pilhas e no momento estava dobrando papel-alumínio em quadradinhos. Tão pacificamente absorto, tão competente, tão querido. (Foi nesse instante.) Não estou brincando: em meia hora Joe consertou dez lanternas. Enquanto fazíamos a trilha pela mata, Violet apontou para Joe e cochichou para mim: *Não deixe esse aí escapar.*

*

Será que o perdi? Será que ele tem outra pessoa?

*

Ioiô estava com os olhos fechados e o rosto inclinado na direção do sol. Pensando bem, ele era mesmo inútil. Obrigada, Joe. Você me trocou por outra mulher e me fez odiar meu cachorro. Se Jerry Garcia estivesse vivo, ele poderia cantar uma música sobre isso.

O pescador ajudou o chef tatuado a colocar a lula em um isopor com gelo.

Notei que me observavam. Será que estavam falando de mim? Eu os cumprimentei acenando com a cabeça. Eles continuaram cuidando dos seus afazeres.

Voltei à Lista da Gratidão. Ah, mais uma! Joe fica muito tempo lendo na cama depois que eu já fui dormir. E nada o faz apagar a luz, por mais que eu me remexa de forma passivo-agressiva, olhe para o relógio ou coloque de forma dramática um travesseiro no rosto. Quando ele finalmente apaga, às vezes larga o livro em cima de mim. E não são livros finos de poesia, são biografias de Winston Churchill, e Winston Churchill teve uma vida movimentada.

A porta da van se fechou. O pescador já tinha ido embora. O chef contornou o carro. Nós nos entreolhamos. Fixei o olhar nele, que retribuiu. Longe de mim querer alguma coisa com aquele cara, mas estava tudo tão esquisito…

Então ele se aproximou de mim com sorrisinho intrigado.

Não prendo o cabelo por um dia e é claro que algo assim acontece. Um chef gostoso, sabendo que tem uma lula na parte de trás da van, atravessa o estacionamento com uma postura audaciosa para puxar papo com uma mulher de meia-idade.

A novidade não poderia ter surgido em um momento mais propício.

— Eu preciso perguntar... — disse ele.

— E eu preciso responder.

— Qual é a raça desse cachorro?

Eu era tão atraente quanto uma cerca. É o que acontece quando você perde o desejo sexual. Posso usar vestidos belgas, deixar o cabelo solto e flertar na maior cara de pau, mas quando se tratava de fechar o negócio era preciso ter capital erótico, e eu não tinha.

Naquela manhã, quando Joe comentou sobre Ioiô: “Eu sei o que ele ganha com a gente. Só não sei o que a gente ganha com *ele*.” Joe não estava falando só do cachorro.

Estendi a coleira para o chef.

— Vira-lata — respondi. — Quer para você?

— Uau! — exclamou. — Não, mas obrigado. É uma graça de cachorro.

E meu cavalheiro desapareceu no ar.

*

Não é como se eu não tivesse meus defeitos. Apesar de Joe ser uma pessoa boa e não catalogar as falhas que encontra em mim, a lista poderia incluir:

1. Certa vez, comi um bagel no banheiro.
2. Uso muito fio dental.
3. Passo fio dental na cama.
4. Entro com o cachorro no chuveiro para dar banho nele.
5. No cinema, começo a comer pipoca encostando a ponta da língua e pegando as que grudarem. Mas Joe sempre diz que não quer pipoca porque tem muito sal, então é só minha e posso comer do jeito que eu quiser.
6. Jogo bolinhas de caramelo com chocolate na pipoca.
7. Na verdade, eu mordo as bolinhas de caramelo com chocolate para deixá-las ainda menores e cuspo de volta no saco para conseguir uma proporção mais equilibrada de pipoca e chocolate. Sim, fica tudo babado, mas a baba é minha. De qualquer forma, entendo que para quem sentir vontade de pegar a pipoca que disse que não ia querer, isso pode ser um problema.

Joe não diria isso por ser um cavalheiro, mas eu posso dizer: minha aparência piora a cada dia. Estou cheia de pelancas. Minhas costas estão ressecadas. Meus pentelhos já ocupam uma área do tamanho de um prato. Minha força abdominal é quase inexistente. Menopausa significa que seu metabolismo patina até parar e você perde trinta por cento de massa muscular. Em outras palavras, preciso de mais autodisciplina para controlar meu peso... Coisa que nunca tive, para início de conversa, e que agora preciso de mais. Estou por um fio. Sim, de manhã Joe colocou a cara na mesa, mas pelo menos estava no mesmo cômodo que eu.

*

Ioiô, entediado com o sol quente, bocejou e bufou.

Vamos lá, Lista da Gratidão, faça sua mágica! Não cultivei você durante todos esses anos à toa! O objetivo era que *eu* também me sentisse livre quando Joe finalmente apertasse o botão de ejetar. Meio como tomar banho depois de cortar o cabelo, ou dar os primeiros passos com um novo par de tênis de corrida com muito amortecimento, ou ver o mundo através de lentes novas e de grau maior…

Isso estava mesmo acontecendo? O elixir que eu havia guardado por décadas perdeu o efeito?

O problema era comigo? Com Joe? Ou com a passagem do tempo?

Será que eu estava cansada demais para me importar? Este ano, contei para uma mãe na escola que estava casada havia quinze anos. Ela perguntou:

— Qual o segredo para um casamento duradouro?

Pensei por um segundo e respondi:

— Ficar casada.

Foi felicidade o que encontrei no meu longo casamento, ou rendição? Ou a felicidade é só isso: se render?

A história do nosso casamento estava emoldurada por todo o apartamento.

Joe e eu indo para uma premiação do Emmy numa limusine. Eu surpreendendo Joe durante um congresso de medicina em Chicago e tirando uma foto com ele em frente a um quadro de peônias de Cy Twombly. (Pouco depois, Joe me pediu em casamento em frente à famosa escultura de feijão no Millenium Park, com um anel que comprou na loja do museu.) Nosso casamento no jardim da casa de Violet Parry em Martha's Vineyard. O parto domiciliar de Timby no Dia de Ação de Graças, a TV ligada ao fundo, o elenco do musical *Sunday in the park with George* cantando ao vivo no desfile da Macy's: "Sunday, by the blue, purple, yellow, red water", *domingo, diante da água azul, roxa, amarela e vermelha*. Joe inaugurando o centro cirúrgico. O primeiro dia de Timby no jardim de infância.

Entretanto, parada ali debaixo do sol fraco de outubro, enxerguei outra versão do nosso casamento. Era como se durante todos aqueles anos, Joe e eu tivéssemos sido seguidos por ninguém menos que um fotógrafo que registrava tudo às escondidas…

Joe e eu lendo em silêncio na cama, Timby brincando de Lego no chão.

Eu olhando pela janela, observando Joe e Timby lá embaixo, voltando para casa depois de uma visita incrível ao centro de ciências.

Eu no gramado da escola debaixo da garoa porque cheguei cedo demais para buscar Timby.

Ioiô roncando na sala, tão alto que não deixava ninguém dormir de jeito nenhum.

Nós três sentados no meio-fio em frente ao café Portage Bay esperando vagar uma mesa para o *brunch*.

Isso era felicidade. Não os grandes sucessos emoldurados, mas os momentos que existiam no meio. Naquelas horas, eu não percebia que eles eram particularmente felizes. Mas, ao ver essas fotografias fantasmagóricas, fico pasma com minha calma, meu sossego, o evidente conforto da minha vida.

Sou feliz em retrospecto.

Ah, Joe, se me aceitar de volta, prometo que vou fazer amor com você duas vezes por semana e nunca mais vou comer bagel no banheiro. Vou valorizar os momentos de silêncio e…

Olhe! Aquele lá era Alonzo? Atravessando a Elliott Avenue pela passarela de pedestres? Eu o observei descer a escada em direção ao estacionamento do supermercado Costco.

Perfeito. Eu precisava pedir desculpas por tê-lo chamado de “meu poeta”.

Alonzo havia trocado de roupa, estava de calça jeans e uma camisa polo vermelha, mas mesmo de longe era inconfundível, com seu porte robusto e majestoso.

— Vamos! — falei para Ioiô.

O cachorro se sobressaltou com tanto vigor ao acordar que fiquei com medo de que nós dois tivéssemos um estiramento muscular.

Havia poucos carros no estacionamento do supermercado. A ansiedade de Ioiô se transformou em desespero quando amarrei sua coleira num bicicletário vazio e cortei o ar com meu indicador, dizendo:

— Você. Fica.

O cabelo de Alonzo se destacava em meio aos carros estacionados ao longe. Ele parou diante de uma prateleira com vasinhos de cravos. Inclinou a cabeça para trás de tanto rir ao observar a composição visual medíocre. Poetas. Eu precisava ser mais como eles.

Alonzo notou algo no chão — eu não vi o que era — e se abaixou para pegar. Depois desapareceu dentro da boca sombria do supermercado.

Essa era a filial a que eu sempre vinha. Só perdi Timby aqui uma vez e já aperfeiçoei a arte de encontrar alvos móveis. Meu segredo? Pensar no local como se eu estivesse desenhando uma casa com um daqueles *X* no meio sem tirar o lápis do papel.

Entrei e corri junto à parede da esquerda, checando os corredores à direita. Quando cheguei ao final do corredor, passei pelos vinhos e virei à esquerda, o que me levou à seção de papel higiênico. Ainda nada do Alonzo.

*

Já faz um ano desde a última vez que estive aqui. Em uma hora, eu já tinha enchido tanto o carrinho que ele começou a andar feito um carrinho de bate-bate e eu precisava segurar as compras com o braço para que não escorregassem. Mas na fila do caixa fui invadida por uma onda de misantropia. Por que aquela senhora precisava de um saco tão grande de balinhas mastigáveis? O que alguém faria com cem pentes? Aquela gorducha precisava mesmo de uma plastificadora? Ela não podia mandar plastificar algo na papelaria? E aquele cara, o que ele ia fazer com vinte litros de uísque vagabundo? E por que todos

estão de bermuda?

Graças a Deus eu não era como eles! Eu e minha caixa de um bem avaliadíssimo sauvignon blanc da Nova Zelândia, meu meio quilo de abacaxi fresco fatiado, meu pistache com sal e pimenta, minha dúzia de caixas de fio dental. *Minhas* compras eram um claro sinal da minha sofisticação… Meu bom gosto superior… Minha inteligência aguçada…

Abandonei o carrinho na fila e saí de mãos vazias. Fiquei com pena da pessoa que teria que devolver os produtos para as prateleiras. Fiquei com ainda mais pena quando me dei conta de que sairia mais barato para o supermercado se jogassem tudo fora.

*

Passei pelo hortifrúti. Incrivelmente barato! Cores boas! Firmes ao toque! Qual a pegadinha? Muitas sementes. Por mais que pareçam bons por fora, se levar as frutas e os legumes vai descobrir que estão lotados de sementes. Pepinos: cheios de sementes achatadas e escorregadias. Limões: cegam suas facas com tantas sementes. Tomates-cereja: lotados de sementinhas viscosas. Não compro frango no Costco, mas, se fizesse isso, imagino que, ao partir a carne, sementes jorrariam.

Uma multidão de torcedores do Seahawks bloqueava o caminho até a padaria. Prateleiras de cupcakes estavam sendo esvaziadas às dúzias, cada bolinho com cobertura azul e um *12* verde, celebrando a cor do time e o número da camiseta do torcedor. Do outro lado do corredor, uma multidão ainda maior comprava cupcakes enfeitados com o chapéu do papa e o mesmo número. A única coisa que você precisa saber sobre Seattle é: ninguém se ofendia.

Cheguei ao corredor polonês de pessoas oferecendo degustação de comida. Elas seguiam o roteiro sem transgressões e evitavam contato visual, a versão americana dos guardas do Palácio de Buckingham. Isso se os guardas do Palácio de Buckingham tivessem péssima postura e demonstrassem sofrer de crise existencial.

— Queijo Jack — disse uma mulher. — Em quatro sabores picantes. Faça estoque para os feriados.

— Filé de peixe empanado — ofereceu outra voz. — Fresco, direto do Alasca, a opção perfeita para um jantar nutritivo e saudável. Experimente esta noite mesmo! Filé de peixe empanado...

O leve sotaque sulista chamou minha atenção. Virei a cabeça para trás. Meu

corpo foi junto.

Lá estava ele, com um avental azul e touca no cabelo, atrás de um pequeno balcão. Meu poeta, com um cravo no buraco do botão da camisa polo.

— Fresco, direto do Alasca, a opção perfeita para um jantar nutritivo e saudável. Experimente esta noite mesmo!

Fiquei surpresa com a mistura de altos e baixos: a bandeja de plástico vermelha, úmida e cheirando a detergente industrial — seu conhecimento enciclopédico sobre a vida dos poetas — o vidro do forno elétrico manchado de óleo…

— Eleanor?

— Alonzo!

Abri os braços para abraçá-lo.

Ele olhou para baixo, pois não podia sair de cima do tapetinho.

— O que é isso? — perguntei, pegando uma amostra.

— Filé de peixe empanado.

— Ouvi que são frescos, vêm do Alasca, e são perfeitos para um jantar nutritivo.

— A *opção* perfeita para um jantar nutritivo e *saudável* — corrigiu Alonzo.

A conversa assumiu um tom suave e gracioso.

— Não vou fazer cerimônia.

Joguei o pedaço de peixe na boca.

Não gostei.

Alonzo me estendeu um guardanapo e apontou para o lixo do outro lado do corredor. Quando voltei, havia um homem diante de Alonzo, se aproveitando da comida gratuita.

— Que peixe é esse? — perguntou ele.

— Tilápia — respondeu Alonzo.

— Tilápia? — repetiu o homem, desconfiado.

— É um peixe cultivado e autossustentável, um substituto para a polaca do Alasca.

— Também nunca ouvi falar desse aí.

— Tem textura de filé — disse Alonzo.

O homem deu uma mordida.

— Isso *aqui*?!

— Adorei o sabor! — comentei. — Vou levar cinco caixas, está bem?

O cliente desconfiado balançou a cabeça em reprovação quando peguei o embrulho.

— Nos vemos semana que vem, então? — perguntei a Alonzo.

— No mesmo bat-horário.

— Ah! — murmurei. — Qual é nosso próximo poema?

— *O peixe*, de Elizabeth Bishop.

— Mas é claro — respondi.

Às vezes a vitória bate à sua porta mesmo que nunca tenha sido convidada. Era isso que eu planejara para o dia de hoje! Fui presente. Fui gentil. Irradiei felicidade.

É verdade que me esqueci de pedir desculpas a Alonzo, mas transformei com charme e sofisticação num diálogo respeitoso o que poderia ter sido uma situação constrangedora. Ponto para mim, tornando o mundo um lugar melhor.

Mas o que fazer com aquela maldita tilápia? Conferi se não tinha ninguém olhando, enfiei as cinco caixas num cesto de camisetas, e dei o fora.

Saí da loja e fui golpeada pelo sol. Droga, fiquei longe por quarenta e cinco minutos. Spencer não ligou, o que considerei um pequeno milagre. Meu corpo de meia-idade teria que fazer a última coisa que alguém gostaria de ver: voltar correndo para o parque de esculturas.

— Espere!

Era Alonzo, vindo a toda velocidade, puxando o avental azul como se estivesse sendo atacado por abelhas.

— Alonzo!

Ele finalmente se livrou do avental e o jogou no chão. Então se agachou por um instante, com as mãos nas coxas. Assim como eu, ele também não era atleta.

— Não aguento mais. A degradação, a desumanização, a agressão ao idioma…

Ele pegou um maço de cigarro American Spirit e acendeu um com seu mini-isqueiro Bic.

A meu favor, não passei os cinco minutos seguintes reprimindo-o por ser um fumante nojento e autodestrutivo.

— Foi a expressão que você fez — disse ele, depois da primeira tragada.

— Minha expressão estava beatífica e serena… Não?

— Isso piorou tudo. Percebi como você estava se esforçando para me olhar nos olhos.

— Mas que coisa — falei. — De um jeito ou de outro eu saio perdendo.

— Não entendi o que você quis dizer.

Com o cigarro na boca, Alonzo pegou o avental, o enrolou e o jogou numa lixeira próxima dali.

— Ah, Alonzo.

Um desmancha-prazeres motorizado se aproximou, seguido por uma voz monótona e aguda:

— Acho bom você não fazer isso.

Era um cara numa cadeira de rodas com uma insígnea de segurança. Ele tinha um crachá do Costco com seu nome: JIMMY. A orelha estava grudada no ombro e o braço bom operava o controle da cadeira.

— Esse avental está protegido por um depósito de vinte e cinco dólares — anunciou Jimmy, se aproximando de Alonzo, que continuou fumando e ouviu com uma indiferença divertida.

— Já vi muita gente enlouquecer e pedir demissão — continuou Jimmy. —

Normalmente jogam o avental naquela lixeira ali. Não devolvem, e o valor é descontado do último pagamento.

— Obrigado — disse Alonzo. — Mas, para ser sincero, estou cagando e andando.

— Ei — intervi. — Você é um poeta. Fale como um.

— Eles esvaziam a lixeira ao meio-dia, às três e às seis — contou Jimmy. — Vi muita gente mudar de ideia e voltar, mas aí já tinham levado o avental.

— Eu fico lá em pé vomitando aquela historinha do peixe. Fresco! Do Alasca! Na caixa tem a imagem de um rio gelado com peixes alegres saltando na correnteza. Na verdade, a tilápia é criada no Vietn ã, cheia de antibióticos, e talvez faça uma conexão no Alasca até chegar aqui. Mas, olha, o preço está bom! Americanos... Dá para ver no jeito que andam. Quando encontram uma pechincha, passam a andar com um molejo asqueroso.

— Está bem, então! — exclamei.

— E, mesmo assim, fico genuinamente chateado quando gente como você cospe as amostras.

— Eu não cuspi!

— Eu vi — afirmou ele. — Ontem foi pior. Ontem me ofereceram carne seca de avestruz.

— Ah, foi com você? — indagou Jimmy, sua cadeira se mexendo com um *zuum*.

— Eu não matei os avestruzes. Não os pendurei para secar nem os fatiei! S ó distribuí as amostras. Sou poeta!

— Você se incomoda de continuarmos isso na sombra? — perguntou Jimmy.

Ele deu marcha a ré na cadeira e zuumm.

— Continuar o que na sombra?

Eu o observei se afastar ainda mais de onde eu precisava estar, e para ontem: o parque de esculturas.

— A conversa! — gritou Jimmy, sob o toldo do Costco.

— Não estamos conversando com você! — retruquei.

Alonzo se agachou no meio-fio, um processo de três passos seguido de uma quantidade considerável de grunhidos.

— Não, não se sente! — reclamei. — Afe! Estou dizendo, eu não sei se vou ou se fico!

— Porra — disse Alonzo. — Não é nenhuma escolha de Sofia. — Ele apoiou a cabeça nas mãos. — O Costco paga o único seguro-saúde que cobre fertilização *in vitro*. Minha esposa vai me matar. Mas nada compensa passar mais uma hora naquele lugar.

— Vamos lá, Alonzo. — Dei tapinhas nas costas dele. — Todo trabalho é

digno.

— Ela tem razão! — gritou Jimmy, da sombra.

— Esse não! — gritou Alonzo de volta.

Ele se virou para mim com uma expressão intrigada.

— Espere aí. O que aconteceu com a tilápia que você comprou?

— Bem. Hum. Estava deliciosa, mas deixei meu filho com um desconhecido e eu já devia ter voltado há uma hora, mas a fila estava grande e…

Jimmy me atropelou.

— Onde você deixou? Não vou te dedurar. Mas pode descongelar.

— Num cesto de camisetas.

— Eita! — exclamou Jimmy. — Melhor me mostrar.

— É — concordou Alonzo. — Mostre para ele.

— Não.

Puxei a parte de trás da barra do vestido e dei um nó de três voltas. Parecendo Gandhi da cintura para baixo, subi na escada da lixeira.

— Minha vida — comecei — está com meu filho, e eu preciso voltar antes que alguém ligue para o serviço social.

Peguei o avental e o joguei na direção de Alonzo. Ele não o segurou.

— *Sua* vida — falei para Alonzo, me abaixando e pegando — está no Costco.

Amarrei o avental no pescoço dele.

— Jimmy? — chamei.

— Sim, senhora!

— Sua vida é acompanhar Alonzo até o balcão de tilápia.

— Tudo bem.

— Eu sou poeta — disse Alonzo. — Estou escrevendo um romance. O título é *Cravo, meu cravo.* Quando vim para o trabalho, passei por uma prateleira de cravos. Um deles tinha caído. Esse aqui. Foi um sinal. Hoje é o dia que meu romance se torna prioridade.

— Alonzo. Peça demissão amanhã. Não me importo. Mas antes converse com sua esposa.

Indiquei a entrada do supermercado.

— Volte para seu pântano escuro — insisti, dando um empurrãozinho. — Vai dar tudo certo.

— Meu o quê? — perguntou Alonzo, se virando.

— Seu tapetinho. Seu pântano escuro… Faça de contas que eu nunca disse isso.

Eu adoraria dizer que corri os oitocentos metros de volta para o museu num ritmo firme e saudável. Na verdade, eu me desbaratei com os seios batendo, as coxas bamboleando bem ao estilo dos desenhos do Richard Crumb, a garganta queimando, uma bolha se formando no calcanhar direito. E parei depois de trinta metros.

Meu celular vibrou no bolso. Spencer deve ter resgatado meu número das reentrâncias da mente de Timby.

— Alô?

— É Eleanor Flood?

Afastei o telefone da orelha. JOYCE PRIMM.

— Joyce, oi! Eu ia mesmo te ligar!

— Aqui é Camryn Karis-Sconyers — disse a voz. — Sou editora na Burton Hill.

Eu não sabia o que estava por vir, mas tive a forte premonição de que não deveria escutar de pé.

Cheguei a um pequeno píer de pescadores. Um nativo-americano de jaqueta jeans estava sentado no banco com um rádio portátil. Aos seus pés, um balde cheio de gosma sangrenta. VENDE-SE ISCA. Ele indicou com a cabeça o lugar vazio ao seu lado. Eu falei.

— Olá, muito prazer — falei à Sra. Karis-Sconyers.

— Estou ligando porque estamos nos mudando para um escritório no centro. Eu estava organizando nossos arquivos e encontrei a pasta de *As Garotas Flood*. O que você gostaria que fizéssemos com ela?

— Ah. Joyce sabe o que fazer.

— Joyce?

— Joyce Primm. Minha editora. Posso falar com ela?

— Olha, Joyce Primm não trabalha mais na Burton Hill.

Então era por isso Joyce vinha me ligando, para me contar que estava indo para outra editora.

— E onde ela foi trabalhar? — perguntei.

— Em uma loja de queijos no interior do estado.

— Ah.

— Ouvi dizer que é uma ótima loja de queijos — disse Camryn.

Então não era Joyce Primm que vinha me ligando. Meu telefone só *pensou* isso porque eu tinha gravado o número da Burton Hill com o nome dela.

Que sensação peculiar ver os fatos da minha carreira ao mesmo tempo se desenrolando e se enrolando de volta.

— E meu livro? — perguntei.

— *As Garotas Flood*? — replicou ela. — Era para ter sido entregue oito anos atrás.*

— Você é minha nova editora?

— Sou editora de infantojuvenis.

— Quadrinhos infantojuvenis? Desculpe, estou confusa.

— Não estamos mais lançando muitos quadrinhos — comentou Camryn. — Fizeram sucesso dez anos atrás, mas nos queimamos depois de alguns fracassos. Joyce e sua loja de queijos, sabe?

— Então você está dizendo que meu livro foi cancelado? — indaguei. — Vão desistir do meu adiantamento?

— Acho que poderíamos inclusive processar você — disse ela, prestativa.

— Não será necessário.

— Poxa, que situação chata — comentou Camryn. — Acho que você deveria conversar com seu agente. Quem é?

— Sheridan Smith.

— Ah.

— O que foi?

— Alguém me disse que ela virou homeopata e se mudou para o Colorado.

— Sério?

— O mercado editorial… — disse Camryn. — Você deve estar sabendo. Estamos passando por tempos difíceis.

— Nossa!

— Você ainda pode escrever seu livro — disse ela, com simpatia. — Mas nós provavelmente não vamos publicá-lo. Ah! — Ela quase esqueceu. — Essa pasta. Não sei se quer que a gente mande para você. Parecem contratos, correspondência, um cartão de Natal que você desenhou para Joyce com os pôneis de *Looper Wash* em vez de renas, e no lugar do Papai Noel tem um cara com aquela coisa que não lembro o nome…

Desliguei e joguei o celular no balde de iscas.

Senti um olhar penetrante. O tal nativo-americano.

— Más notícias? — perguntou ele.

— Más notícias — confirmei, me afastando.

---

* Cheguei a comentar que estava *um pouco* atrasada? Acho que foi um atraso de oito anos. Pelo menos eu deixei claro que sou ruim com datas. E com números. E com nomes. Mas Camryn Karis-Sconyers é um

nome que não vou esquecer tão cedo.

Meus oxfords atravessavam o jardim de esculturas rumo ao pavilhão de vidro. Meu corpo estava dormente e parecia feito de penas. O pessoal e as esculturas ficavam mais densos conforme eu me misturava a galera que guardavam sobras de piquenique, mães correndo atrás de crianças, turistas posando, as pernas esguias da espaçonave vermelha de Calder oscilando.

Ui. Caí na grama ao trope çar numa lamparina.

*

— Preciso de ajuda.

Foi uma história que Joe me contou certa vez. Ele estava em Indianapolis para a apresentação de novos jogadores da Liga de Futebol Americano e teve uma infecção alimentar. Passou a noite no chão de azulejo do banheiro do hotel queimando em febre. Vômito, suor, diarreia: coisas saindo por todos os orifícios. Quando deu por si, estava gemendo:

— Preciso de ajuda. Alguém me ajuda.

Sendo médico, Joe sabia que não precisava de ajuda. Havia apenas uma bactéria em seu corpo, e quanto antes se livrasse dela, melhor. Mas repetindo aquelas palavras ele se sentia “melhor de alguma forma”.

— Preciso de ajuda. Alguém me ajuda.

Ele as repetiu sem parar até que começou a rir. Na manhã seguinte, no café, notou as pessoas comentando:

— Você ouviu aquele pobre coitado ontem à noite? Espero que alguém tenha ajudado o cara.

Eu odiava aquela história. Joe era meu Turista Competente. Não era alguém que ria nu no chão do chuveiro de um Holiday Inn Express. Ele não gritava de desespero por ninguém.

Eu me forcei a esquecer o episódio. Até aquele momento.

*

Eu me levantei sozinha da grama. Corri pelo resto do caminho, enquanto uma

gota vermelha escorria pelo meu queixo.

O vidro do pavilhão refletia tudo. Laranja, a cor das folhas das bétulas. Nuvens planas dançavam no céu. Numa parte do oceano, vi Spencer de pé, de costas para mim.

Uma placa: FECHADO PARA INSTALAÇÃO. A porta estava aberta.

Spencer estava reunido com várias pessoas das artes, aos pés deles um mosaico de protetores de piso. Homens com luvas azuis de borracha. O cara de antes, ainda com o nivelador entre os dentes. Uma mulher mais velha de cabelo grisalho e desgrenhado e calça justa com estampa de arlequim gesticulava ao falar. Spencer olhou para mim por cima do ombro. Ele me encarou com *muita* irritação.

Irritação! Que excêntrico!

Vi Timby sentado num canto, com as pernas dobradas de um jeito estranho, todo concentrado examinando tranquilamente minha bolsa.

Timby, com seus potinhos de cerâmica feitos à mão, sua barriguinha fofa, aviões de papel, ípsilon de cabeça para baixo, seu amor pelo inverno, carboidratos e bengalas e sua busca por pistas para entender melhor o mundo ferrado dos adultos. Timby, não é culpa sua que minha mãe morreu quando eu tinha sua idade. Você não sabe que todo o tempo que tem comigo daqui em diante é uma dádiva. Não é culpa sua que eu mesma não consiga entender essa lição. Que eu seja um remendo de promessas descumpridas, de quebra-cabeças nunca começados e kits de pegadores de panela nunca desembrulhados. É por isso que Timby lê os quadrinhos do Archie! Os personagens têm comportamentos previsíveis. No mundo deles, os problemas são pequenos. Como faço para explicar que as pessoas não são previsíveis? Que a vida é confusa e tão cruel que chega a ser sádica? Que quando as coisas dão certo você nunca fica feliz como esperava, mas quando dão errado é um balde de água fria, uma indignação que lhe persegue para sempre? Mas eu posso ser estável. Vou ser gentil com você e levá-lo para brincar na neve…

— Mãe?

Timby segurava o molho de chaves com uma fitinha em que estava escrito em letras maiúsculas:

D-E-L-P-H-I-N-E.

Da escola! O que eu roubei. E esqueci completamente.

Eu me aproximei dele depressa.

Na minha visão periférica: as expressões horrorizadas de Spencer, dos instaladores, da mulher mais velha metida a moderna, suas bocas tentando me avisar algo.

Mas eu precisava tirar aquele nome horroroso da mão de Timby.

Levantei o rosto a tempo de ver um pedaço de metal plano com camadas de laqueado verde, manchado como se tivesse mofo, passar pelo meu campo de visão.

Pof.

A última coisa que ouvi antes de cair no chão foi a voz de Timby.

— Por que você está com as chaves da mãe de Delphine?

Trovador atormentado

Muito antes de Eleanor conhecer Bucky, ela já sabia das histórias.

Barnaby Fanning, Bucky, era o filho único de um casamento entre duas das mais requintadas famílias de Nova Orleans. Tendo crescido no Garden District, numa mansão tão icônica que virou ponto turístico obrigatório, o futuro herdeiro da indústria açucareira e algodoeira passara a adolescência em bailes de debutante durante a alta temporada e em viagens ao exterior durante o verão. Um legítimo cavalheiro sulista.

Mas Bucky sempre recusava a melhor mesa nos restaurantes. Ele carregava uma calculadora de bolso para dar de gorjeta exatos doze por cento. Quando seu pai o expulsou do ninho depois que ele se formou na Vanderbilt (com notas medíocres), Bucky não foi mais longe que a estrebaria transformada em casa de hóspedes no terreno da família, porque nenhum outro endereço serviria. Ele se vestia de Prada da cabeça aos pés, com peças compradas em peregrinações trimestrais à Neiman Marcus em Dallas, pagas pela vovó Charbonneau. Ao menor sinal de insulto, Bucky tinha ataques de fúria, ficando com o rosto tão vermelho e com tanta saliva acumulada nos cantos da boca que até quem tinha proferido a injúria ficava preocupado com sua saúde. Nas festas de fim de ano, Bucky ia até o lixo e jogava fora os cartões de Natal nunca abertos, guardando o nome de quem os mandou. Nunca aceitava um convite para jantar sem antes perguntar quem mais iria. Nunca se soube de uma ocasião em que Bucky Fanning escreveu um cartão de agradecimento.

Certa vez, uma garota apareceu, vinda de uma família tão proeminente quanto a dele. Juntá-los seria o equivalente a unificar o título de peso pesado. Bucky passava horas na varanda sonhando com o casamento e a vida a dois. A garota era cinco anos mais nova; Bucky foi estudar direito na Tulane, em Nova Orleans mesmo, e ela foi para a Bard, no estado de Nova York. Na primeira vez que ela voltou, para passar o Dia de Ação de Graças, Bucky organizou uma festa na casa da vovó Charbonneau, com a intenção de pedi-la em casamento. O evento contou com a presença de uma centena de celebridades locais, e um homem foi contratado para filmar o momento. Mas a garota, um pouco confusa sobre seu relacionamento com Bucky, chegou de braços dados com o namorado, um estudante de cinema de sobrenome Geisler. E não um católico alemão. Todos sabiam que Bucky nunca se recuperaria daquela humilhação pública. Ele inclusive largou a faculdade.

Bucky passava os dias no Centro de Pesquisa Williams, no Bairro Francês,

labutando numa ampla historiografia da família Charbonneau. Ele trabalhava na biblioteca bem iluminada do segundo andar pela manhã e, na hora do almoço, caminhava até o Arnaud ou o Galatoire, os únicos lugares que permitem que sua amada lulu-da-pomerânia, Mary Marge, fique em seu colo.

Além de escrever e de participar de grupos de caridade, Bucky se dedicava à Corte do Caos, de longe o clube — ou *krewe*, para usar um termo local — mais elitista de Nova Orleans. O pai de Bucky era o rei da Corte do Caos, e sua mãe, a rainha. Bucky participou de todas as cortes. Quando ficou mais velho, foi eleito capitão. Podia parecer que o cargo de rei era mais importante, mas Bucky logo explicava que o rei era um cargo cerimonial, enquanto o capitão tinha o verdadeiro poder: decidir quem podia ser membro, delegar tarefas, emitir convites, coordenar o design do carro alegórico, cuidar das doações, etc. Durante a alta temporada, de agosto a fevereiro, aconteciam em média cinco festas por semana relacionadas à corte. O clímax era o Mardi Gras, quando os diversos *krewes* desfilavam pelo Bairro Francês nos carros alegóricos, jogando colares de contas e moedas para o público, até desaparecerem atrás de portas fechadas, onde as debutantes do ano eram oficialmente "apresentadas" em bailes luxuosos. Hierarquia, sigilo, exclusividade; competição, privilégio, tradição: a Corte do Caos era a teoria de campo unificada de Bucky.

Às vezes, o fervor de Bucky com os bailes de debutante se assemelhava ao do cerimonialista de casamentos de uma comédia romântica dos anos 1980, uma identidade afetada que sai do controle. Mas Nova Orleans mimava seus membros excêntricos. Os Skoog tinham um avô que acreditava que a Guerra Civil não havia terminado, e os netos alimentavam a ilusão com informações diárias sobre o sucesso dos Confederados. Uma das irmãs Nissley passou todo o segundo ano do colégio vestida de Carlitos. A mesma coisa acontecia com o notório bom partido dos Fanning, que circulava pelos bailes de debutante, mas nunca se arriscava a namorar. Preferia ficar à margem, falando mal dos dançarinos desajeitados e fazendo contas na hora de organizar os lugares à mesa.

*

— Adoro esse cara! — disse Eleanor para Lester, do seu cubículo no escritório da *Looper Wash*.

— Ele é mesmo sensacional — concordou Lester.

As histórias eram uma cortesia oferecida por Lester Lewis, que dividia o quarto com Bucky na faculdade. Eleanor contratou Lester para ser seu braço

direito. Ele era um desenhista meticuloso que crescera numa fazenda em Kentucky, mas tinha medo de pôneis. O mau humor dos pôneis do programa foi ideia dele.

— Aff — disse Eleanor, apagando os olhos da Millicent sorridente. — Não sei fazer olhos.

Era 2003. A *Looper Wash* só ia estrear dali a um mês, mas fazia dois anos que os animadores trabalhavam num loft na parte mais deserta da Broome Street. Eleanor tinha o próprio escritório, mas preferia ficar ali, ao lado da equipe. Eram melhores que os artistas húngaros que pintavam à mão.

— Seu amigo Bucky tinha alguma coisa de legal? — perguntou Eleanor.

Lester teve que pensar.

— Ele é leal.

— Mas não dá para gostar dele de verdade — comentou Eleanor, elevando as pálpebras inferiores de Millicent na tentativa de fazer seus olhos sorrirem.

— Somos grandes amigos — respondeu Lester. — Nós nos falamos todos os dias.

— E esse cara sabe que você sacaneia ele pelas costas?

— Eu sacaneio na cara dele mesmo! — admitiu Lester, alegre.

A equipe de Eleanor estava fazendo correções de cor, mudanças de última hora e acrescentando piadas na primeira temporada, fazendo anotações para a segunda e preparando o storyboard da terceira. Era um trabalho com alto nível de estresse e sedentarismo, afinal passavam quatorze horas por dia debruçados nas pranchetas, cancelavam férias, não apareciam nos jantares em restaurantes chiques com os pais, adiavam casamentos, perdiam o nascimento de bebês.

Com o sufoco dos prazos apertados, se instaurou um clima de abrigo subterrâneo. Os animadores *versus* os executivos idiotas da emissora, *versus* os roteiristas superestimados, *versus* os húngaros incompetentes e mercenários.

O momento mais animado do dia era depois do almoço, quando Lester voltava com os detalhes deliciosos de sua ligação diária para Bucky. Por uma hora, o lugar ficava calmo enquanto os designers dissecavam Bucky.

Eles o adoravam? Odiavam? Sentiam um prazer extravagante com o debate.

Se ao menos houvesse um jeito de ouvir a voz dele...

Eleanor sugeriu que pedissem para o técnico adicionar a linha de Lester ao viva-voz da sala dela, para que as outras pessoas pudessem se reunir na sala dela para ouvir.

— Por favor? — implorou Eleanor a Lester. — Ele é tudo o que nós temos.

A ordem foi dada, com pedido de urgência.

*

Bucky não decepcionou.

— Cada centímetro de mim está exasperado.

Era ele em casa, deitado depois de um almoço particularmente abundante. Sua voz era confiante e, por mais estranho que fosse, não tinha sotaque.

Eleanor entregou um bilhete a Lester. *Por que ele não tem sotaque sulista?* Lester assentiu e deu uma piscadela para Eleanor.

— Bucky — disse Lester. — Uma noite dessas tentei explicar para uma amiga sua teoria sobre o sotaque sulista, mas tudo que lembrei era que desafiava a lógica.

— Sotaque sulista é para os caipiras — declarou Bucky, impaciente. — Qualquer pessoa bem-educada, não importa se nunca saiu do Sul, não anda por aí falando como na música "Jubilation T. Cornpone". Se fala, é de brincadeira. E, por favor, não me faça ressaltar o óbvio. Acabei de brigar com a mulher do correio.

— Não brinca! — comentou Lester.

— Sabe, mandei fazer uma caixa de correio para a casa de hóspedes. Semana passada, deixei um bilhete informando que, dali em diante, toda correspondência endereçada a Barnaby Fanning deveria ser entregue ali. Mas todo dia encontro a caixa vazia. Hoje confrontei a moça do correio e ela disse que, por lei, qualquer coisa com o endereço Coliseum, 2.658 deveria ser entregue na caixa de correio dos meus pais. Se eu quisesse outra caixa, precisaria de outro endereço. Ela sugeriu que eu fosse até a prefeitura e pedisse para renumerar a casa de hóspedes como 2.658A. Dá para imaginar? Barnaby Fortune Charbonneau Fanning, 2.658A! Obviamente ela não sabe com quem está falando.

(Esse buckyismo acabou nos inspirando em *Looper Wash*. Segunda temporada, vigésimo episódio. Josh, o xerife gentil e paciente, se recusa a prender um vagabundo por roubar a máquina de lapidar pedras das garotas. Vivian surta, dizendo que Josh "obviamente não sabe com quem está falando".)

— Talvez a moça do correio fosse mais prestativa se você tivesse dado a ela dinheiro de verdade no Natal — sugeriu Lester, em vez de repassar para ela o sachê perfumado que ganhou de brinde.

— Acho que ano que vem posso acrescentar alguns cupons de lava a jato — retrucou Bucky com ironia, entrando na brincadeira.

— Ele é viciante, esse cara! — exclamou Eleanor, depois de desligarem.

*

Fevereiro estava chegando. A expectativa se tornou palpável. Nem tanto pela estreia da *Looper Wash*, mas pelo Mardi Gras e pela expectativa de ouvir o relato de Bucky sobre o carro alegórico do Caos. Será que ele corresponderia ao que esperávamos?

— Lá no alto, de meia-calça branca, sapatos brilhantes, short de lamê dourado, máscara de seda, peruca de cabelo…

Alguém rabiscou no quadro branco: *O que é peruca de cabelo?* Ninguém sabia.

— …Jogando colares de contas para a plebe humilde, éramos dez entre eu e a parede azul de banheiros químicos. Havia famílias inteiras com a camisa do jogador Deuce McAllister, shorts de cores cítricas e cortes de cabelo baratos, se levantando das cadeiras de praia, derrubando as churrasqueiras portáteis, as cabeças inclinadas para trás, as bocas abertas como pardais recém-nascidos, dedos agarrando o ar, na esperança de pegar algo que eu jogasse. — Ele fez uma pausa para curtir a lembrança. — Sei como Lindbergh deve ter se sentido.

O namorado de Eleanor, Joe, havia passado no escritório para almoçar com ela. Ele entrou no final do monólogo de Bucky e foi violentamente silenciado.

Quando encerraram a ligação, o ambiente explodiu em gritos de vitória.

— Bucky — explicou Eleanor a Joe. — Não tem como não amar.

— Não?

*

Uma semana depois, os animadores estavam amontoados no escritório de Eleanor.

— Em breve você vai se tornar um balzaquiano, Sr. Lewis — disse Bucky no viva-voz. — Quais são seus planos?

— Eleanor vai dar uma festa para mim na casa dela.

— Eleanor, sua chefe?

Ouviu-se uma fungada pelo alto-falante.

— Você está resfriando? — perguntou Lester, piscando para os animadores, que seguravam o riso.

— Qual é mesmo o sobrenome dela? — replicou Bucky.

— Flood. Ela é parente do presidente John Tyler.

— Descendente direta?

— O nome da mãe dela era Tess Tyler — disse Lester, olhando para Eleanor a fim de se certificar. — Eleanor guarda em casa um par de revólveres de cano curto de John Tyler como prova.

— Uma descendente direta de um ex-presidente trabalhando no *show business*? Preciso ver com meus próprios olhos tamanha bizarrice. Avise a ela que vou nessa pequena *fête*.

*

Era o próprio capitão do Caos pilotando seu cometa até Nova York. A equipe de Eleanor fez o que qualquer grupo de animadores descontrolados e procrastinadores faria: uma aposta.

Todo mundo entrava com vinte dólares e quem desenhasse um Bucky mais parecido com o real levaria a grana toda. (A internet debateu calorosamente sobre por que o episódio "Guitar Zan", da *Looper Wash*, havia sido tão mal desenhado. A resposta: Bucky Fanning.)

A maioria das propostas apresentadas mostrava Bucky como um toquinho de gente. Um cavalheiro das antigas com gravata-borboleta. Um deles até mascava semente de feno babada e cheia de moscas. Eleanor optou por alguém com altura mediana, calvície, usando mocassim sem meia, calça de lã, camisa florida e um suéter de caxemira lavanda sobre os ombros. Acrescentou enormes óculos de sol modelo aviador da Versace com lentes degradê.

*

Chegou o dia. Bucky entrou a passos largos no escritório de Eleanor. Bucky, em carne e osso.

Ele era indiscutivelmente bonito: alto, pele perfeita, lábios sensuais, um cabelo ondulado exuberante.

(Lester sempre insistiu que Bucky era atraente.

"Então por que ele não arranja uma namorada?", perguntara Eleanor.

"Ele não quer", explicara Lester. "Quer alguém que não vá deixá-lo.")

Bucky estava de preto. Jaqueta bomber preta, suéter preto de caxemira, com uma camiseta de seda preta aparecendo por baixo, botas de couro pretas de cano curto com o símbolo vermelho da Prada no salto. Um pouco ridículo, mas só se

você soubesse que Bucky era um aleijado social que não trabalhava. Senão, ele parecia mais um hipster rico do SoHo.

Mais que tudo, Bucky tinha uma presença majestosa. Ele não era exatamente gordo. Fazia lembrar a Eleanor um mamão papaia inchado durante a temporada de chuvas.

Os olhos de Bucky logo se fixaram na pilha de notas de vinte quase transbordando da cesta de metal.

— Qual é a aposta? — perguntou.

Os outros olharam em pânico para Eleanor.

— Não está rolando nenhuma aposta — respondeu ela, rápido demais.

— Está, sim — retrucou Bucky com calma.

Ao lado de Eleanor, no sofá, havia um filtro de café cheio de salgadinhos de mel e mostarda. Ela pegou um. Bucky observou Eleanor por um instante e assentiu, como se aquilo fosse tudo o que precisava saber. Ele se virou para Lester.

— Fiz reserva para um almoço no Balthazar, Sr. Lewis. Presumo que esteja à altura do seu padrão mediano.

*

Não deveria ser surpresa para Eleanor que, na festa de Lester, sua irmã mais nova, Ivy, a Ivy esbelta e translúcida de aura agitada (ela era o ar e Eleanor, a terra), a Ivy que já tinha um metro e oitenta e cinco antes dos quinze anos, a Ivy que, um mês antes da formatura no colégio foi desfilar em Paris e depois no Japão, mas não teve sorte em Nova York, que era onde importava, a Ivy que foi atrás de um professor de teatro até Berkshire para o que se revelou ser um culto e teve que ser resgatada por Eleanor e seu então namorado, Joe, a Ivy que por um milagre conseguiu uma vaga numa campanha da Dior e teve seu rosto estampado por todo o metrô num verão, mas perdeu o dinheiro e os contatos no mundo da moda ao investir num esquema de pirâmide ironicamente chamado de “amigos ajudando amigos”, a Ivy que pediu carona até Telluride, no Colorado, para uma cerimônia de ayahuasca e passou três anos morando com o xamã, o mestre Mike, depois encontrou a fé em *Gordura é uma questão feminista*, *Pais tóxicos* e *Curando a vergonha que te aprisiona*, essa Ivy, que conquistou o certificado de massoterapeuta, mas largou a carreira porque a constante transferência de energia ruim a enfraquecia, que era alérgica a glúten e cortou o açúcar antes de qualquer outra pessoa se tornar alérgica a glúten e cortar o açúcar, que também

se recusava a comer carne porque significava morder gritos de animais e evitava castanhas porque vírus se acomodam em oleaginosas, a Ivy que ficou com olheiras escuras e a pele escamosa, que não conseguia se livrar da tosse seca, a Ivy que o já marido de Eleanor, Joe, um cirurgião que sabia identificar uma vítima de bulimia à beira da morte, internou numa clínica para transtornos alimentares na Second Avenue, onde Ivy, assim que chegou, foi forçada a comer carne moída no pão branco, apesar de soluçar, engasgar e ter um colapso no piso de linóleo, a Ivy que trabalhava como recepcionista para David Parry, empresário de bandas de rock e marido de Violet, a roteirista principal da *Looper Wash*, como um favor pessoal a Eleanor, a Ivy de trinta e três anos que estava saudável e ficando um pouco velha para manter o mesmo comportamento de antes, essa Ivy conheceu Bucky, cativou Bucky, foi para o hotel St. Regis com Bucky, e no dia seguinte para Nova Orleans.

Um ano depois eles se casaram.

*

A festa de noivado foi em Nova Orleans.

Uma das regras de Joe: a primeira coisa que se faz numa cidade desconhecida é usar o transporte público. Ele e Eleanor atravessaram lentamente a St. Charles Avenue num bonde superlotado. De longe, parecia que musgo espanhol jorrava dos carvalhos, mas de perto dava para perceber que eram colares de contas do Mardi Gras presos nos galhos havia meses.

Eleanor e Joe desceram na Third Street e atravessaram a rua. A mansão dos Fanning ficava no lado bom da avenida, perto do rio.

O terreno do número 2.658 da Coliseum se estendia por um quarteirão inteiro, a cerca de ferro forjada de modo a imitar hastes de cana de açúcar. Uma placa contava a história da propriedade, mas estava muito escuro para ler.

A mansão brilhava por dentro. Ao chegar no portão, Eleanor recuou.

*

A incredulidade a atingia em ondas desde que ficara sabendo que Bucky pedira Ivy em casamento no avião, a caminho de Nova Orleans.

(“Só peço que você ame ostras”, dissera ele para ela.

“Eu não amo ostras.”

“Mas vai amar.”)

Eleanor foi trabalhar naquela segunda-feira, a cesta ainda cheia de notas de vinte. Ninguém teve coragem de se declarar vencedor da aposta. A piada não tinha mais graça.

Lester entrou todo viril no escritório de Eleanor.

— É bem provável que não dê em nada…

— Estou feliz por eles — disse Eleanor, e voltou para o trabalho. — Pode fechar a porta?

*

A porta da mansão se abriu graças à cortesia de um homem negro, de casaca, cabelo branco e luvas brancas. Era Mister, o marido de Taffy. Ambos empregados uniformizados que serviram a duas gerações dos Fanning, e possivelmente serviriam a uma terceira, afinal Bucky voltou de Nova York com, quem diria?, uma noiva.

Eleanor e Joe entraram. A sala bombava com vestidos longos e fraques. Quando Eleanor estava prestes a soltar um “Putz!” — ela estava de sapatilhas e um vestido na altura dos joelhos que não teve tempo de passar —, puseram um coquetel de bourbon com menta em sua mão. O choque do copo de prata gelado fez Eleanor abrir um sorriso brusco.

— Eleanor! Joe!

Era Ivy, usando um longo de chiffon drapeado, verde com flores alaranjadas, e mangas que caíam como um copo-de-leite. Ela deu uma voltinha.

— É um Lilly Pulitzer de 1972! Era da mãe de Bucky. Sabia que, se você admira alguma coisa, a pessoa deve te dar de presente? É assim que se faz no Sul.

Ivy pegou Eleanor pela mão e começou a apresentá-la às pessoas ao redor. A fragilidade de Ivy ainda estava presente, mas sem a imprevisibilidade ameaçadora.

Não, ser adorada por Bucky — e era perceptível que ela era adorada, sem dúvida, pelo jeito como o olhar meigo dele a deixava à vontade, pelo encanto que sentiam pelas palavras um do outro, pela forma como o antebraço dele se encaixava na curva da cintura dela — havia aparado as arestas de Ivy. Era possível dizer que ela havia abandonado a própria fragilidade. O Sul era um bom lugar para isso.

Políticos e barões do petróleo, advogados e historiadores, magnatas da

indústria naval e velhacos: todos amavam Ivy, aceitando-a sem restrições e, por consequência, aceitaram Eleanor e Joe. Eleanor nunca tinha se sentindo tão fascinante. Da mesma forma, aqueles com quem ela conversava pareciam fascinantes, e sendo assim a cordialidade só aumentava. O clima era agradável, cheio de gentileza e risadas, bem diferente de Nova York, onde as pessoas com quem você conversava nas festas estavam sempre perscrutando o ambiente para ver se aparecia alguém melhor. Uma semana antes, numa festa da Fox, um roteirista dos *Simpsons* literalmente empurrou Eleanor para o lado quando James L. Brooks passou atrás dela. *Modos!*, pensou Eleanor em meio ao torpor dos drinques de bourbon, não eram uma questão de esnobismo vazio, mas atos de grande generosidade.

A vovó Charbonneau estava sentada num canto, severa, as mãos segurando com firmeza a bengala comprida. Em determinado momento, ela fez um gesto para chamar Eleanor.

— Você é a irmã? — perguntou a vovó Charbonneau. — Talvez consiga convencer Bucky a deixar de se vestir como um carrasco.

À mesa, Eleanor não parava de comer pasta de espinafre. Taffy se inclinou para lhe dizer o ingrediente secreto:

— O creme de cogumelo da Campbell.

A mãe de Bucky levou Joe até a mesa.

— Este aqui eu queria guardar no bolso.

Naquele mesmo dia, ela havia cortado o antebraço enquanto amolava a lâmina do cortador de grama.

— Mister está com dor nas costas, e qual seria a opção? Contratar uma equipe de jardinagem? Eu mesma posso cortar a grama.

Mais tarde, Eleanor se sentou sozinha numa namoradeira espalhafatosa. As almofadas se acomodaram na altura certa da sua lombar. Mary Marge pulou no seu colo e se enroscou.

— Olá, cachorrinha — disse Eleanor, surpresa ao perceber que estava enrolando a língua.

Não estava acostumada com doses infindáveis de álcool.

Na mesa de centro havia álbuns de fotos com capas de couro suntuosas que imploravam para serem abertos. Eleanor obedeceu e abriu um. Na primeira página, encontrou uma foto muito esquisita.

A Corte Real do Caos.

Homens e mulheres em figurinos extravagantes, rostos estranhamente sérios, mais parecendo estátuas de cera que seres humanos. Bucky se destacava entre os igualmente extravagantes reis, rainhas, pajens e donzelas, usando uma blusa de cetim dourada com colar de contas, short dourado por cima de uma meia-calça

branca, ruge nas bochechas e uma peruca (de cabelo?) loura platinada com o corte do Príncipe Valente e um chafariz de plumas de avestruz saindo de um diadema dourado.

— Essas festas começam mês que vem.

Era Ivy, acompanhada do noivo.

— Estou muito nervosa. Bucky me fez ter aulas sobre a nobreza para não envergonhá-lo na frente da corte.

— Ivy, meu amor — disse ele, fingindo estar exausto. — Não são festas, são bailes.

— Finalmente alguém para pensar por mim!

Com mímica, Ivy fingiu arrancar a cabeça do pescoço e a oferecer a Bucky.

— Bucky — disse Eleanor, se preparando para uma declaração. — Quero te agradecer por fazer minha irmã tão feliz.

— Minha vida será um desperdício se for usada para fazer sua irmã *feliz* — vangloriou-se ele. — Não vou descansar até o sol e a lua ficarem vermelhos de vergonha ao perceberem que Ivy brilha mais que eles.

— Vamos para a Itália encomendar luvas brancas feitas sob medida para mim — disse Ivy. — Quem se senta de primeira fila tem que usar luvas acima do cotovelo. Não é o máximo?

— *Na* primeira fila, querida — retrucou Bucky. — Você se senta *na* primeira fila.

Joe tinha um apelido para Ivy: “o Ostensório”. Em alguns feriados católicos, a Eucaristia era exibida num ostensório dourado, em que se fixavam os olhares de veneração, dia e noite. Joe, o coroinha, com frequência pegava o turno da madrugada. Ivy, esse ostensório vivo, encontrou em Bucky a veneração perpétua.

Os ombros de Eleanor relaxaram. Algo se soltou no fundo de sua mandíbula. Ivy ficaria bem.

*

A mãe delas morreu no hospital St. Vincent’s. As últimas visitas, que antes eram muito vívidas na memória de Eleanor, se esvaneceram com o tempo. A senhora na cama ao lado, levada na cadeira de rodas para uma cirurgia no quadril e trazida de volta meia hora depois porque perceberam que não tinham os equipamentos certos. A bolsa de urina escura pendurada na cama. A mãe delas, a estrela da Broadway, distante e com a boca seca. Em uma das últimas visitas,

Eleanor levou um desenho seu: Tess com Ivy e Eleanor já crescidas, todas as três inusitadamente usando vestidos de noiva.

— Ficou lindo, Eleanor — sussurrou a mãe. — Mas não vai ser assim.

Eleanor valorizava as lembranças que tinha da mãe: Tess buscando-a na escola em roupas de dança e chapéu azul, a bolsa de franjas balançando na cintura; ouvir Tess, Gigi e Alan fofocarem de forma escandalosa sobre outros bailarinos da companhia, Eleanor animada de se juntar a eles em meio a risadas, embora não entendesse nada; as festas que terminavam com todo mundo em volta do piano cantando clássicos dos musicais; os frangos assados no jantar; o aroma exótico dos cremes faciais Erno Laszlo; sua assombrosa gaveta de joias; as tardes preguiçosas no Bowlmor.

Mas esses momentos também eram cheios de culpa. Eleanor tinha idade suficiente para se lembrar de como Tess gostava da companhia dela, como os momentos juntos eram curtidos sem pressa. Ivy só se lembrava do abandono.

*

— Por favor, não me leve a mal — disse Bucky a Eleanor. — Mas a futura Sra. Fanning e eu precisamos atender a imprensa. Os representantes do *Times-Picayune* chegaram.

Assim que Bucky se afastou, Joe, de bochechas coradas, se juntou a Eleanor.

— Nossa! — exclamou ele, quando sentiu a almofada se acomodar na lombar.

— Eu sei.

— Abram espaço, abram espaço.

Lorraine, uma prima de segundo grau de Bucky, se acomodou entre os dois.

— Tire esse rato daqui.

Ela empurrou uma Mary Marge sonolenta para o chão e fez sinal para o garçom trazer champanhe.

— Dá para acreditar como o pessoal leva isso a sério? — perguntou Lorraine, indicando os álbuns. Abriu o do seu ano de debutante. Lá estava ela, a Rainha do Caos. — Vejam só como eu era magra! Eu sei o que estão pensando, que é pura besteira de gente rica, e vocês não estão errados, mas vou dizer uma coisa: é sensacional!

Do outro lado da sala, Bucky orientava Ivy a posar para um fotógrafo. Atrás dele havia o retrato de um ancestral de Bucky, P. G. T. Beauregard, general dos Estados Confederados que ordenou o primeiro tiro na Guerra Civil.

— Ah, Barnaby! — disse Lorraine, com um misto de carinho e desprezo. —

Toda vez que ele te irritar, e isso vai acontecer, lembre que ele é um Trovador Atormentado. É um apelido que demos a ele. Estávamos no carro quando Kurt Cobain se matou. O cara no rádio disse: “O trovador atormentado Kurt Cobain foi encontrado morto…” Pronto, o nome pegou, trovador atormentado. Não é tão desagradável quando você entende que ele gosta de ser assim.

Estavam servindo café irlandês. E quem não preferia gostar de ser do jeito que é? Havia pássaros com cauda longa no papel de parede, teto cor de manteiga, os espelhos de moldura dourada e os tapetes de juta: o efeito não era pretensioso, mas reconfortante, como aquele causado pela namoradeira de listras azuis e brancas. Quem poderia imaginar que listras azuis e brancas combinavam com amarelo, pássaros, dourado e juta? Mas funcionava. Assim como ser olhada nos olhos durante a conversa e ver adolescentes de black-tie conversando com adultos. Por que *não* garçons com casaca e luvas brancas? Por que não a mãe de Bucky e suas amigas em vestidos antigos, pele castigada pelo sol, batom *matte* e saltos baixos? Por que não flores do jardim e exageros na bebida e na comida, que era boa mas nada excepcional? Quando começou a tocar jazz de Dixieland, o som do trompete e da tuba logo confundiu Eleanor, porque nitidamente era ao vivo, mas não vinha ali de dentro. Então, pelas janelas do jardim, Eleanor entendeu: alegres garotos negros em camisas de manga curta e gravata tocavam para a festa, mas do lado de fora da casa, para não ficar muito barulhento. Eles enxergavam o interior da casa, mas Eleanor não os via lá fora. Qual era o problema disso também?

*

Na manhã seguinte, o toque duplo e irregular do telefone do hotel acordou Eleanor com um susto. Era Ivy, cautelosa, perguntando como Eleanor tinha dormido, mas sem querer saber realmente. Bucky estava bravo por causa do cachepô.

— O que é um cachepô?

— Você não sabe o que é um cachepô? — retrucou Ivy. — É um pote de porcelana para guardar coisas. Ontem à noite iam servir sorvete em um desses, mas acabou indo para a mesa na embalagem de plástico mesmo. No jornal de hoje dá para ver, brilhante como o sol, bem no meio do jogo de porcelana dos Charbonneau. Até a marca do sorvete: Dreyer’s.

Eleanor tinha uma vaga lembrança. Quando serviram as bananas fritas com canela, alguém pediu sorvete. No momento, Taffy estava de joelhos limpando o

vinho que alguém tinha derramado, então Eleanor foi até a cozinha e pegou o sorvete…

— Eu sei — disse Ivy. — No fim nós descobrimos tudo.

Aquilo era uma piada?

— Você fez Bucky passar por filisteu na noite que deveria ser a celebração do nosso noivado.

— Mas *foi* a celebração do seu noivado.

Eleanor se sentou na cama. Sentia náuseas.

Houve uma hesitação estranha antes de Ivy voltar a falar. Será que era Bucky? Cochichando?

— Foi um insulto a Bucky — prosseguiu ela. — Um insulto aos pais dele. Pior, foi um insulto a Taffy.

— Taffy? — disse Eleanor. — Eu estava tentando ajudá-la.

— Exatamente. Taffy não precisa da sua ajuda.

— Aposto que ela não se sentiu insultada.

— Mas Bucky sim, e eu também.

Joe havia acordado e estava balançando a cabeça.

— Passe o telefone para Bucky — pediu Eleanor, as lágrimas molhando os lençóis. — Vou pedir desculpas.

— Ele não quer falar ao telefone.

— Então vou pedir desculpas pessoalmente no café da manhã.

Outra pausa estranha.

— A noite foi longa porque ficamos esperando a entrega do jornal. De qualquer forma, esse é o tipo de coisa que deve ser feito por escrito. Você pode deixar a carta com a *concierge*.

Eleanor correu até a mesa e agarrou o puxador de gaveta, desesperada por um papel de carta. Joe já estava com os tênis de corrida calçados.

— Não funcionou para Neville Chamberlain, o cara que tentou a conciliação com os nazistas… — disse ele, depois saiu.

*

John Tyler, um deputado da Virgínia, foi acrescentado à chapa de William Henry Harrison no partido Whig com o simples intuito de atrair o voto sulista. Quando Harrison foi juramentado, num dia congelante de 1841, Tyler estava presente na cerimônia. Naquela noite, ele voltou para sua fazenda na Virgínia, achando que trabalharia pouco no cargo de vice. Um mês depois, uma carta entregue por um

portador informava que Harrison morrera de pneumonia, o que tornava John Tyler o décimo presidente dos Estados Unidos. Tyler, apelidado de “O Acidental”, governou sem brilho. Preferiu não concorrer à reeleição e voltou para a fazenda da família, Sherwood Forest. Como fez pouco no cargo, John Tyler é mais conhecido por ter sido o presidente com mais filhos (quinze, no total). E, como depois foi eleito para o congresso dos Estados Confederados, Tyler também é conhecido como o único ex-presidente para quem não se hasteou a bandeira a meio mastro na ocasião de sua morte.

Hoje em dia a Sherwood Forest é aberta ao público, apesar de poucos turistas se disporem a pegar a rodovia John Tyler rumo a Charles City County, na Virgínia. O surpreendente é que um dos netos do ex-presidente ainda está vivo e mora lá com a esposa.

A casa de Sherwood Forest, com noventa metros, é conhecida como a casa de madeira mais comprida do país. Tem um salão de baile de mais de setenta e cinco metros quadrados, especialmente construído para a prática da Virginia reel, a dança favorita de Tyler.

Nos seiscentos e cinquenta hectares da Sherwood Forest há ainda antigas casinhas para defumar carne, estábulos e a senzala. Há dez hectares de jardins pavimentados, com magnólias gigantes e bordos, assim como a primeira árvore de *Gingko biloba* plantada nos Estados Unidos, presente de Commodore Perry. Ao longo dos anos, a família Tyler recebeu incontáveis propostas de alugar a propriedade para festas particulares. Todas foram recusadas.

Bucky Fanning ligou para os Tyler pedindo para se casar em Sherwood Forest e ouviu umas três recusas, até que pegou um voo para Atlanta e fez a viagem de sete horas de carro até Charles City County para um apelo pessoal, que os Tyler aceitaram. Todos os brindes do jantar na véspera citavam essa história como a quintessência de Bucky.

— Ou você corre com os cachorros grandes, ou dorme no alpendre — disse alguém.

Bucky. Não havia mesmo como não amar.

*

A organizadora de festas da Caos foi a responsável pelo casamento, que ocorreria em junho. No dia, ela teve que gerenciar uma frota de vans que chegava a Sherwood Forest diretamente de Nova Orleans com ostras, lagostins, pãezinhos de leite e a orquestra de Jimmy Maxwell. Ela também era encarregada

de enfrentar o delicado desafio de ter cento e sessenta e quatro convidados no lado do noivo e dois no da noiva.

*

Na tarde de núpcias, Ivy e Eleanor relaxavam em robes da Richmond Inn, quando Joe voltou de um passeio a Monticello. Em duas horas, a van da noiva iria levá-los a Sherwood Forest.

Ivy, sempre um camaleão, falava no ritmo sulista.

— Eu estava na cama outro dia de manhã… Você sabe, a coisa que mais amo na vida é tirar uma soneca depois do café…

Ivy estava no centro do vasto carpete bege. Seus olhos dançavam com uma alegria perversa. Será que ela havia aprendido com Eleanor a transformar qualquer acontecimento em história?

— Juro para você, o papel de parede começou a se mexer. Pulei da cama, coloquei a mão no local e percebi que estava quente! Vi uma ponta solta e puxei. Por baixo, havia tubos de lama, se arrastando até o teto feito veias. Gritei como uma mocinha de filme de terror para adolescentes. Cupins!

A perna comprida de Ivy despontava por uma brecha do roupão, causando um efeito tão sexy que parecia algo pensado. Mas para Ivy essas coisas aconteciam naturalmente.

— Uma semana depois, fui pegar as cartas e a caixa de correio caiu do poste, bem na rua! Um grupo de turistas foi ler aquela placa velha e eu morri de vergonha.

Joe pegou a câmera para gravar Ivy em seu melhor. Houve maus momentos, mas alguns foram bons.

— No dia seguinte, surgiu um enxame de cupins! Milhares deles, uma nuvem opaca. É assim que acasalam enquanto voam! A pobre Taffy teve que pegar o aspirador de pó e caçá-los no ar. Eles entraram nos olhos, orelhas e nariz dela! Ela já estava cuspindo cupins! E sabe o que mais? Depois que eles acasalam, as asas caem. Então, passei o resto do ano encontrando asas no meu cereal, asas nos chinelos. Certa vez, virei o protetor solar na mão e o que saiu? Mais asas! E sabe o que é mais louco? Se você menciona cupins para qualquer um em Nova Orleans, a pessoa entra em negação total: “Que cupins?” Tivemos que chamar o dedetizador porque eles chegaram às vigas do telhado. Bucky pediu para o cara estacionar na outra esquina. Mas, quando o vizinho chegou em casa e viu o caminhão de dedetização parado na frente da casa *dele*, foi tirar satisfação, e ele

e Bucky bateram boca no jardim! Mesmo depois disso, se você mencionar cupins, Bucky vai perguntar: “Que cupins?”

Ivy se sentou no colo de Joe e envolveu o pescoço dele com os braços.

— Ah, Joe. — Os dois caíram de costas na cama. — Sempre pude contar com você. Eu sou um desastre. Mas a boa notícia é que, depois desta noite, vou passar a ser problema do Bucky.

Bucky entrou. Não dava para saber até que ponto ouvira. Ele se dirigiu a Eleanor em tom formal:

— Como você sabe, seguindo a tradição, minha primeira dança com sua irmã será a Virginia reel. — Ele deixou um papel na escrivaninha perto da porta. — Aqui estão seus lugares.

Ele fechou a porta ao sair. Um silêncio chocante encheu a suíte. Eleanor foi a primeira a falar.

— Então, Joe, é a sua vez de pegar o papel timbrado do hotel.

— Não tem a menor graça.

Ivy se sentou e ficou balançando as pernas na lateral da cama. A escuridão aumentava.

Joe apontou para a mala. Eleanor assentiu, se aproximou da bolsa e pegou um presente.

— Para você! — disse Eleanor, sentando-se ao lado de Ivy. Ela se voltou para Joe. — Amor, tape os ouvidos. — Ela pegou a mão de Ivy. — Homens vêm e vão. Mas nós sempre seremos irmãs.

Sentindo o peso da caixa, Ivy abriu um enorme sorriso.

— Eu sei o que é! — exclamou ela. — São os antigos revólveres de John Tyler! Bucky apostou comigo!

— Na verdade, não. Não são os revólveres.

Eleanor achou adequado que o novo casal tivesse pelo menos um álbum de recordações dedicado à família de Ivy. Como o pai não guardara fotos da infância das filhas, Eleanor desenhou algumas lembranças, além de um mapa de Aspen.

Ela passou meses dedicando ao projeto todo o seu tempo livre. Ainda sofria as consequências físicas: o ombro direito pesado, dor nos olhos, o tecido do estômago devorado pela mistura de café com ibuprofeno.

Como toque final, ela encomendou uma capa de couro em uma papelaria no Bairro Francês. Para a lombada, mandou fazer uma plaquinha de prata e gravou *as garotas flood* na mesma fonte da família Fanning.

— Isso também é legal — comentou Ivy.

*

— Venha cá, você precisa conhecer essa pessoa! — exclamou Quentin.

Eleanor estava novamente em Nova Orleans, na casa de hóspedes da mansão, onde Bucky e Ivy moravam. Fazia um ano que estavam casados. Quentin era um cavalheiro enrugado com a fala arrastada típica do Sul, que se deleitava sem culpa com cada palavra dita por Eleanor. Ela acabara de contar que era irmã de Ivy e que trabalhava com animação em Nova York.

Quentin correu para procurar caneta e papel, deixando Eleanor na sala observando o acabamento das janelas. Bandô, camadas de cortinas em pregas, persiana romana, blecaute rolô. Cinco coisas diferentes. Seis, se contássemos as borlas de seda.

Bucky se aproximou bebericando um *screwdriver* e se juntou a Eleanor na janela.

— Tijolo e marfim são minha história de cor favorita — comentou ele.

— História de cor? — perguntou Eleanor, saindo do transe.

— Uma cor é uma cor. Duas ou mais formam uma história. Claro que você sabe disso.

E saiu.

Havia uns dez familiares e amigos reunidos em torno dos revólveres, recém-afixados à parede acima de uma placa que anunciava com orgulho sua proveniência. Depois que Bucky e Ivy batizaram o filho de John-Tyler, Eleanor sentiu que não tinha opção a não ser lhes dar as armas de presente. Sentado numa cadeirinha no canto da sala abarrotada de antiguidades, Joe tinha uma opinião diferente.

Quentin voltou com um guardanapo de papel.

— Se você trabalha com animação, deveria conhecer esse cara — afirmou ele. — É um grande amigo do Bucky. Ele trabalha naquele programa das garotas com os pôneis, que todo mundo adora.

Ele entregou o guardanapo a Eleanor com um nome escrito a lápis. *Lester Lewis*.

— Lester Lewis? Ele trabalha *para mim*. Espere aí. Bucky contou que o amigo trabalha na *Looper Wash*, mas se esqueceu de mencionar que eu sou a chefe dele?

— Opa, acho que dei uma bola fora — comentou Quentin, e se afastou.

Não havia livros na casa de hóspedes, só uma prateleira com álbuns de recordação. Eleanor leu as lombadas. LE DÉBUT DES JEUNES FILLES 1998; CORTE DO CAOS 1998; SHERWOOD FOREST 2004; NASCIMENTO DE JOHN-TYLER 2005…

— O padre está esperando! — anunciou Ivy. — Temos pouco tempo.

O pequenino e rosado John-Tyler dormia em seus braços, vestindo uma túnica antiga de renda tão longa que a babá uniformizada precisava carregar a cauda.

*

A catedral de St. Louis, ou apenas “a catedral” para os locais, é a mais antiga da América do Norte. Um dos pontos favoritos de turistas em busca de uma atração mais tranquila, ela fica aberta ao público até durante casamentos, batizados e funerais.

Lá dentro, trinta membros da família estavam de pé com hinários; Joe, o ateu teimoso, esperava do lado de fora.

Durante a cerimônia, era difícil escutar a benção do padre Bowman para John-Tyler Barnaby Fortune Gammill Charbonneau Fanning por culpa das bandas que competiam para tocar mais alto na Jackson Square. Toda vez que a porta da igreja era aberta, a família recebia uma rajada da onipresente “When the Saints Go Marching In”. Foi preciso fazer uma pausa nos procedimentos quando uma galinha apareceu e os turistas ficaram agitados tentando tirar fotos. Um deles chegou a derrubar a bengala da vovó Charbonneau. Durante o intervalo, Eleanor parou ao lado de Bucky e ficou procurando algo para dizer.

— Você está apostando mesmo nesse vínculo com John Tyler.

Foi o tom de voz de Eleanor que chamou a atenção da família. Bucky a encarou, sem sair da pose, o olhar desafiando-a a prosseguir.

— É uma pena que ele tenha sido o pior presidente — comentou Eleanor. — Você sabia que a morte dele foi a única em que o Capitólio não hasteou a bandeira a meio mastro?

Até os turistas começaram a prestar atenção nela. Eleanor pensou em acrescentar algo, um *lagniappe*, como falam em Nova Orleans.

— E com quinze filhos… — continuou ela. — A questão não é quem é o descendente dele. A questão é quem *não* é. Quer dizer, metade das pessoas aqui deve ser.

Ela indicou preguiçosamente os turistas de regata.

O rosto de Bucky ficou vermelho. Não houve mais contato visual.

*

Na escada do lado de fora, Eleanor encontrou Joe encostado numa pilastra, morrendo de calor.

— Você tomou a decisão certa — falou, dando um beijo nele.

Ivy correu até eles e agarrou os braços dos dois.

— Escutem, J. T. não tem dormido bem à noite. Acho que vamos para casa, só nós três.

*

Com o olhar cansado, turistas caminhavam pela Bourbon Street carregando seus daiquiris em objetos gigantes que pareciam bongs de maconha. A mancha de vômito da noite anterior permanecia presente, embora um comboio de caminhões houvesse jogado água e em seguida tivesse vindo uma brigada de homens com esfregões. Três garotos de short e chapéu *pork pie* vagavam por ali, carregando um trombone, um trompete e um balde branco que era transformado em instrumento de percussão. Garçons de terno e cozinheiros de branco se apoiavam nas portas dos restaurantes, fumando ou apenas observando a multidão preguiçosa. Não havia becos no Bairro Francês, então garçons, cozinheiros e lojistas ficavam na calçada durante o intervalo. Em um lado da rua, um garoto grudava tampas de latas de refrigerante na sola dos tênis Air Jordan desamarrados. Ele sapateou um pouco. Seu amigo do outro lado da rua respondeu. Nenhum dos dois parecia particularmente comprometido. Um homem pedalava devagar em uma bicicleta muito pequena, os joelhos virados para fora parecendo asas de galinha, uma das mãos no guidom, a outra segurando um emaranhado de linha de pesca. Três galões de leite vazios tinham sido largados no meio-fio. Os garotos com os instrumentos deram de ombros e se sentaram em cima deles. O calor assoberbava todo mundo.

Joe e Eleanor estavam atrás do Preservation Hall, o venerável lar do jazz de Nova Orleans. Joe não se importava com o jazz de Nova Orleans — achava sentimental e festivo —, mas estava determinado a fazer a viagem valer a pena e ver algo de importância histórica. Eleanor ia atrás dele, os pés afundando no asfalto quente a cada passo que dava.

— Você acha que Bucky teria se casado com minha irmã se ela não fosse descendente de um presidente? Lembra que no casamento todo mundo me deu os parabéns pela indicação ao Emmy? Fiquei de olho em Bucky... Ele não estava se aguentando! Nunca reconheceu meu trabalho. Mas claro que se orgulha do amigo Lester, de Vanderbilt. E que universidade é essa? Nunca ouvi falar.

— Antes de conhecer o cara, tudo o que você sabia é que ele era babaca — disse Joe. — O primo dele nos avisou que Bucky era babaca. No casamento, todos os brindes comprovavam que ele era babaca. E agora você está surpresa por ele ser babaca?

— Estou arrependida de ter dado os revólveres para eles.

— Não consigo nem falar disso.

Eles chegaram à esquina da Bourbon e St. Peter. Havia uma placa: MAISON BOURBON PELA PRESERVAÇÃO DO JAZZ. Eleanor fez menção de entrar.

— Não é aqui — falou Joe.

— Está escrito Preservação… — retrucou Eleanor.

— Não é o Preservation Hall.

— Mas tem uma banda…

— No Preservation Hall não teria daiquiri frozen com nomes do tipo Irish Car Bomb. E a banda não estaria tocando “Sara Smile”.

— Não precisa gritar.

Joe ficou boquiaberto.

— Vou encontrar o Preservation Hall — disse ele. — Pode vir comigo ou não. Esse palhaço já conquistou muitas coisas, mas eu me recuso a permitir que me faça brigar com minha esposa no meio da Bourbon Street!

Ele se afastou depressa.

*

Eleanor poderia ter ido atrás de Joe, mas viu Lorraine e os filhos atravessando a rua no outro quarteirão. Por causa do chapéu, ela não sabia se Lorraine a vira.

Um instante depois, viu uma mulher mais velha num vestido longo seguindo para o mesmo local. Ela se lembrava de ter visto aquele vestido na igreja.

Estranho... Eleanor foi até a esquina. As duas mulheres já não estavam mais lá.

Talvez tivessem entrado num lugar chamado Antoine’s.

*

Sob a placa do restaurante, uma porta levava a um salão cavernoso com paredes cobertas com espelhos, pisos de azulejo e mesas com toalhas brancas para dez lugares. Estava vazio, exceto por garçons com gravatas-borboleta pretas

dobrando guardanapos num canto. No outro, havia uma porta de vidro amarelo. Atrás dela, ouvia-se pessoas se movimentando. Os passos de Eleanor ecoaram quando ela se aproximou da porta. Os garçons a encararam, mas logo em seguida continuaram dobrando guardanapos.

Lá dentro havia um salão ainda maior, com teto de madeira entalhada, pulsando com convidados, barulho de pratos e risos. Fotos de celebridades em molduras empoeiradas cobriam cada centímetro dos pilares vermelhos e das paredes. Garçons com longos aventais carregavam bandejas com uma das mãos e limpavam o suor da testa com a outra.

Eleanor olhava de uma mesa para outra. Nada de Lorraine nem da mulher de Pucci.

Atrás dela havia um globo de vidro branco com iluminação interna. Dentro dele dava para ver uma silhueta feminina de cabelo alto. FEMMES.

No banheiro feminino, Eleanor se jogou numa cadeira de veludo e fechou os olhos. Ela não estava raciocinando direito. A briga com Joe. A confusão com Bucky. O maldito calor.

Ela abriu os olhos.

Uma mulher num vestido transpassado lavava as mãos. A bancada estava tão gasta que uma poça cobria toda sua extensão. A mulher secou as mãos e jogou a toalha de papel no lixo cheio. No espelho, sua tiara de plástico. Nela, em joias falsas, as letras *J. T.* ao contrário.

Não era possível.

A porta se fechou.

Eleanor foi atrás dela. A mulher de tiara estava no meio do salão barulhento. Antes que Eleanor a alcançasse, ela desapareceu numa parede de recortes de jornais. Uma porta secreta. Eleanor a abriu.

Ela foi parar num corredor ainda mais lotado de fotos e que parecia mais estreito por ter molduras em ambos os lados. O piso era de tijolo aparente; as paredes, de madeira escura; as portas, de vidro vermelho grosso e ferro retorcido em padrões elaborados. À esquerda, uma foto do papa João Paulo II na cozinha com o próprio Antoine. O prato usado pelo papa estava exposto em um quadro.

A mulher desapareceu de novo, desta vez na direção de uma sombra no fim do corredor. Eleanor foi atraída pelas vozes. Em cima das portas à esquerda e à direita, havia placas com os nomes REX e PROTEUS. Um salão era verde; o outro, púrpura. Eleanor distinguiu roupas de rainha expostas: estolas de arminho, coroas, cetros. Até no escuro as joias reluziam.

No canto, ao final do salão, uma porta entreaberta. Logo acima, em letras fantasmagoricamente brancas, CAOS.

Rumores sobre a presença de Eleanor a precederam. Ivy apareceu na soleira

da porta, bloqueando a visão que Eleanor poderia ter dos convidados, em maior número do que na igreja.

— Você disse… — balbuciou Eleanor. — Achei que vocês três iam para casa.

Em meio à multidão, Bucky, com Mary Marge no colo, mostrou um indício de sorriso e voltou para sua conversa.

— Eu não sabia como explicar... — disse Ivy. — Nós decidimos que só a família deveria vir.

*

Eleanor saiu correndo pela rua e entrou numa loja de pralinês vazia, com ar-condicionado forte e decoração minimalista. Seu suor secou de imediato, causando um arrepio violento.

— Gostaria de experimentar? — perguntou uma mulher ossuda com cabelo preto alisado.

— Claro — disse Eleanor, se esforçando para parecer uma cliente normal.

A mulher lhe deu nozes açucaradas. As lágrimas começaram a jorrar. Eleanor virou as costas e ficou perto demais de uma prateleira vermelha cheia de jarras de molho de pralinê.

O sino da porta tocou. Ivy puxou o braço de Eleanor e a girou.

— Você não tem ideia de como é difícil ficar entre você e Bucky! — declarou Ivy, com uma expressão de súplica.

— Entre mim e Bucky? O que eu fiz para ele? Vim até aqui e perdi a finalização do último episódio da temporada? Arrastei meu marido para um batismo mesmo nós dois sendo ateus?

— Não é o que você fez para ele, mas para mim. Você não veio para o meu aniversário.

Antes que Eleanor digerisse a informação, Ivy deu um passo atrás.

— Eu sei, eu sei… *Eu* nunca esperei que você viesse. Mas é assim que Bucky pensa. — Ela suspirou, preocupada, e acrescentou num ímpeto: — Ele nunca esqueceu que você arruinou nossa festa de noivado.

— Ainda aquele escândalo do cachepô?

O pralinê que ela segurava já havia virado uma gosma na sua mão quente.

— Começou antes. Quando você chegou à festa. Você viu como as pessoas estavam vestidas e perguntou aonde elas estavam indo.

— Eu não fiz isso — retrucou Eleanor, que se lembrava do momento com clareza. — Foi o que eu *pensei*, porque parecia a noite de estreia de uma ópera.

Mas com certeza eu não comentei nada.

— Bucky ouviu.

Uma linha foi traçada. Eleanor ganhava a vida traçando linhas. Portanto, sabia identificá-las.

Foi até o balcão e deu um sorriso forçado.

— Você tem um guardanapo, por favor?

A mulher pegou um papel toalha sob o balcão. Eleanor limpou o açúcar grudado nos dedos, pôs o pralinê no papel toalha e o entregou à atendente.

— Obrigada.

— Ah, não! — exclamou Ivy, dando a volta para encarar o rosto da irmã. — Você está brava?

— Não seria justo com a loja se a gente fizesse um barraco aqui.

Eleanor empurrou a irmã para o lado e saiu.

*

— Muito bem, vamos lá — disse Eleanor para Ivy, já na calçada. — Cadê o álbum de recordações que fiz para você? Cadê meu maldito presente de casamento?

— Como você sabe, nós estávamos esperando os revólveres.

— Percebe que não é você quem está falando isso? — replicou Eleanor.

— Eram da mamãe. São tão meus quanto seus. É a única coisa que ainda temos dela. E estavam largados no seu apartamento.

— E o que você esperava que eu fizesse? Mandasse pelo correio para você na choupana do seu xamã?

— Bucky e eu nos casamos na casa de John Tyler, então era para ser óbvio — disse Ivy com firmeza.

— Você ganhou os revólveres! Da última vez que conferi, estavam na sua parede!

— Deviam estar lá há muito tempo.

Ivy ergueu a cabeça em uma postura desafiadora. Era um gesto peculiar vindo dela. Eleanor nunca o tinha visto.

— Você não respondeu à minha pergunta — falou Eleanor. — Cadê *As Garotas Flood*?

— Bucky e eu ficamos ofendidos com aquele álbum.

— Ivy, estou avisando: cuidado.

— Não sabemos o que tem de interessante em um urso invadindo uma casa

enquanto as crianças estão dormindo…

— É nossa vida, Ivy. Somos nós.

— Ou esperar num carro enquanto tem um assassino em série à solta. E por que diabo você me fez lembrar do atropelamento do Salsinha? Você sabe como eu amava aquele cachorro...

— Eu também amava o Salsinha! Está bem, já entendi. Bucky se alimenta de insultos e deixou você igualzinha a ele.

— Finalmente encontrei um homem que me trata do jeito que mereço. Você pode ter um, e eu não? Aliás, onde estava Joe durante o batizado?

— Agora Bucky também tem problemas com Joe?

— Eleanor, *todo mundo* notou que Joe não entrou na igreja.

— Joe foi atormentado por freiras na infância e não gosta muito da Igreja Católica. Você sabe disso!

— Você zombou na frente dos turistas do homem que inspirou o nome do nosso filho. Ah, Eleanor, nem eu consegui defender você. Dá para ver o sarcasmo nos seus olhos quando você está prestes a dar o bote. Você gosta de ser maldosa e sempre ataca os mais fracos. Estou cansada disso, e Bucky também.

— Tenho um recado para aquela piada ambulante…

— Eleanor, você está falando do meu marido. Ele é meu marido.

— Pode avisar que ele venceu — continuou Eleanor, o rosto ficando vermelho. — Vocês dois vão ter que achar outra pessoa para cultivar mágoas. Porque essa é a última vez que você me vê. E estou falando muito sério.

*

O Preservation Hall tinha oitenta metros quadrados. As paredes eram marcadas por manchas de infiltração e cobertas por placas de mdf perfuradas; as tábuas do piso tinham sobrevivido a diversas inundações. Não havia palco. Cabiam apenas cinquenta pessoas na plateia; quem se sentasse nas cadeiras mofadas da primeira fila teria que disputar o espaço dos pés com a banda. Joe foi um dos sortudos que conseguiram uma cadeira. Estava sentado perto da parede, o corpo se movendo como um saco de ossos no ritmo dos metais pesados do jazz de Dixieland. Eleanor se acomodou aos pés dele.

— Promete — disse ela, enfatizando o movimento dos lábios para ser compreendida em meio ao solo de trompete. — Promete que a gente nunca mais vai brigar.

*

Um mês depois veio o furacão Katrina. Eleanor ligou. Ivy atendeu. Nunca mais falaram sobre a briga na loja de pralinês.

*

As ligações se tornaram cada vez mais cordiais e menos frequentes. Ivy arranjou um emprego como guia de um museu. Depois de uma operação malsucedida na coluna, Mary Marge foi sacrificada. John-Tyler passou por três aniversários. Eleanor mandou de bom grado o que Ivy pediu.

*

Certa vez, tarde da noite, o telefone tocou, um número com código cinco, zero, quatro. Era Lester, de um hotel em Nova Orleans. Ele passara o dia com Bucky e Ivy.

— Aquela noite da minha festa. Em Nova York. Quando Ivy foi para o hotel com ele. Ele sabia que estaria tudo acabado entre vocês.

— Por que você está dizendo isso? — perguntou Eleanor. — O que aconteceu?

— Quando foi a última vez que você os viu?

Fazia três anos.

— Por quê? — indagou Eleanor, o pânico apertando seu peito. — O que aconteceu?

— Você não percebe? — replicou Lester, bêbado e confuso. — Ele está tentando plantar as suas digitais na cena do crime que ele cometeu.

*

No dia seguinte Eleanor ligou para Ivy e perguntou como ela estava. Como ela estava *de verdade*. Ivy deu uma resposta inesperada: tomando comprimidos.

— Drogas? — perguntou Eleanor.

— Remédio — corrigiu Ivy. — Eleanor, tudo muda! Antes, qualquer besteira que acontecesse, tipo Taffy apertar demais a tampa do pote de geleia de framboesa… Eu ia tentar bater a tampa no balcão, jogar água quente em cima, e John-Tyler ficava me perguntando: "Mãe, por que você está chorando?" E eu pensava: *não posso nem abrir um pote de geleia sem espalhar minha infelicidade pelo mundo*. Mas agora que estou medicada… é só um pote de geleia! Posso comer torrada com açúcar e canela! Eu me tornei um estranho produto da era moderna. Deviam fazer um filme sobre isso. Uma mulher medicada reagindo como uma pessoa normal às coisas comuns da vida, e, ao lado, ela como era antes, surtando com essas mesmas coisas.

— Gwyneth Paltrow poderia fazer os dois papéis — comentou Eleanor, categoricamente.

— Está aí um exemplo. Minha antiga versão ia começar a chorar, porque *eu* sou atriz. *Eu* é que deveria interpretar os dois papéis. Mas a versão melhorada de mim mesma? Sim, acho que Gwyneth Paltrow ficaria ótima no papel.

*

Matthew Flood morreu de falência do fígado aos sessenta e seis anos. Fazia dez anos que estava sóbrio. A moça de Dallas em cuja casa de hóspedes as garotas tinham morado não pôde ir ao funeral, mas providenciou que um comboio de jipes vermelhos buscasse as pessoas no Wagner Park e as levasse ao topo da Aspen Highlands. Lá, elas espalharam as cinzas de Matty em sua encosta favorita, chamada Moment of Truth.

Uns dez amigos dele do AA — além de Ivy, Eleanor e Joe — ziguezaguearam pelas trilhas, enfrentando a lama primaveril em carrinhos de neve, e chegou à mesa de piquenique que estivera ali desde sempre. Para dar as boas-vindas, havia guirlandas alaranjadas e azuis, as cores do Broncos, churrasco da Hickory House e a Bobby Mason Band tocando a música favorita de Matty, "Please Come to Boston". A dama de Dallas continuou misteriosa, porém leal, até o fim.

Havia champanhe para cinquenta pessoas, mas só Ivy bebeu.

Na opinião de Eleanor, os amigos de Matty tiveram a delicadeza de não julgar as duas filhas que nunca o visitaram. Joe chorou ao ver a urna crematória no leito de ramos brancos com botões cor de limão; Eleanor não sentiu nada.

A morte prematura da mãe ensinou Eleanor a se fechar. Bem no fundo, ela sabia que devia ter sido uma alma mais carinhosa. Não nascera para ser tão independente. Certo dia, Matty se esqueceu de buscar as garotas no

acampamento de verão e elas tiveram que andar por oito quilômetros até chegar em casa. Matty apareceu depois que os bares se fecharam e se deu conta do que fizera, então rastejou até a cama de Eleanor e chorou.

— Eu sou fraco. Você é tão melhor, de um jeito que eu nunca vou ser.

A neve das botas dele sujava os lençóis baratos da cama.

— Você está bem? — perguntou Joe.

Ele segurou a mão da esposa enquanto se sentavam para partilhar lembranças de Matty.

— Sou louca por você, Joe — sussurrou Eleanor.

Uma mulher de rosto marcado pelo tempo e suéter de lã começou a contar uma história.

— E também teve a vez em que Matty trouxe um bode para o Jerome Bar!

Em meio a risadas de solidariedade, Ivy grunhiu de forma ameaçadora:

— Ele era um filho da puta inútil.

Eleanor ouviu, mas a mulher, não. Ela continuou:

— Acho que ele ganhou do Jim Salter.

— Jim Salter tinha um pônei, não um bode! — disse Bill Stirling, o ex-prefeito, aos risos. — Mas vou dizer quem tinha um bode…

— Ele era um bêbado e um agenciador de apostas — rosnou Ivy. — Ele nos abandonou por semanas e tivemos que nos defender sozinhas.

As atenções se voltaram para Ivy, mas seus olhos frios continuavam fixos em um tufo de grama a meio metro da urna crematória. Ela segurava uma taça de champanhe perigosamente inclinada. No chão, ao lado, uma garrafa só para ela.

Ivy ergueu a cabeça e se dirigiu à mulher grisalha estupefata.

— A gente comia nas prateleiras da farmácia.

— Eu não queria…

— Ele nem sabia em que série eu estava. — Ivy se inclinou à frente. — Fiquei tão subnutrida que meus dentes amoleceram. Ele me incentivou a trocar cartas com presidiários. Desculpe-me se não vejo graça nenhuma em levar um bode para um bar.

Eleanor tocou o braço de Ivy, mas ela continuou, agora se dirigindo a todo o grupo:

— E como seu amado Matty não dava a mínima para mim, eu acabei me casando com um cara que controla todos os meus passos. Agora olhem só para mim. — Quando Ivy se levantou, a cadeira caiu para trás com um *puf*. — Sabem por que estou desse jeito?

Eleanor e Joe já tinham se perguntado. Ivy chegou com uma camisa de manga comprida e uma saia de seda até o tornozelo, os ossos do quadril como dois faróis. O cabelo pintado de um tom desfavorável de ruivo destacava o tom

avermelhado da sua pele.

— Tinta de cabelo tem toxinas que podem fazer mal ao feto se algum dia eu engravidar de novo, então Bucky me obriga a usar henna. Ele acha que dou em cima de todo homem que aparece na minha frente, do jeito que dei em cima dele quando nos conhecemos. E de você também, Joe, no dia em que me casei. Então só posso sair se estiver coberta dos pés à cabeça feito uma judia ortodoxa!

Até aquelas pessoas, calejadas por histórias chocantes, se retorceram nas cadeiras com o comentário com notas de antissemitismo.

— Por toda a minha vida — prosseguiu Ivy, começando a chorar —, não importa quantas vezes eu caísse na sarjeta, pelo menos eu ainda estava melhor do que Matty.

Eleanor se levantou. Ivy se afastou.

— Mas olhem para mim! — exclamou ela puxando o braço, como se alguém tivesse tentado segurá-lo, embora ninguém tenha feito isso. — Tal pai, tal filha, cidadãos de segunda categoria, sujeitos às vontades das pessoas na casa grande!

— Eu sei, Ivy — disse Eleanor, tentando se aproximar da irmã, mas Ivy correu e gritou o resto a uns cinco metros de distância, como se estivesse fazendo os outros de refém.

— Se eu me separar, Bucky vai ficar com a guarda de John-Tyler! Ele está doido para entrar numa batalha judicial. A família dele manda em todos os juízes de Nova Orleans. Ele alega que comprou um produto com defeito. Diz que você e Joe se deram bem, despachando seu lixo para a família rica dele, como se eu fosse louca.

Joe surgiu por trás de Ivy e a segurou pelos braços. A força do abraço fez com que ela relaxasse. Ele a colocou num jipe, pegou as chaves com o motorista e disse a Eleanor que se veriam mais tarde no hotel.

Enquanto Joe dirigia, Ivy manteve o rosto virado para a janela. O único movimento que fazia era segurar a barra lateral com força toda vez que o jipe ameaçava derrapar numa curva acentuada. Depois de descer a montanha, ao chegar ao asfalto da Maroon Creek Road, ainda sem olhar para ele, Ivy finalmente falou:

— Você deve estar se perguntando o que aconteceu comigo. Também me pergunto isso.

Joe dirigiu para o campus luxuoso do Aspen Institute, com esculturas de Herbert Bayer e Andy Goldsworthy, além da cúpula projetada por Buckminster Fuller. Joe estacionou o jipe. Ele e Ivy caminharam até a área destinada aos shows, passando por colinas cobertas de grama verde-esmeralda bem cuidada, algumas com três metros de altura. No topo de um delas, uma mulher de colete de esqui tocava “King of the Mountain” com seu cachorro. No fim do gramado,

em meio aos arbustos, havia uma trilha escondida que apenas os moradores locais conheciam e levava a um semicírculo de bancos no meio do bosque. Era para lá que Eleanor e Ivy iam quando crianças. O lugar favorito delas.

Ivy sentou, se sentindo em casa.

— Acredito em tudo o que você falou — disse Joe. — Vamos descobrir como sair dessa, do mesmo jeito que descobrimos tudo.

— Você chorou lá em cima.

— Mortalidade e natureza. Sempre me deixam assim. Ou você dá o melhor de si, ou não dá o melhor de si. As montanhas não se importam.

— Minha nossa.

Joe riu.

— Desculpe.

Ivy arrancou um ramo de sálvia e esfregou as folhas com as pontas dos dedos. Depois deu para Joe cheirar. Ele se inclinou. Ivy encostou no rosto dele. Joe se afastou.

— Acho que não bebi muita água desde que cheguei aqui — disse ela.

— Estamos a dois mil e quatrocentos metros de altitude. Na montanha eram três e trezentos.

— Você se importa de pegar um pouco de água para mim? — perguntou Ivy.

— Quando eu voltar, podemos conversar sobre tudo. Quero saber.

Joe caminhou uns cinquenta metros até a área dos shows. Era maio e o lugar estava deserto. Num estande de comida destrancado, ele encontrou copos de papel. Pegou quatro, achou o banheiro masculino e os encheu de água gelada da torneira.

Depois voltou para o local secreto, tomando o cuidado de não perder uma gota da sua oferenda.

Ele chegou ao círculo. Os bancos estavam vazios.

Joe saiu do meio do bosque. Não havia sinal de Ivy. A mulher e o cachorro também não estavam mais lá. Joe sentiu outra ausência. A mancha vermelha. O jipe. Ele tinha deixado as chaves no chão.

Joe seguiu depressa pela rodovia até a cidade. Começou a chover. O cume das montanhas parecia coberto de açúcar.

O comboio de jipes passou por ele na saída do funeral. Um parou no acostamento. Era Eleanor.

— Essa foi a última vez — disse Joe. — Está me escutando? Estou de saco cheio dela.

Eles voltaram para o Limelight Hotel. O quarto de Ivy estava vazio, as malas tinham sido levadas. Eleanor recebeu uma ligação. O jipe desaparecido foi encontrado no aeroporto de Aspen, estacionado numa saída de incêndio, com o

motor ligado.

*

Alguns meses antes do funeral, Eleanor e Joe decidiram que estava na hora de Eleanor parar de tomar pílula. Na manhã do funeral, a caminho do Wagner Park, um enjoo repentino a fez vomitar num barril de vinho que estava sendo usado como vaso de petúnias. Ela culpou o ar rarefeito.

No dia seguinte, no caminho de volta para Seattle, no banheiro feminino do aeroporto de Denver, Eleanor tossiu bile.

— Você está bem? — perguntou Joe quando ela saiu.

— Estou — respondeu. — Só a fila que estava muito grande.

Joe não ia acompanhar a esposa até Seattle; de Denver ele pegaria outro voo para Nairóbi. Já estava um dia atrasado para encontrar outros dois médicos com quem faria cirurgias voluntárias. Ele tinha passado o último ano guardando dinheiro e programando a viagem.

Se Joe achasse que a esposa poderia estar grávida, Eleanor sabia que cancelaria a viagem. Ela lhe deu um beijo de despedida no portão de embarque, com esperança de que teria boas notícias quando ele retornasse, na primavera.

De volta a Seattle, as boas notícias vieram na forma de batimentos cardíacos acelerados e um ultrassom impresso num delicado papel térmico. O bebê nasceria perto do Dia de Ação de Graças. Mas, como a Dra. Koo disse, Eleanor tinha quarenta anos e sua primeira gravidez estava com apenas oito semanas.

— É melhor não nos precipitarmos.

Ao sair do consultório, Eleanor recebeu uma ligação de Ivy.

— Acabou. Estou indo embora daqui.

Ao longo da semana seguinte, sempre que Ivy conseguia fugir de Bucky — no mercado, no parquinho, no carro estacionado enquanto fingia ter ido à academia —, ela contava histórias sobre o ciúme tempestuoso e as excentricidades dele.

Eleanor estava vivendo em tecnicolor, mas não pelo fim de Bucky. Era por ser irmã de novo. Não havia alívio maior do que ser amada pela pessoa que você conhece há mais tempo na vida. O coração de Eleanor batia suavemente com uma abundância louca: tanta coisa a contar uma para a outra, tanta boa vontade, tantas comparações a fazer, tantas formas de ajudar e ser ajudada. Ela saiu para o mundo, onde tudo era uma performance para sua co-conspiradora Ivy. Eleanor estava vibrante.

— Ah, Eleanor — disse Ivy, suspirando e aproveitando que Bucky saíra para

comprar comida. — Eu me perdi e descartei você no meio da confusão. Como você não me odeia?

— Tudo o que importa é que estamos juntas novamente.

As duas sabiam que Bucky nunca deixaria Ivy sair de casa, então as irmãs armaram um plano. Bucky iria receber uma honraria da prefeitura por ter contratado prisioneiros com bom comportamento para trabalhar no carro alegórico da Corte do Caos. Ivy ia aproveitar para fugir com John-Tyler e pegar um avião. Eleanor já tinha duas passagens compradas. Encontrou um advogado especializado em divórcio. Já tinha pagado dois meses de aluguel de uma casa na região oeste de Seattle. Ivy poderia trabalhar no consultório de Joe.

Mas Ivy não conseguia acreditar que Joe ia concordar com isso.

— Ele não deve gostar de mim depois do que fiz em Aspen.

— Joe está totalmente de acordo.

Joe não estava de acordo. Ele estava na África, sem telefone ou internet.

*

Era uma loucura, uma rota de colisão iniciada por Eleanor.

Sua imaginação virou um campo de batalha para o fogo cruzado entre Ivy e Joe.

Ivy: Mas, Eleanor, sem um bom advogado vou perder a guarda do meu filho.

Joe: Eu? Financiar uma batalha judicial entre Ivy e Bucky? Você só pode estar brincando!

Ivy: Você não tem dinheiro da época da *Looper Wash*?

Joe: Quando eu ganho dinheiro, ele é “nosso”, mas quando você ganha, é “seu”?

Ivy: Joe nunca entendeu o que significamos uma para outra.

Joe: Eu tenho seis irmãos. E nada de drama. Isso se chama impor limites.

Ivy: Prometo que pago minha dívida quando vencer na justiça.

Joe: Nós dois sabemos que Bucky nunca vai dar um tostão para sua irmã.

Ivy: Posso compensar trabalhando como babá para vocês.

Joe: Uma criança louca nos ajudando com o bebê? Nem pensar.

Ivy: O que importa é vencermos esse cara.

Joe: Ninguém vence o Trovador Atormentado.

Então vinha o som de buzinas e Eleanor voltava à realidade. Ela estava parada diante de um sinal verde.

*

O voo de Ivy aterrissou ao meio-dia. Eleanor comprou um carrinho de bebê e escreveu na parte de trás de um envelope. *Bem-vindos a Seattle, Ivy e J. T.!* Ficou esperando no portão de desembarque junto com os motoristas de limusines.

Ivy surgiu com um vestidinho de alça, o cabelo louro de novo.

— Viva! — exclamou Eleanor.

John-Tyler não estava com ela. Os olhos de Eleanor se fixaram na próxima virada da porta giratória. Um garotinho de blazer azul-marinho surgiu, segurando a mão do pai, Bucky.

Eles pararam na frente de Eleanor. Os três.

— A escolha foi minha — disse Ivy. — Não tem nada a ver com Bucky. Eu estava muito emotiva por causa do tratamento de fertilização e dos medicamentos. Eu precisava de ajuda, agora entendo. E estou recebendo.

John-Tyler, com mocassins Gucci que cabiam na palma da mão, parecia um adulto em miniatura. Ele carregava um dinossauro de plástico e herdara o queixo do pai. Eleanor não percebera que Bucky tinha queixo até vê-lo no sobrinho.

Sem dizer uma palavra, Bucky passou uma lista de condições a Eleanor. Ela deu uma olhada, entorpecida. Se quisesse visitar Ivy, poderia ir a Nova Orleans e ficar num hotel. Sua entrada não seria permitida na casa deles. Ela nunca poderia ficar sozinha com John-Tyler.

Eleanor esquadrinhou o rosto de Ivy em busca de qualquer coisa: uma lágrima reprimida, um brilho de desespero no olhar que significasse “Te ligo depois”, um lábio trêmulo. Nada.

Bucky carregava uma sacola de compras da Neiman Marcus.

— Não vamos precisar disto.

Dentro havia um livro de capa de couro. Na lombada, *AS GAROTAS FLOOD*. O choque ao ver o livro e ao notar que Ivy aquiescia paralisaram Eleanor.

Sem baixar a mão, Bucky soltou a sacola. Ela fez um som abafado ao atingir o chão.

— Vamos procurar o embarque? — perguntou Bucky, com o braço na cintura de Ivy. — Nosso avião decola em uma hora e estou com o pressentimento de que as autoridades vão nos obrigar a passar por mais uma revista.

— Vamos, meu amor.

Bucky se voltou para Eleanor.

— Você acha que a culpa é minha, claro. Um dia vai entender que está tudo na sua conta. Você nunca me deu uma chance. Sim, eu levo uma vidinha em Nova

Orleans. E pode-se dizer que eu me envolvo de forma exagerada com o carnaval. Mas sou radicalmente leal à minha família, sabe. Qualquer desentendimento que tenho com sua irmã é consequência do fato de querer o melhor para ela e para nosso filho. Sou o primeiro a admitir que Ivy e eu temos problemas no casamento. Que casal não tem? Mas é uma questão básica de inteligência emocional saber que, quando alguém conta apenas histórias de terror unilaterais, você escuta, mas não sai tramando o divórcio alheio. É verdade, Eleanor, que você e eu temos estilos diferentes. E pelo que sei, o mundo ainda permite isso. Tem um provérbio budista que diz: "Não é porque um barco lhe ajuda a atravessar o rio que você precisa carregar esse barco nas costas pelo resto da vida." Em outras palavras, Eleanor, você é o barco, e Ivy decidiu deixar você para trás.

E então os três viraram as costas e se afastaram.

Eleanor levou alguns segundos para conseguir falar.

— *Onde estão os revólveres?* — Ela os acusava aos gritos. — Quero meus revólveres! Quero meus revólveres de volta!

*

Dez minutos depois, Eleanor estava sentada no banco de trás de uma viatura de polícia estacionada diante da área de desembarque. Ela explicou ao jovem policial que tudo não tinha passado de uma discussão familiar, e que as armas em questão eram antiguidades e nem funcionavam mais, eram praticamente metáforas. E, mesmo se atirassem, estavam penduradas na parede de outro estado.

— Você precisa se acalmar, senhora. — Era o policial, falando através de uma pequena abertura da janela. — Não quero ter que levar a senhora para a delegacia. Mas precisa se acalmar.

Por favor, Deus, não deixe essa raiva e esse medo atingirem meu bebê. Por favor, não deixe Joe voltar do Quênia e descobrir que fui presa. Prometo, Deus, se você me tirar daqui com um bebê saudável e sem Joe saber, Joe e o bebê serão minha família. Nunca mais vou pensar em Bucky e Ivy.

— Calma, senhora. Conte até três e deixe essa história para trás. Pronta?

— Um, dois, três.

*

A época logo após o nascimento de Timby foi a mais difícil para não ter uma irmã. Amamentação. Rotina para dormir. Eleanor fez aulas com uma educadora perinatal que acreditava que cadeiras altas, *slings* e deitar de bruços eram coisas ruins, quase abuso infantil, e, claro, Eleanor queria comparar com a irmã, que tinha sido mãe antes dela. O cotidiano era cheio de armadilhas da memória. (Mirtilos: o dia em que Eleanor e Ivy fizeram a sopa fria de mirtilos do livro de receitas do apartamento na Bank Street e os dentes dos convidados ficaram manchados de roxo.) Mas, assim que a lembrança de Ivy era despertada, Eleanor estalava a pulseira de elástico. Se estivesse sem ela, brigava consigo mesmo em voz alta:

— Não!

Quando Eleanor voltou do aeroporto, depois que o policial bonzinho a deixou ir para casa, ela tirou do apartamento tudo o que tivesse relação com Ivy. (Feijão: quando moravam em Nova York, elas decidiram fazer chili e chamar os amigos para uma festa, mas como a cozinha era muito pequena, elas cozinharam o feijão na noite anterior e o deixaram fora da geladeira. O prato acabou fermentando e as duas tiveram que pedir comida chinesa.) Eleanor tirou do closet todas as roupas que lembrassem Ivy. Uma camiseta Fiorucci que já fora lavada mil vezes e estava macia como seda foi doada para a caridade. Ela também se livrou do avental Conran, comprado em Astor Place na época em que moravam na Bank Street.

Livros. *Jane Eyre*. *O drama da criança bem-dotada*, sublinhado por Ivy. *Para lá do fim do mundo*, rasgado ao meio durante um acampamento para que as duas pudessem ler ao mesmo tempo, depois colado com fita crepe. Um exemplar da *Vanity Fair* com Daryl Hannah na capa, na qual havia o anúncio que Ivy fez para a Dior. Caixas de sapatos cheias de fotos, que Eleanor queria organizar em álbuns: qualquer uma com Ivy ia para o lixo, e o lixo era jogado fora.

As Garotas Flood vivia olhando para ela.

Anos antes, Joyce Primm, uma jovem editora, havia demonstrado interesse em expandir as ilustrações para um livro de memórias em quadrinhos. Eleanor hesitou.

Mas e se ela as publicasse assim...?

E se exibisse ao mundo a história da infância das duas? A história sobre perder a mãe amada e se tornar mãe de Ivy aos nove anos. Milhares de motivos a incitavam! O momento em que ela e Ivy disseram para Matty que iam explorar a trilha mais difícil de Aspen e ele mal tirou os olhos do jornal ao dizer:

— Foi um prazer ter conhecido vocês.

Ou quando Tess, já depois de diagnosticada, passava horas dentro do carro estacionado, escutando sem parar “Frank Mills”, da trilha sonora de *Hair*.

A imaginação de Eleanor iluminava o céu com a visão de Bucky vagando por uma livraria do Garden District e encontrando as memórias ilustradas *As Garotas Flood*. A injúria! A humilhação! Em pânico, ele compraria todas as cópias de Nova Orleans para que ninguém mais visse! Ela finalmente daria a volta por cima! As pessoas diriam a Ivy:

— Eu não fazia ideia de que você tivera uma infância tão horrível. Graças a Deus você e sua irmã têm uma à outra.

E Ivy precisaria mentir, ou admitir que descartou Eleanor como se fosse lixo. De qualquer forma, uma doce vingança!

Sim, Eleanor desenhou aquelas doze ilustrações por amor, mas isso não significava que não poderia transformá-las em armas.

Jogar charme para Joyce Primm para fechar o contrato enquanto tomavam drinques no W Hotel fez Eleanor se sentir ao mesmo tempo desvairada e exultante, como uma mulher jogando todas as roupas do namorado no meio da rua.

Mas, quando chegou a hora de se sentar e escrever as memórias, a energia vingativa havia sumido. Eleanor tentou recapturá-la em prol da arte, mas não conseguiu. Enfiou *As Garotas Flood* no fundo do armário para lidar com isso mais tarde.

Oito anos se passaram.

As lembranças de Ivy ficariam sempre ali. Dependendo do dia, faziam Eleanor sentir raiva, melancolia, desolação ou até mesmo nada. Mas Eleanor era incapaz de *não* se lembrar de Ivy. Ainda assim, aprendeu a controlar o tempo de recuperação. Depois de tantos anos de prática, não precisava de mais de cinco minutos para voltar a si.

*

No fim de semana anterior, Eleanor, Joe e Timby se hospedaram em uma pousada em Lummi Island. O lugar tinha uma biblioteca fresca e escura, com uma caixa de chás que era um verdadeiro tesouro, e jornais em prateleiras de madeira. Perfeito para uma tarde de outubro, enquanto Timby e Joe andavam de caiaque. Eleanor ia ler o *New York Times* da forma como o jornal foi feito para ser lido: devagar, da primeira à última página. Ela não pularia sequer os obituários.

Uma mulher fez fortuna importando bananas do Caribe e enriqueceu ainda mais plantando algodão. Isso parecia vagamente familiar. Eleanor releu a

manchete.

ARMANITO TRUMBO CHARBONNEAU
PILAR DA ALTA SOCIEDADE DE NOVA ORLEANS
MORTA AOS 92

Antes que Eleanor controlasse os olhos, eles pularam para a última frase.

“Ela deixa um neto, Barnaby Fanning, historiador, e dois bisnetos, John-Tyler e Delphine, filhos dele.”

Borrão

— Coloquem alguma coisa embaixo da cabeça dela — disse alguém.

Abri os olhos e deparei com um círculo de preocupação. Spencer, Timby, um guarda do museu e uma mulher mais velha estilosa estavam ajoelhados ao meu redor, a mulher desamarrando um longo cachecol floral. Ela dobrou várias vezes o lenço ao meio até ficar do tamanho de uma cabeça. No caso, a minha, que logo levantei para ela acomodar o cachecol. Uma desvantagem da caxemira superfina? Não importa quantas vezes for dobrada, fica tão parecida com um travesseiro quanto uma folha de papel ofício.

De um círculo secundário de pessoas de pé:

— Chamei uma ambulância.

— Para mim? — perguntei. — Não preciso de ambulância.

Embora me sentisse um pouco atordoada…

— Só relaxe e respire — disse a mulher no comando da situação.

A diretora do museu? Considerando a profundidade das rugas, a pele fina e o cabelo branco, encaracolado e esvoaçante, ela devia ter uns oitenta anos. Os óculos gigantes de armação preta tornavam seu rosto — desafiadoramente sem maquiagem — ainda menor.

— Checou as pupilas dela? — sussurrou alguém.

— Mamãe!

Timby se jogou em cima de mim.

— Fala sério! — falei, acariciando suas costas. — Estou bem.

Mais ao fundo, uma pessoa contava para outra o que tinha acontecido, em tom animado:

— Eu estava checando o estoque, aí vi essa mulher correndo e, *bum*, ela desabou no chão.

— Levanta, mamãe! — pediu Timby.

— Pois é — acrescentou alguém. — Ela não consegue levantar.

— Se vocês estão falando de mim — respondi às pessoas ao redor da cabeça de Timby —, saibam que prefiro não me levantar.

— Você quer água? — perguntou um dos operários.

— Não.

Ele se virou para Timby.

— Você quer água?

— É mineral?

— Alguém deveria ligar para a família dela — sugeriu uma mulher agitada.

— Garotinho, você tem pai?

— Claro que ele tem pai — retruquei. — O que você está pensando?

— Temos como encontrá-lo?

— O número está no celular dela — disse Timby.

— Eleanor? — chamou Spencer. — Podemos pegar seu celular?

— Eu deixei o aparelho cair num balde de iscas.

Houve um "ãh?!" coletivo.

— Deixou de ser útil para mim.

— Uau! — exclamou Spencer, seguido por outro "uau" pronunciado como se tivesse três sílabas.

— Uau o quê? — perguntou a diretora do museu.

Fiquei grata pelo comentário, pois me poupou de fazer essa mesma pergunta.

— Às vezes ela diz umas coisas… — esclareceu ele, mais ou menos.

— Ela é sempre assim? — perguntou alguém, difundindo um dar de ombros em resposta.

Aquelas pessoas se impressionavam com facilidade.

— Façam o favor de me lembrarem de nunca participar do Jogo das Famílias com vocês — comentei.

Formou-se um amontoado em torno de uma escultura verde como o Hulk.

— Sempre teve esse buraco nela? — perguntou uma voz.

— Buraco? — replicou Spencer, olhando ao redor.

— Você pode ir — falei, pois parecia o que ele queria ouvir. — Estou libertando você.

Spencer correu até a escultura. A diretora do museu esticou o pescoço para ver.

— Pode ir também. Todo mundo que quiser, pode ir.

A diretora do museu e um funcionário prontamente aceitaram, me deixando a sós com Timby. Acariciei o cabelo dele.

— Como você está, querido?

— Eu queria que você se levantasse.

— Então vou me levantar. — Eu me sentei. — Está feliz agora?

— Levantar até ficar de pé — respondeu ele, puxando meu braço.

— Esse aço tem uns três milímetros de espessura — disse alguém perto da escultura. — E olha o buraco que ela fez.

Todos se voltaram para mim com admiração e inveja.

— Brett Favre! — anunciei, triunfante.

— Deite de novo — disse Spencer.

— Brett Favre é o quarterback que eu não conseguia lembrar. Aquele do polegar.

— Muito bem — disse Spencer. — Deite.

— Não! — retrucou Timby.

— Se você esquece um nome e não lembra, pode ser um sintoma precoce de Alzheimer — falei para Spencer. — Mas se vem à sua mente depois, então está tudo bem.

— Já ouvi falar disso também — disse a diretora do museu.

A postura dela era perfeita. Desse jeito que eu vou envelhecer. Abra mão de tudo, mas se vista com elegância e mantenha a coluna ereta. "Viva intensamente", como dizem, a não ser que isso signifique outra coisa. E aqueles óculos pretos gigantes... Certamente vou seguir esse caminho. Como a atriz Elaine Stritch. Ou Frances Lear. Ou Iris Apfel. De onde entrava esses nomes? Eu estava cheia de referências inúteis!

— Vá quando puder, não quando precisar — falei.

Todos olharam para mim.

— Conselho sobre ir ao banheiro — expliquei. — Um bom conselho.

Eles me ignoraram e se voltaram para multidão em pânico.

— Está tudo bem — disse a diretora do museu. — Nós temos seguro.

— Para a exposição — complementou o de mãos azuis. — Que ainda não começou.

— Não é assim que o seguro funciona — rebateu a diretora do museu.

— Eu acreditaria nela — gritei. — A idade traz sabedoria.

Spencer semicerrou os olhos para mim, enquanto o resto da patrulha da preocupação continuava de costas.

No chão. Minha bolsa. O chaveiro.

D-E-L-P-H-I-N-E.

Meu Deus.

— Vamos — sussurrei para Timby.

Peguei as chaves e me levantei. Minha cabeça estava pesada e mal posicionada no pescoço. Pisquei algumas vezes, ajeitando meu centro de gravidade.

— Viu?

A resposta de Timby foi abafada por uma sirene próxima.

Spencer e os outros estavam envolvidos demais em sua briga de sussurros para notar nossa saída à francesa.

Ah, Spencer, pobre Spencer. Eu torcia para que um dia ele fizesse sucesso.

Opa, calma aí...

O único sinal de vida que havia enquanto subíamos a escada da escola era um coelho pulando no gramado.

— Óun — murmurou Timby.

— Cadê todo mundo? — perguntei.

— Varrendo as folhas lá atrás.

— A escola inteira?

— Com nossos amigos sem-teto.

Uma escola vazia! Isso combinava perfeitamente com meu plano covarde: entrar sem ser vista, devolver as chaves e sair despercebida.

O que eu fiz era mesmo imperdoável. Por minha causa, uma jovem mãe tinha passado meio dia de mau humor procurando suas chaves. Não importa que ela fosse magra e autoconfiante, ninguém merece isso.

Agora, quanto motivo, eu não podia admitir que, na tentativa patética de dar o troco na minha irmã por ter ficado sabendo por um maldito jornal que ela teve uma filha, roubei as chaves de uma mãe cuja filha tinha o mesmo nome…

Você admitiria?

A coisa toda me deixou terrivelmente abalada. No passado, já fui chamada de maluca muitas vezes. Mas era maluca beleza, maluquinha, somos todos um pouco malucos mesmo. Mas roubar as chaves daquela mulher? Nem mesmo O Truque poderia impedir que a situação fosse digna de uma maluca assustadora.

Abri a porta e atravessei o corredor. A sala de reunião estava às escuras; na mesa ainda havia uma infinidade tentadora de lugares onde eu poderia largar as chaves e depois sair correndo. Girei a maçaneta. Trancada!

“Parabéns pra você” soou pelos corredores.

Segui a música até a sala da coordenação. A recepção, território de Lila, estava vazia.

— Parabéns pra você, nesta data querida!

Todo mundo estava na sala da Gwen comendo bolo. Perfeito! Fui até o balcão de Lila, peguei uma caneta, um envelope e escrevi em letra de forma: ACHEI ESSAS CHAVES.

Mas então uma voz… Uma voz alta… Uma voz na mesma sala que eu.

— Vou pegar uma faca!

Era Stesha, coordenadora de atividades extracurriculares.

— Oi, Eleanor!

Stesha fez o que sempre fazia ao me encontrar: levantou a camiseta para

mostrar sua tatuagem da *Looper Wash*. Ela era uma Vivian, ao que tudo indicava.

— Olhe só! — falei.

O que mais eu poderia dizer?

— Você quer falar com Lila? — perguntou ela.

— Não, não…

— Olá. — Era Lila! — Como está Timby?

— Bem melhor.

Nós três ficamos ali paradas.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Lila.

— Eu precisava assinar o papel. Só que eu me esqueci de fazer isso de manhã. Você não mandou um e-mail lembrando que todo mundo devia assinar quando viesse buscar as crianças mais cedo? Civilidade ou algo assim?

— Ah, mas você não precisava ter vindo até aqui só para isso — disse Lila. — Eu estava presente quando você buscou Timby.

— Isso é só para os pais que pegam os filhos direto da sala de aula — esclareceu Stesha.

A onda de informações inúteis causava um misterioso efeito paralisante.

— Isso é para mim? — perguntou Lila, afinal, sobre o envelope na minha mão.

— Não! — respondi, rasgando o papel em pedaços.

— Diga a Timby que desejamos melhoras.

Fui para o corredor, onde meu filho estava ajoelhado, com o rosto colado numa caixa de acrílico transparente trancada cheia de notas de um dólar.

— Mãe, olhe! Deve ter mais de mil dólares aqui!

Acima da caixa, um aviso: DEIXE UM DÓLAR. Ao lado, um post-it: ÚLTIMO DIA PARA DOAR!

— É para comprar meias e cobertores para um abrigo de sem-teto.

— Hunf! Entendo a preocupação, mas não entendo por que tem que ser tudo sempre sobre os sem-teto!

— Os pais vão contar o dinheiro hoje — explicou Timby. — Se nossa escola arrecadar mais que as outras, vamos para um parque aquático.

A sala de reunião agora resplandecia. Duas jovens mães e um jovem pai estavam por ali (os mesmos? Está perguntando isso logo para *mim*?) abrindo espaço na mesa para contar o dinheiro. (A política da escola era: se um serviço requer dois voluntários, por que não enviar e-mails agressivos pedindo seis?)

Isso me deu uma ideia.

— Timby, vá até seu armário e pegue sua mochila.

— Estou com a mochila aqui.

— Pegue seus tênis de educação física.

— Por quê?
— Para lavar.
— Como é que se lava tênis de educação física?
— Na máquina de lavar.
Timby fez uma careta.
— Não, senhora.
— Sem discussão. Obedeça.
Timby correu escada acima para o armário.
Os trabalhos dos alunos do quinto ano sobre a histórica expedição de Lewis e Clark estavam expostos na parede. Fingindo interesse, peguei as chaves da bolsa e as joguei na caixa. Mal fizeram barulho graças à grande quantidade de dinheiro que aquelas almas caridosas doaram.
Em questão de minutos, um dos pais voluntários abriria a caixa, encontraria as chaves e as devolveria para a mãe de Delphine. Ninguém prejudicado, nenhum delito cometido. Ou quase.
Vi o jardim pela janela da sala de aula do segundo ano. Os pequeninos carregavam ancinhos, se preparando para voltar ao prédio da escola.
Hora de vazar. Enfiei a mão na bolsa para pegar as chaves do carro. Mas pareciam esquisitas. Então olhei para baixo.
D-E-L-P-H-I-N-E.
Aaah! Dei meia-volta.
Minhas chaves! Na caixa de doações! Na caixa trancada de doações!
De repente me lembrei da época em que eu frequentava uma academia chique em Nova York. Eles estavam passando por uma epidemia de armários roubados e acabaram descobrindo que um mau elemento estava arrombando os cadeados. Como? Passando uma toalha de ginástica por dentro do gancho do cadeado, segurando as duas pontas e puxando para baixo com bastante força. Sempre pensei em fazer algo parecido.
Na outra extremidade da parede de Lewis e Clark, os garotos haviam pendurado clavas: bastões e pedras amarrados com… fitas de couro!
E ainda dizem que Deus não dá asa a cobra.
Desamarrei a parte de couro de uma clava e a dobrei várias vezes. A barra ainda estava limpa, mas as crianças estavam a caminho. Em um minuto invadiriam o local.
Passei a fita de couro pelo buraco no gancho do cadeado e segurei firme as pontas. Dei um puxão forte e...
A caixa escorregou da mesa e caiu no chão!
Eu me ajoelhei. A maldita caixa ainda estava trancada. Peguei outra clava e comecei a bater no cadeado. Aquela joça resistia. Finalmente, os parafusos da

fechadura começaram a se soltar. Abri a tampa e enfiei a mão, as notas de um dólar se espalharam para tudo quanto era canto. Peguei minhas chaves e joguei *D-E-L-P-H-I-N-E* no bolo de dinheiro. Sucesso! E ninguém me viu.

Exceto Timby, que estava ali segurando os tênis sujos.

— Você já ouviu falar na palavra *inconsciente*? — perguntei a Timby pelo retrovisor, enquanto descíamos o Queen Anne Hill.

— Não.

— O inconsciente é uma parte nossa que fica escondida e faz coisas que a gente nem percebe e pensa coisas sem que se dê conta.

— Hum.

Timby estava com a cabeça virada, olhando pela janela.

— É quase como se houvesse outra pessoa dentro de você com ideias próprias. E muitas vezes elas não são lá muito boas.

Timby retorceu a boca. Os prédios de tijolos que passavam pela janela continuavam monopolizando seu olhar.

— O que estou tentando dizer é que, hoje de manhã, *parte de mim* pegou as chaves da mãe de Delphine.

— Sua mão.

Ajeitei o espelho.

— O que você quer fazer quando chegarmos em casa? — perguntei. — Jogar cartas? Fazer pizza? Podemos ver *Não Estou Dizendo?*.

— Posso ver sozinho?

Paramos num sinal perto da Key Arena. Uns dez monges com cabeça raspada, túnicas cor de açafrão e bolsas confeccionadas em aulas de costura para iniciantes atravessaram bem na nossa frente. Na outra esquina, pedestres aguardavam diante de um sinal de NÃO ATRAVESSE, mesmo sem nenhum carro por perto.

— Seattle — falei. — Nunca vi uma cidade com pedestres menos ansiosos para atravessar a rua.

— Talvez eles sejam felizes assim — disse Timby.

Passei a cesta de presentes para trás.

— Abra esse negócio, por favor.

Com uma concentração surpreendente, Timby tentou desfazer o nó, porém só conseguiu apertá-lo ainda mais. Ele puxou as pontas, mas o nó estava colado. Tentou rasgar as dobras do celofane, mas só enfiou um dedo no meio. Por fim, pegou um lápis no estojo e perfurou o embrulho.

— Nossa! — exclamei. — Bom trabalho.

Os monges pararam diante de um food truck e entraram na fila. Na capota havia um focinho cromado. PORCO E PORCARIAS, anunciava.

— Sabe o que pode ser divertido vermos juntos? — sugeri. — *Looper Wash*.

— Kate O. assiste *Looper Wash* — contou Timby, comendo um pãozinho de

azeitona. — A mãe dela tem os DVDs. É o programa favorito das duas.

Parei diante do nosso prédio e apertei o controle da garagem.

— O que isso quer dizer? — perguntou Timby. — *Looper Wash*?

— A mulher que escreveu o roteiro tinha quatro filhas.

— Violet Parry, sua melhor amiga.

— Isso aí. A mais velha era filha dela e as outras foram adotadas na Etiópia, no Camboja, e mais algum lugar...

— Se eram adotadas, também eram filhas dela — corrigiu Timby.

Estacionei e desliguei o motor.

— Violet escreveu o piloto sobre quatro garotas que se encontravam em um *wash* na cidade de Looper.

— O que é um *wash*?

— É um pântano seco. Era como se as garotas fossem "as doidas do pântano". — Ajustei o espelho para que pudéssemos nos ver. — Eu sei, é meio esquisito. Sempre precisa de explicação. Mas as garotas são hilárias. Elas odeiam tecnologia e progresso. E também hippies e desperdício de comida.

Timby, agora comendo biscoito, não parecia convencido.

— Confia em mim. É engraçado.

— Parece malvado.

— Quando crescemos, a maldade se torna uma coisa engraçada. — Eu me virei para ele. — Violet e eu fazíamos um programa que adultos e crianças adoravam, cheio de sátira social e empoderamento feminino… Por isso foi muito importante.

Depois me virei para a frente.

— Você está chorando? — perguntou Timby.

Abri a porta e desci do carro.

— Não precisamos ver se você não quiser — disse Timby, ainda com a cesta de presentes no colo, que agora não passava de uma bagunça de palha, embrulhos vazios, jarras abertas e algumas balinhas de menta soltas.

— Mas eu quero — respondi.

Entramos no elevador. Apertei T e as portas se fecharam.

— Vamos começar com o episódio piloto — falei. — É um pouco arrastado, mas tem coisas engraçadas.

— Tipo o quê?

A porta se abriu e nós fomos até a caixa de correio.

— O programa era colorido à mão na Hungria…

Abri a caixa de correio. Lixo, lixo, lixo.

— E as garotas davam balas de menta com chocolate para os pôneis.

— Sério?

— Um cara da equipe dizia que pôneis adoram balas de menta com chocolate…

Um envelope grande do Jazz Alley. INGRESSOS PARA A TEMPORADA. Apesar das minhas reclamações, Joe deve ter renovado a assinatura. Pelo menos parecia que ele tinha me escutado e escolhido menos shows.

— Enfim… — continuei, enfiando os ingressos debaixo do braço. — Eles recebiam nossos desenhos na Hungria, mas acho que não conheciam essas balas e certamente acharam que era tipo uma carne.

Timby prestava atenção em cada palavra.

— Não tivemos tempo de corrigir isso. Aparece bem depressa, mas se você prestar atenção vai ver que Millicent dá uma carne sangrenta aos pôneis.

— Quero ver!

Um grito repentino veio do outro lado do corredor.

— Ali está ela!

Sydney Madsen! Correndo na minha direção com seu corpo esguio de corredora e seus tênis esquisitos à prova d'água. Engoli em seco.

Ajay, o porteiro, estava com ela. Seja lá o que Sydney Madsen tinha feito ele passar, o salário dele certamente não compensava.

— Eleanor, você está bem! — Sydney segurou meus braços e me sacudiu. — O que está acontecendo?

— Fiz a maior confusão! Achei que tínhamos um almoço marcado.

— Isso eu entendi depois de todos os recados que você deixou.

Ela demorou o dobro de tempo que uma pessoa normal levaria para dizer isso, graças à sua pronuncia arrastada.

— Meu celular estava desligado porque passei duas horas e meia em reunião. Quando saí, havia cinco recados seus.

Em parques aquáticos, alguns brinquedos têm o seguinte aviso: VOCÊ *VAI* SE MOLHAR. Sydney devia ser obrigada a usar o aviso: VOCÊ *VAI* SE ENTEDIAR.

— Sou tão idiota... — comentei. — Estou perfeitamente bem.

Mas Sydney Madsen não tinha terminado.

— Tentei ligar para seu celular, mas ninguém atendia. Tentei sua casa. Tentei o restaurante. Vim até aqui e este rapazinho me deixou subir e bater à porta, mas não me deixou entrar no apartamento. Também liguei para o consultório de Joe, mas disseram que ele estava de férias.

— Ela bateu com a cabeça — contou Timby, se metendo na conversa. — No museu. Ela desmaiou. E jogou o celular fora.

Sydney afastou a franja dos meus olhos e me encarou assustada. Levei a mão à testa.

— Iiih — falei, estremecendo.

Um galo havia se formado.

— Você foi para o hospital? — perguntou Sydney.

— Vou ficar bem — falei. — Só preciso subir e me deitar.

— Isso é exatamente o que você não pode fazer — disse ela. — Eleanor, existe um protocolo a ser cumprido quando alguém sofre uma concussão. Você fez o teste no aplicativo de concussão?

— Como é? Existe um aplicativo de concussão? — perguntou Timby.

— Espere — retrucou Sydney. — Por favor, não me diga que você dirigiu por aí depois de bater a cabeça.

— Hummm — fez Timby, com um sorriso adorável.

— Eu me segurei por anos — disse Sydney, retomando seu ritmo devagar quase parando. — Mas estou muito preocupada com seu padrão de comportamento e preciso desabafar. Você tem que recuperar as rédeas da sua vida.

Existe forma melhor de acabar com qualquer alegria do que ouvir *rédeas* nesse contexto? Considere-se avisado. Diga *rédeas* quantas vezes quiser, mas saiba que não vamos ser amigos.

— Metade de você está neste mundo e a outra metade está sabe-se lá onde — zumbiu Sydney. — Sou uma pessoa ocupada. Cancelei um compromisso para vir atrás de você. Andei para cima e para baixo na garagem procurando seu carro. Vi o carro do Joe, mas o seu não. Fiquei louca de preocupação. É quase como se você não tivesse consideração pelos outros.

— Ela comprou isso para você.

Timby entregou para Sydney a cesta de presentes devastada, com o celofane rasgado e a comida devorada.

— Vou levar você para o hospital. — Sydney estendeu a palma da mão. — E você não vai dirigindo.

— Está bem. — Dei as chaves do meu carro para ela. — Eu vou com você.

— Você vai? — perguntou Timby.

— Só vou lá em cima rapidinho para pegar a carteirinha do plano de saúde. Já volto. Venha, Timby.

*

No apartamento, segui direto para o armário da lavanderia. Tirei a tampa da antiga lata de farinha onde guardávamos as chaves extras.

— Mãe, o que você está fazendo?

— Uma coisa divertida.

*

De volta ao elevador, Timby foi apertar o T. Eu o impedi a tempo e apertei o da garagem.

— Sydney disse que viu o carro do papai. Se for isso mesmo, essa é uma evolução importante.

— É?

Timby me seguiu pela garagem. De fato, o carro de Joe estava lá. A vaga dele fica um andar abaixo da minha (não é uma gracinha ele ter me deixado com a melhor vaga?), por isso eu não tinha visto o carro quando chegamos. Usei a chave extra para destrancar as portas.

— Nós vamos entrar? — perguntou Timby.

Liguei o carro e esperei o computador de bordo carregar. As caixas de som explodiram numa *jam session* insípida de uma das rádios favoritas de Joe.

— Aff — resmunguei, desligando. — Música ao vivo deve ser ouvida ao vivo. Senão, é como comer salada murcha.

No banco de trás, Timby caiu na gargalhada.

— O que foi?

— Salada murcha! Hilário!

— Nossa. Sempre achei que você não entendia minhas piadas.

— Eu entendo. Mas na maior parte das vezes não são engraçadas.

Nosso bairro apareceu no GPS. Cliquei nas opções do menu e escolhi traçar uma rota.

Na tela, as ruas de nosso bairro ficaram cobertas por linhas pontilhadas que mostravam os caminhos que Joe fizera. Diminuí o zoom da imagem para entender melhor por onde ele estava andando.

A linha mais grossa demarcava o caminho entre nosso apartamento e o consultório dele. Mas havia outra linha, quase tão marcada, entre nossa casa e um destino misterioso a cerca de oito quilômetros. Ficava em Magnolia, um bairro tranquilo numa parte afastada da cidade aonde nunca íamos. Aonde não fazia sentido ir.

— O que você está fazendo? — perguntou Timby.

Aproximei a imagem. Área residencial. Isso não era bom.

— Coloque o cinto de segurança.

Cantamos pneu pela rampa em espiral e entramos no trânsito. Não resisti a dar

uma espiada. Na portaria, Sydney Madsen, de costas para nós, agitava os braços enquanto falava com o pobre Ajay. Ele arregalou os olhos quando percebeu que éramos eu e Timby acelerando rumo a Third Avenue.

— Lembra que eu disse que o inconsciente é uma parte nossa que às vezes têm péssimas ideias? — perguntei. — Não se trata disso agora. Agora sou eu, sua mãe, fazendo algo que sei muito bem que é uma péssima ideia.

Seguindo a trilha eletrônica de migalhas de pão, virei a esquina e peguei a Denny Avenue. O sol queimou meus olhos. Baixei o quebra-sol, histérica. Uma foto caiu. Nós três, no ano anterior, brincando com coelhos angorás na feira estadual de Puyallup. Uma onda de desconforto: uma lembrança de felicidade.

— Óun — disse Timby. — Posso ver?

Passei a foto por cima do ombro.

*

Assim que Joe e eu nos mudamos para Seattle, fomos à feira estadual, pela primeira vez na minha vida. Desde então, virou tradição. Claro que esta nova-iorquina nata aqui ficou horrorizada com a energia de ex-presidiários e o sobrepeso do público que estava zanzando por ali. Em todo canto, minitrailers vendiam bolinhos de framboesa. O ORGULHO DE WASHINGTON, anunciavam os cartazes. Eu pensava: que triste, para o estado de Washington, sentir tanto orgulho por tão pouco.

O mesmo podia ser dito sobre as outras atrações. Esperava-se que ficássemos impressionados com bodes nos cercados e com a bandeira do estado de Washington feita com pedaços de legumes, ou que nos acotovelássemos para ver uma demonstração de limpeza de joias. Devo ter passado muito tempo em pé, ou talvez fosse o calor de setembro, mas, quando percebi que Joe estava realmente animado para participar de uma corrida de porcos (“Olhe! Estão correndo atrás de um Oreo!”), eu entreguei minhas armas. Entrei em comunhão com o povo do estado de Washington, essa parte branca e fofinha da humanidade, com armas, Jesus e óculos de sol.

Então pensei: que triste para *você*, Nova York, sua vadia viciada em crack, obcecada com status, mal-humorada, de olhar enviesado, calçadas sufocantes, com lojas da Prada cujos designs foram feitos por arquitetos famosos que se reproduzem feito células cancerígenas, com esse papinho sem fim sobre preço de imóveis presente em qualquer conversa civilizada, com restaurantes ensurdecedores onde é impossível conseguir mesa, com astros vulgares da televisão expulsando o verdadeiro talento da Broadway, com ruas fedorentas lotadas de SUVs cada vez mais pretos com janelas cada vez mais escuras conduzindo os tubarões da Bolsa cada vez mais ricos. E você, como fica?

Sempre atrás da modinha de ontem.

Naquele momento, passei a amar nossa nova vida no úmido estado de Washington e, em especial, Joe, por me arrastar até aqui e me salvar da versão piorada de mim mesma, a que acreditava que Manhattan era o centro do universo.

*

— Lembra que ano passado você não me deixou comer bolinho de chuva?

Foi o que passou pela cabeça de Timby. Ele me devolveu a foto.

— Por que você está triste? — perguntou.

— Estou preocupada por talvez não ter dado muita atenção ao seu pai.

— Está tudo bem, mãe. Você é assim mesmo.

Parei o carro e apoiei a testa no volante. Eu sentia minha respiração acelerada no peito.

— Não quero ser assim — confessei, com a voz chorosa. — Não quero.

Tirei o cinto e me virei para trás.

— O que você está fazendo? — perguntou Timby, a voz aguda de preocupação.

Eu era só uma bunda enquanto tentava pular para o banco de trás.

— Preciso te dar um abraço — grunhi, me esforçando para passar o pé por cima do banco.

— Não — disse Timby, indefeso no canto. — Pare com isso, mãe.

— Quero ser merecedora de você — falei, arquejando tanto quanto no trabalho de parto. — Você merece uma mãe melhor do que eu.

Fiquei entalada entre a marcha e o teto, numa posição de gárgula disforme.

— Meu Deus, olhe só para mim! Não sei o que estou fazendo!

— Nem eu — disse ele. — Volte para o seu lugar.

Girei os ombros para voltar ao banco da frente. Timby me deu um impulso com o pé. Puxei meu cabelo.

— E agora, além de tudo, estou agindo de forma muito esquisita e assustadora!

— Ah, vamos lá, supera — retrucou Timby. — Boa menina.

Assumi o volante e segui a Elliott Avenue, uma avenida de tráfego intenso ladeada por trilhos de trens, fábricas abandonadas e demolições, tudo prestes a ser ocupado por empresas de tecnologia preocupadas com o meio ambiente. Em outras palavras, nada de pedestres.

O que fez com que um cara sozinho a pé chamasse minha atenção.

Não podia ser. Diminuí a velocidade. Mas era ele mesmo.

— Só pode ser brincadeira!

Abri a janela e parei diante dele.

— O que houve? — perguntou Timby. — Por que você está parando?

— Alonzo! Entre!

Ele continuou andando.

— Não consegui — disse ele, gritando por causa do barulho dos carros. — Não vou voltar.

— Estou na faixa dos ônibus. Entre!

Alonzo aceitou, ainda furioso. Estava muito irritado, de braços cruzados, se recusando a fazer contato visual. Retomei o caminho. O alerta irritante do cinto de segurança apitando.

— Cinto de segurança — disse Timby.

Alonzo não se mexeu.

— Ele tem necessidades especiais? — perguntou Timby.

— Que necessidades? — replicou Alonzo.

— Nenhuma. É que não se pode dizer “retardado”.

Timby cutucou o braço de Alonzo.

— Com licença. Posso usar seu celular?

Alonzo entregou o aparelho por cima do ombro.

— Alonzo! O que aconteceu?

— Voltei lá e a primeira coisa que vi foi um bloco de rolos de fita vermelha para fazer laços de Natal do tamanho de um sofá! Fiquei enjoado e dei meia-volta. Sabia que faz anos que estou escrevendo um romance? A agente de Ben Lerner disse que eu podia mandar para ela quando terminasse.

— Que maravilha!

— Mas não consigo terminar, porque minha alma é um matadouro.

— “Às colheres de café andei medindo a minha vida” — recitei, em comiseração.

Alonzo se encostou na porta do carro para ter uma perspectiva mais ampla de mim.

— Obrigado. Mas meu inferno é particular.

— Ou não. Sabe aquele contrato que eu assinei para lançar um livro? Foi cancelado. Minha editora nem trabalha mais na área. Agora ela edita queijo.

— Ah, não! — gritou Timby. — Estamos pobres agora?

— Você e eu? — continuei, falando com Alonzo. — Nós somos artistas. Escolhemos um caminho que é noventa e nove por cento composto de obstáculos e rejeição. Mas estamos nisso juntos. É o que importa.

— Nem vem. Você é uma mulher com um marido rico. Eu não sou nada além de um professor adjunto. E ainda estão querendo me demitir.

— Quem?

— Uma criadora de caso da Internet, moradora de Tacoma, com um megafone e uma página no Facebook e que se apresenta como puxadora de assunto. Puxadora de assunto! O mundo dessa menina é confinado à câmara de eco das redes sociais. Ela não entenderia um poema nem se o esfregasse na cara.

— Qual o problema dela com você?

— Sabe-se lá como, ela teve acesso ao cronograma do meu curso de introdução à poesia. Muitos homens brancos mortos para o gosto dela. Então criou uma petição on-line para que eu seja demitido. Minha lista de leituras tem Langston Hughes. Também tem Gwendolyn Brooks. Mas, segundo ela, essas são as exceções que comprovam a regra.

— Você acha que ela vai conseguir?

— "Aos melhores lhes falta toda a convicção, enquanto os piores estão plenos de intensidade apaixonada" — recitou Alonzo, melancólico. — Agora os universitários não vão saber que essa citação é de Yeats porque ele é a raiz de todo o mal. Assim como Walt Whitman e Allen Ginsberg. Ah, e eu. Não esqueça que sou branco. E também sou mau. Eu me sacrificaria se isso ajudasse. Mas, não, ela só quer que eu perca minha casa. Já planejou tudo. Está com ódio, então deve estar certa.

— Acho que pode haver outro ponto de vista. Mas diversidade é um dos assuntos com os quais decidi não me importar.

— Sabe o que eu faço quando começam a discutir? — perguntou Timby. — Concordo com a última pessoa que falou.

— *O que é mais comprido, um gato ou um donut?* — disse uma voz computadorizada vinda do banco de trás.

Levando um susto, quase subi no meio-fio.

— É o aplicativo de concussão — explicou Timby, segurando o celular. Ele se virou para Alonzo. — Mamãe bateu a cabeça.

— Bateu?

— A cada cinco minutos uma nova pergunta é feita — continuou Timby. — Se ela não souber responder, então é sinal de que precisa ir para o hospital.

— Na maioria dos casos, um gato — falei. — Está feliz agora?

Eu seguia o GPS que me levava a um bairro aleatório.

— Eca, Magnolia. Quem é que ia querer morar aqui?

— Numa casa de seiscentos mil dólares? — replicou Alonzo. — Eu.

— Joe nunca comentou nada sobre Magnolia — murmurei.

— Desculpe, mas o que é que você está fazendo? — perguntou Alonzo.

— Papai tem ido a algum lugar e não tem contado para mamãe, então ela pegou as chaves do carro dele.

Alonzo ficou olhando de mim para Timby.

— Desde que ela bateu a cabeça, tem feito péssimas escolhas — comentou Timby.

Estacionei onde a linha pontilhada do mapa terminava abruptamente. Estávamos em uma região de lotes uniformes e casas de tijolos vermelhos modernosas. A aparência geral era tudo menos agradável, as casas mais pesadas que leves. Estou surpresa que os hipsters ainda não tenham descoberto esse lugar. Se eu chegar viva ao fim do dia, talvez descubra. Pode ser o lugar perfeito para viver e depois morrer dormindo, ou pelo menos pedir doces no Halloween.

Saí do carro.

A vizinhança tinha uma tranquilidade assustadora e os jardins de azaleias e o bordo japonês eram estranhamente antissépticos.

Por que diabo Joe viria aqui? Nenhuma pista.

Olhei para trás. No painel de controle, através do para-brisa: JAZZ ALLEY. O envelope com os ingressos. Estava tão leve…

Enfiei a mão pela janela e o peguei.

— O que você vai fazer com isso? — perguntou Timby.

Dei as costas e abri o envelope. Um ingresso para cada show. Joe decidiu ir sozinho.

— Ah, não — lamentei. — Não, não, não.

A porta se abriu. Alonzo foi calmamente até um gramado longe do carro, para que Timby não ouvisse nada, e esperou por mim.

— Talvez você queira conversar sobre o que está acontecendo.

Música abafada, uma batida pesada, uma cantora atraente e a voz corrigida em estúdio. Timby pulara para o banco da frente e estava todo feliz se balançando ao som da música “dele”.

Respirei fundo.

— Sem que eu percebesse… — falei para Alonzo — meu casamento se transformou numa sociedade empresária limitada. — Mostrei os ingressos para provar. — Joe e eu nos tornamos adultos que têm como função criar uma criança. Quando nos conhecemos, eu iria a qualquer lugar com ele. Eu prestava atenção em tudo o que ele dizia. Ficava encantada com cada pequeno gesto. Você nem acreditaria se eu dissesse os lugares em que já transamos! Nós nos casamos, claro, assim é a vida. Mas não era a vida. Era a juventude. Agora, Joe vai sozinho a shows de jazz e eu fico fazendo piadas sobre como me tornei fria e inconstante. Vinte anos atrás, eu espalhava charme e fazia comentários interessantes. Se você encostasse o dedo na minha bochecha, a pele voltaria

imediatamente ao lugar como se fosse feita de pão de ló. Agora meu rosto é uma panqueca chinesa e as pessoas mudam de calçada quando me veem se aproximando. Sem falar dessa barriga nojenta!

— Se vale de alguma coisa, eu gosto de você — disse Alonzo.

— Não é possível.

— Ninguém recita poemas como você. Você os ataca com um pragmatismo despretensioso e sem pose.

— Mas sou burra.

— Você tem a cabeça de uma iniciante, mas é uma cabeça boa. Você sempre aponta algo que eu ainda não tinha notado.

— *Somente* — falei, me referindo à epifania que tive na aula.

— *Somente* — repetiu Alonzo.

A música abafada virou música pop alta. Timby havia aberto a porta.

— Mãe! Descobri uma coisa!

Alonzo e eu trocamos olhares intrigados e fomos até ele.

Na tela do GPS aparecia a lista dos últimos endereços visitados.

— O endereço que papai colocou aqui era no número novecentos.

— Extremamente inteligente, Sr. Holmes — disse Alonzo.

Olhei ao redor. Estávamos na frente do novecentos e quinze.

Alonzo apontou para o outro lado da rua. Na esquina, um enorme gramado. Diante dele, a placa com os números em preto: *900*.

Ao fim do gramado, um prédio de tijolos menor que os outros. CENTRO COMUNITÁRIO MAGNOLIA. Uma cadeira dobrável mantinha a porta aberta.

— Eu nem sei para que serve um centro comunitário — falei.

— Ei, Timby — disse Alonzo, se debruçando no carro. — Você sabe dar estrela?

— Sei!

— Então me ensina?

Assenti com gratidão para Alonzo e atravessei a rua. Ouvi a voz no celular na mão de Timby. *Qual a cor da laranja?*

— Laranja — gritei.

Atravessei o gramado na diagonal rumo à porta aberta. Na cadeira, uma jarra cheia de anêmonas recém-colhidas. Lá dentro, um aplauso discreto. Entrei…

…em um lugar que era bem menor do que eu esperava.

Num círculo de cadeiras dobráveis, havia dez pessoas sentadas, mas podiam ser vinte considerando o número de tatuagens. Nada de Joe.

— Bem-vinda — disse um homem careca com colete de couro. — Você é novata?

Nas paredes, pôsteres: VÁ COM CALMA. MANTENHA A SIMPLICIDADE. UM DIA DE

CADA VEZ. VOLTE SEMPRE.

Xi.

Todos os olhares estavam fixos em mim. As expressões das pessoas eram tão compassivas e demonstravam tanto sofrimento que era impossível não se abrir.

— Estou procurando meu marido. Ele tem um metro e noventa. Cabelo castanho meio grisalho. Olhos azuis. Não é alcoólatra. Eu acho. Não sei mais o que fazer. Bati a cabeça. Trouxe meu filho, ele está lá fora dando estrela com um poeta que é basicamente meu amigo de aluguel. Sei que isso aqui é anônimo e tal, e que vocês não gostam de dedurar uns aos outros, mas eu quero muito, muito encontrar meu marido. Então, se eu disser o nome dele, vocês não precisam falar nada, podem só balançar a cabeça, como em *Todos os Homens do Presidente*...

Os olhares passaram a ser de desconforto, e muito. Eles enfim se alinharam ao homem de colete.

— Se sua vida está sendo afetada por um viciado — disse ele com gentileza —, então nós com certeza temos material que pode ajudar.

Ele apontou para uma mesa com livros e panfletos. Ao lado, uma cafeteira, algumas xícaras e uma caixa de creme de avelã onde estava escrito: SOMENTE PARA VICIADOS EM SEXO.

— Aaaah! — exclamei. — Vocês são do sexo. Meu marido não é *isso*.

Talvez eu tenha falado com certo desdém, pois uma mulher começou a chorar baixinho.

— É melhor eu ir — falei, andando para trás. — Boa sorte nas… jornadas de vocês.

Eu saí, cobri o rosto com as mãos e fiquei resmungando.

— Está com você!

A voz de Timby foi trazida pelo vento.

Olhei para a frente.

Alonzo corria atrás de Timby na direção de um prédio redondo ao fim de uma área coberta.

Numa placa com fonte dos anos 1970: PRÍNCIPE DA PAZ.

Uma igreja. Segui o caminho amplo e convidativo, ladeado por couve-ornamental e amor-perfeito roxo.

Girei uma maçaneta de bronze do tamanho de um bastão de críquete e entrei no nártex acarpetado e de pé-direito baixo. Isso mesmo, um nártex. Foi a palavra do dia num calendário de décadas atrás e, de todas as palavras que esqueci, nártex não foi uma delas.

Alonzo estava sentado num piano vertical encostado na parede.

— Qual é a sua música favorita? — perguntou ele a Timby.

— “Love You Hard”.

— Não conheço.

— É da Pansy Kingman. A estrela de *Não Estou Dizendo?*.

Ele notou minha presença.

— Onde você estava?

— Em lugar nenhum — respondi.

Meus olhos ardiam. Talvez fosse porque saí do sol e entrei num lugar escuro… Eu precisava me sentar.

— Me dá um minuto? — pedi a Alonzo.

Abri a porta que levava à área maior da igreja (essa não foi uma palavra do dia, ao que parece).

— Você vai entrar para a igreja? — perguntou Timby.

— Vou entrar *em uma* igreja.

Alonzo tocou uma introdução alegre e começou a cantar.

— *If it hadn’t been for Cotton-Eyed Joe, I’d a been married a long time ago. Where did you come from? Where did you go? Where did you come from, Cotton-Eyed Joe?*

*

Entrei. A igreja se abriu para mim. A luz vinha de cima, filtrada pelo vitral. Mais luz pelas janelas laterais. Lâmpadas halógenas desciam graciosamente por fios longos e finos. Velas acesas em castiçais vermelhos. Cheiro de incenso no ar.

Eu me sentei no banco e os pensamentos voaram.

*

Bucky citando Buda! Eu andando em círculos e arrastando um carrinho de compras com a roda quebrada. Nem músculos nem determinação conseguem me libertar. Ivy parada lá no aeroporto, seu silêncio confirmando que eu era o barco que devia ser deixado para trás.

Era óbvio por que ela fez isso: o mundo de Bucky era construído com base na exclusão. O preço da admissão é a lealdade servil. Depois que Ivy expôs a verdade sobre o seu casamento, era ele ou eu.

Epifania!

Certa vez Violet me disse: “Mudança é o objetivo. Epifania é o prêmio de

consolação para o último colocado.”

Ela estava certa, claro.

Eu não queria entender o que tinha acontecido. Queria apenas minha irmã de volta.

Desculpe, Eleanor. É o que Ivy diz ao me assombrar às três da manhã, enquanto Joe dorme tranquilamente ao meu lado. *Precisei tomar uma decisão horrível. Mas saiba sempre que eu a vejo como você é. Você é minha família. Também sinto sua falta.*

Então acordo suada, abandonada, um monstro cheio de suavidade e força, todas as qualidades que já tive. Na manhã seguinte volto para minha rotina, que é só uma paródia de rotina por causa da minha vergonha secreta: fui reduzida a alguém que sente falta de Ivy.

*

Toquei o banco vazio ao meu lado, algo que faço sempre que estou me remoendo de saudade da minha irmã.

O conforto, a felicidade de tê-la sentada ao lado. Ter mais uma vez uma irmã que sempre “passava para visitar”, como disse Spencer. Só de imaginar a pele de Ivy e seus membros, algo surgia dentro de mim, as garotas Flood juntas de novo, prontas para conquistar o mundo.

— Licença?

Era Timby. Ele entreabriu a porta e enfiou a cabeça no quarto.

— Você pode citar três países da Europa?

— Espanha, França e Luxemburgo.

Timby me deu um joinha e fechou a porta.

*

Troquei de analista esta semana. Contei a história do Trovador Atormentado, a versão que tenho aperfeiçoado sempre que passo a noite sem dormir. Nela, Bucky era o vilão; eu, a vítima; Ivy, uma marionete. Era tão imparcial que poderia ser contada por terceiros. (O Truque ataca novamente!) O analista disse que a pior coisa que uma pessoa pode vivenciar é ser o receptor de “ódio e falta de compreensão”.

— E se houvesse algo pior? — perguntei. — Ódio *com* compreensão.

Tudo o que Bucky disse sobre mim naquele dia no aeroporto. Nada estava errado.

Aceita experimentar um Gouda frutado? Desculpe, Joyce Primm, você está vendendo queijo porque queria a história verdadeira da minha vida, mas eu já tinha traçado um *X* sobre ela.

*

Ergui o rosto.

As cores da luz empoeirada eram as cores do outono, as cores dos anos 1970: laranja, mostarda, marrom, verde-oliva. O vitral parecia mais inspirado em Peter Max ou em Milton Glaser do que na cristandade. A mão de alguém segurando uma pomba. A palavra *felicidade* em uma fonte agressiva. A única representação de Jesus mostrava-o com cabelo oleoso com as cores do arco-íris, como Bob Dylan na capa do disco. Certo domingo mamãe chegou em casa radiante de otimismo porque o coro cantara "Day by Day", do musical *Godspell*, e o padre anunciou que, a partir de então, mulheres poderiam usar calça na igreja. Ela morreria naquele ano.

Papai costumava chamar nós três de "minhas garotas". Mamãe chamava nós duas de "minhas garotas". Esse vergonhoso afastamento das garotas Flood era uma tremenda desonra para os dois.

Construir um muro em torno de Ivy, Bucky e os cacos do passado parecia a única solução na época. E, por anos, funcionou. Mais ou menos! Só que hoje o muro caiu.

Eu me levantei. Meu coração estava tão pesado quanto um asteroide.

Eu faria cinquenta anos em maio. Minhas conquistas? A maioria das pessoas teria inúmeros sonhos impossíveis. Consegui tudo o que eu quis nesta vida, com charme para dar e vender. Exceto amar direito as pessoas que eu mais amava.

Estava na hora de tentar algo diferente. Mas o quê?

*

Alonzo e Timby estavam de pé, gastando energia de forma intensa e brincalhona.

— Aonde foi parar? — perguntou Alonzo. — Espere, olhe ali!

— *Onde?*

Timby saltitava. Alonzo passou a mão atrás da orelha de Timby e tirou uma

moeda.

— Aqui! Isso não está certo!

Timby pegou a moeda da mão dele.

— Isso não está certo! — repetiu Alonzo, e se virou para mim. — Teve sorte?

— Nenhuma — falei.

*

Juntos, nós três saímos e semicerramos os olhos por causa do sol da tarde. Fomos em direção ao carro.

O encontro dos doze passos havia acabado. Alguns viciados estavam por ali bebendo café e fumando. Eu me aproximei deles.

— Oi. Queria pedir desculpas de novo por ter interrompido.

— Pinguém é nerfeito — disse o homem de colete.

A mulher frágil me observava com cautela enquanto bebericava o café. A caneca era da marca Color Me Mine, aquela que o cliente pinta em casa. Não havia como confundir a porcelana grossa e a pintura malfeita.

Achei que estava alucinando.

— Posso ver o outro lado da caneca? — perguntei.

Ela a virou. Havia o desenho infantil de uma bengala e a palavra *Papai*.

Era a letra de Timby.

— Joe. Ele esteve aqui — afirmei.

Todo mundo desviou rapidamente o olhar. Eu gritei, frustrada.

— Tem alguém aqui que não seja viciado em alguma coisa? Tenho uma pergunta básica para fazer.

— Todos saíram cedo e pegaram um ônibus para a Key — disse uma mulher que se abaixava para acariciar um gato.

— A Key? — perguntei.

— A Key Arena.

A Key Arena fazia parte do Seattle Center, quase trinta mil hectares no meio da cidade, onde aconteceu a Exposição Internacional de 1962. O campus bem-cuidado abrigava cinco museus, sete teatros, uma dúzia de restaurantes e nenhuma vaga. Então fiz o sacrifício de usar o serviço de manobrista.

Meu olhar foi atraído para o alto pelo Obelisco Espacial e sua fantástica imponência, as luzes brancas começando a ficar mais fortes que a do céu ao anoitecer.

— Posso fazer xixi? — perguntou Timby.

— Rápido.

— Eu levo ele — disse Alonzo.

Eles seguiram para o teatro infantil.

Fui para um deque, encostei na grade, e observei a vastidão.

O verão acabara: o alegre carrinho de pipoca estava trancado e encostado numa parede de concreto. As folhas chorosas do boldo-japonês estavam cor de salmão. Exércitos chegavam todo amanhecer para apagar qualquer sinal do outono no chão; estava só nas árvores. O gramado estava recém-cortado e parecia um carpete aspirado. Homens barbados de coque samurai com vinte e poucos anos andavam de bicicleta por ali, os crachás das empresas de tecnologia balançando. A enorme fonte no meio jorrava água para cima e para fora, cinquenta bocais voltados para o céu, todos sincronizados com a música, que do meu poleiro distante parecia clássica e violenta. Crianças em diferentes estágios de nudez corriam de um lado para outro pela borda da fonte, desafiando a imprevisibilidade dos jatos d’água. Algumas tremiam violentamente por terem perdido: era véspera de inverno.

A Key Arena agigantava-se.

Feia, assimétrica, toda de concreto. Era difícil imaginar que aquilo tivesse sido considerado bonito, mesmo em 1962. Os Beatles tocaram lá. Elvis também. Foi lá que os Sonics ganharam o campeonato. Mas esse tempo passou. Os Sonics se mudaram para Oklahoma. Nenhum dos times da NBA queria se associar àquele lugar. As bandas não queriam mais tocar lá. O lógico a se fazer seria demolir tudo. Mas a ideia sempre causava um fuzuê, mesmo que os defensores não encontrassem nenhum argumento além de um sentimentalismo teimoso.

Alonzo se aproximou.

— Quero ir para casa — falei, sentindo um medo repentino. — Não quero saber aonde Joe tem ido.

— Eu quero! — retrucou Alonzo, dando uma gargalhada.

— Timby, vamos.

Mas o menino estava longe, correndo morro abaixo na direção de um grupo de pessoas que caminhava por ali com copos do Starbucks.

— Papai! — gritou ele.

Uma dessas pessoas era Joe.

*

Minha mãe foi representada por um jovem agente teatral chamado Sam Cohn antes que ele se tornasse o lendário Sam Cohn. Ela fez uma festa surpresa de aniversário para ele em nosso apartamento alugado e esquisito no Upper West Side. Seu toque especial: cada convidado tinha que trazer um amigo que Sam não conhecesse. Enquanto todos os amigos de Sam se escondiam na escada dos fundos, ele entrou numa sala cheia de estranhos gritando:

— Surpresa!

*

Agora era minha vez de escrutinar os rostos desconhecidos, esperando sentir alívio ao ver pessoas que não me despertavam nenhuma lembrança.

As pessoas sorriam e conversavam animadamente, como se ainda estivessem preocupadas com causar boas impressões. O silêncio da familiaridade ainda não havia assentado.

Joe viu Timby. Seu rosto se iluminou. Ele estendeu o café para uma das pessoas desconhecidas bem a tempo de Timby saltar no seu colo. As pernas do menino estavam tão compridas a ponto de parecer que Joe estava segurando um adulto.

Joe olhou ao redor e me viu no deque.

Acenei.

Ele balançou a cabeça, mas não parecia surpreso nem arrependido. Era quase como… se não for uma ousadia dizer isso… ele estivesse gostando da situação inusitada.

O plano

Do ponto de vista de Joe, Eleanor voltou a ter trinta anos, de short jeans, camisa de botão com estampa de rosas vermelhas e pés descalços na areia.

*

Joe estava no segundo ano da residência em medicina, cumprindo plantão noturno na emergência do Southside Hospital, em Long Island. As noites de sexta sempre traziam arruaceiros com lesões causadas pelo álcool, mas nunca alguém tão cativante quanto as garotas Flood.

A primeira a atrair seu olhar foi Ivy, de um metro e oitenta, pele leitosa, etérea e graciosa, o vestido amarelo esvoaçante com uma mancha preta na barra por ter sido arrastado no chão. Algo nela fazia você querer tocá-la para confirmar se era mesmo real. Mas era Eleanor quem estava machucada, seu braço direito imobilizado por um lençol.

— Me conte o que aconteceu — pediu Joe.

Eleanor tinha olhos verdes e algumas sardas. Bonita, mas não a mais bonita.

— Sabe quando você está andando na praia… — começou ela, fazendo uma pausa para arrotar. — Desculpe. E vê aquelas casas com deques frágeis e fica pensando quem seria idiota de pisar num troço daqueles, ainda mais dar uma festa para trinta pessoas?

— E a resposta é… — disse Ivy, apontando para Eleanor.

— Vamos ver o estrago.

Joe apoiou o braço dela numa mesa e desatou cuidadosamente o nó do lençol.

Eleanor olhou em volta, como se estivesse roubando a sala de exames para ter os detalhes do local. Joe observou-a observar. Ficou sem graça e baixou os olhos, que pousaram na curva da cintura dela, pelo vão dos botões da blusa. Logo em seguida ele desviou o olhar. O punho dela estava bastante inchado. Joe estendeu a mão.

— Consegue apertar minha mão?

Eleanor tremeu, incapaz de mexer os dedos.

— Sou destra! É com essa mão que trabalho. Se eu não conseguir segurar um lápis, minha vida está acabada.

— Ou pelo menos vai ficar mais difícil — acrescentou Ivy, voltando-se para Joe, como se a irmã não estivesse na sala. — Ela é meio exagerada.

— O trabalho dos sonhos cai no meu colo e o que eu faço, antes mesmo de assinar o contrato? Alugo uma casa em Fire Island e dou uma festa.

— Eu queria que fosse uma festa à fantasia — disse Ivy, fazendo biquinho. — Estamos no meio do verão, hoje é vinte e um de junho.

— Você já se veste o tempo todo como a Titania de *Sonho de uma noite de verão* — replicou Eleanor, voltando-se para Joe. — Quer coisa mais caipira? Gastar dinheiro que não se tem em uma festa?

— Vamos tirar uma radiografia.

— Ai. Meu. Deus — disse Eleanor. — Que camiseta é essa?

Joe abriu o jaleco branco para checar. A camiseta que tinha vestido no escuro naquela manhã era amarela do tom de narciso com um alegre palhaço azul e as palavras *Meyer Mania*. Ivy deu a volta na mesa. Agora as duas irmãs o julgavam.

— Meyer Mania? — perguntou Ivy.

— É — respondeu ele, sem entender a animação. — Tenho isso desde sempre.

— Mas *o que* é isso? — perguntou Eleanor.

— Minha teoria é de que uma família de sobrenome Meyer fez essas camisetas para uma festa e ganharam uma estampa grátis, então escolheram um palhaço alegre.

— Mas como *você* conseguiu uma? — indagou Eleanor.

— Achei na secadora da faculdade.

Eleanor segurou Ivy com a mão boa. Ivy também a segurou.

— O que foi? — perguntou Joe.

— Talvez a gente ame você — disse Ivy.

A radiografia revelou uma fratura significativa no rádio distal. Joe voltou para a sala de exames e encontrou as irmãs conversando sobre a festa.

— Estou surpreso que você não esteja morrendo de dor — comentou Joe.

— Ah, eu estou — admitiu Eleanor. — Mas lido bem com a dor. Não dou conta é do desconforto.

— Você ganhou! — exclamou Ivy, cutucando Eleanor, que deu um gritinho de comemoração.

Por um instante, as irmãs risonhas não prestaram atenção em nada além delas mesmas. Depois Ivy explicou para Joe:

— Fazemos uma competição. Tentamos provar quem tem o caráter mais fraco das duas.

Joe tentou entender o cálculo.

— Você ganhou vinte pontos — disse Eleanor a Ivy. — Minha vida acabou e você está preocupada consigo mesma.

Ivy estava na ponta dos pés, o pescoço virado para ver o próprio reflexo na

janela.

— Alguém dê um espelho de mão para o Narciso aqui antes que ela pule no balcão — disse Eleanor.

— A carreira dela não acabou, não é? — perguntou Ivy.

— Não — respondeu Joe. — Vamos colocar um gesso e ela estará segurando um lápis em duas semanas.

— Gesso? — reagiu Eleanor. — "Alô, Violet Parry? Eu estava num deque que rachou, então quebrei o punho e você vai ter que achar outra diretora de animação." — A voz dela subiu uma oitava. — Por que agora? Por que minha mão direita? As coisas finalmente começaram a dar certo…

— Chega de falar! — exclamou Joe, surpreso com seu tom autoritário.

Surpresa maior: Eleanor parou de falar.

— Meu Deus — sussurrou Ivy.

— O mundo não é seu amigo — disse Joe a Eleanor. — Não é projetado para que as coisas aconteçam do seu jeito. Tudo o que você pode fazer é tomar a decisão de ser forte e lutar contra a maré.

Eleanor sorriu.

— E ligar para você na segunda.

— E me ligar na segunda.

— Meu Deus!

Desta vez, Ivy falou em alto e bom som.

*

Vinte anos e um filho depois, apartamentos comprados e vendidos, pertences empacotados e desempacotados, uma mudança para o outro lado do país, enterrar os pais, sucessos e fracassos na carreira: como Joe poderia contar a Eleanor que seu caminho o direcionava para algo que não a incluía?

Que por cinquenta anos havia um plano oculto para a vida dele, como as lâmpadas no piso do corredor de um avião. Sempre estiveram lá, disfarçadas pela normalidade do avião. Não é preciso notá-las até que haja uma emergência e elas pisquem para direcionar você até o lugar certo.

*

Veio sem aviso. Um mês atrás. Num domingo ventoso, no dia do jogo do

Seahawks. Como de costume, Joe chegou ao estádio duas horas mais cedo para cuidar dos jogadores.

Primeiro, Vonte Daggatt, um astro que sofrera uma fratura no rádio distal no fim da temporada anterior. Joe operou de imediato, colocando uma placa de titânio. O osso se recuperou tranquilamente durante o verão. Ficou um pouco inchado na quarta-feira; Joe esperava que a injeção de cortisona permitisse que Vonte jogasse.

O técnico Carroll, mascando três chicletes, andava de um lado para outro diante da porta da sala de exames. Em cinco minutos teria que apresentar a lista definitiva dos jogadores que entrariam em campo, e ele precisava de Vonte nela.

— O que sente quando faço isso?

Joe torceu o pulso de Vonte, esperando a reação dele.

— Nada mau — respondeu o jogador, abrindo um grande sorriso.

Ele sabia que Joe sabia que ele diria qualquer coisa para ser liberado para jogar.

— Alguma contração? — perguntou Joe.

— Você sabe.

Gordy, um instrutor, esperava ali. Joe se virou para ele.

— Vamos colocar uma tala para imobilizar.

— Obrigado, doutor — disse Vonte.

Pete Carroll entrou.

— Tudo certo, então?

Joe assentiu.

— Pronto para bater uma bola?

Pete deu um grande e desleixado aperto de mão em Vonte.

— Se Deus quiser — disse Vonte.

— Você quer dizer se o fornecimento de produtos ortopédicos quiser — comentou Joe.

— O que importa agora é o que eu quero — sentenciou o técnico, cheio de energia ao sair. — Obrigado, Joe!

— Minha família inteira veio hoje — disse Vonte a Joe, que preparava a tala.

— Minha esposa também veio — contou Joe. — É a primeira vez dela.

— Primeira? — Vonte inclinou a cabeça para trás e se contorceu numa gargalhada compreensiva. — Porra, cara.

Joe não disse nada.

A ausência de Eleanor, que era compreensível no começo, com o tempo se tornou irritante. Com mais tempo, parecia uma ofensa pessoal. Por isso Joe insistiu que ela fosse naquele dia.

Joe terminou de colocar a tala, que daria estabilidade ao punho de Vonte sem

impedir que seus dedos se movimentassem bem.

— O primeiro ponto vai ser para você, doutor.

— Eu não esperaria menos do que isso — disse Joe.

Em seguida ele foi dar uma olhada nos outros jogadores com lesões menos sérias. Um joelho luxado. Um espasmo nas costas. Um dedo do pé estirado por um acidente com chinelos num churrasco.

Perto da hora do jogo, Joe estava no meio dos jogadores e funcionários abrindo caminho em direção ao campo. Eles estavam animados, mas não muito. Um bom presságio para uma vitória.

O time esperava o sinal na boca do túnel, à sombra. No campo, lançadores de fogos de artifício eram instalados. As Sea Gals, as animadoras de torcida do time, faziam sua apresentação glamorosa. Os cinegrafistas com coletes amarelos enxameavam-se. Quando as luzes das câmeras se acenderam, os jogadores formaram um amontoado parecido com uma ameba, cantando e pulando.

Joe saiu do caminho e encontrou um amigo, Kevin, outro médico da equipe que concordara em ficar em campo por causa da rara presença de Eleanor.

— Vou para o meu lugar — avisou Joe.

— Tranquilo — disse Kevin. — Mando mensagem se precisarmos de você.

Joe pegou o ingresso e subiu.

*

Ele saiu da agradável passagem de concreto que ecoava para um oceano brilhante e ondulante formado por setenta mil torcedores de azul. Luzes brancas faziam o campo brilhar em um tom de verde estranhamente artificial. O céu de setembro parecia temperamental, com áreas escuras; tufos de nuvens se moviam depressa. Joe sentiu uma lufada de vento no rosto. Ele inspirou o ar salgado.

Isso.

Ken Jennings, campeão do programa de TV *Jeopardy!*, nativo de Seattle, hasteou a bandeira com o número doze e depois correu para a grade, brandindo uma toalha no alto, levando a multidão extasiada ao delírio. Nem mesmo a sirene que sinalizava o início do jogo era capaz de competir com o urro ensurdecedor da multidão. O estádio tremia sob seus pés.

Pontapé inicial!

O retornador do Cardinals recebeu a bola. Os fãs expressaram sua decepção; turbulência no mar.

Joe ficou de pé para absorver o otimismo. Como ele queria que Timby

estivesse lá! Na segunda de manhã, Joe pediria ingressos para todos os jogos. Na saída, passaria na loja para comprar camisetas do time para ambos.

— Nós aceitamos isso aí, se você não for usar.

Duas mulheres com mechas azuis e verdes no cabelo louro desbotado olhavam feito filhotinhos famintos para o crachá pendurado no pescoço de Joe: ACESSO LIVRE AO CAMPO E AO VESTIÁRIO.

Joe riu e enfiou o crachá dentro da camisa. Ele começou a descer a escada suja de pipoca. A cada degrau, um cara branco cumprimentava-o com um high-five.

— Seahawks!

Um dos caras que gritou o nome do time esqueceu que estava segurando uma cerveja. O líquido cor de âmbar se derramou pelos seus dedos, mas ele os lambeu carinhosamente.

Cada rosto demonstrava o que não precisava ser dito: *Nós conseguimos entrar neste lugar, o melhor lugar de todos.* O orgulho coletivo animou Joe enquanto ele descia até a fila J. Seu assento era o sexto. Ele procurou Eleanor. Talvez ela ainda não tivesse chegado.

— Desculpe, gente — disse Joe, alegre, abrindo caminho até a cadeira. — Detesto ter que fazer isso.

Eleanor *estava* lá. Sentada, de pernas cruzadas, abraçando a bolsa no colo. Ela se levantou para Joe passar.

— Oi, amor! — gritou Joe. — Dá para acreditar nessa loucura?

— Pois é! Essas fileiras parecem presunto de parma fatiado. É preciso ser um bonequinho de papel para abrir caminho.

— Verdade — concordou ele, dando um beijo na bochecha dela.

— Ah! — disse ela. — Acabei de passar pela sala VIP. Já foi lá?

— Acho que não.

O Cardinals avançou em campo. Primeiro jogo do ano, uma tática ofensiva. Valendo cinco pontos.

— Putz — disse Joe. — Devíamos ter impedido isso.

As pessoas em volta dele resmungaram em concordância.

— Lá eles só têm garrafas de água em temperatura ambiente, biscoito integral, uma tigela gigantesca de salada de frutas aguada — contou Eleanor. — Parecia coisa enlatada. Pelo menos as maçãs eram frescas. Sabe como eu sei?

— Amor — disse Joe. — O jogo.

Uma nova jogada e o quarterback do Cardinals foi arremessado longe… pelas mãos de Vonte!

— Esse é o meu garoto! — comemorou Joe.

Joe recebeu uma enxurrada de cumprimentos, distribuindo e recebendo amor por todos os lados. Duas fileiras abaixo, quatro camisetas pulavam: DAGGATT,

DAGGATT, DAGGATT, DAGGATT. Era a família de Vonte. Joe reconheceu do hospital. A esposa do jogador, Chrissy, ia à loucura enquanto as filhas, Michaela, Asia e Vanessa, faziam vídeos do telão.

Joe sentiu algo se aproximar de seu rosto.

Era o polegar de Eleanor. Nele, o adesivo de uma maçã.

— Quase engasguei com isso! — disse ela, sorrindo.

Uma onda de pensamentos sombrios agarrou Joe pelo pescoço.

Ela não quer estar aqui. Ela não gosta de nada do que eu gosto. Jazz, documentários, andar de bicicleta. Se a ideia não foi dela, ela vai ficar sentada fazendo caretas horrorosas. Minha mulher é um espetáculo solo. Ela sempre foi um espetáculo solo. Por que só estou percebendo isso agora?

— Você não precisa ficar.

— Hein?

— A ideia não era torturar você. Era curtirmos o jogo juntos.

O corpo inteiro de Eleanor murchou e sua expressão relaxou.

— Você sabe que eu te amo, né?

Joe riu. Era a frase da música de Van Morrison que eles menos gostavam.

— Mais alto! — gritou uma voz.

Macklemore, pré-gravado, explodia no telão.

Chegaram à terceira base. Todo torcedor sabia o que fazer: se levantar e gritar até os pulmões explodirem. Joe os acompanhou, aproximando as mãos em concha da boca.

Ele se virou para Eleanor. Ela não estava lá.

Por cima do ombro, entre os torcedores, viu a esposa zunindo pela escada, descendo de dois em dois degraus.

Inacreditável.

Eleanor tinha mesmo ido embora.

O assento dela ainda estava baixado. A incredulidade, a indignação, o distanciamento.

A cadeira vazia.

Joe se desequilibrou, tombou para trás e um de seus pés aterrissou numa bolsa plástica com o logotipo do time. Ele a pegou. Estava cheia de maquiagem quebrada.

Clap. Clap. Clap.

Três caras engraçadinhos na fileira de cima batiam palmas bem devagar e com sarcasmo.

Dedos com esmalte verde brilhante puxaram a bolsa. Uma mulher irritada de camiseta cor-de-rosa com um número doze bordado choramingou de espanto.

— Desculpe — disse Joe.

— Você tem problema de equilíbrio? — brincou o marido dela.

— Meu blush preferido! — gritou a mulher. — As dobradiças da tampa quebraram.

Clap. Clap. Clap.

Algo despertou dentro de Joe. Seus olhos fulminaram os caras engraçadinhos e o casal.

— Jura?! — exclamou ele.

Eles evitaram o olhar um do outro.

Joe deu o fora dali.

*

Abalado, ele saiu correndo, de volta ao túnel de acesso, entre os estandes e a tempestade de aromas enjoativos de carne e cerveja. Ele desceu a escada depressa, esbarrando nos torcedores atrasados. No alto de uma plataforma, um caminhão Toyota brilhava paralisado no meio de uma aventura, inclinado, prestes a virar.

Joe mostrou seu crachá para o segurança diante da cortina azul. A área restrita. Ele seguiu a marcação azul e verde no chão de concreto, que se desviava para a esquerda.

Uma placa: ACESSO AO CAMPO.

— Dr. Wallace!

Outro segurança, Mindy, que guardava o segredo de ser torcedor do Colts, abriu espaço para Joe.

Em letras azuis gigantes ao longo do corredor de blocos de concreto:

CONQUISTE A VITÓRIA.
COMPETIR SEMPRE.
VAMOS LÁ!
NUNCA DESISTA.

Joe sentiu uma pontada no estômago com o duro golpe daquelas palavras.

Uma nova enxurrada de pensamentos sombrios.

O dinheiro que mando para meus pais. As viagens para fazer trabalho voluntário. O dinheiro arrecadado para isso. Os voos de vinte e seis horas até o Quênia. O tempo extra que passo com os pacientes. A musculação. As bobagens fofinhas de internet que mando para ela. A locomotiva construída com Timby. Os banhos de chuveiro antes de entrar na piscina. Bilhetes elogiando vendedores atenciosos. Recolher o lixo da calçada. As idas ao centro de reciclagem de lixo eletrônico. Manter o termostato em vinte graus. Não

desperdiçar o pãozinho do couvert. Deixar outros carros passarem à frente. Técnicas mnemônicas para lembrar os nomes dos funcionários do hospital. Batata frita sem sal. Jogos de pistas. Colonoscopias. Deixar a melhor vaga da garagem para Eleanor. O livro de capa dura comprado toda semana em Elliott Bay. Trocar as solas dos sapatos velhos. Dar gorjeta para as camareiras dos hotéis. Reutilizar galões. Pontuar mensagens de texto…

Bum! O estouro de um canhão no campo.

Vindo em sua direção pelo túnel: uma ave de rapina. Na altura dos seus olhos. A águia de Seattle, que dava nome ao time, de verdade, viva, acomodada no braço enluvado do tratador. Joe encarou o pássaro quando cruzou com ele. O predador fez o mesmo, girando a cabeça de um lado para outro, sustentando o olhar penetrante que sugeria ao mesmo tempo sabedoria e cansaço.

Os ombros de Joe refletiram sua tensão. Ele chegou ao gramado.

As Sea Gals corriam em formação, oito em uma linha, duas na frente, e começaram um bambolear lúgubre ao som de uma música do AC/DC. Uma camada de maquiagem tão grossa quanto casca de árvore, decote feito pensando nos homens, coxas coloridas: uma afronta viva ao mundo natural.

Joe desviou o olhar.

O Cardinals estava com a bola de novo; o Hawks devia ter feito uma jogada ruim. Os técnicos e os jogadores estavam reunidos na outra extremidade do campo.

Joe avistou Gordy. Só de ver o treinador, ele ficou um pouco aliviado: sua galera.

Gordy estava brincando com o "especialista em flexibilidade" do time, basicamente um professor de ioga, um cara baixinho de pernas finas que sempre usava uma bandana. Ele disse algo que levou Gordy às gargalhadas.

Joe apressou o passo, ansioso para se juntar aos camaradas.

Mas então viu a tala na mão de Gordy. *A* tala.

Joe observou a jogada. A defesa estava posicionada. Ele viu o número vinte e sete.

De costas para ele. DAGGATT.

O corpo inteiro de Joe tremia, sem acreditar. Ele correu até o treinador.

— Que porra é essa, Gordy?

Gordy se virou. Ele sabia quão ruim aquilo era.

O professor de ioga fugiu da linha de tiro.

— Vonte queria tentar um passe sem isso — disse Gordy, o pânico se manifestando em sua voz. — Ele estava se sentindo bem.

— Não é você quem decide disso.

— Está tudo bem — disse o professor de ioga.

— Não! — gritou Joe. — Não está tudo bem.

— Ele quase fez o arremesso… — balbuciou Gordy.

— E daí? Ele está no time dos seus sonhos? Você só precisa se preocupar com uma coisa: garantir que uma lesão não interrompa a carreira de nenhum desses caras.

— Eu sei.

Gordy parecia prestes a vomitar.

— Ele vive disso! Esses caras podem jogar por no máximo dez anos, com sorte! Ele tem três filhas!

— Eu sei.

— Não sabe porra nenhuma! — Joe o encarou. — Para de dizer que sabe!

O professor de ioga se colocou entre eles.

— Relaxe, cara!

— Não fale comigo! — retrucou Joe.

— Vamos baixar a bola — murmurou o professor de ioga.

Sua bandana laranja era coberta pelo logotipo de uma empresa de tecnologia: GODADDY.

Joe empurrou o cara com força.

— *Que porra é essa?* — gritou Gordy.

O professor de ioga voou para trás e quase caiu…

Mas foi salvo por seu equilíbrio fora de série…

E se empertigou de novo.

Joe deu outra investida, desta vez com um soco, levando o espantado iogue ao gramado. Joe recolheu o punho e…

Por trás, dois grandes braços o imobilizaram com um mata-leão.

— Chega! — anunciou Kevin, seu amigo, tirando-o do campo.

— Eles deixaram Daggatt jogar sem a tala! — berrou Joe, enfurecido.

— Joe, se acalme, cara — gritou Kevin, mais alto que as setenta mil vozes cacofônicas.

Joe olhou para trás.

Um árbitro desorientado trotava na direção de Gordy e do atordoado professor de ioga, que tinha se levantado, mas mancava.

Kevin ficou na frente de Joe para bloquear sua visão.

— Vou resolver isso. Agora vai lá para dentro! Ande!

Kevin empurrou Joe com firmeza na direção do túnel.

— Qual é, cara?

Vozes.

— Qual é, cara?

Vozes agressivas.

Da arquibancada, via-se os torcedores barrigudos, rostos pintados, perucas verdes, línguas de fora, bêbados antes do meio-dia.

— Qual é, cara?

Zombando de Joe.

Ele entrou no túnel. Teve uma vertigem. O que acabara de fazer? Ergueu a cabeça e a balançou da esquerda para a direita, de um lado para outro. Apoiou o corpo na parede de concreto.

— Precisa de alguma coisa, doutor?

Era outro segurança, sentado, assistindo ao jogo no celular apoiado no joelho enorme.

Uma porta. A sala de imprensa. Vazia. Joe girou a maçaneta.

O púlpito de Pete Carroll. Papel de parede do Seahawks. Filas de cadeiras vazias. Mais cadeiras empilhadas, pilhas tão altas que pareciam tremer. Joe fechou a porta.

A sala ficou tão silenciosa quanto uma tumba.

Joe, ofegante, trêmulo, os batimentos cardíacos descompensados.

Ele aguentou.

Ele aguentou.

Até não aguentar mais.

Caiu sentado num banco e pressionou os olhos com as palmas das mãos.

Faculdade de medicina, dedicação, integridade, repressão: tudo uma atração cósmica. Tudo risível, uma gambiarra precária. Agora acabou. Desfeita num instante.

Joe passou as palmas das mãos para a testa e abriu os olhos. Ficou encarando o carpete.

— Não pode ser tão ruim assim — disse uma voz com sotaque britânico.

Barulho de papel de jornal.

Joe não estava sozinho.

Sentado no canto, com as pernas cruzadas, lendo o caderno de viagens: um homem que Joe nunca vira. Cinquenta anos, cabelo grisalho curto e óculos redondos pequenos. Sem crachá. Botas de trilha e um colete por cima de uma camisa branca comprida.

— Talvez eu possa ajudar.

*

E agora Eleanor estava do outro lado do gramado, com o Obelisco Espacial atrás

dela. Eles passaram por tanta coisa juntos. E estavam prestes a passar por outras.

Chegou a hora, Deus estava dizendo.

Fale com ela.

A arte de perder

Como Joe *não* parecia ter sido flagrado nem em pânico nem tomado por qualquer emoção normal que um marido pudesse sentir quando pego de surpresa, minha reação imediata foi a fúria, como não podia ser diferente.

Saí do caminho e passei, batendo os pés, pelas mesinhas em que as pessoas comiam. Quando cheguei à trilha no topo do morro, a inclinação me forçou a correr. Mas, a cada passo, eu sentia a raiva esmorecer. Sob a raiva: medo.

Em meio a uma de suas fases de autoajuda, Ivy proclamou que por trás de toda raiva havia medo. Desde então fico me perguntando o que há por trás do medo.

Naquele momento eu percebi: se por trás da raiva há o medo, por trás do medo há o amor. Tudo se resume ao pavor de perder o que você ama.

Corri até Joe e o abracei. Enfiei o rosto em seu casaco e senti cheiro da lã e da lavagem a seco. A altura de Joe sempre foi como uma droga para mim, o jeito que minha cabeça batia em seu peito. Enfiei os dedos nas escápulas dele e virei a bochecha até que meu nariz tocasse sua pele. A umidade da clavícula, a cosquinha do pelo do peito. O cheiro de Joe. Meu homem.

— Ei! — disse ele. — Oi para você também.

Alonzo se aproximou e se apresentou para Joe.

— Até que enfim você ganhou um rosto.

Joe apertou a mão de Alonzo. Por baixo do punho da camisa de Joe, uma pulseira fluorescente.

— Mamãe e eu passamos o dia todo atrás de você — revelou Timby. — Fomos ao seu consultório e elas achavam que você estava de férias, então a mamãe pegou seu carro e passou por aquela ponte enorme que leva até o alto de uma colina.

— Ah.

Os olhos de Joe encontraram os meus e instantaneamente caíram no asfalto.

— Não importa — falei.

Joe apertou os lábios e me olhou. Respirou fundo.

— Não quero saber… — comecei.

— Eu descobri a religião.

— Religião? — Que estranho. — Religião?

— Hum — disse Alonzo.

— Como assim, religião? — perguntei. — Religião do kettle bell? Religião do Radiohead?

— Religião de Jesus.

— Posso comprar um lanche? — perguntou Timby, que de bobo não tinha nada.

— Vou com você — disse Alonzo, se afastando com Timby.

Era Joe. Meu marido.

— Essa era a última coisa que eu imaginava que pudesse acontecer — comentou ele, desconfortável. — Mas tive um problema no trabalho.

— E…

— Cruzei com esse cara — contou Joe. — Um cara comum. Um pastor. Ele me convidou para conhecer a igreja dele.

— E você *foi*?

— Pois é... — disse ele. — Foi lá que aconteceu.

— Aconteceu o quê?

— Era apenas uma reunião de pessoas. A humildade coletiva me arrebatou. Simon, o pastor, começou a pregar. Era sobre Cristo entrando no templo, os mercadores da fé, uma história que já ouvi um milhão de vezes. Mas Simon colocou em uma perspectiva histórica. E pareceu muito relevante, até mesmo radical.

— Relevante para *você*?

— Falava da coragem e da sabedoria de Jesus, o homem. Eu senti como se uma tonelada tivesse sido tirada dos meus ombros e gentilmente colocada no chão. O peso foi colocado por uma presença humana. Olhei em volta e tudo havia mudado. Nada me separava das outras pessoas, a luz, os cheiros, as árvores. Eu estava banhado… Todos nós estávamos… num amor radiante.

— Então você teve um dia ruim — falei.

— Tive uma experiência direta com Deus.

— Por isso mentiu para mim? — Senti uma mistura amarga de traição e autopiedade. — Quando você ia dividir comigo essa novidade maravilhosa?

— Eu sei — disse Joe, acariciando meu braço.

Eu me afastei.

— Só porque você é mais calmo do que eu, não significa que seja moralmente superior.

Uma família de turistas passeando em Segways passou toda sorridente por nós.

— O que você pensa quando ouve falar no *plano de Deus*? — perguntou Joe.

— Eu penso que você anda conversando com muitos jogadores do Seahawks.

— Quero que você considere a possibilidade de que vivemos num universo benevolente.

— Considere considerado.

— Considere *de verdade* — pediu Joe. — Se o universo é benevolente, significa que tudo vai ficar bem. Significa que podemos parar de nos sentir tão fracos.

— Você pode, por favor, admitir que tudo o que está dizendo é muito esquisito?

— Eu não podia ser mais sensato. Em vez de tentar impor sua vontade num universo incontrolável, você pode se render à sabedoria de Jesus.

— Por favor, pare de falar Jesus. As pessoas vão achar que somos pobres.

— Sei muito bem que se tornar cristão é a coisa mais fora de moda que alguém pode fazer. — Ele deu uma olhada no celular. — Ih! Precisam de mim. Vamos fazer a passagem de som.

— Passagem de som?

— Vou cantar para o papa no sábado.

— Você vai o quê? — retruquei, abobalhada.

— Cantar para o papa na Key Arena. Uma celebração ecumênica. Minha congregação vai participar.

Precisei me apoiar numa árvore.

— Você está mesmo usando as palavras “minha” e “congregação” na mesma frase?

Ele me abraçou.

— Estou muito feliz que tenha acontecido desse jeito. Você aparecendo de surpresa. Vê como tudo se resolve quando deixamos acontecer?

— É isso que você acha que está acontecendo? — perguntei, me espremendo para me livrar daquele abraço insípido. — As coisas estão se *resolvendo*?

— Vamos conversar sobre tudo quando eu chegar em casa.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco e desapareceu na escada que levava para a Key Arena.

E me deixou lá, esgotada.

— Você precisa da pulseira para entrar — disse o segurança da Key Arena.

Ele estava ao lado do detector de metais e de uma mesa dobrável. Atrás dele, portas de vidro com mais seguranças.

— Meu marido está com uma — falei, meu corpo todo pulando. — Ele acabou de entrar.

Eu estava desesperada para tirar Joe daquela loucura.

— Não — disse o cara.

Ao lado dele, havia um pastor-alemão. No peito do colete que ele usava, estava escrito: POR FAVOR, NÃO FAÇA CARINHO EM MIM.

Um grupo de crianças passeando com a escola, vestindo camisetas iguais e carregando copos gigantescos de raspadinha se aproximava, os exauridos professores logo atrás.

— Você está bloqueando a entrada — disse o segurança.

Para as crianças que começavam a cercar o cachorro, ele avisou:

— Leiam o aviso.

— Por favor — falei, recebendo cotoveladas dos gnomos alucinados de açúcar. — Meu marido é médico. Eu bati a cabeça. — Levantei a franja e mostrei o galo. — Está vendo? Sou capaz de qualquer coisa.

— Menos de entrar aqui.

— Pareço o tipo de mulher que vai querer explodir o papa?

Ele me lançou um olhar severo.

— Não se brinca com esse tipo de coisa, senhora.

Ele pegou a prancheta e se virou para um professor. Ao fazer isso, várias pulseiras verde-néon caíram no chão. Eu me abaixei, fingindo que ia amarrar o sapato, e peguei uma. Escondi na palma da mão e me levantei.

Corri até a próxima entrada, mostrei o pulso e entrei fácil, fácil.

*

As lâmpadas fluorescentes suaves deixavam o ambiente com um brilho estranho. Membros da equipe hasteavam bandeiras nas vigas. Na terceira fileira, policiais guiavam, de assento em assento, pastores-alemães treinados para farejar bombas.

— Um, dois, um, dois — repetia uma voz no sistema de som.

No palco, operários armaram uma floresta de pessoas felizes de isopor com

braços erguidos formando um *V*.

No piso, em cadeiras dobráveis, grupos de cantores esperavam para ensaiar. Monges tibetanos, um coro de afro-americanos, sikhs de turbantes e, espalhado em três ou quatro fileiras na frente, o grupo de Joe. Disparei pelos degraus e me espremi entre os assentos até ficar atrás dele.

— O lance é o seguinte — falei.

Joe se virou.

— O que você está fazendo?

— Todo mundo quer desistir. Você não precisa de Jesus para isso. Olhe para mim. Eu desisti sozinha.

— Essa é Eleanor? — perguntou um homem na fileira da frente.

Ele tinha sotaque britânico, usava uma túnica branca e um colete cáqui. Joe o apresentou como Simon, o capelão do Seahawks.

— Foi você que fez lavagem cerebral no meu marido?

— Aparentemente… — admitiu ele, apertando minha mão.

— Simon ora com o time antes e depois dos jogos — explicou Joe. — Enquanto estão jogando, ele fica na sala de imprensa.

— É o momento ideal para ler a *New Yorker*. Tenho pilhas de exemplares atrasados.

Ele me mostrou um deles e depois se virou para a frente de novo.

— Então agora você é um fissurado pela igreja? — perguntei a Joe.

— É mais do que isso. É uma transformação radical.

Essas eram palavras que nenhuma esposa queria ouvir.

— E esse radical me inclui.

Nem sei se perguntei, constatei ou apelei. Independentemente do que fosse, minha voz falhou e meu queixo tremeu com a chegada das lágrimas.

— Claro que sim — disse Joe, pegando minha mão. — Podemos falar sobre isso quando eu chegar em casa.

Ele indicou com os olhos as pessoas que podiam nos ouvir e assentiu para mim, como se a conversa tivesse acabado.

— Mas você estava feliz — argumentei. — Você *é* feliz.

— Eleanor, eu agredi um professor de ioga.

— Com certeza ele mereceu.

— Por usar uma bandana com o logotipo da GoDaddy.

— Há vinte anos você me diz que religião é para quem quer trapacear a realidade. Que ninguém com QI normal e boa educação pode acreditar em Deus.

— Você está ouvindo sua arrogância?

— *Sua* arrogância! Você é o maior ateu de todos.

— Pode chamar de perda de fé. Eu perdi minha fé no ateísmo.

— Gostei — comentou Simon. — Bastante.

Ele tateou os bolsos atrás de uma caneta.

— Ateísmo, ceticismo, precisar estar sempre certo — continuou Joe. — Era meu jeito de ficar confortavelmente anestesiado. — Indicou Simon e acrescentou, todo orgulhoso: — Com certeza ele entende a referência.

— Pink Floyd. Minhas mãos parecem dois balões — emendou Simon.

Uma comoção tomou o palco. Contrarregras gritavam para abrir espaço para uma empilhadeira que subia a rampa. A máquina deixou um contêiner de um metro e oitenta e girou de forma graciosa antes de se afastar. Brocas elétricas gemiam para soltar os parafusos da estrutura.

— O que você quer dizer com “transformação radical”? — perguntei a Joe.

— Ele vai explicar quando chegar em casa — disse uma mulher gorda com voz de atendente de telemarketing.

Joe sorriu e ergueu as sobrancelhas, como se isso encerrasse a questão.

— Não — retruquei. — Agora.

Todo mundo nos observava. Negros e brancos, velhos e jovens. Eles precisavam de um hidratante.

— Está bem — disse Joe. — Estou pensando em fazer faculdade de teologia.

— Bum! — exclamou a operadora de telemarketing, com uma risadinha.

— Nada me cativou tanto quanto Jesus Cristo — continuou Joe.

— Você não faz ideia de como isso é duro para mim. — Fechei os olhos e apertei a ponte do nariz. — Você acabou de deixar de ser a pessoa mais interessante que já conheci para se tornar a pessoa mais desinteressante que já conheci.

— Jesus foi o pensador mais radical da história do mundo. Quero aprender tudo sobre a Palestina do século I. Sobre a cultura do templo de Jerusalém. Quero estudar os evangelhos agnósticos, os textos de Nag Hammadi.

— Não tem podcast?

— Quero que me ensinem. Tenho me dedicado como um louco para me qualificar na inscrição.

— Espere. Foi isso que você ficou fazendo esta semana?

— Eu ia ao Starbucks escrever os ensaios.

— Qual Starbucks?

— Faz diferença? Aquela na esquina de Melrose e Pine.

— É uma boa Starbucks. — Pelo menos um mistério resolvido. — O que você ficava olhando com aquele treco de espionagem na sua escrivaninha? — perguntei.

— O telescópio? As estrelas.

— Que estrelas? Ah, não me diga. As estrelas de Deus.

Ele não discutiu. Suspirei. Só me restava ficar pasma por perceber quão errada eu estava.

No palco, o contêiner fora aberto. Dentro havia um objeto coberto de plástico-bolha. Uma mulher cortava com cuidado as múltiplas camadas, até revelar uma cadeira. Na verdade, um trono, com assento carmim e espaldar alto.

— Tem muita coisa acontecendo em torno do papa — comentei com Joe. — Isso significa que você voltou a ser católico?

— Não, não, não. Não dá para ser católico. Mas estamos falando do papa! Não tem como ignorar.

No palco, um operário com camiseta dos Ramones se sentou no trono enquanto ajustavam o holofote.

— Mas… Jesus? — perguntei. — Por que não podia ser alguma coisa normal, tipo budismo? Já tenho até uma almofadinha para meditação.

Ele negou com a cabeça.

— É Jesus. Jesus é o cara.

O operário no trono proclamou ao microfone, em alto e bom som:

— O grande Oz falou!

Risinhos dissimulados da equipe.

— Rick! — disse uma voz no aparelho de som. — Não foi engraçado.

Joe segurou minha mão.

— Lembra aquele nosso acordo? O de morar dez anos em Seattle por mim, depois dez anos em Nova York por você?

— Lembro muito bem.

— Dez anos se passaram. Por isso me inscrevi na Universidade de Columbia.

— *Columbia?* Então quer dizer que, além de tudo, você espera que eu arrume as malas e abandone todos os meus amigos?

— Você não gosta dos seus amigos.

— Isso é outro assunto.

— Se preferir, tem uma escola em Spokane.

— Agora você acha que vou preferir *Spokane*?

— E tem Duke — disse ele, mantendo um tom de voz educado, mas impaciente. — A Universidade de Chicago. E Saint Andrews, na Escócia.

— Escócia? — Eu me levantei num pulo. — Você não pode simplesmente decidir que vamos nos mudar para a Escócia sem me consultar! Timby está na escola. Quando você pretendia me contar?

— Hoje à noite! — gritou a mulher que fazia tricô.

— Como vai trabalhar para o Seahawks da Escócia?

— Vamos ter que tomar algumas decisões.

— Nisso você tem toda a razão.

Joe estava de pé. Se não parecíamos o tipo de casal que briga em público, bem, tarde demais.

— Estou vivendo algo novo e frágil — disse ele.

— Por isso mesmo você tem que deixar para lá! Não virar um louco de Jesus. Onde está seu maldito orgulho?

— Eu sabia que ia ser difícil para você.

— Então é claro que você mentiu!

— Não sou mentiroso — disse ele. — Odiei mentir. — Ele suavizou a voz. — Mas eu me sentia encurralado.

Isso foi um golpe. E forte.

— Eleanor?

— Por isso você estava com aquela cara na mesa do café da manhã. Por minha causa. Tudo isso é culpa minha.

— *Culpa?*

Do nosso lado havia uma floresta de vasos de palmeiras com um metro e oitenta de altura, a decoração do palco esperando para ser arrumada. Fui até lá e afastei alguns vasos com o pé, abrindo caminho. Puxei Joe pela mão e o levei até o oásis. Ali éramos só nós dois. Apoiei as mãos nos ombros dele.

— Eu sei o que está acontecendo.

— Sabe?

— Eu é que devia te dar apoio. Não Jesus.

— Eleanor — disse Joe com gentileza. — Deus é maior que você. A ideia é essa.

— Você não podia contar comigo. Andei muito instável. Fora de mim. E eu sei por quê. Ainda estou abalada por causa de Bucky e Ivy.

— Por causa deles? — retrucou Joe, afastando folhas de palmeira do rosto.

— Achei que podia esquecê-lo, mas não funciona. Quer saber como meu cérebro está fragmentado? Semana passada, no rádio, disseram que um trem descarrilhou em Ohio porque alguém deixou uma retroescavadeira nos trilhos. E na hora eu realmente pensei: *Será que fui eu?* Será que esqueci uma retroescavadeira nos trilhos?

— Você é distraída mesmo — disse Joe. — Nisso eu concordo.

— Tão distraída que empurrei você no rio Jordão!

— Esse é *meu* caminho. *Minha* luta.

— Sei que é isso que você acha, mas me escute. Desde que nos apaixonamos, mantenho uma Lista da Gratidão.

— Você tem acompanhado o Hubble, o telescópio espacial? — perguntou ele.

— Hein?

— Outro dia direcionaram o Hubble para a parte do céu mais vazia e

desinteressante que existe. Depois de coletar luz por semanas, descobriram dez novas galáxias a *treze bilhões de anos-luz*. A mente humana nem consegue compreender algo dessa grandeza. E o oposto também não. A menor partícula costumava ser um grão de areia. Depois passou a ser uma molécula, um átomo, um elétron, e por fim um quark. Agora é uma corda. Sabe o que é uma corda? É *um milionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de centímetro*. Mas *eu* levava a vida como se soubesse de tudo! E aonde isso me levou? Perder a cabeça no meio de um jogo do Seahawks! Agora acabou. Estou abraçando o mistério. Sou reconfortado por ele.

— Está bem, está bem — retruquei. — Acho que não estamos mais falando da Lista da Gratidão.

— Príncipe da Paz! — anunciou uma voz no alto-falante.

Passando pelo denso entremeado de fios verdes, o grupo de Joe se levantou, deixando para trás bolsas e casacos. Vinte pessoas, sendo que nenhuma era muito bonita vista de costas, começaram a subir a escada.

— Se você for com eles — ameacei, a frustração se transformando em pânico —, isso significa que está desistindo do nosso casamento.

— Eleanor… — disse Joe.

— Tenho sido negligente com você — falei, começando a desmoronar. — Não foi minha intenção. Mas não podemos virar um desses casais que seguem caminhos paralelos. “Ah, Eleanor, ela se tranca no escritório para desenhar até que seu filho diga: ‘Mãe, é assim que você é’, mas não se preocupe com Joe, ele tem os amigos da igreja.”

Lágrimas, coriza, baba, tinha de tudo.

Um produtor acomodou o coro nos degraus de uma plataforma. As pessoas cochichavam, procurando por Joe.

— Nosso casamento e meu encontro com Deus? — disse Joe. — Essas duas coisas não estão conectadas.

— Príncipe da Paz! — repetiu uma voz no palco. — Está faltando uma pessoa.

— Mas e se eu te convencer de que estão? — perguntei.

Ele refletiu por um instante, o que deixou sua resposta ainda mais devastadora.

— Não faria diferença.

Numa retirada digna do próprio Cristo, Joe saiu de trás do muro de plantas e desapareceu.

Fiquei sozinha, pulsando de tristeza e espanto.

*

Bom humor não havia funcionado. Inteligência não havia funcionado. Diplomacia de risco, maldade, compreensão, autocrítica, desespero, ameaças: nada havia funcionado. O Truque falhou.

E O Truque nunca havia falhado.

*

Eu me sentei.

O produtor acomodou Joe na fileira do fundo, o primeiro à direita.

Tive uma reação quase física ao perceber que Joe não estava em uma posição de destaque. Verdade, eu não sabia quem eram as outras pessoas. Mas ele era Joe Wallace.

Meu marido. Assim que acorda, ele pula da cama, toma banho e se veste para sair. Enfia a camisa dentro da calça, coloca um cinto. Nunca sai do táxi até o motorista terminar de contar uma história. Ainda dormimos numa cama tamanho *queen* porque na nossa primeira noite numa *king* recém-comprada ele se sentiu distante de mim, e nós a devolvemos. Ele faz palavras cruzadas de sexta e sábado a caneta. E sabe todas as respostas. Quantas xícaras tem um quarto de um galão? Quanto tempo demora para ir de carro ao Parque Nacional de Yellowstone? Como o Zaire se chama, ou agora é Zaire e antes tinha outro nome? Quer mais? Ele tolera minhas merdas sem considerá-las merdas.

Um jovem casal parou ao lado. O homem tocava um violão; a mulher conduzia o coro.

A manhã chegou como se fosse a primeira
O melro falou como se fosse o primeiro

O rosto de Joe ficou mais sério quando ele começou a cantar. Joe, o coroinha, retornou para o rebanho…

Glória ao canto, glória à manhã,
Glória àqueles que estão renascendo na Palavra.

Direcionaram um holofote para o grupo. Alguém da coxia o ajustou.

Aquele dia calmo de agosto no jardim de Violet e David. A areia amarronzada, o oceano verde-garrafa. Joe de terno azul-marinho com gravata bordô e uma gardênia clara como a neve na lapela. O voto que fiz, olhando nos olhos de Joe com Ivy ao meu lado, era de ajudá-lo a se tornar uma versão melhor de si mesmo.

Esta *era* a melhor versão de Joe. Vi com meus próprios olhos. Sempre parti do princípio de que eu estaria envolvida no processo que o levaria a se tornar uma pessoa melhor.

Doce como o cair da chuva entre os raios do sol,
Como o primeiro orvalho na primeira grama.

Talvez fosse a luz. Talvez fossem os olhos fechados de Joe. Talvez fosse seu sorriso desabrochando. Talvez fosse porque ele estava literalmente num plano acima de mim. Mas parecia haver um rio de luz correndo sobre sua cabeça; era feito de amor, e Joe podia mergulhar nele a hora que quisesse, comigo ou não.

Glória à doçura do jardim molhado,
Verdejante em sua plenitude onde Ele pisou.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Meus pulmões viraram asas de borboleta. Uma semente foi costurada no fundo da minha barriga. Crescia depressa, escura, como uma bombinha daquela que as crianças jogam no chão no feriado da Independência, uma coisa grotesca e retorcida, me preenchendo com algo terrível. Tive que desviar o olhar.

Na cadeira vazia ao lado, minha folha de papel com *A hora do gambá* despontava da bolsa.

Uma mãe gambá com sua fileira de filhotes chafurda uma lixeira, mete a cabeça pontuda em uma embalagem de creme de leite, baixa sua cauda de águia-pesqueira e não se deixa tomar um susto grotesco.

Olhei para cima. O coro mudara de posição, e Joe havia sido ofuscado por outras

pessoas.

Meu é o brilho do sol, minha é a manhã,
Nascidos da única luz que iluminava o Éden.

A mulher afro-americana de blusa roxa? Aos nove anos ela também poderia ter perdido a mãe vítima de um câncer de pulmão. O homem com o penteado de galã de TV dos anos 1970? Sua irmã poderia ter sido ludibriada para se voltar contra ele. Simon? Seu pai poderia ter sido alcoólatra, abandonando ele e o irmão, que tiveram que se defender sozinhos, sem saberem quando o pai voltaria, ou se voltaria.

E Joe? Nós tínhamos um filho.

Glória jubilosa a cada manhã,
Deus recriando o primeiro dia.

Joe, que não se deixa assustar.

*

— Como você se atreve?! — berrei, passando por cima das cadeiras, derrubando copos de café, jogando bolsas no chão. — Não é uma luta justa! Eu entenderia se você me largasse por outra mulher, mas não por Cristo!

Tropecei nos degraus do palco e rastejei pelo resto do caminho. O coral, a equipe de produção, o cara pendurado no ar numa escada de corda, o homem segurando uma pessoa feliz feita de isopor; todos ficaram paralisados.

— Cadê o homem que eu comprei? — perguntei, me levantando. — Um cirurgião que pensa por si próprio e sabe de tudo! Joe, o leão. Não comprei uma bichinha que quer ser reconfortada!

Enquanto eu jogava isso tudo em cima de Joe ouvi o ruído de um walkie-talkie.

Eu me virei. Meu amigo, o segurança da porta.

As palavras: POR FAVOR, NÃO FAÇA CARINHO EM MIM.

Antes que o cachorro pulasse no meu braço, eu me lembro de ter pensado *Mas*

que coisa rara … Um pastor-alemão voando.

Abri os olhos.

Eu estava numa cadeira reclinável acolchoada numa sala de exames no consultório de Joe. Ao meu lado, o buraco de uma tela de papel azul, onde meu braço esquerdo estava enfiado. Joe fazia isso com pacientes que não recebiam anestesia geral para que eles não olhassem nem se mexessem durante a cirurgia.

Eu estava grogue. De analgésicos?

Senti o rosto enrijecido. Comecei a abrir gavetas com a mão livre até achar um espelhinho. Uma linha precisa de pontos sob o queixo. Não ficaria cicatriz. Joe era craque na sutura.

— Você acordou?

Era Timby, sentado no canto, desenhando num caderno de espiral.

— Oi, meu amor.

Estremeci. Meu queixo parecia feito de madeira, estilhaçando a cada movimento.

— Papai contou que depois que o cachorro mordeu seu braço, você caiu do palco.

Uma voz no corredor:

— Vou entrar só para me despedir.

Era Alonzo, seguido por uma loura de beleza clássica, usando casaco de caxemira rosa-claro e uma bolsa preta com alça de corrente dourada. Alonzo apresentou sua esposa, Hailey.

— Obrigado por hoje — disse Alonzo para mim.

Tudo o que podíamos fazer era olhar nos olhos um do outro e sorrir. Nós nos gostávamos, sempre foi assim. Durante nossa primeira aula de poesia, choramos por causa de “Depois da colheita de maçãs”, de Robert Frost, e a garçonete perguntou: “Vocês acabaram de ficar noivos?”

O que tem em comum entre um saca-rolhas e um martelo?

Alonzo pegou o celular no bolso.

— Hora de apagar esse aplicativo.

— Aaah — lamentou Timby, decepcionado.

— Ambos são ferramentas — disse Hailey. — E a gente os usa com as mãos.

De forma graciosa, ela soprou a fumaça da pistola que fez com os dedos e a devolveu ao coldre imaginário.

— Hoje de manhã — falei a Alonzo. — Desculpe por ter te chamado de “meu poeta”.

— Não tem problema. Só não gostei de ter que pagar a conta do café. E de cesta de presente. E você não me deu os cinquenta dólares.

— E ele comprou chocolate para mim — acrescentou Timby.

Engoli em seco, horrorizada.

— Minha carteira está aqui?

— Depois a gente vê isso — disse Alonzo.

Joe apareceu na porta.

— Oi, querida. — Ele se voltou para Alonzo e Hailey. — Vou levar vocês até a saída. Não tem ninguém a essa hora da noite.

— Até semana que vem — disse Alonzo.

— "O peixe" — lembrei.

— Vamos discutir outro poema de Elizabeth Bishop. Um que se chama "A arte de perder".

— "A arte de perder." Parece uma acusação.

— É o contrário — disse ele.

— Hailey? — chamei. — Adoro esse cara.

— Todo mundo adora.

Ela sorriu e os dois saíram.

Ficamos só eu e Timby.

— Olhe, mãe. Desenhei você.

de: Timby Wallace

Idade: 8



Mamãe


Timb Wallace
Mamãe brava
Idade: 8

— Ah, meu amor. Não quero ser a mãe brava.

— Então não seja.

— É mais difícil do que parece.

Timby deu de ombros: faça o que quiser.

Joe voltou. Veio deslizando até mim num banco com rodinhas.

— Você, Sra. Wallace, precisa me informar na próxima vez que trombar com uma escultura e perder a consciência.

— Contei para ele — disse Timby, fazendo careta.

Joe rasgou o papel azul.

A pele do meu antebraço estava cheia de furos e rasgos. Estava tudo inchado, vermelho e nojento de pomada.

— Uau! — exclamei.

— Não quebrou osso nenhum nem há corpos estranhos. Vamos esperar setenta e duas horas para ter certeza de que não vai infeccionar. — Ele colocou os óculos de leitura e se aproximou. — Talvez seja preciso suturar esta cratera.

— Joe, você acha que sou uma pessoa má?

— Você não é uma pessoa má — respondeu ele, de imediato. Em seguida fez uma pausa. — Você é uma *boa* pessoa má. Há uma grande diferença.

— Olhe, preciso de você. Você é meu turista competente. Não comece a me jesussificar.

— Posso jesussificar um pouco?

— O que é jesussificar? — perguntou Timby.

— Nada no que não possamos dar um jeito — disse Joe para mim. — De verdade.

— Eu sei disso.

Ele sorriu. Nosso sorriso.

Joe se levantou e jogou o papel azul na lixeira.

— Você sabia que Thomas Jefferson, o guardião da racionalidade, disse que o Novo Testamento era “o código moral mais sublime e benevolente que já foi oferecido aos homens”?

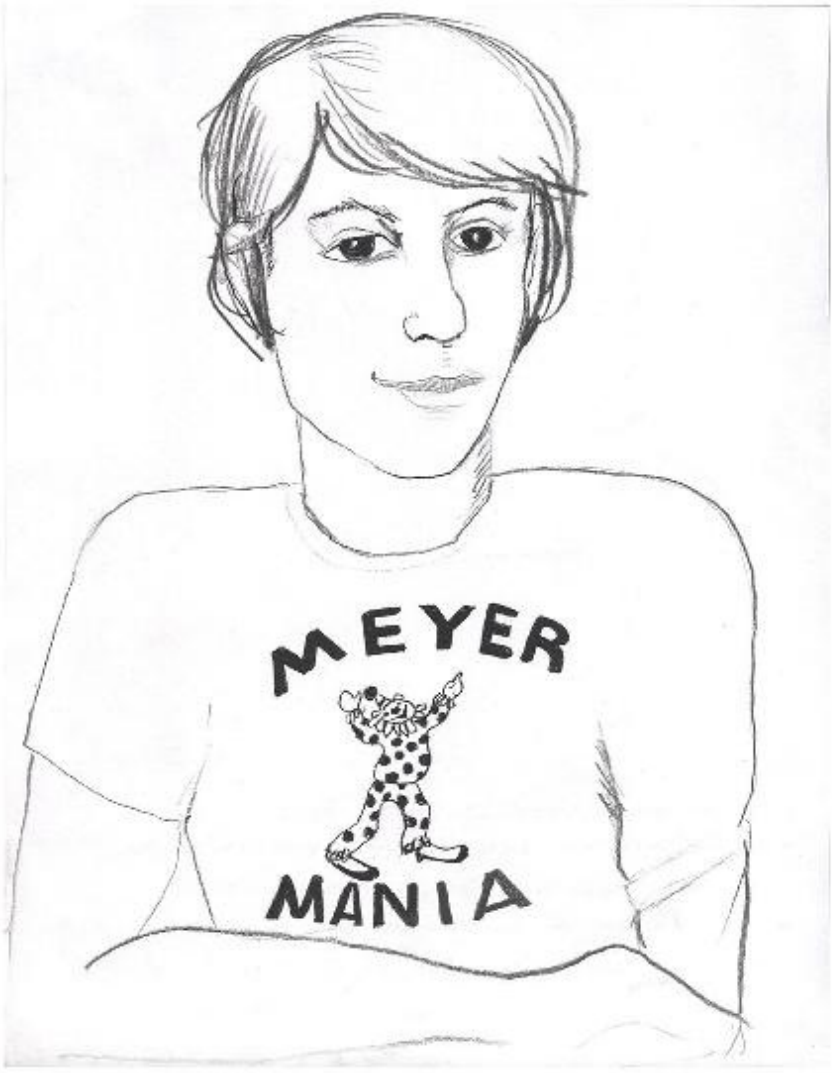
— *Isso é jesussificar* — falei para Timby sem pronunciar as palavras, só mexendo os lábios.

— Mas até Jefferson sofria com contradições. Veja bem. Ele passou um pente fino nos quatro evangelhos e tirou os milagres, o misticismo, depois organizou as partes boas até formar uma história coerente.

— Ele fez uma cirurgia na Bíblia! — falei.

— Exatamente!

Então reparei no que estava na parede.


MEYER
MANIA

Fiz esse desenho no nosso segundo encontro. Esqueci que Joe havia guardado. Ou emoldurado.

Ainda o achava tão exótico na época. Eu me lembro do embrulho no estômago que senti. Seria ele o homem certo, aquele estudante de medicina sério de Buffalo? Brilhante de tantas formas, mas descomplicado em sua gentileza.

*

E cá estávamos, vinte anos depois de nos conhecermos numa sala de exames. Éramos três. Minha pequena família.

— Acho que consigo lidar com isso.

Joe se virou.

— Vamos nos mudar — prossegui. — Nova York, Chicago, Escócia, não importa.

— Nós vamos nos mudar? — perguntou Timby.

— Topo até Spokane. Seria uma aventura. Uma aventura bem sem graça, mas nós estamos velhos.

— Mamãe e eu precisamos conversar sobre isso — disse Joe a Timby.

— Não tem nada me prendendo a Seattle. Posso desenhar e causar estragos em qualquer lugar.

— Quero ir para a Escócia! — exclamou Timby.

— Você é cheia de surpresas — comentou Joe.

— Vejo que há sabedoria no que você está dizendo. — Parei para refletir. — Se você acredita de verdade que tem um motorista de ônibus benevolente, e tem certeza de que ele vai te levar a um bom lugar, pode se acomodar e curtir a viagem.

— Falando assim parece que eu sou Ioiô — disse Joe. — Mas aceito.

Primeiro arregalei os olhos, depois Timby engoliu em seco.

— Ê, mãe!

Joe atravessou o grande estacionamento vazio. Uma noite sem lua, o único som vinha das ondas em Elliott Bay. Uma linha fina de luz azul traçava o topo das Olympic Mountains através do silêncio negro; o sol ia se pôr do outro lado em segundos.

Ele parou e esperou. Que coisa impressionante e rara de se testemunhar, uma cordilheira sendo absorvida pelo céu de uma noite escura.

Então Joe o viu, ao lado de uma piscina de luz laranja, sentado comportadinho.

— Bom garoto — disse Joe.

Ioiô, ainda amarrado ao bicicletário, balançou o rabo no asfalto. Ao ver um rosto familiar, ele se levantou e chacoalhou o pequeno traseiro. Enquanto Joe se aproximava, Ioiô se empinava e andava para trás. Estava encantado, mas não surpreso, que alguém tivesse vindo.

Com a mão boa, afastei as pilhas de livros de arte. O piso de madeira estava tão encerado que as torres deslizavam sem se desfazerem. Atrás delas, um pequeno armário estreito e improvável, entulhado como todo o meu pequeno espaço de trabalho. Escavei o amontoado insano de porcarias. Uma caixa de cadernos de desenho forrados de linho que pensei ter gostado, só que não. A almofada para meditação, empoeirada e desbotada pelo sol. Um nó de fios de telefone e cabos de impressora antigos. Uma coleção de catálogos de Natal antigos da Sears (era aqui que eles estavam!), meticulosamente guardados por quarenta anos para servirem de referência. Uma caixa revestida de couro branco com as joias de prata da mãe de Joe. Lanternas do Super Bowl XLVIII. Água de coco de não lembro quando. Enfiada bem lá no fundo, a bolsa Neiman Marcus, amassada.

As Garotas Flood.

Deixei o livro de capa de couro na prancheta e acendi a luz. O papel manteiga rasgou quando abri a capa.

Mamãe e Matty. Em cada desenho, ela parece uma pessoa diferente. Tudo o que eu tinha para trabalhar era minha memória, que se desfazia e mudava ao mesmo tempo. Ivy… Minha intenção era fazê-la brilhar. Foi no desenho com Salsinha que a capturei melhor. O fundo da segunda página: foi tirado de um livro de contos para crianças. Aqueles rabiscos com giz de cera feitos por Ivy. Os travesseiros na cadeira de balanço, bordados por mamãe, jogados fora por uma versão minha aos nove anos, um misto de luto e vingança. O cara que escreveu o roteiro de *King Kong*, ele e a esposa costumavam nos receber para assistir a um seriado de cowboy. Matty e sua letra ilegível. Quando as pessoas morrem, a caligrafia delas morre junto. Ninguém pensa nisso.

*

Eu não havia planejado não contar a Timby sobre Ivy. Quando ele tinha dois anos, eu estava sofrendo com uma sucessão difícil de noites insones, emoções agitadas por outra mudança de analista (fui para um junguiano, que também não adiantou nada). Joe e eu estávamos no Meridian Park, empurrando Timby no balanço. Perguntei a Joe se ele odiava Ivy e Bucky.

— Faria tanto sentido quanto odiar uma cascavel. Ninguém odeia uma cascavel, apenas a evita.

Na rodovia em Aspen, quando Joe disse que não aguentava mais Ivy, ele estava sendo sincero. E na verdade duvido que tenha pensado nela por mais do que alguns segundos desde aquele dia. Mas vou dizer uma coisa contra Joe: ele espera que eu faça o mesmo. Joe pode estar de saco cheio de Ivy. Eu, nunca. Ela é minha irmã.

*

O mapa de Aspen! Levei um mês para desenhar aquele troço. Nós adorávamos os livros de Richard Scarry e as tirinhas de Bill Keane. Nos aniversários, Matty criava caças ao tesouro para a gente desvendar. Eram os únicos momentos em que ele nos deixava entrar na casa da mulher que nos emprestara a casa de hóspedes para morar (no restante do ano, ele colava tiras de selos nas portas da frente e dos fundos, para descobrir pelo número de série do selo se nós tínhamos invadido). Nessas caças ao tesouro, Ivy e eu finalmente víamos o lado de dentro: maravilhas e mais maravilhas.

E o urso. Um urso bonzinho.

*

— Mãe! — chamou Timby. — Vem aqui!

Fechei o livro de recordações e o deixei lá, no meio da minha bagunça. Cada página era linda, desenhada pela pessoa que eu fui no passado. *As Garotas Flood*. Não mais azaradas.

*

Timby estava no banquinho me esperando diante do espelho, com a escova de dentes na mão.

Se algum dia eu tive uma desculpa para não seguir nossa rotina, esse dia era hoje. Mas Timby e eu raramente passávamos uma noite longe um do outro.

— Olhe só isso! — disse ele, mostrando um exemplar da *Turma do Archie*.

Eu não sabia para onde olhar.

— Na última linha! — esclareceu Timby, impaciente.

No desenho, Archie e Jughead haviam sido repreendidos pelo Sr. Weatherbee por algum motivo. Archie se vira para Jughead e diz: “Pegue o ancinho.”

— É a primeira vez na história que a última fala do *Archie* não tem ponto de exclamação! — disse Timby.

Meu filhinho. Que geniozinho. Que fofo.

— Você está sempre à frente de mim.

Com a mão boa, peguei a escova de dente.

— Põe um pouco para mim.

Timby espremeu o tubo de pasta de dente. Começamos a escovar. Depois de um instante, decidi parar. Eu me virei na direção dele.

— Tenho uma irmã. O nome dela é Ivy. Ela é quatro anos mais nova que eu e mora em Nova Orleans com o marido e os dois filhos. Isso significa que você tem uma tia e um tio e dois primos que não conhece.

Timby baixou a mão, deixando a escova pendurada na boca cheia de espuma. Ele me observou pelo espelho.

A parte difícil.

— Apesar de não nos conhecerem, eles não gostam da gente.

Timby pegou a escova, cuspiu na pia e olhou para mim.

— Eles conhecem *você*. Mas não *me* conhecem.

Hoje vai ser diferente. Hoje estarei presente. Hoje vou olhar fundo nos olhos de todas as pessoas com quem conversar e vou ouvir com atenção. Hoje vou brincar com Timby. Vou tomar a iniciativa de transar com Joe. Não vou falar palavrão. Não vou falar sobre dinheiro. Hoje vou buscar a simplicidade. Vou exibir uma expressão relaxada e um sorriso. Hoje vou abrir minha mente. Hoje não vou comer açúcar. Vou começar a memorizar “A arte de perder”. Hoje vou tentar conseguir ingressos para Timby e eu vermos o papa. Vou pedir dicas sobre a Escócia. Vou lavar o carro. Hoje vou dar o melhor de mim, vou ser a pessoa que sou capaz de ser. Hoje vai ser diferente.

Agradecimentos

Obrigada…

Anna Stein, Judith Clain, Nicole Dewey

Barbara Heller, Holly Goldberg Sloan, Carol Cassella, Courtney Hodell, Katherine Stirling

Eric Anderson, Daniel Clowes, Patrick Semple

Reagan Arthur, Michael Pietsch, Craig Young, Lisa Erickson, Terry Adams, Amanda Brower, Karen Torres, Keith Hayes, Mario Pulice, Julie Ertl, Andy LeCount, Tracy Roe, Karen Landry, Jayne Yaffe Kemp, Lauren Passell

Arzu Tahsin

Clare Alexander, Mary Marge Locker, Claire Nozieres, Roxane Edouard

Ed Skoog, Kevin Auld, Nicholas Vesey, Phil Stutz, Tim Davis, Kenny Coble

Howard Sanders, Jason Richman, Larry Salz

Joyce Semple, Lorenzo Semple Jr., Johanna Herwitz, Lorenzo Semple III

Peeper Meyer.

Estas páginas começam e terminam com George Meyer, assim como eu.

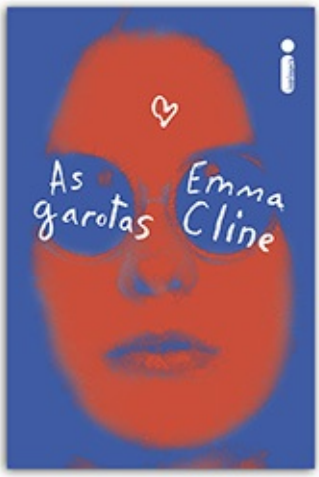
Sobre a autora



© Elke Van de Velde

Maria Semple trabalhou por quinze anos em Los Angeles como redatora em programas de TV como *Elle, Saturday Night Live*, *Mad About You* e *Arrested Development*. Atualmente se dedica à carreira de escritora e mora em Seattle com o marido e a filha. É também autora de *Cadê você, Bernadette?*.

Leia também



As garotas
Emma Cline



A filha perdida
Elena Ferrante



Até que a culpa nos separe
Liane Moriarty

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
O truque
1
2
3
4
5
6
7
As Garotas Flood
8
Ator louco
9
10
11
12
13
14
15
16
Trovador atormentado
17
Borrão
18
19
20
21
22
O plano
23
A arte de perder
24

25
26
27
28
29
30
31
32
33
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também